

Silvânia de Queiróz

**De Volta às Trincheiras**

**O revisionismo histórico paraguaio e a Guerra contra a Tríplice  
Aliança (1870-1930)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para obtenção do grau de doutor em História sob a orientação do Prof. Dr. Mário Maestri.

Passo Fundo

2018

Dedico este trabalho a todos os professores das escolas públicas do Brasil. Professores que apesar da realidade e das dificuldades seguem trabalhando e ajudando a transformar vidas.

## **Agradecimento**

Para uma professora de escola pública, oitava filha de pequenos agricultores do extremo-oeste catarinense fazer curso superior, mestrado e doutorado parecia algo inimaginável. Mas hoje isso se torna real. Neste momento tenho muito e a muitos que agradecer...

Primeiramente aos meus pais, Adélia e João Derli pelo dom da vida e por ter me dado os valores e princípios necessários para chegar até aqui.

Aos professores da Escola Osvaldo Ferreira de Mello, Tigrinhos-SC e Escola de Educação Básica João XXIII, Maravilha-SC por me fazer acreditar que uma vida melhor era possível.

Aos professores da graduação em História na UNOESC-SC, por me mostrarem os caminhos e descaminhos da história e me incentivar a seguir a carreira acadêmica, em especial a prof<sup>ª</sup>. doutoranda Ana Maria Pertilé, orientadora de graduação e amiga de coração.

A todos os amigos e familiares que me apoiaram na realização da pesquisa.

Ao prof<sup>º</sup>. Ms. André Bertozzo pela amizade e gentil revisão do texto.

A Capes pelo apoio financeiro através da bolsa de estudos.

Ao PPGH da Universidade de Passo Fundo pela competência e luta pela educação de qualidade e pela concessão da bolsa de estudos para a conclusão do curso.

Aos colegas do grupo de estudos da Bacia do Prata: o Dr. Mateus do Couto e os doutorandos Fabiano Barcellos Teixeira, Orlando de Mirando Filho e Wagner Jardim por dividir as angústias, alegrias e conquistas, tornando a caminhada mais leve.

Aos amigos paraguaios: Eduardo Nakaiama, Fabián Chamorro, Anália Antola Gugliari e Natália Antola Gugliari e em nomes deles toda a Asociación Cultural Manduará.

Os professores paraguaios Jorge Coronel e Viviana Paglialungia, pelas sugestões e contribuições.

A Biblioteca Nacional de Asunción e a todos seus funcionários pela atenção e eficiência.

Ao meu marido André Alexandre Pfluck pela compreensão e apoio em todas minhas decisões. Por acreditar em mim, quando nem eu mesma acreditava.

Ao meu grande orientador prof. Dr. Mário Maestri pelo apoio e estímulo em todos os momentos.

## RESUMO

A escrita da história é um processo complexo, envolvendo inúmeros aspectos, sobretudo ideológicos, políticos e econômicos. Após a Guerra da Tríplice Aliança com a República do Paraguai [1864-70], esse país saiu destruído e o poder encontrou-se nas mãos das forças vencedoras aliancistas, apoiadas pelos legionários, paraguaios que combateram contra seu país. Após a guerra, as representações historiográficas e culturais dos vencedores se tornaram hegemônicas no Paraguai. Elas não impediram a existência de visões destoantes sobre a história paraguaia, em geral, e, a guerra, em particular. Antes da guerra já existia no Paraguai uma *elite* intelectual que refletiu e escreveu sobre o país, de forma direta ou indireta. Entre esses intelectuais pré-guerra, podemos destacar Alfredo Demersay, Carlos Antonio López, J.R.Rengger, Manuel Pedro de Peña, Mariano Antonio Molas, Juan André Gelly, Francisco Wisner, entre tantos outros. No pós-guerra, se destacou a chamada geração dos *Novecentos*, que foi uma das mais importantes *promoções* de intelectuais do país, um dos primeiros grupos de pensadores que se dedicaram, com grande destaque, ao estudo da cultura e da história paraguaia. Entre eles, destacaram-se Blas Garay (1873-1899), Cecilio Báez (1862-1941), Juan Emiliano O’Leary (1879-1969), Manuel Domínguez (1868-1935), Juan Silvano Godoi (1846-1926), Gregorio Benites (1834-1909), Fulgencio Moreno (1872-1933), Arsenio López Decoud (1867-1945), Ignacio Pane (1879-1920), Eligio Ayala (1879-1930), Manuel Gondra (1871-1927) e José Segundo Decoud (1848-1909). A chamada Geração dos Novecentos teve papel central na construção da historiografia paraguaia. Por muitas décadas a visão historiográfica hegemônica no Paraguai foi a visão dos aliancistas, onde a culpa do conflito era atribuída unicamente ao “tirano” Solano López; o Paraguai seria um país sem glórias, marcado pelo despotismo e que a guerra teria contribuído para “introdução” da *civilização* no Paraguai. De outro lado, parte dos intelectuais acima citados começaram movimento de resgate da história e do nacionalismo paraguaio, entre eles Blas Garay, Juan Silvano Godoi, Juan Emiliano O’Leary e Manuel Domínguez teriam exaltado aos feitos do povo paraguaio muito antes do surgimento do lopismo positivo em 1930. Podemos perceber que, desde o fim da guerra, houve um surdo movimento de simpatia para com o *mariscal* Francisco Solano López, entre a população do país. Em visita ao Paraguai, em 1887-8, o político argentino *liberal-mitrista* Estanislao Zeballos declararia, sobre a constituição já praticamente orgânica de movimento *lopista*, que explicava como revivência de tendências atávicas regressivas paraguaias. Através das obras produzidas pelos quatro intelectuais acima citados, dos manuais escolares e dos jornais do pós-guerra analisaremos o início do revisionismo histórico e buscaremos compreender como a historiografia paraguaia se constituiu, quais suas influências, semelhanças e diferenças.

Palavras-chave: Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, revisionismo, Paraguai e historiografia.

## ABSTRACT

The writing of history is a complex process, involving many aspects, especially ideological, political and economic. After the War of the Triple Alliance with the Republic of Paraguay [1864-70], this country was destroyed and power was found in the hands of the victorious alliance forces, supported by legionaries, Paraguayans who fought against their country. After the war, the historiographical and cultural representations of the victors became hegemonic in Paraguay. They did not prevent the existence of dis-views on Paraguayan history in general, and war, in particular. Before the war, there was an intellectual elite in Paraguay that reflected and wrote about the country, directly or indirectly. Among these prewar intellectuals we can highlight Alfred Demersay, Carlos Antonio López, J.R.Rengger, Manuel Pedro de Peña, Mariano Antonio Molas, Juan André Gelly, Francisco Wisner, among many others. In the post-war period, the so-called generation of the nineteenth century, which was one of the most important promotions of intellectuals in the country, was one of the first groups of thinkers dedicated to the study of Paraguayan culture and history. Among them were Blas Garay (1873-1899), Cecilio Báez (1862-1941), Juan Emiliano O'Leary (1879-1969), Manuel Domínguez (1868-1935), Juan Silvano Godoi (1846-1926), Gregory Benites (1834-1909), Fulgencio Moreno (1872-1933), Arsenio López Decoud (1867-1945), Ignacio Pane (1879-1920), Eligio Ayala (1879-1930), Manuel Gondra (1871-1927) and Jose According to Decoud (1848-1909). The so-called Generation of the Nineties played a central role in the construction of Paraguayan historiography. For many decades the hegemonic historiographical view in Paraguay was the vision of the Aliancistas, where the fault of the conflict was attributed solely to the "tyrant" Solano Lopez; Paraguay would be a country without glories, marked by despotism and that the war would have contributed to the "introduction" of civilization in Paraguay. On the other hand, some of the above-mentioned intellectuals began a rescue movement of Paraguayan history and nationalism, among them Blas Garay, Juan Silvano Godoi, Juan Emiliano O'Leary and Manuel Domínguez would have exalted the deeds of the Paraguayan people long before the emergence of lopismo positive in 1930. We can see that, since the end of the war, there was a deaf movement of sympathy toward Marshal Francisco Solano López, among the population of the country. In a visit to Paraguay in 1887-8, the liberal-Mitrista politician, Estanislao Zeballos, would declare, on the constitution already practically organic of the lopist movement, which explained how the revival of Paraguayan regressive atavistic tendencies. Through the works produced by the four intellectuals mentioned above, the school manuals and the postwar periodicals, we will analyze the beginning of historical revisionism and seek to understand how Paraguayan historiography was constituted, its influences, similarities and differences.

Keywords: War of the Triple Alliance against Paraguay, revisionism, Paraguay and historiography.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Blas Garay.....	81
Figura 2: Juan Silvano Godoi.....	114
Figura 3: La Patria.....	133
Figura 4:Juan Emiliano O’Leary.....	140
Figura 5: Manuel Domínguez.....	177

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
<b>CAPÍTULO 1- Reconstrução e Regeneração: o Paraguai após a Guerra com a Tríplice Aliança (1869-1879).....</b>	<b>9</b>
O novo governo .....	12
O governo Cirilo Antonio Rivarola (1870-1871).....	19
Governo de Salvador Jovellanos (1871-1874) .....	20
Em busca do Desenvolvimento Mercantil.....	22
Salvador Jovellanos e as conspirações .....	28
O governo de Juan Bautista Gill (1874-1877).....	29
Considerações.....	32
<b>CAPÍTULO 2 – Trincheira aliancista: historiografia oficial nos jornais paraguaios do pós-guerra .....</b>	<b>34</b>
A voz oficial: <i>La Regeneración</i> .....	35
Notícias da guerra.....	38
Governos paraguaios pré-guerra.....	42
Casamento civil e educação.....	44
Instabilidade política.....	45
La Voz del Pueblo .....	48
Considerações .....	51
<b>CAPÍTULO 3- Semente revisionista: os Compêndios de História do Paraguai.....</b>	<b>53</b>
Compendio de la Historia de las Provincias Unidas de Río de la Plata .....	53
Historia de la República Argentina y de las del Paraguay y Banda Oriental .....	55
Primeiros textos escolares no Paraguai .....	56
Compendio de Geografía e História del Paraguay .....	57

Pequena Geografia: para los niños de la Escuela de Arroyos y Esteros.....	71
El Lector Americano .....	77
Considerações.....	78
<b>CAPÍTULO 4- Blas Garay: o primeiro historiador revisionista paraguaio .....</b>	<b>81</b>
Obras produzidas .....	84
Formação histórica do Paraguai .....	87
Governo de José Gaspar Rodríguez de Francia.....	97
Período Constitucional .....	101
Governo de Carlos Antonio López.....	103
Governo de Francisco Solano López.....	106
A Guerra da Tríplice Aliança .....	108
Considerações.....	110
<b>CAPÍTULO 5- Juan Silvano Godoi: a construção do herói nacional.....</b>	<b>114</b>
Atuação política.....	115
Reescrevendo a história .....	117
Governo de Francisco Solano López.....	118
A guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai .....	125
A recuperação da memória do General José Eduvigis Díaz.....	127
Considerações .....	138
<b>CAPÍTULO 6- Juan Emiliano O’Leary: o grande representante do lopismo positivo .....</b>	<b>140</b>
Vida profissional .....	141
Contexto político .....	144
A polêmica entre Juan Emiliano O’Leary e Cecilio Báez: o começo de tudo .....	148
Principais ideias de Cecilio Báez .....	150
Principais ideias de Juan Emiliano O’Leary.....	159
Crítica às ideias de Juan O’Leary.....	170



Considerações .....	173
<b>CAPÍTULO 7- Manuel Domínguez: exageros, nacionalismo e reforma agrária .</b>	<b>177</b>
El Alma De La Raza sua primeira obra .....	181
La Traición a la Pátria y otros Ensayos .....	183
Conferências de Manuel Domínguez .....	189
O livro El Paraguay, Sus Grandezas y Sus Glorias .....	192
Carlos Antonio López: o bom governo .....	194
Francisco Solano López.....	196
Observações sobre a Guerra com a Tríplice Aliança .....	197
Considerações .....	199
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>201</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>209</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>220</b>

## INTRODUÇÃO

A guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai [1864 a 1870] foi o maior conflito militar sul-americano. Envolvendo o Império do Brasil, a Argentina mitrista e República Oriental florista contra a República do Paraguai, ela deixou profundas feridas nos países beligerantes, principalmente na República do Paraguai, que sofreu o peso inteiro da derrota, sendo desarticulada como Estado autônomo. O Paraguai saiu arrasado. Uma boa parte de sua população foi morta. Cidades, estradas e construções foram destruídas.

Após o conflito, a sociedade paraguaia encontrava-se desestruturada, constituída basicamente de pequenos grupos, sobretudo de mulheres, de crianças e de idosos espalhados pelos campos, em sua maioria sem casa, sem escola, sem atendimento médico e sem condições de trabalho. A falta de homens, de animais, de meios de transporte, etc. levou a sociedade paraguaia a uma queda drástica da produção agrícola. A maioria dos combatentes do exército paraguaio fora formada por chacareiros, que morreram combatendo.<sup>1</sup> Para corroborar aos fatos, no ano de 1883, as terras públicas paraguaias foram privatizadas, pondo fim à autonomia da classe camponesa e expulsando grande número de seus ocupantes.<sup>2</sup>

A formação do “novo” governo foi marcada pela constante rivalidade e desconfiança entre os paraguaios [legionários e ex-lopistas] e entre os interesses argentinos e brasileiros. Os aliancistas mantiveram a independência do Paraguai, mas o Império do Brasil exerceu forte controle sobre os governos paraguaios. Com a destruição-desorganização da importante classe camponesa [chacarera] que mantivera a resistência contra a invasão, os novos governos se assentaram sobre bases nacionais extremamente frágeis, às quais, mais comumente, se opunham.

Neste contexto, surgiram dois grupos políticos. O primeiro, *Club Unión*, fundado em março de 1869, por legionários – paraguaios que lutaram contra seu país durante guerra -, ex-apoiadores e sobreviventes do antigo Estado e exército, liderados por Fernando Iturburu e Candido Bareiro, por isso chamados de *bareiristas*. O segundo, *Club*

---

<sup>1</sup>Cf. MAESTRI, Mário. *Paraguai: a república camponesa*. Porto Alegre: FCM, 2015. 322 pp.

<sup>2</sup> Cf. PASTORE Carlos. *La lucha por la tierra en el Paraguay*. 3 ed. Asunción: Intercontinental, 2008. p. 217

*del Pueblo*, fundado em julho de 1869, liderado por Juan Francisco Decoud (1813-1897), por isso chamados também de *decoudistas*. Em 1879, os grupos mudaram seus nomes para *Club del Pueblo* e *Gran Club del Pueblo* respectivamente. Anos mais tarde esses grupos deram origem aos partidos Colorado e Liberal.<sup>3</sup>

### **Os Intelectuais paraguaios**

Antes mesmo da guerra, já existia no Paraguai uma *elite* intelectual, formada em parte por estrangeiros estabelecidos no país, que refletiram e escreveram sobre o Paraguai, de forma direta ou indireta. Entre estes intelectuais pré-guerra, podemos destacar Alfred Demersay, Carlos Antonio López, J.R.Rengger, Manuel Pedro de Peña, Mariano Antonio Molas, Juan André Gelly, Francisco Wisner, dentre outros tantos.

No pós-guerra, teve notada proeminência, a chamada geração dos *Novecentos*, que foi uma das mais importantes *promoções* de intelectuais do país, um dos primeiros grupos de pensadores que se dedicaram, com grande afinco, ao estudo da cultura e da história paraguaia. Entre eles destacaram-se Blas Garay (1873-1899), Juan O’Leary (1879-1969), Manuel Domínguez (1868-1935), Fulgencio Moreno (1872-1933), Arsenio López Decoud (1867-1945), Ignacio Pane (1879-1920), Eligio Ayala (1879-1930), Manuel Gondra (1871-1927), Cecilio Báez (1862-1941), Gregorio Benites (1834-1909), José Segundo Decoud (1848-1909) e Juan Silvano Godoi (1846-1926).<sup>4</sup>

Parte da geração dos Novecentos pode ser definida como pré-historiadores, considerando-se que não eram e não praticavam uma historiografia científica. Ou seja, não seguiam métodos e as técnicas específicos que já se impunham na época para a prática historiográfica. Porém, tiveram papel fundamental no estudo e análise da história paraguaia.

### **A escrita da história**

A escrita da história é um processo complexo, que envolve inúmeros aspectos, sobretudo, ideológicos, políticos e econômicos. Após a Guerra da Tríplice Aliança com a República do Paraguai [1864-70], esse processo concentrou-se nas mãos das forças aliancistas apoiadas pelos legionários, grupo formado por paraguaios que combateram

---

<sup>3</sup> LEWIS, Paul H. *Partidos políticos y generaciones en Paraguay: 1869-1870*. Asunción: Editorial Tempo de História, 2016. p. 28-36.

<sup>4</sup> BREZZO, Liliana in YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary: Polémica sobre la Historia del Paraguay*. Asunción: Tempo de Historia, 2011. p. 20.

contra seu próprio país. Neste momento histórico, as representações historiográficas e culturais dos vencedores se tornaram hegemônica no Paraguai. Contudo, não impediram a existência de visões destoantes sobre a história paraguaia, em geral, e a guerra, em particular.

A partir de janeiro 1869, quando tomaram a capital, as forças aliancistas iniciaram a construção da narrativa historiográfica oficial, onde toda a culpa da guerra foi atribuída a Solano López e seu desejo de poder. Essa historiografia não realizava qualquer análise a respeito do contexto platino, das causas e motivações da guerra.

Sob a influência do Império do Brasil, sobretudo, mas também da República Argentina, as explicações sobre os responsáveis pelo conflito apontavam todas para o Estado paraguaio, no geral, e para Francisco Solano López, em especial. Os próprios oficiais paraguaios que se integraram à administração do Estado aceitaram, ao menos inicialmente, tal explicação, enfatizando, porém, o heroísmo do soldado e do povo do país naquele conflito.

Para se legitimar no poder as forças aliancistas/legionárias passaram a negar qualquer elemento positivo no passado paraguaio. Para eles, o Paraguai antes da guerra era o país mais atrasado do mundo, marcado por regimes despóticos, onde as tiranias – Francia, Carlos Antonio López e Francisco Solano López- teriam levado o país a completa barbárie. A Tríplice Aliança se apresentava como a portadora da liberdade e da civilização. Com este argumento, os legionários, em especial, tentavam fugir da posição de traidores da pátria afirmando que a guerra não seria contra o povo paraguaio, mas sim contra o tirano Solano López.

A historiografia oficial se utilizou dos jornais da época para fortalecer sua narrativa. Em especial *La Regeneración* e *La Voz del Pueblo*, por serem os primeiros jornais do pós-guerra, buscaram legitimar essa “versão” da guerra ao mesmo tempo em que rivalizavam entre si acerca da influência argentina ou imperial nos rumos do país.

Apesar disso, parte da citada Geração dos Novecentos começou a produzir narrativas que se opuseram a visão historiográfica oficial. Blas Garay, Juan Silvano Godoi, Juan Emiliano O’Leary e Manuel Domínguez foram os primeiros escritores paraguaios a iniciarem um processo de ruptura e oposição a historiografia oficial aliancistas. De modos variados e com aspectos e elementos diferentes eles iniciaram o

que hoje chamamos de revisionismo histórico paraguaio, fortemente determinado por suas opções políticas e ideológicas.

### Qual revisionismo?

A historiografia, ou seja, a leitura pretendida científica do passado, não se apresenta jamais como pronta ou acabada. Ela está em constante movimento, transformação, revisão, acréscimo, correção. Deste modo, é necessária uma constante reavaliação do conhecimento disponível, com a comparação, análise e incorporação de novos métodos interpretativos, fontes, objetos e problemáticas.<sup>5</sup>

Desta forma nos deparamos com o conceito de “revisionismo”, de grande polissemia. Historicamente, o conceito esteve por muito ligado à ideia de traição e negação, pois alguns historiadores utilizaram-no para justificar suas teorias conservadoras e irracionalistas, de viés anticomunista, como o historiador francês Francois Furet (1927-1997); nazista e fascista, relativistas do nazismo e do fascismo como o historiador alemão Ernst Nolte (1923-2016) e o historiador italiano Renzo de Felice (1929-1996). Destacaram-se igualmente como “revisionistas” ou “negacionistas” de extrema-direita Robert Faurisson (1929- ) e Paul Rassinier (1906-1967) que negaram a existência do holocausto.<sup>6</sup>

Segundo o historiador italiano Enzo Traverso, no artigo “Revisão e Revisionismo”: “Revisionismo é uma palavra camaleão que assumiu ao longo do século XX significados diferentes e contraditórios, prestando-se a usos múltiplos e suscitando muitas vezes mal-entendidos.”<sup>7</sup> O mal-entendido com relação ao “revisionismo” estaria no fato da seita “negacionista” (grupo que nega a existência do holocausto judeu entre outros fatos) ter se apropriado do conceito, contaminado a linguagem e criando uma confusão de significados.

---

<sup>5</sup> MELLO, Demian Bezerra de. (org) *A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2014. 260 p.

<sup>6</sup> Cf. FURET, François e NOLTE, Ernst. *Fascismo y comunismo*. Espanha: História Alianza Editorial. 2005; FELICE, Renzo. *Explicar o Fascismo*. Portugal: Edições 70. 1976; FAURISSON, ROBERT. *Las victorias del revisionismo*. Espanha: Ojeda. 2008; RASSINIER, Paul. *Le Drame des Juifs Européens*. Paris: Les Sept Couleurs. 1964.

<sup>7</sup> TRAVERSO, ENZO. Revisão e Revisionismo in *Contribuição à crítica da historiografia revisionista*. SENA JUNIOR, Carlos Zacarias de. MELO, Demian Bezerra de. CALIL, Gilberto Grassi. Rio de Janeiro: Consequência, 2017. p. 27.

Neste trabalho, apesar de seus múltiplos significados, entende-se por “revisionismo” o processo de reinterpretar e reanalisar determinados acontecimentos e, sobretudo, interpretações históricas, em gerais produzidas pelas classes dominantes, a partir de novos métodos, olhares, fontes, etc. Nesse sentido, “revisionismo” interpreta-se também como leitura nova, a partir dos silenciados, oprimidos, ofendidos, etc., em geral sem direito à história.

Nosso revisionismo busca superar narrativas simplistas sobre a guerra e sobre seus elementos e personagens. Em especial sobre a visão construída acerca da figura Francisco Solano López, que em 1869, foi declarado inimigo da pátria, “título” o acompanhou até 1936, quando o presidente Rafael Franco o declarou herói nacional.

A historiografia *tradicional* não apenas paraguaia, como argentina e brasileira, afirma que o nascimento do lopismo positivo foi uma “invenção” de Juan Emiliano O’Leary financiado por Enrique Solano López, filho de Elisa Lynch e Solano López, que estaria buscando reaver o direito a grandes áreas de terras que seriam de sua mãe. Tal versão, ganhou voz no Brasil através da historiografia restauracionista, do historiador Francisco Doratioto.<sup>8</sup>

Acreditamos que, tal posição ciclópica, onde a visão da guerra foi produzida apenas por um olhar, não conseguiu enxergar ou não quis enxergar que desde o fim do conflito houve um movimento de simpatia para com o *mariscal* Francisco Solano López, entre a população do país, reação à sua demonização, que expressava, em forma mais ou menos consciente, o movimento de resistência à invasão, ocupação e refundação neocolonial do país. Para o bem e o mal, ele representava a oposição indômita do povo contra os invasores e tudo o que significaram.

Como exemplo disso, em 1887-8, o político argentino *liberal-mitrista* Estanislao Zeballos, em visita ao Paraguai declararia, sobre a constituição já praticamente orgânica de movimento *lopista*, que explicava como revivência de tendências atávicas regressivas paraguaias. Estanislao Zeballos abraçava a visão liberal-patriótica mitrista, onde a culpa

---

<sup>8</sup> DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

da guerra seria exclusivamente de Solano López e o surgimento do “lopismo positivo”, para ele, era o renascimento de ideias “reacionárias” em defesa de um passado bárbaro.<sup>9</sup>

### **Metodologia e objetivos da tese**

O trabalho de pesquisa foi realizado através de extensa revisão bibliográfica das obras dos principais autores paraguaios do pós-guerra e de pesquisa junto ao Arquivo Nacional de Assunção, ao Ministério das Relações Exteriores do Paraguai, a Academia de História Paraguaia e, especial, do acervo da Biblioteca Nacional de Assunção onde encontramos inúmeros livros, documentos, compêndios de História e jornais do período, com destaque para primeiros jornais do pós guerra *La Regeneración* e *La Voz del Pueblo*.

Primeiramente foram analisados os autores paraguaios que descreveram o pós-guerra e a constituição da historiografia aliancista/legionária. Depois foram identificados os principais autores paraguaios que apresentavam certa oposição a historiografia aliancista/legionária, sendo eles Blas Garay, Juan Emiliano O’Leary, Juan Silvano Godoi e Manuel Dominguez. Na sequência analisamos os primeiros compêndios de história do Paraguai utilizados no país. Com relação à guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, o objetivo das leituras revisionistas foram sempre romper com a visão hegemônicas aliancistas já assinaladas. Entretanto, não raro, elas resultaram em visões patrióticas, muitas vezes extremadas, e não raro preconceituosas. Esse trabalho se propõem em uma perspectiva “neo-revisionista”, ou seja, de leitura que supera as visões nacionais-patrióticas de todos os tipos e construa novos conhecimentos historiográficos a partir da história dos povos.

A pesquisa tem como objetivo: investigar e analisar quando, como, por que e em que sentido a historiografia revisionista paraguaia promoveu narrativas opostas às dos vencedores. Quem foram seus principais representantes, quais suas motivações, que setores sociais representavam; quais as orientações gerais e os sentidos de suas narrativas, etc. Refletindo, de modo especial, sobre a origem e o sentido do lopismo positivo buscando superar a narrativa que apresenta Juan O’Leary como seu fundador agindo por razões financeiras.

---

<sup>9</sup> MAESTRI, Mário. Estanislaio Zeballos: a história jamais escrita da Guerra da Tríplice Aliança in Revista História: Debates e Tendências – v. 15, n. 2, jul./dez. 2015, p. 350-366.

Estudar a historiografia paraguaia é essencial para superarmos a visão factualista e unilateral da história dos “vencedores” sobre a guerra, suas origens, desenvolvimento e sequelas, contribuindo assim para uma melhor compreensão sobre as reais causas, os principais acontecimentos e as consequências da guerra, não apenas para a população paraguaia, mas toda América do Sul, com destaque para os países envolvidos no confronto.

O tema da pesquisa é fundamental para conhecermos como se construiu a historiografia paraguaia do pós-guerra e quais sua percepção acerca das causas, dos interesses sociais e dos acontecimentos relacionados à Guerra da Tríplice Aliança com a República do Paraguai. Cremos que, assim, contribuiremos também para a construção de novas visões sobre o assunto, que superem os preconceitos nacional-patrióticos de todos os matizes, como proposto.

#### **Divisão da tese**

A tese está organizada em sete capítulos. O primeiro capítulo aborda o *Paraguai após a Guerra contra a Tríplice Aliança*, a tomada da capital pelas forças aliancistas, os saques, a desestruturação política, econômica e social e a reorganização política do país através da formação do “novo governo” marcado pela influência/disputa entre Império do Brasil e Argentina. Ou seja, procura apresentar um quadro geral sintético do país, quando se processa os movimentos culturais-ideológicos que analisaremos.

O segundo, trata sobre como a historiografia aliancista/legionária se utilizou dos jornais da época, *La Regeneración* e *La Voz del Pueblo*, para difundir e construir sua narrativa sobre a guerra e a história paraguaia. Esses foram, como propusemos, os primeiros jornais permitidos no quadro da ocupação aliancista do país.

O terceiro, trata sobre os primeiros Compêndios de História do Paraguai utilizados no pós guerra com a Tríplice Aliança. Analisaremos a origem, produção e concepção ideologia/ historiográfica de cada obra e autor, destacando o nascimento de posicionamentos e opiniões contrárias a visão historiográfica aliancista/legionária.

O quarto, trata de Blas Garay, o primeiro “pré-historiador acadêmico” do Paraguai. Ele que, em 1896, ao realizar missão diplomática à Europa, pesquisou no Arquivo das Índias, de Sevilha, onde compilou inúmeros documentos sobre a história



paraguaia e produziu importantes obras onde destacou aspectos positivos dos governos paraguaios do pré-guerra.

O quinto capítulo, trata sobre Juan Silvano Godoi, o primeiro intelectual a reivindicar em ensaio, em forma orgânica, a figura do soldado paraguaio. Ele escreveu, igualmente, a história do general José Eduvigis Díaz Vera (1833-1867), o herói da batalha de Curupaiti, em 22 de setembro de 1866 e apresentou razões mais concretas para guerra com a Tríplice Aliança.

O sexto capítulo é sobre Juan Emiliano O’Leary, importante figura no processo de recuperação da imagem de Solano López e do chamado “lopismo positivo”, ou seja, forte explicação dos acontecimentos a partir de interpretação positiva da obra e ação do *Mariscal*. Sua produção ganhou destaque após a polémica com o intelectual paraguaio Cecilio Báez, mais velho e mais prestigioso. O’Leary foi acusado de, por razões financeiras, ter reconstruído a figura de Solano López, como proposto.

O sétimo capítulo aborda a vida e produção do famoso escritor e político paraguaio Manuel Domínguez. Tradicionalmente conhecido por seus exageros ao descrever o Paraguai como um “paraíso na terra”, o autor destacou outros aspectos importantes como as ações positivas do governo de Carlos Antonio López e de Solano López, o investimento em educação, o heroísmo do povo paraguaio na luta contra os invasores e a necessidade de uma “reforma agrária” para reconstruir os proprietários paraguaios.

## **CAPÍTULO 1- Reconstrução e Regeneração: o Paraguai após a Guerra com a Tríplice Aliança (1869-1879)**

Em 5 de janeiro de 1869, Assunção, praticamente despovoada, foi tomada por cerca de 30 mil soldados imperiais. As tropas argentinas acamparam fora da cidade. Os saques foram violentos e constantes: as casas e prédios, inclusive a legação estadunidense e os consulados da França e da Itália, foram invadidos. Os móveis e bens encontrados foram levados para o Brasil e para a Argentina e revendidos, principalmente em Buenos Aires.<sup>10</sup> Em 24 de janeiro de 1869, Luís Alves de Lima e Silva (1803-1880), na época marquês de Caxias, afirmando que a guerra chegara ao fim e propondo-se adoentado, retirou-se do comando das tropas imperiais e partiu para Montevidéu. Dois meses depois, Filipe Maria Fernando Gastão de Orléans (1842-1922), o Conde D'Eu, príncipe francês, marido da princesa Isabel, assumiu o controle das tropas e comandou a continuação da guerra até a morte de Solano López em 1º de março de 1870. Na época, não teria trinta anos e não tinha experiência militar significativa.<sup>11</sup>

No livro *Paraguay y la Tríplice Alianza: La Década de posguerra (1869-1878)*, de 1978, o historiador estadunidense Harris Gaylord Warren descreveu a situação do Paraguai após a guerra, a tomada, os saques e a população que retornara à capital, então reduzida a 6. 282 habitantes masculinos (a maioria crianças) e 11.066 mulheres. Sua produção artesanal e pequeno-manufatureira fora destruída; o comércio era deficiente; a moeda paraguaia perdera valor. Os principais produtos que entravam no Paraguai, trazidos em sua grande maioria pelas forças de ocupação, eram:

“[...] ropas de algodón baratas y ferretería inglesas de inferior calidad, botas argentinas, ropa blanca europea, vinos baratos y de pésima calidad, un poco de azúcar, sebo, pésimo gin de Hamburgo, un aguardiente cuyo olor espantaba, algunas cajas de velas, aceite y jabón.”<sup>12</sup>

A República do Paraguai ocupada exportava quase que exclusivamente erva-mate, tabaco, madeiras duras, couros e toneis de *caña* (bebida alcoólica). O gado entrava principalmente por Encarnación ou Paso da Patria. Muitos realocados e refugiados ficaram dispersos pelo país. A população do interior pedia ajuda às autoridades de

---

<sup>10</sup> WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Tríplice Alianza* La Década de pósguerra 1869-1878. Asunción: Editora Intercontinental. 2009. p. 29-30; Cf. FLECHA, Victor Jacinto. *Texto e Contexto: Breve Historia del Paraguay 1811-2011*. Asunción: Servilibro, 2014. p. 133.

<sup>11</sup> WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Tríplice Alianza* [...] Ob. cit. p. 29-30.

<sup>12</sup> Id. ib. p. 55.

Assunção. A capital mal conseguia receber os refugiados que chegavam até ela. A situação era terrível, fome, miséria e mendicância.<sup>13</sup>

Sobre o pós-guerra, Harris Gaylord Warren afirma:

Consideradas las condiciones de la inmediata pós-guerra, uno debe maravillarse de que se hubiera podido mantener un cierto orden en Asunción y las áreas rurales. El sistema anterior estaba destruído y, sobre sus ruinas, debían establecerse nuevas relaciones sociales. El Paraguay había pagado un precio elevadísimo por desafiar al Brasil y la Argentina; muchas décadas debían pasar antes de que pudiera surgir de nuevo como nación.<sup>14</sup>

O modelo de um país levantado sobre o trabalho do *chacarero* estava destruído.<sup>15</sup> O Paraguai padeceria por décadas as consequências diretas da guerra. Os primeiros anos de ocupação foram marcados pelo enfraquecimento do comércio, pela pobreza causada pela guerra, pela falta de homens para produzir e trabalho para os que sobreviveram. Dominou a ausência de medidas políticas e governamentais para resolver essa situação.

### Os legionários

Um dos principais grupos políticos no pós-guerra foram os chamados legionários, paraguaios exilados em Buenos Aires, que formaram uma legião para lutar na guerra contra Solano López. A formação deste grupo ocorreu em três levas. A primeira, a partir de 1813, durante o governo de José Gaspar Rodrigues de Francia, muitas famílias da aristocracia de Assunção, contrárias ao francismo e favoráveis a incorporação do Paraguai a Argentina, começaram a migrar para aquele país. A segunda, a partir 1844, quando Carlos Antonio assumiu a presidência. E a terceira leva, a partir de 1862, quando Francisco Solano López assumiu a presidência herdada de seu pai.

Em 17 de dezembro de 1857, os exilados formaram a *Sociedad Libertadora de la Republica del Paraguay*, que teve como principal ação o lançamento de um manifesto anti-lopista intitulado “Clamor de los corazones Filantrópicos” onde reivindicava a formação de uma sociedade “democrática, livre e liberal” para o Paraguai. Seis anos mais tarde, em 1864, grande parte deste grupo fundou a *Asociación Paraguaya* e a *Legión Paraguaya*.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> Cf. GALEANO, Luis A. *Impactos territoriales de los modos de producción en la pós-guerra* in *Más Allá de la guerra: Aportes para el debate contemporáneo*. Asunción: AGR Serviços Gráficos S.A, 2016. p. 65-70.

<sup>14</sup> WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza[...]* Ob.cit. p.70.

<sup>15</sup> Cf. MAESTRI, Mário. *Paraguai: a república camponesa*. Porto Alegre: FCM Editora, 2015. 322 pp.

<sup>16</sup> Id. ib. p. 219.

A *Asociación Paraguaya* foi fundada em 19 de dezembro de 1864. Tinha por objetivo libertar o Paraguai do *tirano* López e substituí-lo por um governo liberal, sob a hegemonia aliancista. Dois dias depois, a *Asociación* emitiu um manifesto se autoproclamando governo no exílio, ainda que nunca foi reconhecida como tal.<sup>17</sup>

No princípio, a *Asociación Paraguaya* estava formada por quinze homens divididos em duas facções ligadas a grupos familiares: Iturburu e Decoud. A família de Fernando Iturburu tinha consigo oito membros e contava com o apoio das famílias Loizaga, Recalde, Guanés e Evaristo Machaín. A família de Juan Francisco Decoud teria sete membros e apoio de Gregorio Machaín, Jaime Sosa Escalada. Em abril de 1865, teria 35 membros e seguiu continuamente sua campanha de recrutamento<sup>18</sup>

Em janeiro de 1865, a *Asociación* enviou Fernando Iturburu e Carlos Loizaga ao Rio de Janeiro para tentar o reconhecimento do Império do Brasil como governo no exílio e a promessa de recrutar dois mil homens para ajudar na luta contra López, o que era um claro exagero. O Império não aceitou a proposta, mas teria incentivado a criação de uma força paraguaia. Então em 22 de abril de 1865, foi criada a *Legión Paraguaya*, sob a bandeira argentina.

A *Legión Paraguaya* contou com três fases de recrutamento: “Los primeros legionarios se sumaron en abril de 1865, reclutados principalmente entre las familias Decoud, Iturburu, Loizaga, Machaín y Recalde.”<sup>19</sup> E, em setembro, cerca de pouco mais de cinco mil homens das tropas do coronel paraguaio Antonio de la Cruz Estigarribia, após longa negociação com as forças aliancistas e mediação dos legionários Jaime Sosa Escalada, José Segundo Decoud e Benigno Ferreira, decidiram se render em Uruguaiana. Alguns paraguaios se juntaram mais ou menos forçados às forças da Legião, muitos deles desertando, ao se aproximarem do Paraguai. A segunda fase, teria ocorrido com a saída dos decoudistas –por desentendimento com Iturburu- e com a formação de regimento de cavalaria e batalhão de infantaria. A terceira fase, foi após a tomada de Assunção, em janeiro de 1869, cerca de 377 homens teriam se alistado para seguir a luta contra Solano López.<sup>20</sup>

Após a guerra, a Legión acabou se dividindo segundo os interesses de cada político e pessoais de cada um. Os representantes das forças *legionárias* tiveram grande

---

<sup>17</sup> LEWIS, Paul. *Partidos políticos y generaciones en Paraguay: 1869-1940*. Asunción: Editorial Tiempo de Historia. 2016, p. 25.

<sup>18</sup> Id. ib. p. 25.

<sup>19</sup> Id. ib. p. 27.

<sup>20</sup> Id. ib. p. 27-28.

influencias no Paraguai pós-guerra propondo diversas iniciativas para a constituição do novo governo.

### O novo governo

A organização do novo governo não foi tarefa fácil. A grande preocupação das forças aliancistas, principalmente do Império do Brasil, foi organizar um governo favorável aos seus interesses. Para isso, contou inicialmente com a ajuda dos *legionários*, que eram no geral favoráveis aos argentinos.<sup>21</sup>

Entre 24 e 25 de janeiro de 1869, em Assunção, o grupo se reuniu e Serapio Machaín (1845-1877), membro do velho Comitê Revolucionário, grupo composto por inimigos do lopismo, propôs a criação de um governo provisório formado por trinta e dois homens. Mas houve desacordos. Alguns queriam continuar a luta contra Solano López. Outros, os *decoudista*, ligados ao tenente coronel Juan Francisco Decoud (1813-1897), foram contra, afirmando que o povo já sofrera demais. Eles defenderam que a criação do governo devia ser por meio de eleições livres e pelo povo. O coronel Fernando Iturburu, comerciante e chefe da *Legión Paraguaya*, propusera que Juan Andrés Gelly y Obes (1815-1904), comandante argentino, de pai paraguaio, assumisse o governo provisório. Proposta inaceitável ao Império.<sup>22</sup>

O grupo formado por antigos apoiadores de Francisco Solano López (pejorativamente chamados de lopistas) apontavam os legionários como traidores. Os generais e diplomatas do Império do Brasil desconfiavam da Legião Paraguaia, pois fora formada na Argentina. A hostilidade dos comandantes das tropas imperiais, força militarmente hegemônica no Paraguai, deu poucas chances aos legionários liberais de assumirem o governo - entre os poucos que conseguiram esse feito estava José Segundo Decoud.<sup>23</sup>

José Segundo Decoud (1848-1909) nasceu em Assunção, filho do coronel *legionário* Juan Francisco Decoud. Foi membro da *Legión Paraguaya*, mas devido ao desentendimento entre seu pai e Fernando Iturburu, renunciou e passou a servir no exército argentino. Foi jornalista e, desde jovem, participou de atividades políticas em

---

<sup>21</sup>Id. ib. p. 23-28.

Cf. O'LEARY, Juan. in YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O'Leary: polémica sobre la historia del Paraguay*. Asunción: Tiempo de História, 2011.p.276.

<sup>22</sup> ROLÓN, Oscar Bogado. *Sobre Cenizas: Construcción de la Segunda República del Paraguay – 1869/1870*. Asunción: Intercontinental, 2011. p. 26.

<sup>23</sup> WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza [...]*. Ob. cit. p. 75.

Buenos Aires. Era um feroz opositor ao governo de Solano López, participou da elaboração da Constituição Liberal de 1870, foi um dos fundadores do jornal *La Regeneración*. Porém, em 1871, devido a um golpe do presidente Rivarola rompeu com *Gran Club del Pueblo* e se tornou um dos principais ideólogos do *lopismo*.<sup>24</sup>

Em fevereiro de 1869, Candido Bareiro (1833-1880) voltou ao Paraguai. Ele era ex-agente da administração paraguaia no exterior. Após a guerra, foi um dos líderes do chamado grupo lopista, juntamente com o coronel Bernardino Caballero e o coronel Patricio Escobar, veteranos da guerra. Candido Bareiro pode ser considerado o precursor do Partido Colorado. Este grupo político acabou se aliando ao Império do Brasil, o que possibilitou sua chegada ao poder. Em 1878, Candido Bareiro foi eleito presidente do Paraguai, mas morreu, dois anos depois, em 1880, de uma doença súbita.<sup>25</sup>

### Os grupos políticos

Em 1869, logo após a tomada de Assunção, surgiram dois grupos políticos: *Club Unión* e o *Club del Pueblo*, que, a seguir, passaram a se chamar respectivamente, *Club del Pueblo* e *Gran Club del Pueblo*, como vimos. Os dois grupos tiveram em sua formação representantes das forças legionárias. O *Club Unión* foi fundado em 31 de março de 1869, por Candido Bareiro, ex-ministro de Solano López na Europa, que se acomodara aos aliancistas. Por isso, o grupo também ficou conhecido como *bareirista*. Em 24 de março de 1870, o *Club Unión Republicana*, também mudou de nome, adotando o antigo nome dos rivais, passando a se chamar *Club del Pueblo*. O grupo fundou o jornal *La Voz del Pueblo*.<sup>26</sup> Mais tarde, ele daria origem à Asociación Nacional Republicana, ou seja, ao Partido Colorado.

O *Club del Pueblo* foi fundado em 26 de junho de 1869, era formado por liberais, em sua maioria antigos membros das forças legionárias formadas em Buenos Aires. Era liderado Juan Francisco Decoud por isso, ficou conhecido como *decoudista*, que fundaram o jornal *La Regeneración*. Em 23 de março de 1870, os *decoutistas* se reuniram para definir aspectos políticos da Convenção Nacional e mudaram o nome do grupo para *Gran Club del Pueblo*, como apenas assinalado.<sup>27</sup>

Com o passar do tempo, os grupos políticos vão se reorganizar e se consolidar. Em 1887, os dois grupos rivais criaram duas novas agremiações. Em 10 de julho daquele

<sup>24</sup> ROLÓN, Oscar Bogado. *Sobre Cenizas [...] Ob. cit. p. 25.*

<sup>25</sup> LEWIS, Paul. *Partidos políticos y generaciones en Paraguay [...]. Ob. cit. p.37.*

<sup>26</sup> Id. ib. p. 28-29.

<sup>27</sup> CORONEL, Bernardo. *Breve interpretación marxista de la historia paraguaya (1537-2011)*. Asunción: Arandurã, 2011. p. 97-98.

ano foi fundado o chamado “Centro Democrático”, antigo *Gran Club del Pueblo*. Em 1894, essa agremiação passou a se chamar “Partido Liberal”. Então partido oposicionista, ele congregava a fração caudilhesca alijada dos benefícios da política de privatizações, empreendida, paradoxalmente, sobretudo pelos *lopistas*, como veremos. O Partido Liberal foi comumente visto como herdeiro dos *legionários*.

Em 11 de setembro, o grupo situacionista, o *Club del Pueblo*, fundou a “Asociación Nacional Republicana”, popularmente chamada de “Partido Colorado”, formado em boa parte por antigos membros do governo e do exército paraguaio. Foi sob o governo de seu principal líder, o general Bernardino Caballero, que se faria a grande privatização das terras públicas, assentando-se golpe terrível aos dizimados segmentos camponeses que haviam lutado e resistido durante a guerra.<sup>28</sup>

### **A política no pós-guerra**

Durante a primeira década pós-guerra, a organização governamental e a política paraguaia passaram por momentos de tensão devido aos diferentes interesses dos grupos que controlavam o país. Primeiramente, formou-se um governo provisório que originou o Triunvirato (1869-1870), formando por Carlos Loizaga, José Díaz de Bedoya e Juan Francisco Decoud, substituído por Cirilo Antonio Rivarola. A seguir, ocuparam a presidência Cirilo Antonio Rivarola (1870-1871), Salvador Jovellanos (1871-1874), Juan Bautista Gill (1874-1877) e Higinio Uriarte (1877-1878).

O governo provisório, de 1869-1870, propôs a “regeneração” do Paraguai, através da implantação do modelo liberal dos vencedores. A vitória dos aliancistas teria representado o “triunfo” das ideias liberais. E, para a consolidação dessa proposta, era necessário a formação de um Estado, organizado por uma Constituição elitista, que garantisse os direitos civis e políticos principalmente para as elites; defendesse a propriedade privada e de livre comércio; realizasse investimento mínimos em educação, entre outras medidas.<sup>29</sup> Essa proposta rompia radicalmente com as antigas raízes chacareras do país, agora abominadas. O próprio uso do “guarani paraguaio” foi reprimido.<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> FERNANDES, Eurico da Silva. *A invenção do Paraguai: História, Projetos e Intelectuais na Construção da Nação Paraguaia (1870-1935)*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá- UEM. 2006. p. 48. (dissertação de mestrado em história).

<sup>29</sup> TOLEDO, Gustavo Alfredo Acosta. *Posguerra contra la Triple Alianza: aspectos políticos e institucionales (1870-1904)*. Asunción: Servilibro, 2013. p. 47

<sup>30</sup> MELIÀ, Bartomeu. *La Guerra Grande y la lengua Guaraní in Más Allá de la guerra: Aportes para el debate contemporáneo*. Asunción: AGR Servicios Gráficos S.A, 2016. p. 101-114.

Em fevereiro de 1869, no momento da formação do governo provisório, Pedro 2º teria se comprometido em manter a *independência* da República do Paraguai. Entretanto, na prática, o Estado Imperial queria um governo submisso aos seus interesses. Em 20 fevereiro de 1869, José Maria da Silva Paranhos (1819-1880), visconde de Rio Branco, enviado por Pedro 2º, chegou a Assunção para negociar a formação do novo governo. Em abril de 1869, em Buenos Aires, se reuniram o ministro das relações exteriores da República Argentina, Mariano Varela (1834-1902), Silva Paranhos e quatro delegados paraguaios, para discutir o “novo” governo. Em 2 de junho, redigiram os protocolos que levaram à formação do Governo Provisório.<sup>31</sup>

Em 11 de junho, os paraguaios se comprometeram em fazer um governo de acordo com as forças aliancistas:

[...] proceder en entero acuerdo con los aliados hasta la terminación de la guerra, sin dejar de tener plena libertad en el ejercicio de la soberanía nacional. Segundo aquele acordo: “El gobierno Provisorio no tendría control sobre los aliados, sus tropas, barcos o suministros. Una junta de tres miembros, con uno de ellos como presidente, que ejercería el poder ejecutivo.”<sup>32</sup>

A formação do governo provisório foi delicada, marcada pelo clima de desconfiança entre o Império do Brasil e a República Argentina.<sup>33</sup> Um e outro temiam a absorção de fato do país pelo ex-aliado e sofriam a pressão de representantes internacionais que viam no governo provisório uma farsa, que apenas representava os interesses dos aliancistas, sobretudo do Império brasileiro.

### **O triunvirato**

Após muitas negociações entre os aliancistas e os clubes paraguaios foi formado o primeiro triunvirato composto por Carlos Loizaga, Juan Francisco Decoud e José Díaz de Bedoya. Entretanto, Juan Francisco Decoud foi substituído por Cirilo Antonio Rivarola, pois um de seus filhos, Juan José, escrevia artigos em jornais de Corrientes, Argentina, que desagradavam à José da Silva Paranhos. Cirilo Antonio Rivarola ocupou a presidência do triunvirato e passou a controlar o governo com o apoio dos decoudistas.<sup>34</sup>

Carlos Loizaga nasceu em Assunção, era comerciante. Por desavenças com Carlos Antonio López, exilou-se na Argentina, onde, com outros compatriotas inimigos do

<sup>31</sup> WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza*[...]. Ob. cit. p. 79.

<sup>32</sup> Id. ib. p. 80.

<sup>33</sup> Cf. DECOUD, Hector Francisco. *Sobre los escombros de la guerra: una década de vida nacional. 1869-1880*. [Edición facsimilar]. Asunción: Servilibro, 2015.

<sup>34</sup> LEWIS, Paul. *Partidos políticos y generaciones en Paraguay* [...] Ob. cit. p.32.



lopismo e do francismo, fundaram associação contrária ao governo paraguaio *Asociación Libertadora del Paraguay*.

Carlos Loizaga chegou a integrar a *Legión Paraguaya* e juntamente com Fernando Iturburu, defendia a anexação do Paraguai pela Argentina. Em 15 de agosto de 1869, assumiu o cargo de triunvirato até sua renúncia em agosto de 1870. José Díaz de Bedoya nasceu em Assunção, foi militar e político paraguaio. Exilado, residia em Buenos Aires, foi membro e presidente da *Legión Paraguaya*.

Cirilo Antonio Rivarola (1832-1878) nasceu em Barrero Grande, Assunção, foi advogado e político paraguaio. Era filho de prócer da independência paraguaia, o capitão Juan Bautista Rivarola e de dona Felipa Acosta. Durante o governo de Solano López, teria caído em “desgraça” por defender ideias e um governo liberal. Foi preso e, a seguir, libertado, para lutar no exército paraguaio. Depois de capturado pelos aliancistas, em 25 de maio de 1869, foi enviado a Assunção para servir as forças aliancistas por ter boas relações com o Conde D’Eu.<sup>35</sup>

A opinião sobre o governo de Cirilo Rivarola foi e é controversa. Muitos o definiram como melancólico, despótico, um “novo” Francia, ao menos nas aparências; outros afirmavam que era o único triúnviro com certa popularidade. Já os argentinos o criticavam afirmando ser um fantoche nas mãos dos brasileiros.

Neste clima de incerteza, o Governo Provisório começou a se definir e firmar acordos com os aliancistas. Entretanto, a questão dos limites ficou para mais tarde, para o final da guerra. Segundo o historiador Harris Gaylord Warren, o Império do Brasil não queria que a República do Paraguai tivesse um governo verdadeiramente independente. Receosos dos *legionários*, os brasileiros teriam preferido apoiar os *lopistas*, ainda que não confiassem em nenhum deles.<sup>36</sup>

Em 5 de fevereiro de 1870, portanto, após o fim da guerra, o Triunvirato anunciou eleições *livres*, para que uma Constituinte se reunisse na segunda metade de 1870. A Convenção Nacional teria sido marcada pela influência política das forças aliancistas e da ocupação militar. Ela usou como modelo a Constituição argentina de 1853, a estadunidense de 1787 e a francesa de 1789. A Constituição paraguaia foi escrita por José Segundo Decoud e Juan Silvano Godoi e foi aprovada em 25 de novembro de 1870.

---

<sup>35</sup> WARREN. Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza [...]*. Ob. cit. p. 84.

<sup>36</sup> Id. ib. p. 95.

Conforme o historiador estadunidense apenas citado, a nova Constituição paraguaia se apoiava em pressupostos liberais básicos, como a liberdade de atuação política; o reconhecimento dos resultados das eleições livres e a capacidade dos votantes em compreender as questões de políticas em discussão. Para o historiador, a República do Paraguai, controlada historicamente pelo autoritarismo, não possuía esses pressupostos e, ainda que os tivesse, os aliados não permitiriam que um modelo democrático realmente se instalasse.<sup>37</sup> Destaque-se que a visão de Harris Gaylord Warren não é muito diversa da de Carlos Antonio López, que propunha não estar o povo paraguaio preparado para autogovernar-se.

As eleições para a Convenção se realizaram em 3 de junho de 1870. Podiam votar apenas os homens acima de 17 anos que, depois de inscritos, recebiam um ticket que lhe conferia direito a voto. O voto era em voz alta, na mesa eleitoral do distrito correspondente. Segundo o jornal *La Regeneración*, havia 56 *convencionales* ou delegados. A Convenção teve 83 sessões e estendeu seus trabalhos por cerca de sete meses.<sup>38</sup>

Em primeira votação, os delegados escolhiam os deputados e senadores e, a seguir, controlados pela Convenção e com um número maior de delegados, ocorria a eleição para presidente e o vice-presidente, que não podia ser deputados, nem senadores. “Cada uno de los distritos electorales nombrará por votación directa una junta de electores igual al cuádruplo de Diputados y Senadores que envíe al Congreso.”<sup>39</sup> O *Gran Club del Pueblo*, grupo decoudita, fez a ampla maioria dos votos na Convenção e controlou os trabalhos, não sem a forte oposição dos futuros colorados.

O sistema eleitoral era fraudulento e não representava de forma igualitária a população da capital e do interior. Conforme o historiador paraguaio Gustavo Toledo, o número de deputados não correspondia ao número da população. Em 1872, o censo era de 231.000 habitantes; em 1886, 263.000; e em 1887, 329.645! Segundo o jornal *El Pueblo*, a Câmara dos deputados devia ter mais de cinquenta membros e o senado mais de vinte.<sup>40</sup>

O Governo Provisório influenciara a elaboração da lista de candidatos para senadores e deputados. As candidaturas eram legitimadas por meio de comícios marcados

---

<sup>37</sup> Id. ib. p. 116.

<sup>38</sup> Id. ib. p. 117-120.

<sup>39</sup> ROLON, Oscar Bogado. *Sobre cenizas[...]*. Ob. cit. p. 128.

<sup>40</sup> TOLEDO, Gustavo Alfredo Acosta. *Posguerra contra la Triple Alianza: aspectos políticos e institucionales (1870-1904)*. Asunción: Servilibro, 2013. p. 63.

por fraudes e por favorecimento de determinados candidatos. A política em geral era pautada pelas fraudes, por favorecimentos, pela utilização do Estado para beneficiamento dos próprios interesses.<sup>41</sup>

### **Tentativa de golpe liberal**

Em 15 de agosto de 1870, com a maioria liberal na Convenção, o jovem Juan Silvano Godoi organizou um golpe para derrubar o Triunvirato e colocar Facundo Machaín como presidente. Juan Silvano Godoi obteve o apoio do *bareirista* Cayo Miltos, em troca de cargos no novo governo. Ele assegurou a renúncia de Carlos Loizaga e de Cirilo Rivarola, em troca de garantias pessoais para os mesmos.

Juan Silvano Godoi nasceu em Assunção, em 12 de novembro de 1850, estudou no colégio jesuíta da Inmaculada Concepción, na cidade de Santa Fé, Argentina. Em Buenos Aires, estudou Direito, sem concluir o curso devido ao início da guerra. Morreu em 1926.<sup>42</sup>

Com a renúncia de Carlos Loizaga, não havia mais Triunvirato. Então, Juan Silvano Godoi pediu à Convenção o fim do Triunvirato. Em 31 de agosto de 1870, Cirilo Antonio Rivarola renunciou e Facundo Machaín foi nomeado presidente. Tudo seguira conforme o plano de Juan Silvano Godoi. Entretanto, muito logo, sobreveio o contra-golpe *colorado*.

Ao saber do plano golpista, relatado por Cayo Miltos, Candido Bareiro articulou o contra-golpe, apoiado por Juan Bautista Gill; pelo argentino Miguel Gallegos (1834-1884), médico cirurgião do exército argentino; pelo general argentino Julio Fabián de Vedia (1826-1892) e pelo general brasileiro José Auto da Silva Guimarães (1819-1880), barão de Jaguarão. Teve o apoio da polícia da capital e das forças aliancistas, principalmente brasileiras. Candido Bareiro convenceu Cirilo Rivarola a voltar ao cargo, levando-o como assessor. Em 1º de setembro de 1870, o poder foi devolvido à Rivarola e a Convenção “teve” que voltar ao trabalho que lhe foi incumbido.<sup>43</sup>

Juan Bautista Gill nasceu em 1840, em Assunção, viajou para Buenos Aires em 1854, para estudar Medicina, mas não concluiu o curso, regressou ao país em 1863. Participou do exército nacional paraguaio, sendo capturado pelas forças imperiais na batalha de Itá Ybaté, em 21 de dezembro de 1868. Liberado em janeiro de 1869, regressou

---

<sup>41</sup> Id. ib. p. 68. Cf. LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega: 1975.

<sup>42</sup> ROLÓN, Oscar Bogado. *Sobre cenizas*[...]. Ob. cit. p. 31.

Cf. BENÍTEZ, Luis. *Breve Historia de Grandes Hombres*. Asunción: Gráfica Comuneros, 1986. 390 pp.

<sup>43</sup> WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza* [...]. Ob. cit. p. 124-125.

a Assunção. Sua carreira política culminou em 1874, quando chegou à presidência, com 33 anos. Foi assassinado no centro de Assunção, em abril de 1877.<sup>44</sup>

Com a vitória do contragolpe, os dirigentes liberais foram destituídos e o poder passou para a mão dos futuros *colorados*.

En aquel sorprendente giro de la fortuna, todos los dirigentes liberales perdieron sus puestos: el doctor Facundo Machaín, el del Superior Tribunal; Juan Silvano Godoy, el de juez civil; Juan José Decoud, el de Fiscal General; Jaime Sosa, el de Inspector General de escuelas, y Benigno Ferreira, el de Capitán del Puerto.<sup>45</sup>

Podemos perceber que os aliancistas apoiaram o golpe *lopista* para limitar o poder dos liberais que se fortaleciam, simpáticos à Argentina. Os liberais pensaram conseguir fazer um golpe sem o apoio das forças aliancistas.

### **O governo Cirilo Antonio Rivarola (1870-1871)**

Cirilo Antonio Rivarola governou por cerca de doze meses, de 10 de dezembro de 1870 a 12 de dezembro de 1871. Entre as principais medidas de seu governo esteve à perseguição aos membros da família de Solano López (esposa e filhos) e a expropriação dos seus bens. Os decretos de 19 de março e 4 de maio de 1870, confiscaram todos os bens pertencente a Solano López e embargaram as propriedades pertencentes a sua companheira Elisa Lynch.<sup>46</sup>

O presidente Cirilo Rivarola criou também os ministérios do Interior, da Justiça e da Fazenda; nomeou delegados, chefes políticos, juízes de paz, comandantes militares e sacerdotes. Entretanto, suas ações não surtiram grande efeito: a população que sobrevivera à guerra continuava sem moradia, faminta e enfraquecida. Ele permitiu a livre importação de gado e com o decreto de 27 de setembro de 1869, desmonopolizou, ou seja, liberalizou a exploração-mercantilização da erva-mate e da madeira, as grandes fontes de financiamento do Estado. O decreto de 2 de outubro de 1869, inspirado pelo Conde d'Eu, para ter impacto no Império, aboliu a escravidão, que já não existia no país.<sup>47</sup>

O governo estava em péssimas condições financeiras, logicamente sem receber recursos dos aliancistas, sem poder cunhar moedas e sem poder taxar a importação de produtos, que era feito pelas forças aliancistas. Para piorar a situação, José Bedoya,

---

<sup>44</sup> ROLÓN, Oscar Bogado. *Sobre cenizas*[...]. Ob. cit. p. 28.

<sup>45</sup> WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza*[...]. Ob. cit. p. 125.

<sup>46</sup> LEWIS, Paul. *Partidos políticos y generaciones en Paraguay* [...]. Ob. cit. p.33.

<sup>47</sup> WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza* [...]. Ob. cit. p. 98-102.

membro do Triunvirato, com a desculpa de conseguir um empréstimo em Buenos Aires, levou a prata que existia nos cofres do Estado e não voltou ao país.<sup>48</sup>

Mesmo após o contragolpe, Cirilo Rivarola não tinha apoio ou autonomia. Conforme Harris Warren Gaylord, ele governava apenas por ser facilmente controlado pelo Brasil. O Império queria garantir-se a definição das fronteiras ao seu bel prazer. Em julho de 1871, a situação do governo era de desordem e o caos se apoderava sobre o país. Havia um enorme distanciamento entre o poder executivo e o legislativo, sobretudo no referente à emissão de moedas para o pagamento de salário dos funcionários.<sup>49</sup> E havia um abismo, entre os dois e a população do país, dizimada na resistência aos invasores.

Em outubro de 1871, a crise política agravou-se. Então, Cirilo Rivarola dissolveu o Congresso e ordenou novas eleições. Após tumultos e fraudes, Juan Bautista Gill foi eleito presidente do Senado e seu primo, Higinio Uriarte, ocupou a presidência da câmara dos deputados. Em 18 de dezembro de 1871, Cirilo Rivarola renunciou ao governo paraguaio. Salvador Jovellanos, vice presidente, governou até 1874.<sup>50</sup>

### **Governo de Salvador Jovellanos (1871-1874)**

Salvador Jovellanos nasceu em Assunção, em 31 de dezembro de 1833. Deixou o Paraguai muito jovem, ainda no governo de Carlos Antonio López, rumo a Buenos Aires. Foi membro da Associação Paraguaia. Retornou à Assunção em janeiro de 1869, após a tomada da cidade pelas tropas aliancistas. Foi presidente paraguaio entre 1871 e 1874, quando da renúncia de Cirilo Antonio Rivarolla. Morreu em 1881.<sup>51</sup>

Durante o governo de Salvador Jovellanos, iniciaram-se as *negociações* sobre os limites. A determinação *externa* da política paraguaia era enorme, tanto que os grupos se dividiam entre a influência argentina, liderada por Benigno Ferreira, e a influência imperial brasileira, representada naquele momento por Juan Bautista Gill. Benigno Ferreira nasceu em Limpio, no Paraguai, em 13 de janeiro de 1846. Estudou no Colégio Concepción de Uruguai, na província de Entre Rios. Em Buenos Aires, iniciou estudos em Direito, que foram interrompidos pela guerra. Participou da Legião Paraguaia e foi presidente paraguaio entre 1904-1906.<sup>52</sup>

---

<sup>48</sup> Id. ib. p. 103-105.

<sup>49</sup> TOLEDO, Gustavo Alfredo Acosta. *Posguerra contra la Triple Alianza*[...]. Ob. cit. p. 126.

<sup>50</sup> WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza* [...]. Ob. cit. p. 153.

<sup>51</sup> ROLÓN, Oscar Bogado. *Sobre cenizas*[...]. Ob. cit. p. 30.

<sup>52</sup> Id. ib. p. 29.

Em 1871, o Império do Brasil decidiu negociar com o *governo* paraguaio fora do Tratado da Tríplice Aliança, ou seja, sem a participação do governo argentino, o que desagradou muitíssimo a Buenos Aires. O presidente argentino Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) percebendo que não poderia vencer militarmente o Império do Brasil, teria convencido a Bartolomé Mitre (1821-1906) a viajar ao Rio de Janeiro para reestabelecer aliança com o Imperador.<sup>53</sup>

A aliança foi reestabelecida, mas a questão das fronteiras continuava indefinida. O acordo era seguir o tratado da Tríplice Aliança e resolver tudo junto, os governos da Argentina e do Império. Entretanto, além dos interesses do Brasil e da Argentina, havia os da Bolívia que também reivindicava o Chaco. As negociações começaram em setembro de 1872 e só terminaram dois anos depois. O barão de Cotegipe era o representante do governo imperial, Carlos Loizaga, o representante do governo paraguaio.<sup>54</sup>

João Maurício Wanderley (1815-1889), barão de Cotegipe, nasceu em Vila do São Francisco de Chagas, da Barra do Rio Grande, na Bahia. Era filho do coronel holandês, de mesmo nome, e de Francisca Antônia do Livramento. Foi advogado e político monarquista brasileiro.

Em 1872, o barão de Cotegipe conseguiu aprovar três tratados. Em 9 de janeiro, firmaram o acordo geral de paz e limites; em 16 de janeiro, um tratado de extradição e em 18 de janeiro, um tratado de amizade, comércio e navegação.<sup>55</sup>

Os acordos desagradaram à Argentina, que via recuar sua influência na região. Conforme o historiador Harris Warren, o Brasil não aceitaria as pretensões argentinas no Paraguai e procurava enfraquecer sua influência para evitar uma incorporação do país ou a perda de hegemonia imperial.<sup>56</sup>

---

<sup>53</sup> WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza [...]*. Ob. cit. p. 167-168.

<sup>54</sup> Cf. YEGROS, Ricardo Scavone. e BREZZO, Liliana. *Historia de las relaciones internacionales del Paraguay*. Asunción: El Lector/ABC Color, 2010. 167 p.; LOGAN, Grizzie Margaret e NAKAYAMA, Eduardo. (2011) *Introducción a mas causas de la disputa territorial entre el Imperio del Brasil y la República del Paraguay*.in Tercer Encuentro Internacional de Historia sobre las Operaciones Bélicas durante la Guerra de la Triple Alianza. Asunción, 2011. [http://www.portalguarani.com/2221\\_eduardo\\_nakayama/15984\\_introduccion\\_a\\_las\\_causas\\_de\\_la\\_disputa\\_territorial\\_entre\\_el\\_imperio\\_del\\_brasil\\_y\\_la\\_republica\\_del\\_paraguay\\_grizzie\\_margaret\\_logan\\_y\\_eduardo\\_nakayama.html](http://www.portalguarani.com/2221_eduardo_nakayama/15984_introduccion_a_las_causas_de_la_disputa_territorial_entre_el_imperio_del_brasil_y_la_republica_del_paraguay_grizzie_margaret_logan_y_eduardo_nakayama.html)

<sup>55</sup> WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza [...]*. Ob. cit. p. 171.

<sup>56</sup> Id. ib. p. 175.

### Em busca do Desenvolvimento Mercantil

Além dos limites, outra questão fundamental para o governo paraguaio era relançar a economia mercantil no país. O projeto dos novos governantes centrava-se na construção de ferrovias, na entrada de capital estrangeiro, em empréstimos e na imigração estrangeira. Não havia qualquer proposta em se apoiar nas forças próprias do país, que ainda restavam.

Em 21 de novembro de 1871, o governo do Paraguai negociou empréstimo com a firma inglesa Waring Brothers de um milhão de libras (£1.000.000). Sobre as garantias, Harris Warren afirma que foram surpreendentes, pois o Paraguai empenhou sua receita, suas propriedades e suas terras públicas para pagar o empréstimo: “El prospecto tasaba las tierras públicas paraguayas en £ 35.000.000 y los edificios públicos en £400.000, y afirmava que la deuda pública era de solamente £213.335, sin dar ninguna cifra sobre los setenta y dos quilômetros de ferrocarril.”<sup>57</sup>

O dinheiro do empréstimo devia servir para pagar a dívida pública, expandir a ferrovia de Paraguarí a Villarrica, promover obras públicas e a investir em educação. Porém, o valor do empréstimo mal-contrado não foi aplicado pelos governantes paraguaios nos objetivos proposto, que embolsaram boa parte do mesmo. O governo era também uma posição excelente para saquear o país. Os principais beneficiados foram:

[...] Jovellanos, Benigno Ferreira, Eduardo Aramburu, Pedro Recalde, Carlos Loizaga, Francisco Soteras y Gregorio Benites. Como presidente del Senado, Juan Bautista Gill se encontraba en una posición desde a cual podía beneficiarse. Los demás senadores, convencidos de que Gill había malversado fondos públicos, lo expulsaram do Senado.<sup>58</sup>

Juan Bautista Gill foi expulso do governo e responsabilizado pelo mau uso do dinheiro público. Mas certamente não foi o único. Logo depois, partiu para o exílio, possivelmente com os bolsos carregados de libras esterlinas.

Em 8 de março de 1872, um segundo empréstimo foi realizado. A justificativa do mesmo era desenvolver o país, criar um banco nacional, incentivar a exploração de minério de ferro, desenvolver a indústria da erva mate e promover a imigração. O seu destino real foi o mesmo do anterior.

Os empréstimos foram um golpe duro na economia debilitada do país. Eles serviram para beneficiar os políticos/governantes paraguaios e os financistas londrinos.

---

<sup>57</sup> Id. ib. p. 205-206.

<sup>58</sup> Id. ib. p. 207.

O crédito do Paraguai estava arruinado e enormes áreas de terras públicas (2.177.344 acres) foram entregues ao Conselho de Bonistas Extranjeiros, como pagamento da dívida. Além da venda das terras públicas, a partir de 1871, a ferrovia também foi vendida a grupos particulares, em 12 de julho de 1876.<sup>59</sup> As *terras públicas* haviam sido arrendadas, em grande parte, a baixo preço, desde a Era Francista, a *chacareros* que haviam morrido na guerra ou se viam, agora, *intrusos* em terras que exploravam havia décadas.

### **A busca por imigrantes**

A classe camponesa, o grande recurso humano, social e econômico paraguaio fora dizimada na guerra e perdera grande parte das terras que ocupara com as privatizações. Não havia qualquer interesse em fortalecer os *chacareros* de origem hispano-guarani, vistos pelo novo governo como sinônimo do atraso. Em verdade, eram temidos pois, como proposto, haviam sido a coluna vertebral da resistência. Enquanto, não raro, paraguaios procuravam, em grande número, trabalho fora do país, o governo procura braços para a agricultura no exterior.

Havia uma política consciente de destruição-desorganização do campesinato de origem hispano-guarani, que sustentara a resistência, visto como empecilho à reorganização liberal-mercantil do país. Destaque-se que, nesse momento, havia um forte excesso relativo de mão de obra rural na Europa. Três anos mais tarde, iniciaria-se a importante imigração *italiana* em direção ao Rio Grande do Sul, que contribuiu para a consolidação de forte segmento colonial-camponês, importante base da industrialização daquela região do Brasil.<sup>60</sup>

Em abril de 1871, o Congresso paraguaio aprovou a fundação de uma colônia agrícola. O coronel, engenheiro e cartógrafo húngaro Francisco Wisner von Morgenstern (1804-1878), chefe do escritório de emigração paraguaia em Londres, fez propaganda fantasiosa sobre as condições do Paraguai e prometeu inúmeras vantagens para o imigrante:

[...] 80.000 yardas cuadradas de tierra (unos 162 acres) cerca de Asunción para cada jefe de familia, provisiones, implementos agrícolas, pasaje gratis desde Inglaterra, pasaje gratis em el ferrocarril paraguayo por un año y buena atención médica. Robinson, Fleming & Cía. publicó un deslumbrador prospecto que distorsionaba por competo la situación del Paraguay.<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> Id. ib. p. 202-213.

<sup>60</sup> MAESTRI, Mário. *Os Senhores da Serra. A colonização italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. 2ª. ed. Revista e ampliada. Passo Fundo: UPF, 2005, 160pp.

<sup>61</sup> WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza [...]*. Ob. cit. p. 215.



Agentes de Buenos Aires e conhecedores do Paraguai tentaram avisar que a situação do país não era igual à apresentada em Londres. Mesmo assim, John Willian Billiatt, diretor do projeto da colônia agrícola paraguaia, conseguiu recrutar 888 homens, mulheres e crianças inglesas e empreender viagem, em 30 de setembro de 1872. Esse grupo de imigrantes ingleses foi chamado de “Lincolnshire farmers”, os “agricultores do condado de Lincoln”.<sup>62</sup>

Em novembro de 1872, o primeiro contingente de imigrantes chegou ao Paraguai e o estabelecimento da colônia foi um fracasso. O projeto da colônia agrícola só existia no papel, o governo paraguaio mal sabia qual terra poderia ser ocupada pelos imigrantes. Boa parte dos imigrantes recrutados não trabalhava com a agricultura e não aceitaram logicamente enfrentar a situação de miséria que vivia o país.

Em fevereiro de 1873, o último dos três grupos de imigrantes chegou ao Paraguai, sendo levados aos assentamentos de Itapé (perto de Vilarica) e Itá (cerca de 37 quilômetros de Assunção). Devido às dificuldades, muitos imigrantes abandonaram as terras e foram para Assunção. Em novembro de 1873, cerca de um ano após a chegada, a maioria dos *Lincolnshire farmens* estava em Buenos Aires.<sup>63</sup>

Ocorreram tentativas de imigração em parceria com grandes proprietários. Em 1875, vinte britânicos, entre os quais o doutor Willian Stewart, médico do exército paraguaio durante a guerra, receberam concessão de terras, cerca de sete léguas ao norte de Concepción, onde deviam plantar 200 mil pés de café e cultivar 200 hectares de cana de açúcar, em um prazo de cinco anos. Para cada cem imigrantes trabalhando para Willian Stewart, ele recebia uma légua quadrada adicional. Outros estrangeiros como John Alston e George R. Usher também receberam grandes áreas de terra.<sup>64</sup> Não houve qualquer esforço para apoiar a reorganização do campesinato paraguaio, visto como um problema, e não como a solução possível. Milhares de camponeses paraguaios sem trabalho abandonaram o país para trabalhar nas nações vizinhas.

As primeiras tentativas de imigração estrangeira não alcançaram os resultados esperados.

### **A sociedade paraguaia**

---

<sup>62</sup> Cf. HOWAT, Jeremy. e GODWARD, Mary. *The Lincolnshire Farmers*—a disastrous emigration scheme in <http://www.argbrit.org/structure/LFarmers2.html> ; <http://www.argbrit.org/index.html>

<sup>63</sup> WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza [...]*. Ob. cit. p. 217.

<sup>64</sup> Id. ib. p. 219.

Apesar da pobreza, os governos do pós-guerra tinham que reconstruir o sistema educativo paraguaio, parte destacada da retórica liberal vigente. O país enfrentava graves problemas de saúde: a desnutrição piorava as epidemias de varíola e febre amarela; as infecções gastrointestinais, pulmonares, venéreas e de outros tipos. A mortalidade era grande, em certos momentos, morriam 25 pessoas por dia em Assunção.<sup>65</sup>

O lixo se acumulava e era comum encontrar moribundos e mortos pelas ruas de Asunción e das principais cidades. No interior do país, as condições eram ainda piores, do que na capital: não havia meios de transporte; as estradas estavam deterioradas; a população vivia isolada. Entre as profissões mais requisitadas em Assunção estava a de médico e eles eram poucos. O mais famoso era o citado Willian Stewart. Havia apenas um dentista (Rosa de Florencia). Os advogados eram muito procurados (Facundo Machaín, José Sienna Carranza).<sup>66</sup>

A República do Paraguai teria se tornado um país praticamente sem leis, onde imperava os roubos, assassinatos, o vandalismo, os sequestros de crianças. A prostituição e a mendicância pululavam nas cidades. Tudo ao contrário dos tempos do dr. Francia e mesmo de Carlos Antonio, onde o Paraguai era conhecido pela segurança das aglomerações e dos caminhos. Propunha-se que no interior do país havia um homem para cada cinquenta mulheres, o que era um enorme exagero - em Assunção - o número variava de um homem para cada grupo de três a trinta mulheres.<sup>67</sup> A imprecisão dos dados sugere o aproximativo dessas propostas. O certo é que muitos homens haviam morrido na guerra e um enorme número de sobreviventes imigravam para trabalhar na Argentina e no Brasil.

De acordo com o historiador Harris Warren, devido ao grande número de mulheres, a população paraguaia conseguiu se reconstituir mais rapidamente, pois são elas que determinam no geral o crescimento demográfico. Entretanto, apenas em 1900, uma geração após o fim da guerra, propõe-se que o número de homens e mulheres se equilibrou, nos segmentos mais jovens da população. O que é um claro erro demográfico. Havia equilíbrio perfeito natural entre os nascidos [meninos e meninas] após a guerra, o que tendia a equilibrar desde o início as novas gerações.

Tradicionalmente, as paraguaias foram descritas como belas, inteligentes e trabalhadoras. Elas sofreram duramente com a guerra e, após ela, tiveram muitos filhos, não raro com argentinos e brasileiros, que podiam garantir uma melhor contribuição

---

<sup>65</sup> Id. ib. p. 225

<sup>66</sup> Id. ib. p. 227.

<sup>67</sup> Id. ib. p. 228-230.

material à família. Rafaela, irmã de Solano López, casou-se com o juiz militar brasileiro Milcíades Augusto de Azevedo Pedra. E sua irmã, Inocencia, teria tido um filho com o general Câmara.<sup>68</sup>

A pobreza e o sofrimento da população contrastavam com as festas e bailes organizados pelas tropas imperiais, com participação da *alta* sociedade paraguaia. Havia rinhãs de galo, espetáculos de teatro e os aniversários da família real eram festivamente celebrados, como o eram, no passado, o natalício de Solano López. O viajante francês Laurentian Forgues descreveu os bailes paraguaios, nos quais se destacavam os velhos vestidos e a beleza das jovens mulheres.<sup>69</sup>

### A educação

Em novembro de 1869, foram reabertas as primeiras escolas do pós-guerra: “La Escuela Central de Niñas” começou a funcionar em 7 de novembro, sob a direção de Asunción Escalada; e “La Escuela Municipal de Niños” estava sob a direção de Francisco Valteti e sua esposa Cristina S. de Valteti. Havia outras escolas elementares em San Lorenzo e Carapeguá e o total de alunos seria 582.<sup>70</sup> Um número pífio, em relação aos tempos do doutor Francia e, ainda mais, a Era de Carlos Antonio, quando o Paraguai se destacava nas Américas por seu sistema educacional.<sup>71</sup>

Em 1º de abril de 1870, foi fundado o Colégio Municipal de Assunção, sob a direção do professor Alejandro Vietnghoff. Pelo interior, foram organizadas escolas em Villarica e Capilla Borja. O ensino era prioritariamente para meninos: “En 1876 había 350 escuelas; se las sabía deficientes en recursos materiales y docentes, pero de cualquier modo eran escuelas; de ellas, 320 eran para niños y 30 para niñas; del total de 12.000 alumnos solo 2.000 eran niñas.”<sup>72</sup>

A Constituição Paraguaia de 1870, em seu artigo 8º, afirmava que:

La educación primaria será obligatoria y de atención preferente del Gobierno y el Congreso oirá anualmente los informes que a ese respecto presente el Ministro del ramo para promover por todos los medios posibles la instrucción de los Ciudadanos.<sup>73</sup>

<sup>68</sup> Id. ib. p. 230- 234.

<sup>69</sup> Id. ib. p. 238.

<sup>70</sup> Id. ib. p. 249.

<sup>71</sup> MAESTRI, Mário. *Paraguay: a República Camponesa*. Porto Alegre: FCM. 2015. p. 144; Cf. PETERS, Heinz. *El sistema educativo paraguayo desde 1811 hasta 1865*. Asunción: Instituto cultural Paraguayo-Alemania, 1996. 347 pp

<sup>72</sup> WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza [...]*. Ob. cit. p. 251.

<sup>73</sup> ROLÓN, Oscar Bogado. *Sobre cenizas[...]*. Ob. cit. p. 110.

Apesar da lei e da reabertura de escolas o Estado não se responsabilizou efetivamente pela educação. As escolas estavam sob responsabilidade dos municípios e de filantropos. Os municípios não tinham recursos e eram escorchados por seus administradores. Os filantropos escasseavam. Os professores eram escolhidos pelos pais: eles deviam saber ler e escrever corretamente em espanhol, o que era raro. Os pais pagavam os professores, que recebiam salário muito baixo.<sup>74</sup> Outra involução, em relação aos tempos do doutor Francia e de Carlos Antonio.<sup>75</sup> Eles deviam ensinar castelhano, aritmética, geografia, história natural, ética, valores domésticos e preceitos religiosos. Era terminantemente proibido falar em guarani, vista como língua e sinal de atraso e barbarismo. Apesar da proibição, o guarani paraguaio continuou sendo a língua veicular geral, fora dos salões de Asunción.<sup>76</sup>

Em 1869, foi criada a Biblioteca Pública, que deu origem a futura Biblioteca Nacional do Paraguai. Em 1º de dezembro de 1870, fundou-se o Colégio Nacional de primeira instrução, com 180 alunos. Em 1872, o ensino de segunda instrução foi iniciado pelo padre Luis Blaschère. E em 1875, foi criado o Museu Nacional, para abrigar um megatério, ou seja, restos pré-históricos da mega-fauna americana. Em 20 de dezembro de 1876, o Congresso autorizou a criação do “Colégio Nacional de Ensino Superior”. Foi criado também o “Seminário Conciliar” para formação de sacerdotes.<sup>77</sup>

### **A igreja e a vida religiosa**

Carlos Antonio López realizara a restauração parcial da Igreja, nacionalizada pelo dr. Francia. Já na Era Lopista, o clero retomara parcialmente à importância perdida. Esse processo se acelerou, na nova ordem *liberal*. Entretanto, a hostilidade contra os jesuítas continuou. Durante dez anos, a questão religiosa foi motivo de irritação constante entre os paraguaios, não tanto por razões de doutrinação, mas por razões políticas. A Constituição paraguaia nascera com importantes rasgos formalmente liberais, deslocando a posição de exclusividade que o catolicismo romano gozara quando do governo de Carlos Antonio:

Las disposiciones de la Constitución de 1870 no podían complacer a Su Santidad. La carta, adoptando como religión oficial a la católica, reconocía la libertad de religión a todos los habitantes el país. La plena libertad para casarse,

<sup>74</sup> SILVA, Alberto Moby Ribeiro da. *Política e educação pública no Paraguai do pós-guerra da Tríplice Aliança* in *Más Allá de la guerra: Aportes para el debate contemporáneo*. Asunción: AGR Servicios Gráficos S.A, 2016. p. 304-305.

<sup>75</sup> MAESTRI, Mário. *Paraguay [...] Ob. cit. p. 145.*

<sup>76</sup> Id. ib. p. 249-250.

<sup>77</sup> Id. ib. p. 253.

tanto para cristianos como para no cristianos, se reconoció en 1872; los jueces de paz quedaran autorizados a casar.<sup>78</sup>

Havia uma disputa pelo controle da Igreja paraguaia. Entre os principais clérigos que participaram dessa disputa estavam Fidel Maíz, Fidelis María Avola, Manuel Vicente Moreno, Dionisio Riveros, Pedro Juan Aponte e Juan Sinforiano Bogarín.<sup>79</sup> Muitos deles, como Fidel Maíz (1833-1920), tiveram papel de destaque nos tempos dos López sendo capelão da guerra e fiscal de sangue nos tribunais militares.<sup>80</sup>

### **Salvador Jovellanos e as conspirações**

O governo de Salvador Jovellanos foi marcado por revoltas e conspirações. Politicamente não havia clareza sobre quem era *lopista*, *legionário* ou *liberal*, o que determinava eram os interesses pessoais e não político-ideológicos. O principal ponto de discórdia da política paraguaia continuava sendo a questão de limites, em relação à Argentina. Apoiando-se nos imperiais, os governantes e políticos paraguaios resistiam a ceder um palmo que fosse do Chaco aos argentinos. Bernardino Caballero e Candido Bareiro estariam dispostos a aceitar a proposta brasileira e ceder à Argentina o Chaco Central.<sup>81</sup>

O general Bernardino Caballero nasceu em 20 de março de 1839, em Ybicuí.<sup>82</sup> Ele foi a principal figura militar das revoltas de 1872-73. Ele foi certamente o principal general paraguaio a sobreviver a guerra, dirigindo várias batalhas e, nos momentos finais do conflito, protegendo a retaguarda de Solano López. Teve destaque em Lomas Valentinas, em Itororó, comandou a última batalha, em Campo Grande. Provavelmente não foi morto em Cerro Corá, junto com Solano López, pois estava buscando gado em outro local. Como prisioneiro de guerra, foi levado ao Rio de Janeiro. Conforme Harris Gaylord Warren, sua figura teria sido supervalorizada. Bernardino Caballero foi definido como um homem simples e quase analfabeto. Definição que contradiz definitivamente o papel que teve na guerra e após ela.<sup>83</sup>

---

<sup>78</sup> Id. ib. p. 256.

<sup>79</sup> Id. ib. p. 260-261.

<sup>80</sup> MAESTRI, Maestri. *Paraguay [...]*. Ob. cit. p. 226-237.

<sup>81</sup> WARRIN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza [...]*. Ob. cit. p. 264.

<sup>82</sup> Cf. GONZALEZ, Erasmo. *Bernardinho Caballero*. Asunción: El Lector, 2011. 138 pp.; ALSINA, Ezequiel González. *Bernardino Caballero El Manifiesto de 1887 y su proyección doctrinaria*. Asunción: Editorial Gráfica, 1972. 32 pp.

<sup>83</sup> WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza [...]*. Ob. cit. p. 266.

O governo de Salvador Jovellanos era favorável ao Império do Brasil. Bernardino Caballero, Benigno Fereira, Cirilo Rivarola e José Segundo Decoud - união de *lopistas* e *legionários* - queriam formar um novo governo, fortalecendo-se, assim, as conspirações. Os complôs *anti-brasileiros* de maio e abril de 1872 planejavam assassinar Salvador Jovellanos, que desconfiado, redobrou a patrulha das ruas de Assunção.<sup>84</sup>

As revoltas de Candido Bareiro e Bernardino Caballero contra Salvador Jovellanos tiveram três fases e duraram de março de 1873 até 1874. Aos poucos, os brasileiros teriam percebido que as revoltas ganhavam apoio popular e passaram a se comportar como mediadores.<sup>85</sup>

O programa defendido por Candido Bareiro e Bernardino Caballero “se resumía en cinco puntos: restablecer la Constitución, terminar con el saqueo del erário público, respetar los compromisos internaciones, hacer la paz con los aliados, pagar religiosamente las deudas y volver convertible el papel moneda”.<sup>86</sup> Ou seja, era um programa *moralizador* que aceitava a hegemonia aliada e nada propunha de real à população.

No final de 1873, o apoio imperial ao governo de Jovellanos começou a enfraquecer e os rebeldes passaram a ganhar força. O Congresso aprovou estado de sítio e aumentou a repressão. O Império do Brasil continuou acompanhando a situação, oficialmente “neutro”, mas cuidando dos seus interesses e temendo uma guerra civil.

Em 21 de junho de 1874, após três semanas de discussões, Juan Bautista Gill “provou” fidelidade aos brasileiros, sendo eleito presidente e seu primo, Higinio Uriarte, vice-presidente.<sup>87</sup> Assim Juan Bautista Gill começou o caminho que o levaria à morte.

### **O governo de Juan Bautista Gill (1874-1877)**

Em seu discurso de posse, Juan Bautista Gill adotou uma postura de conciliação, prometendo paz, reconciliação entre todas as facções e trabalho intenso para desenvolver o país. Contudo não foi o que ocorreu. Foram membros do governo: o general Germán Serano, ministro do Interior; o general Patricio Escobar, ministro da Guerra e da Marinha; o general Bernadino Caballero, ministro da Justiça, Culto e Instrução Pública; o general

---

<sup>84</sup> Id. ib. p. 273.

<sup>85</sup> Id. ib. p. 288.

<sup>86</sup> Id. ib. p. 291.

<sup>87</sup> Id. ib. p. 314.

Emiliano Gill, Ministro da Fazenda; o doutor Facundo Machaín, ministro das Relações Exteriores; Carlos Saguier, cônsul Geral e Ministro do Paraguai na Argentina.<sup>88</sup>

Com um governo *brasileiro* no poder, a oposição organizou-se, com o apoio da Argentina: Cirilo Rivarola, Francisco Soteras, Benigno Ferreira e outros prepararam uma revolta para junho ou julho de 1874, depois de conseguir artilharia em Montevideo e armas e munições em Buenos Aires.<sup>89</sup> Após os primeiros ataques, o presidente Juan Bautista Gill mandou fechar jornais e reprimiu opositores.

A economia continuava enfraquecida, a maioria dos produtos consumidos pelas tropas argentinas e brasileiras de ocupação eram importados por eles mesmos. O comércio se limitava quase que exclusivamente a Asunción. Os principais produtos de exportação continuavam sendo o tabaco, a erva, a madeira, “quebracho”<sup>90</sup> e laranjas. O comércio exterior era muito limitado: ainda em 1880, era inferior a antes da guerra. E, naqueles anos, era forte e dinâmica a economia de subsistência paraguaia, agora reduzida a níveis muito baixos.<sup>91</sup>

O governo de Juan Bautista Gill foi uma época de estagnação econômica, devido às secas ou excesso de chuvas; aos gastos exigidos pela revolta de Barreiro e Caballero; as privatizações das terras públicas, etc. Logicamente, nem o Império do Brasil, nem a República Argentina ajudaram economicamente o Paraguai. Haviam feito a guerra para dominar, não para ajudar!

Juan Bautista Gill adotou ambicioso programa econômico baseado na emissão de bônus, que teria por objetivo pagar a dívida flutuante; estabelecer missões comerciais no exterior; criar uma Junta de Crédito Público; pagar gastos de missões científicas; reorganizar a instrução pública; contribuir para a fundação de um banco nacional; reconstruir a linha telegráfica que ligava a capital ao Paraná; criar uma marinha mercante e dar respaldo ao papel moeda.<sup>92</sup> Eram principalmente medidas financeiras e não havia uma só proposta para impulsionar a agricultura popular-camponesa, a antiga força do país. Apostava-se na agricultura latifundiário-comercial. A retomada da força camponesa era temida pelo novo governo e pelos aliancistas.

---

<sup>88</sup> Id. ib. p. 319.

<sup>89</sup> Id. ib. p. 324.

<sup>90</sup> Quebracho: arvore espinhenta, da família Anarcadiaceae, de aproximadamente 15 m de altura, de copa globosa e não muito densa, perde as folhas em determinada estação do ano. Muito utilizada para madeira e para extração do tanino.

<sup>91</sup> Id. ib. p. 326.

<sup>92</sup> Id. ib. p. 331.

O governo mergulhou em uma grave crise econômica, pois não conseguiu arrecadar os fundos esperados com os impostos, já que o fim da ocupação militar aliancista diminuía a maior entrada nacional, obtida pela aduana. Agravou-se, igualmente, a crise agrícola no país. Para piorar a situação, o governo paraguaio enfrentava dificuldades para saldar as dívidas com os bancos londrinos. Gregorio Benites, responsável pelos empréstimos, foi preso por roubar dinheiro.

### **O final de uma era**

Em 1876, o império do Brasil determinou o final da ocupação e a retirada das tropas imperiais de Assunção. Entre 13 de maio e 22 de junho, oito mil soldados e civis, que formavam as forças de ocupação, saíram de Assunção.<sup>93</sup> Porém, o Império manteve tropas no Mato Grosso como um recurso contra o Paraguai. E podia voltar a qualquer momento, se a dívida de guerra não fosse paga - ou acordado uma prorrogação.

O governo paraguaio prometia retirar o país da crise através de um novo empréstimo em Londres e via com expectativa a saída das tropas imperiais. Mas, a situação se complicou em 1876, quando o Império do Brasil resolveu iniciar a cobrança da enorme dívida de guerra imposta ao Paraguai. Isso causou violenta reação em Assunção.<sup>94</sup>

Juan Bautista Gill tentou inutilmente recuperar o dinheiro roubado enviando missões à Europa. Procurou, igualmente, obter novos empréstimos. Desesperado, tentou se aproximar de Elisa Lynch, em busca de “tesouros escondidos” imaginados e imaginários. Sem ter sucessos em suas iniciativas fantasiosas, foi incapaz de reerguer minimamente a economia paraguaia.<sup>95</sup>

Na manhã de 12 de abril de 1877, o presidente Juan Bautista Gill foi assassinado enquanto caminhava de sua casa até a sede da presidência. Entre os membros da conspiração estavam Juan Silvano Godoi, Nicanor Godoi, José Agustín Molas, José Dolores Franco, Mariano Galeano, Juan Regúneza e Matías Goiburú. Os disparos que mataram Juan Bautista Gill foram de Nicanor Godoi. O vice-presidente Higinio Uriarte assumiu o poder e tratou de perseguir e capturar os conspiradores.

---

<sup>93</sup> Id. ib. p. 393-394.

<sup>94</sup> CORONEL, Bernardo. *Breve interpretación marxista de la Historia Paraguaya [...] Ob. cit. p. 99.*  
Id. ib. p. 388.

<sup>95</sup> WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza[...] Ob. cit. p. 343.*



## Considerações

A primeira década do pós-guerra foi marcada pela instabilidade política e pelo permanente jogo de força entre o Império do Brasil e a República Argentina. Instaurado em 1869, o governo provisório, formado principalmente pelos legionários, tinha por objetivo manter uma imagem de “constitucionalidade”.

A nova Constituição paraguaia, de 1870, propunha a defesa da *independência* e da *autonomia* do Paraguai. Contudo, ao longo dos acontecimentos essa autonomia era mais do que relativa, no sentido de que os governos e a própria imprensa tinham sua permanência e continuidade dependente da aprovação sobretudo do Império do Brasil, que fizera a guerra, assim como a Argentina, para manter a hegemonia sobre o Paraguai.

No pós-guerra surgiram dois grupos políticos principais: o *Club del Pueblo*, formado por liberais, entre eles *decoudistas*, em sua maioria membros da *Legión Paraguaya*, que deu origem ao Partido Liberal; e o *Club Unión*, formado por legionários, ex-*lopistas*, entre eles *barreiristas*, que deu origem ao Partido Colorado. Não havia nesse período uma ideia e tradição consolidada de “fidelidade” partidária. Era comum que os representantes desses grupos políticos deixaram de lado suas “ideologias” em nome de seus próprios interesses.

O objetivo dos novos governos era *regenerar* o Paraguai e não reconstruí-lo. Essa *regeneração* seguia o viés elitista, anti-popular, liberal e mercantilista. Os representantes do governo acreditavam que o *liberalismo* elitista era o único caminho para o que viam como a civilização e o desenvolvimento paraguaio. Ou seja, um país construído segundo seus interesses. Davam as costas e contribuía para a destruição do que restava da comunidade popular camponesa esfacelada pela guerra.

A ideia de desenvolvimento era atrair capital estrangeiro, enxugar o Estado, privatizar as terras e os bens públicos. Pretendia-se formar uma *elite* política e econômica que reinasse sobre o país, encastelada em *Asunción* e nas grandes propriedades rurais nascentes. Em palavras simples, reconstruir em *Asunción* a oligarquia portenha.

Em nenhum momento os governos paraguaios teriam pensado em um projeto de desenvolvimento que envolvesse a reconstituição da população e da sociedade camponesa que demonstrara sua enorme força antes e quando da guerra. Em verdade, temiam a trajetória independente daqueles setores, na resistência ao invasor.

O acesso à terra pela população foi dificultado; a agricultura camponesa não recebeu qualquer atenção; os próprios imigrantes europeus não receberam as condições

necessárias. As primeiras tentativas de imigração foram desastrosas, através de falsa propaganda os imigrantes foram atraídos para o Paraguai, que abandonaram, logo, quando puderam.

Os governos paraguaios foram marcados pela corrupção. Os empréstimos realizados em Londres, ditos para o desenvolvimento do país, acabaram parando na mão dos representantes políticos bem colocados. Muitos se aproveitaram dos bens públicos. Ao aceitarem dar os braços aos vencedores, a nova classe política e dominante paraguaia abriu guerra surda com os segmentos populares dizimados pela resistência ao invasor.

A sociedade paraguaia, formada, imediatamente após a guerra, em boa maioria por mulheres, padecia das sequelas da guerra, da ocupação, da paz, da hegemonia dos vencedores, com destaque para o Império.

Para cumprir suas obrigações e pagar seus empréstimos o Paraguai acabou vendendo terras públicas e bens públicos, como prédios, estação ferroviária, produzindo, radicalizando e consolidando o subdesenvolvimento que o caracterizaria nas décadas seguintes.

## **CAPÍTULO 2 – Trincheira aliancista: historiografia oficial nos jornais paraguaios do pós-guerra**

Em janeiro de 1869, a bandeira do Império do Brasil tremulava no mastro do palácio López, sede do governo paraguaio. As forças aliancistas - cerca de oito mil soldados imperiais - tomaram a capital sem resistência, pois havia muito desertada das forças paraguaias. As forças armadas argentinas acamparam em Campo Grande, fora da cidade. Junto a estes, os representantes das forças legionárias – paraguaios contrários ao lopismo, exilados em Buenos Aires - também chegaram ao país para reorganizar o governo.

A partir de então a *historiografia* aliancista começou a se estabelecer no Paraguai, impondo sua visão acerca dos acontecimentos da guerra e do passado paraguaio. Um grande aliado neste processo foi o periodismo, os jornais do pós-guerra, ainda pouco utilizado pela historiografia especializada.

Ao longo da história o jornalismo teve papel fundamental na divulgação dos acontecimentos históricos e sobretudo na construção das representações a cerca destes. Durante a guerra entre o Paraguai e Tríplice Alianças, os jornais atuaram como mais uma frente de combate, onde através de notícias e charges vivenciaram ferozmente o conflito.

Durante a guerra, os principais jornais paraguaios foram *El Centinela*, surgido em 25 de abril de 1867, *Cabichuí* surgido em 13 de maio de 1867, *Cacique Lambaré* surgido em 24 de julho de 1867 e *La Estrella* surgido em 24 de fevereiro de 1869.<sup>96</sup> No Império do Brasil os principais jornais foram *Diário de Pernambuco* fundado em 7 de novembro de 1825, *Jornal do Commercio*, fundado em 1º de outubro de 1827, no Rio de Janeiro, *Diário do Rio de Janeiro*, fundado em 1º de junho de 1821 e a *Revista Illustrada* fundada em 1876.<sup>97</sup> Na Argentina, podemos destacar o jornal *El Pueblo*, *La Nación Argentina*

---

<sup>96</sup> Cf. WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay: Revoluciones y finanzas*. Asunción: Editorial Servilibro. 2008.

<sup>97</sup> Cf. SILVEIRA, Mauro Cesar. *A Batalha de Papel: a charge como arma na guerra contra o Paraguai*. Florianópolis: Editora UFSC. 2015.

fundado pelo presidente Bartolomé Mitre, *La América*, em 1º de fevereiro de 1866.<sup>98</sup> Estes foram responsáveis em disseminar sua versão da história.

No Paraguai pós-guerra, os jornais foram o principal meio de comunicação e divulgação “das novas ideias” que chegaram ao país. Suas páginas são testemunhas da situação política, social e econômica, a partir da ótica da historiografia aliancista/legionária hegemônica naquele período.

Os primeiros jornais paraguaios do pós-guerra foram *La Regeneración* fundado em 1º de outubro de em 1869, por Juan Francisco Decoud, membro da *Asociación Paraguaya*. O periódico era representante do *Gran Club del Pueblo* que tempos depois deu origem ao partido Liberal. *La Voz del Pueblo* foi fundado em março de 1870, por Candido Bareiro, antigo apoiador de Solano López, reconvertido ao aliancismo. Ele era representante do *Club del Pueblo*, que tempos depois deu origem ao Partido Colorado.

### **A voz oficial: *La Regeneración***

O jornal *La Regeneración* foi o porta voz oficial das forças aliancistas/legionárias que tomaram o Paraguai em janeiro naquele ano. Em suas páginas foram publicados os atos oficiais do novo governo. Seria um jornal de pensamento liberal extremado e, sobretudo, colaboracionista. Ele possuía circulação matutina, duas vezes por semana.<sup>99</sup>

O jornal teve inúmeros colaboradores, entre os de maior destaque estavam: Juan Silvano Godoi, Facundo Machain, Adolfo Decoud, Benigno Ferreira, Ricardo Menica, Jaime Sosa Escalada, Juan Bautista Arce, Miguel Palacios, Jose Dolores Gonzalez y Avalos, Juan E. Carreras y Asuncion Escala, primeira mulher periodista paraguaia. Entre os inúmeros assuntos e temática destacaremos: o contexto político, o final da guerra, os governos paraguaios pré-guerra e a educação.

Desde sua primeira edição, *La Regeneración* publicou as ações do governo. Em primeira página publicou o “Manifesto do Governo Provisório”, escrito em 10 de setembro de 1869, por Cirilo Antonio Rivarola, Carlos Loizaga e Jose Diaz de Bedoya,

---

<sup>98</sup> Cf. BARATTA, María Victoria. *La identidad nacional durante la Guerra del Paraguay*. Representaciones, lenguajes políticos y conceptos en el diario La Nación Argentina (1862-1870). Revista Almanack. Guarulhos, n.03, p. 82-98, 1º semestre de 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alm/n3/2236-4633-alm-03-00082.pdf>. Acesso em 09 fev. 2018.

<sup>99</sup> A Biblioteca Nacional do Paraguai possui digitalizado as edições de outubro, novembro e dezembro de 1869 e as edições de janeiro a setembro de 1870 de *La Regeneración*.

onde o Governo Provisório reforçava a ideia de que a guerra era contra o tirano Solano López e não contra o povo paraguaio, tentando justificar a formação da *Legión Paraguaya* junto ao exército aliado. *Legión* que ao longo da guerra teria se legitimado: “[...] adquiriria la Legión Paraguaya esa influencia debida a la campaña misma, en que el contacto con los hombres y los elementos civilizados [...] la constituían en el natural y legítimo representante de los derechos inalienables de su patria.”<sup>100</sup>

O jornal saudava vivamente as vitórias aliancistas sobre a resistência paraguaia. Ele buscava resguardar o papel dos legionários como legítimos representantes do povo paraguaio e com isso, destinados a formar o novo governo. O povo paraguaio, após seu martírio e com a fuga de Solano López para o interior do país, teria finalmente saído das selvas e buscado ajuda do novo governo: “El gobierno Provisorio, es el padre de la familia paraguaya.”<sup>101</sup>

Neste sentido, os aliancistas teriam cumprido um papel civilizador e o Triunvirato seria a expressão genuína das necessidades da situação e o único governo possível naquelas circunstâncias. *La Regeneracion* apresentava os princípios do novo governo que viria em oposição aos governos anteriores marcados pelo despotismo, pelo isolamento, pela falta de liberdades e de direitos:

[...] entre el despotismo barbaramente consagrado por el aislamiento, por el sistema restrictivo y la negacion de todas las liberdades, que se hunde, y el risueño aspecto de una era nueva que se presenta bajo la égida de los derechos del hombre y corteja de todos los principios liberales que son el patrimonio de las naciones mas cultas; - el triunvirato que se inaugura bajo los generosos auspicios de los Gobiernos Aliados, cuyos Ejércitos entraron en el Paraguay presidiendo otro compuesto de un inmenso comercio, industria e inmigración, no menos poderosa para su civilización que aquel para derrocar el poder del mas feroz de los tiranos; - el triunvirato, no respondería a sus antecedentes, sino adoptara por norma de su Gobierno y base de la reorganización nacional, los principios, garantías y derechos consagrados constitucionalmente por los pueblos mas libres del continente americano, y especialmente por las naciones mismas que forman la Alianza.<sup>102</sup>

O Triunvirato traria a reorganização nacional, inspirado nos princípios, garantias e direitos dos povos livres e civilizados do continente americano.

<sup>100</sup> Jornal La Regeneración. Asunción. 10/09/1869.

<sup>101</sup> Idem.

<sup>102</sup> Idem.

Segundo *La Regeneración*, os tiranos –Francia, Carlos Antonio e Solano López - teriam negado ao Paraguai a voz do sentimento nacional, fazendo passar pelo isolamento e pela vergonha de ser o único país da América a não conhecer as glórias da liberdade: “Los tiranos de nuestra patria, sofocando el sentimiento americano de sus hijos, cerraran sus puertas a la inmigracion, [...] y la rechazan, porque con ellas alborea la era de la libertad.”<sup>103</sup>

Os tiranos da pátria, ávidos por poder, teriam prejudicado o comércio exterior, roubado as riquezas de muitos estrangeiros, acabaram com as liberdades, destruíram a família (prejudicando o casamento), favoreceram a poligamia e corromperam a moral e os vínculos familiares. Teriam também, criado um sistema de espionagem, militarizado todo o país para reduzi-lo a uma obediência passiva.<sup>104</sup>

Em linhas gerais, a retórica de um passado bárbaro foi se constituindo, todos os males do Paraguai seriam culpa das tiranias do passado e não da guerra em si.

O governo provisório publicou longo texto reforçando veementemente o caráter negativo dos governos paraguaios, ou seja, todos os “terríveis” feitos da tirania. E se apresentando como representante legítimo da civilização:

Puede inculparse al pueblo paraguayo de todos estos crímenes? No! – El Gobierno Provisório, primera autoridad del país constituida en condiciones de civilizacion, de derecho y de moral, levanta su voz para protestar contra tamaña injusticia – No, nunca! La victima jamais fué cómplice del verdugo; - este es un hecho que repugna á la razon y la historia no presenta un ejemplo semejante.<sup>105</sup>

O governo afirmava estar buscando “regenerar” o país através da instrução pública, das instituições liberais, da liberdade de pensamento e de imprensa, da proteção à propriedade privada, assim como, da liberdade de transitar pelo país e da abertura das fronteiras para todos que desejassem ali residir.

Entre os primeiros decretos do governo provisório estaria a concessão, sem custos, das terras de propriedade pública para a grande criação de gado e liberação/privatização para exploração particular da erva-mate e da madeira.

---

<sup>103</sup> Idem.

<sup>104</sup> Idem.

<sup>105</sup> Idem.

Art. 1º. Se habilita toda la costa sobre el rio Paraná para introduccion de ganado del exterior. Art. 2º. Se concede a los introducciones los campos de propiedad publica para inveraderos por el termino de un ano, sin interés alguno, y siendo para cria por dos años. Art. 3º. Los interesados solicitarán permiso al Gobierno designando el lugar y las léguas de campo que quieran ocupar, con espresion del número de cada especie que tengan que introducir.<sup>106</sup>

Através do decreto é possível perceber como era fácil para os estrangeiros adentrarem no Paraguai e conseguir o direito a exploração das terras do país, enquanto a população paraguaia [chacareira], sobrevivente da guerra, não recebeu nenhuma atenção, praticamente como se não existisse.

*La Regeneración* apoiava incondicionalmente os atos do governo: “Nos cumple felicitar al Gobierno por tan acertadas disposiciones, pues solo asi y con esa marcha progresiva podrá levantar al pais de la postracion en que lo dejó medio siglo de despotismo.”<sup>107</sup>

### Notícias da guerra

Um dos temas centrais de *La Regeneración* era as “Noticias de la guerra”, onde o jornal descrevia os acontecimentos do campo de batalha, no caso, da fuga/resistência de Solano López pelo norte do país. O foco das notícias estaria no desejo do povo paraguaio de se libertar do tirano, a exemplo disso na sua segunda edição, o jornal apresentava uma correspondência recebida de Vila Rica, destacando a luta contra a tirania e que as famílias daquela localidade esperavam por seu libertador, no caso as forças aliancistas/legionárias.<sup>108</sup>

Para *La Regeneración*, Solano López seria naquele momento nada mais que um fugitivo envolto em sangue. Um jovem teria informado que ele havia mandado lancar cerca de setenta pessoas acusadas de conspiração e que suas forças estariam entre 2.500 a três mil homens em estado de pobreza absoluta.<sup>109</sup>

Na edição de 10 de outubro de 1869, *La Regeneración* publicou o decreto que desnaturalizou Solano López: “Art. 1º- El desnaturalizado traidor paraguayoy Francisco Solano López queda fuera de la ley, y arrojado para siempre del suelo paraguayoy, como

---

<sup>106</sup> La Regeneración. 05/09/1869.

<sup>107</sup> Idem.

<sup>108</sup> La Regeneración. 03/10/1869.

<sup>109</sup> Idem.

asesino de su patria y enemigo del género humano”.<sup>110</sup> A partir desta data Solano López, ainda vivo na resistência pelo interior do país, passou a ser considerado como traidor e renegado pela pátria. Ficava terminantemente proibida sua reivindicação e de suas obras e ações.

Ainda na edição de 10 de outubro, *La Regeneración* publicou o decreto de 17 de agosto de 1869, em que o governo provisório declarava aqueles que continuassem a seguir Solano López como traidores da nação e inimigo da humanidade. E nomeou o tenente coronel Juan Francisco Decoud como responsável pela comissão que “analísaria esses casos”<sup>111</sup>. Notícias que nos faz crer que o apoio a Solano ainda era considerável, e que contrária a tese de que o povo paraguaio seria contrário a ele.

Na edição de 5 do novembro de 1869, jornal *La Regeneración* apresentava os artigos “Noticias da Guerra” e/ou “Noticias del tirano López” onde descreveu os últimos acontecimentos do teatro de operações e o depoimento de alguns soldados paraguaios. Entre eles estaria o soldado paraguaio Victoriano Gonzalez, alfaiate, de 32 anos, que no dia 16 de outubro, havia desertado do quartel general de Solano López em Abagiba. O soldado afirmara que as forças de Solano López seriam de 3000 homens, dos quais apenas os *rifleros, marinos, y artesanos* estariam em melhores condições, assim como os 50 soldados da escolta de López, os demais seriam alguns índios mal preparados e mal armados.<sup>112</sup>

Muitos soldados teriam desertado, por isso, Solano López teria executando seus homens: “Declara que cuando Lopez estaba en San Estanislao mando fuzilar todo el rejimiento de dragones y algunos de los que escaparon fueron tomados en varios puntos.”<sup>113</sup> Isso teria acontecido porque Solano López suspeitou que havia uma conspiração contra ele, a partir de então teria mandado executar muitas pessoas:

El coronel Magelós y el mayor Villalva fueron fuzilados no por haber entrado em la conspiración sino por no haber tenido bastante vijilancia y no haberia descubierto. [...] Que Lopez continua mandando fuzilar, sobresaliendo entre ellos el coronel Venancio Lopez (hermano del Mariscal) y los coroneles Marcó y Denis, los dos mayores Urbieta y el mayor Palacios (hermano del obispo) el teniente Bonifacio y Chirife.<sup>114</sup>

---

<sup>110</sup> Idem.

<sup>111</sup> *La Regeneración*. 10/10/1869.

<sup>112</sup> *La Regeneración*. 05/11/1869.

<sup>113</sup> Idem.

<sup>114</sup> Idem.



O jornal negava a existência de conspirações, buscava destacar o caráter “sanguinário e cruel” de Solano López e exaltar as “boas ações” do novo governo paraguaio. Além dos generais e soldados, algumas mulheres também teriam sido executadas acusadas de levar informações a espiões brasileiros.

Na edição de 5 de novembro de 1869, o espaço “Documentos Oficiais” destacou que o governo do Paraguai, segundo o acordo celebrado com os líderes dos aliancistas, decidiu criar a chefia de polícia de Assunção e regiões. O decreto apresentava:

Art. 1º - Nómbrase Gefe político de la Asunción, Trinidad, Recoleta y Lambaré al Teniente Coronel D. Juan Francisco Decoud, a quien le reconoce el Gobierno este grado, en vista a los importantes servicios que ha prestado á favor de la causa del desgraciado Pueblo Paraguayo desde el principio de la guerra, cooperando decididamente con toda la efusion de una alma noble y generosa para la salvacion de los sacrosantos principios de la Libertad de nuestra Patria oprimida bajo el sistema despótico del sanguinário traidor Francisco S. Lopez.<sup>115</sup>

A família Decoud tendo reconhecida sua importância na política nacional paraguaia. Juan Francisco Decoud era tenente coronel da *Legión Paraguaya*. Sua família teve grande influência no Paraguai pós-guerra.

*La Regeneración* possuía um “espaço” para “Documentos oficiales” onde publicava os decretos, ações e medidas do governo provisório. Na edição de número 13, de 7 de novembro de 1869, publicaram o decreto que regulamenta o poder administrativo no Paraguai, afirmando que, em caso de morte do presidente quem assumiria era o vice-presidente, em caso de impedimento ou morte do vice-presidente quem assumiria a administração era o Congresso iria determinar que um funcionário público assumisse a presidência até nova eleição.

Para ser presidente da República seria necessário: “[...] haber nacido en el territorio paraguayo, tener 30 años de edad, cinco años de ciudadanía en ejercicio y disfrutar de una renta anual de dos mil pesos fuertes ó una entrada equivale”.<sup>116</sup> O cargo

---

<sup>115</sup> La Regeneración. 05/11/1869.

<sup>116</sup> La Regeneración. 07/11/1869.

era de quatro anos e não havia reeleição. O voto censitário era uma forma de garantir que o controle dos cargos políticos permaneceria na mão das classes endinheiradas do Paraguai.

Na edição de 10 de novembro de 1869, foi publicado parte do projeto da Constituição e críticas aos sacerdotes por ter apoiado o “tirano Solano López”, mas não cita nomes. No quadro *Teatro de la guerra*, destacou-se as péssimas condições das tropas de Solano López, com poucos homens, sem comida suficiente, sem armamentos e cavalos, a desmotivação das tropas seria grande e as deserções também.<sup>117</sup>

Em *Noticias de López* o jornal destaca que a situação de Solano López estaria cada vez pior, que a hora da agonia teria chegado para o “tirano” do povo paraguaio. “Apenas cuenta hoy con pequenos grupos de hombres viejos y jovenes estremados por la hambre y las bárbaras privaciones que han sufrido.”<sup>118</sup>

Até os índios Cayguá estariam contra López: “[...] que los indomitas indios Caiguá con quienes esperaba contar para la prosecucion de la guerra se le muestran hoy hostiles en todo sentido aconsejando á los paraguayos para que lo abandonen a Lopez y no permanezcan mas tiempo en sus filas.”<sup>119</sup>

Segundo o jornal que até os índios “selvagens” teria se sublevaram contra o bárbaro opressor. *La Regeneración* foi construindo sua narrativa, sempre elogiosa para o novo governo – o qual fazia parte – e culpabilização Solano López pelos males paraguaios – a falta de liberdade, o despotismo, a tirania sanguinária.

### **A morte de Solano López**

Em 6 de março de 1870, o jornal divulgou a notícia da morte de Solano López, ocorrida dia 1º daquele mês, que teria sido recebida com júbilo.

Al concluir esta noticia se trasporta de entusiasmo nuestro corazón y no tenemos en este momento frases, que espresen los hosanas en nombre de la Nacion Paraguaya y de las armas aliadas al Supremo Sr. de los Ejércitos que tanto há protegido la Causa Santa de la Civilización contra la barbarie, Lopez está muerto y no es sueño.<sup>120</sup>

---

<sup>117</sup> La Regeneración. 10/11/1869.

<sup>118</sup> La Regeneración. 19/12/1869.

<sup>119</sup> Idem.

<sup>120</sup> La Regeneración. 06/03/1870.

Com “imensa felicidade” o jornal noticiou e comemorou o fim da guerra com a morte do “tirano” da pátria, do monstro que teria matado seu próprio povo. “El 1º de Marzo de 1870 há de ser para siempre el aniversario de la libertad del Paraguay, sellada con la muerte ignominiosa de un monstro que lo regió de sangre y estermino en el martirio a sus hijos.”<sup>121</sup>

A morte de Solano López representaria a liberdade para o Paraguai. Por isso, o jornal conclamava toda a população para glorificar a liberdade e os feitos das forças aliancistas. Agora o Paraguai estaria livre da barbárie de seus tiranos.

Um dos argumentos centrais e constantes da narrativa aliancista/legionária foi o da guerra da civilização contra a barbárie - “o coração transbordando de alegria e rendendo glórias ao exército aliancista por defender a civilização contra a barbárie”.

### **Governos paraguaios pré-guerra**

Na tentativa de se legitimar no poder, o novo governo tratou de desconstruir qualquer referência positiva aos governos paraguaios do passado. *La Regeneración* afirmava:

Que habian hecho los tres tiranos que usurparon el gobierno de la República? Sembrar el terror por doquiera, la ignorancia como ley, la corrupcion como dogma, la obediencia como deber, y recargar el pueblo de impuestos y contribuciones tan injustas como numerosas.<sup>122</sup>

O atraso do Paraguai seria culpa de José Gaspar Rodríguez de Francia e dos governos López, que teriam semeado a ignorância, a corrupção e a obediência cega. Mas, acreditavam que a vitória da civilização e fim da barbárie, deveria dar seus resultados. O governo provisório, o modelo liberal e abolição da escravidão seriam a base fundamental para elevar o edifício da nacionalidade paraguaia e assim trazer a “civilização” ao país. Do mesmo modo, o novo governo deveria cuidar e controlar a educação para que ela buscasse “sempre pela liberdade”.

---

<sup>121</sup> La Regeneración. 09/03/1870.

<sup>122</sup> Idem.

O texto “El Retrogadismo de Lopez”, de Juan B. Arce, de *La Regeneración*, afirmava que durante o governo de José Gaspar Rodríguez de Francia os únicos que passavam a seus olhares eram gente baixa e ignorante:

En tiempo del Dictador Francia los únicos que pasaban em sus hogares as sus [ilegível] era la gente baja e ignorante que no podían mezclarse en cosas políticas, ni poner trabas a la función de su Gobierno, y así los extranjeros y los de la gente ilustrada eran los que sufrían la persecución del Dictador.<sup>123</sup>

Para o autor, a ação de Francia de expulsar a “gente ilustrada” de Assunção e de se acerca de “gente baixa” foi por medo da oposição. Crítica que vem de encontro das mudanças feitas por Francia nos rumos do país, que ao se aproximar das classes plebeias ganhou o apoio das mesmas, mas despertou a fúria da classe alta.<sup>124</sup>

O artigo afirma ainda que, durante o governo de Carlos Antonio López, pouca coisa teria mudado, mas ao menos os estrangeiros não seriam mais perseguidos: “[...] pero enfin los extranjeros ya no sufrían aquella persecución inexorable de Francia, el puerto se encontró abierto aunque sea con alguna restricción”.<sup>125</sup>

Já Francisco Solano López teria adotado o mesmo sistema de governo de Francia, trazendo grande sofrimento para população: “Aquí el hombre rustico empieza a sufrir mas de lo que sufrió en otro tiempo para contribuir a colmar las barbaras ambiciones de aquel monstruo”.<sup>126</sup>

Na mesma edição, segue mais dois artigos, um sobre os governos paraguaios antes da guerra: “Medio siglo de tiranía en el Paraguay”, assinado por F. Guanés, que destaca a falta de liberdade e o medo dos “tiranos paraguaios” em perder o controle do governo; e outro sobre “La colonización del Paraguay” assinado com as iniciais C.F.R., discutindo sobre a necessidade de solucionar a falta de população no Paraguai pós-guerra, mas não sobre a necessidade de auxiliar, de criar uma forma para reconstruir a classe campesina/chacareira destruída pela guerra.

---

<sup>123</sup> La Regeneracion. 14/10/1869.

<sup>124</sup> Cf. MAESTRI. Mário. *Paraguai: a República Camponesa*. Porto Alegre: FCM. 2015.

<sup>125</sup> La Regeneracion. 14/10/1869.

<sup>126</sup> Idem.

### Casamento civil e educação

Entre os inúmeros assuntos, *La Regeneración* destacou a discussão a respeito da legalização do matrimônio civil. Na edição de 19 de novembro 1869, foi publicado um artigo sobre o tema, pedindo a regularidade e livre opção pelo casamento civil, pois a grande maioria dos homens paraguaios estavam mortos e que no interior seria de 50 mulheres para um homem, o que era um despropósito.<sup>127</sup>

Um dos apoiadores da causa seria o jovem Juan Silvano Godoi, que na edição de 8 de dezembro de 1869, publicou sobre o Gran Meeting Popular ocorrido no Teatro Nacional para discutir sobre o Matrimonio Civil. Segundo o jornal, teria sido um momento de real participação democrática e popular onde:

Hubo entusiasmo, se aceptó con generalidad y casi unanimemente la institucion del matrimonio civil, se maldijo el jesuitismo causa única de nuestras desgracias, y se resilió nombrar una comision compuesta de los Sres. Juan J. Decoud, Ricardo Menica, Juan S. Godoy, Jaime Sosa y la señorita Asuncion Escalada, para que en nombre de la reunion peticionara al Gobierno el establecimiento del matrimonio civil.<sup>128</sup>

Juan Silvano Godoi destacou também sobre a construção da democracia, a busca pela liberdade, os sacrifícios dos antepassados para “a mudança da sociedade”, que era dever desta nova geração continuar lutando pelo crescimento da nação.

Para o autor: “El matrimonio Civil es la consecuencia lógica del progreso, el guardian fiel de los derechos de la humanidad, la garantia de los pueblos libres contra la voracidad fatal de la teocracia y la inauguracion de la obra de la Regeneración en el Paraguay [...]”<sup>129</sup>

O jornal apresenta também o discurso de Juan José Decoud, Faustina Sosa, Angela Decoud e Asuncion Escalada. A edição 28, de 12 de dezembro de 1869, destacou que um grupo de velhos, fanáticos e exploradores se apresentaram ao Governo Provisório pedindo a não aceitação do matrimônio civil.

---

<sup>127</sup> La Regeneración. 19/11/1869.

<sup>128</sup> La Regeneración. 08/12/1869.

<sup>129</sup> Idem.

Além das medidas políticas, econômicas e da guerra, *La Regeneración* destacava também as ações voltadas para a educação. Em 30 de setembro de 1869, publicou um aviso informando as famílias paraguaias sobre a abertura de uma escola para meninas.

O jornal destacava que nada adiantaria o novo governo mostrar o caminho de progresso se o povo estivesse com os olhos ofuscados pela ignorância. Os meios para o desenvolvimento seriam através da razão e da instrução pública: “Hoy esta reconocido como el primer deber, como el mas grand de un gobierno, la educacion e instruccion primaria, y obligatorias.”<sup>130</sup>

Adolfo Decoud, filho de Juan Francisco Decoud, publicará texto afirmando que o novo governo representaria a luz que chegará ao Paraguai. Buscando rapidamente a regeneração que seria o ideal da república e da liberdade, extinguir os vestígios do passado, afastar o cadáver da indiferença e combater os tiranos: “He ahi el estalido de la luz, el triunfo de la verdade en el Paraguay.”<sup>131</sup>

Neste período, aconteceu em Assunção, a inauguração da primeira escola do pós-guerra que seria dirigida por senhorita Escalada e Sr. Valetti. A inauguração teria contado com a presença dos principais membros do governo provisório e conselheiro José Maria da Silva Paranhos, representando o Império do Brasil. Todos destacaram a importância da fundação de escolas para desenvolver o país e “enterrar” a tirania do passado.

Apesar da iniciativa, a educação paraguaia continuaria por muito tempo penando com as consequências da guerra e o descaso das novas administrações.

### **Instabilidade política**

Na edição de 28 de outubro de 1869, os editores publicaram o artigo *El Gobierno provisorio y los diarios de Buenos Aires*, em que buscavam desqualificar uma notícia que teria circulado na imprensa bonaerense, onde a Argentina teria pedido o envio de um ministro argentino para contrapor a influência brasileira e velar pelos interesses das repúblicas do Prata. Segundo J.J.D. –acreditamos que seja Juan José Decoud - tal notícia não teria “cabimento”, pois os aliados haviam assinado um acordo e o governo provisório teria sido eleito pelo povo paraguaio. O objetivo dos aliancistas não seria impor-se ao Paraguai:

---

<sup>130</sup> La Regeneración. 10/10/1869.

<sup>131</sup> Idem.

La Alianza no há vencido a Lopez para imponer el Paraguay. Por el contrario su proceder leal para con este pueblo desgraciado deixandole libre la eleccion de sus gobernantes, es él primer testimonio de que respetará y respeta nuestra soberania ó independencia nacional.<sup>132</sup>

Tal situação demonstra o clima de desconfiança que havia na imprensa de Buenos Aires com relação às ações do Império do Brasil no Paraguai e que Juan José Decoud estaria preocupado em defender a autonomia e legitimidade do governo provisório.<sup>133</sup>

A edição de 31 de outubro de 1869, tratou sobre “El gobierno de la libertad” e, no espaço Correspondencias, os editores destacaram que: “Continuam las correspondências de esta ciudad llamando de improperios a los Srs. Rivarola y Loizaga miembros del Gobierno Provisorio y al Comandante Decoud Gefe Político de la Asunción”.<sup>134</sup> Os argentinos acreditavam que o Triunvirato estaria muito propenso aos interesses do Império do Brasil. Percebe-se assim, a instabilidade política e a crescente desconfiança entre os representantes da Tríplice Aliança com o futuro do Paraguai.

Na edição de 17 de novembro de 1869, em “Noticias Genereales”, os editores destacam novamente a publicação em jornais de Buenos Aires, de correspondências “de paraguaios” que criticavam e caluniavam o governo provisório, porém não citam as mesmas.<sup>135</sup>

### **Sufocando a oposição**

Após a tomada de Assunção e com o decreto que declarou Solano López inimigo do povo paraguaio, o governo provisório tentava silenciar as manifestações favoráveis à resistência e a Solano López. Os próprios ex-generais lopistas adotaram, ao menos inicialmente e provavelmente por necessidade, o discurso aliancista/legionário, passando a responsabilizar Solano López pela guerra.

Entre as poucas narrativas contrárias a visão oficial está a voz do cônsul italiano Lorenzo Chaperon, que residia no Paraguai durante a guerra. Ele, através de cartas para sua esposa e de relatório para governo italiano, denunciou os saques realizados pelas tropas aliancistas a Assunção e acabou sendo acusado de traidor pelo jornal *La*

---

<sup>132</sup> La Regeneración. 28/11/1869.

<sup>133</sup> Idem.

<sup>134</sup> La Regeneración. 31/11/1869.

<sup>135</sup> La Regeneración.17/11/1869.

*Regeneración*. *La Regeneración* publicou várias notas criticando e acusando Lorenzo Chapperon de ser apoiador do tirano, de ter entregue a Solano López uma lista com os nomes de quem teria dinheiro e de ter se apropriado indevidamente dos bens das famílias paraguaias que lhe confiaram.<sup>136</sup>

Na edição de 1º de dezembro de 1869, o jornal publicou nota sobre Lorenzo Chapperon:

Este infame pirata que ha despojado a las familias paraguayas de sus alhojas y dinero, sigue refugiado en la Cañonera Ardita que siempre há sido el amparo de los bandidos. La Capitania del puerto con suficientes fuerzas tiene orden de impedir que desembarque Chapperon, estando pronto el Capitan Ferreira a dar un escarmiento a los que han ultrajado la bandera de nuestra Patria, del modo mas cobarde y miserable que se conoce.<sup>137</sup>

Percebe-se que havia uma campanha pública contra o cônsul italiano. Pois ele teria destacado aspectos positivos do governo de Solano López, que apesar do sistema de espionagem, tudo estava em ordem e bem-estar:

Las clases populares del Paraguay gozaban de una relativa libertad y de la igualdad frente al Jefe del Estado. Pero este debía saberlo todo, y por eso había establecido un sistema de espionaje completo y llevado a limites extremos. Los delatores estaban en todos lados, en el gobierno, en el Ejercito, y hasta dentro de las familias. Pero por otra parte, todo estaba en orden, el bienestar reinaba en todos lados, la producción del país era considerable, y las obras publicas indicaban un espíritu poderosamente creativo, y prometían distanciar notablemente todo el resto de la America hispánica.<sup>138</sup>

Para além disso, o cônsul afirmou que: “Diez años mas de la administración absoluta e iluminada de López II, y el Paraguay habría dictado ley a la America del Sur”.<sup>139</sup> Visão inaceitável para o governo aliancista/legionário que tentava se legitimar, pois contrariava fortemente seus argumentos.

---

<sup>136</sup> La Regeneración. 21/11/1869.

<sup>137</sup> La Regeneración. 01/12/1869.

<sup>138</sup> FANO, Marco. *Fiesta en la guerra-final*. Jornal ABC Color. <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/politica/fiesta-en-la-guerra-i-228239.html>

<sup>139</sup> Idem.



Lorenzo Chaperon destacou também que a guerra contra o Brasil foi uma necessidade devido ao contexto platino: “La guerra con el Brasil era por lo tanto una necesidad para ese país, y las ocasiones que nunca faltaron e las contiendas entre las colonias españolas y portuguesas, no faltaron tampoco en estas circunstancias”.<sup>140</sup>

Ao terminar a guerra e especialmente, quando do ingresso dos aliancistas em Assunção, Lorenzo Chaperon sofreu as consequências das denúncias e detalhada documentação que teria elaborado sobre o saque realizado pelos aliancistas. Devido a isso, teria “ganho” a inimizade de Luís Alves de Lima e Silva, marques de Caxias, e José Maria da Silva Paranhos, sendo perseguido e assassinado, em 23 de março de 1870, em Buenos Aires. Lorenzo Chaperon teria deixado um bilhete acusando as forças imperiais por seu assassinato.<sup>141</sup>

Na edição de 22 de dezembro 1869, *La Regeneracion* publicou nota sobre o surgimento de um novo jornal em Assunção. Seus editores destacaram que nunca quiseram ser exclusivos, que o surgimento de novo jornal seria positivo para o Paraguai e para “provar a luz e a verdade” de *La Regeneración*. Ao longo do texto, os editores buscam responder a algumas críticas que haviam recebido acusando-os de exclusivistas, de querer especular e enriquecer com o jornal.<sup>142</sup> Deste modo é visível a existência de oposição ao jornal.

### **La Voz del Pueblo**

O jornal *La Voz del Pueblo* foi fundado em março de 1870, por representantes do *Club del Pueblo* liderados por Candido Bareiro, antigo apoiador de Solano López, que se acomodara aos aliancistas, antes do fim do conflito.<sup>143</sup> O jornal expressaria os inconformados com a influência brasileira no Paraguai. *La Voz del Pueblo* tinha como redator e editor o argentino Miguel Gallegos, como diretor de tipografia Florencio Fredes e entre seus colaboradores estavam o argentino Miguel Macias, o espanhol Victorio

---

<sup>140</sup> Idem.

<sup>141</sup> Idem.

<sup>142</sup> *La Regeneración*. 22/12/1869.

<sup>143</sup> Foram localizadas apenas três edições do Jornal *La Voz del Pueblo* (19 de maio, 14 de julho e 19 de julho de 1869) no Acervo do Instituto Histórico-Geográfico do Rio Grande do Sul-IHGRS.

Abente y Lago e o paraguaio Caio Miltos. Sua circulação era as terças, quintas e sábados.<sup>144</sup>

É importante destacar que neste momento, a profissão de jornalista não estava consolidada no Paraguai, deste modo, os editores tanto de *La Regeneración*, como de *La Voz del Pueblo*, se dedicavam por exercer outras profissões - Miguel Gallegos era cirurgião no hospital argentino e Juan José e José Segundo Decoud eram deputados convencionais.

O embate entre os opositores foi constante. Na edição de 10 de junho de 1870, *La Regeneración* criticou as publicações de *La Voz del Pueblo*, afirmando que o interesse da Candido Barreiro era causar rebelião, iludir o povo e defender unicamente os interesses de seu fundador.<sup>145</sup> Na edição de 14 de julho de 1870, *La Voz del Pueblo* contrapôs o concorrente afirmando que seu objetivo não era atentar contra o povo paraguaio nem defender os argentinos:

Nosotros no tomamos un puesto en las columnas de ‘La Voz del Pueblo’ para atentar contra los intereses paraguayos, y prohijar los argentinos con mengua de los primeros; nosotros subimos á la prensa para ayudar con nuestro pobre contingente á centralizar, diré así, los diferentes grupos del pueblo paraguayo que vagaban a merced de un círculo exclusivo; nosotros queremos ensanchar la accion de ese círculo y dar cabida á los repelidos.<sup>146</sup>

*La Voz del Pueblo* se apresentou como defensor das causas do Paraguai e contrário a influência e controle exercido pelo Império do Brasil no país. Denunciou que o governo provisório era a “nova tirania” no Paraguai, tirania que teria manipulado as eleições e feito presos políticos como Juan Leon Corvalan e Rufino Taboada.

*La Voz del Pueblo*, em artigo assinado por Saicon, afirmava que não queria reduzir suas ideias/lutas a defesa de um homem –no caso Candido Bareiro- mas sim, na defesa do povo paraguaio em sua luta por liberdade. O jornal afirmava ser contra a política do Império e não contra o Império.

---

<sup>144</sup> Cf. SEGATTO, Bruno Félix. A Oposição à atuação brasileira no Paraguai pós-guerra da Tríplice Aliança: o caso do jornal La Voz del Pueblo (1870). Oficina do Historiador. Porto Alegre: EDIPUCRS, v.10, n. 1, p.124-143. jan./jun. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/2178-3748.2017.1.22871>

<sup>145</sup> *La Regeneración*. 10/07/1870.

<sup>146</sup> Jornal *La Voz del Pueblo*. Asunción. 14/07/1870.

O principal alvo das críticas de *La Voz del Pueblo* era o conselheiro José Maria da Silva Paranhos, a quem consideravam um agente que influenciava, pressionava e interferia na política interna do Paraguai: “Toda nuestra oposición es á la política del Consejero Paranhos, como sería a la del Ministro Argentino si lo viésemos influyendo en lo más mínimo en los asuntos locales del Gobierno Provisorio del Paraguay”.<sup>147</sup>

O jornal afirmava não haver necessidade do Império do Brasil manter um representante no país:

Se enoja mucho el diplomático Brasileiro, y dice de puerta en puerta que se va al Brasil pues que así lo quiere “La Voz del Pueblo”, y se olvida de agregar que hace ya mucho tiempo que debió irse y no volver más hasta no hallarse establecido el Gobierno efectivo con quien se debe tratar, sino porque así lo exigía ningún artículo del tratado, al menos porque así lo exigía la buena y caballeresca política de hacer lo mismo que hacia la República Argentina y la República Oriental, no teniendo aquí ningún agente diplomático, en misión perpetua, para que no influyera en el régimen interno del Gobierno Paraguayo, como ha estado influyendo el diplomático Brasileiro, y como tiene hoy mismo la idea de influir.<sup>148</sup>

Segundo o jornal, o Império do Brasil representava o atraso e a barbárie, era uma monarquia escravocrata encravada em um continente repleto de repúblicas que já haviam abolido a escravidão há décadas. Um país que não possuía a mesma afinidade cultural existente entre paraguaios e argentinos, por não compartilharem elementos como a língua e a forma republicana de governo.<sup>149</sup>

As ofensas e alfinetas entre os dois jornais foram continuas até setembro de 1870, quando ocorreu uma tentativa de golpe, o Triunvirato foi deposto e Cirilo Rivarola se aliou as forças de Candido Bareiro para ficar no poder, expulsando assim, os representantes do partido *Gran Club del Pueblo*.

O principal ponto de discórdia entre os jornais estava relacionado aos rumos políticos do país, pois eles representavam as duas principais facções políticas da época, os *decoudistas* e os *bareiristas* e questionavam a influências na política nacional dos *argentinos* e dos *imperiais*. *La Regeneración* acusava *La Voz del Pueblo* de ser pró-Argentina e *La Voz de Pueblo* acusava *La Regeneracion* de ser pró-Império.

---

<sup>147</sup> La Voz del Pueblo. 19/07/1870.

<sup>148</sup> La Voz del Pueblo. 14/07/1870.

<sup>149</sup> SEGATTO, Bruno Félix. *A Oposição à atuação brasileira no Paraguai pós-guerra da Tríplice Aliança [...]* Ob. cit. p. 134.

Por suas críticas contra as forças imperiais o jornal/redação acabou sendo atacado e sua prensa destruída por imperiais. Aos dois jornais, *La Voz del Pueblo* e *La Regeneración* deixaram de circular em setembro de 1870, após violentos ataques.

### Considerações

Os jornais do pós-guerra, formados por representantes das forças aliancistas, legionárias e de ex-lopistas, tiveram papel importante na consolidação da visão historiográfica oficial. Em suas páginas, principalmente *La Regeneración*, descreveu e produziu os principais elementos da visão aliancista sobre a guerra e o Paraguai. Para eles, o passado paraguaio foi marcado pela escuridão e tirania, não haveria nada de positivo no país. Os tiranos do passado, José Gaspar Rodríguez de Francia, Carlos Antonio López e Solano López, teriam deixado o país na completa ignorância e isolamento. Solano López seria um tirano sanguinário responsável por trazer a guerra e a morte para seu próprio povo.

Esta narrativa buscou isentar totalmente os aliancistas de sua responsabilidade pela guerra e por seus prejuízos. Além de apresentar os legionários como legítimos representantes da “vontade” do povo paraguaio e do novo governo.

A visão aliancista/legionária considerava qualquer voz destoante como inimiga do povo paraguaio. Foi desta forma que descreveram o cônsul italiano Lorenzo Chaperon que foi um dos poucos que ousou, naquele momento, contrariar a visão hegemônica, ressaltando aspectos positivos do governo de Solano López. Chaperon teria pago caro por isso.

*La Voz del Pueblo*, representava a oposição ao governo provisório, estaria preocupado com a forte influência do Império brasileiro no Paraguai, dedicando grande parte de sua energia a esta causa, sendo apoiado pela Argentina. Nas edições analisadas, o jornal não apresenta oposição à historiografia oficial em construção, já que expressava um pólo do aliancismo.

Os jornais destacaram a defesa incondicional do modelo liberal de desenvolvimento, marcado pela livre concorrência, pela privatização das terras públicas e pelo novo modelo de educação.

Nos demais capítulos analisaremos como surgiram e se desenvolveram as primeiras leituras contrárias a historiografia oficial aliancista/legionária. Apesar de seu “sufocamento” pelos decretos e leis oficiais é possível identificar aspectos e elementos de caráter revisionista.

## **CAPÍTULO 3- Semente revisionista: os Compêndios de História do Paraguai**

### **Os Primeiros Trabalhos**

Após a guerra contra a Tríplice Aliança, o Paraguai passou por um processo de reorganização liderado pelos representantes da *Legión paraguaya*, que buscavam *regenerar* o país a partir dos princípios do liberalismo extremado. Entre os elementos fundamentais desse processo, estava à reorganização das escolas e a reestruturação do ensino, em um sentido anti-nacional.

A Constituição Paraguaia de 1870 concebia a educação primária como obrigatória e de atenção “preferente del gobierno”. Porém, ela só foi regulamentada em 1881, com a criação do primeiro “Reglamento General para las Escuelas Publicas”.

No imediato pós-guerra, surgiram obras com fins escolares de viés aliancistas. Em 1874, na Argentina foi publicado, o livro *Compendio de la Historia de las Provincias Unidas de Río de la Plata desde su descubrimiento hasta el año 1874*, de autoria da intelectual e pedagoga Juana Manso (1819-1875).<sup>150</sup> No Uruguai, foi publicado, em 1878, o livro *Historia de la República Argentina y de las del Paraguay y Banda Oriental desde su descubrimiento hasta nuestros días para el uso de la escuelas*, do professor de história do Colégio Nacional do Uruguai, Antonino Luna.<sup>151</sup> Estes livros seguiam a visão aliancista, onde toda a responsabilidade da guerra caía unicamente sobre Solano López.<sup>152</sup>

#### **Compendio de la Historia de las Provincias Unidas de Río de la Plata**

A argentina Juana Manso, em *Compendio de la Historia de las Provincias Unidas de Río de la Plata desde su descubrimiento hasta el año 1874*, afirma que o progresso argentino teria sido interrompido pelos assuntos do Paraguai: “Desgraciadamente esta marcha progresiva del país vino á quedar interrumpida por los asuntos del Paraguay que

---

<sup>150</sup> MANSO, Juana. *Compendio de la Historia de las Provincias Unidas del Río de la Plata desde su descubrimiento hasta el año 1874*. Buenos Aires: Tipografía del Diario La época, 6ª edición. 1875.

<sup>151</sup> LUNA, Antonino. *Historia de la República Argentina y de las del Paraguay y Banda Oriental desde su descubrimiento hasta nuestros días para el uso de las escuelas*. Buenos Aires: Imprenta de Pablo E. Coni, 1878.

<sup>152</sup> Cf. TELESCA, Ignacio. *La Guerra en la Escuela*. Textos de Lectura y Celebraciones escolares en el Paraguay de Fines del XIX e Inicios del XX in *Folia Historica del Nordeste*, IIGHI-IH-CONICET/UNNE. 2015, pp. 131-150.

trajeron la guerra de cuatro años tan sangrienta como ruinosa.”<sup>153</sup> Já no princípio ela apresenta a guerra como culpa do Paraguai.

O Paraguai foi descrito como país isolado em suas selvas e com população submissa, que teria encontrado em José Gaspar Rodríguez de Francia o continuador da opressão colonial: “[...] Francia el continuador del espíritu estrecho y opresivo de los dominadores coloniales, y peor que todos ellos, porque Francia fué un Dictador sin control, hombre perverso y atrabiliario, cuya voluntad fué la ley sin apelación do aquel desgraciado pueblo.”<sup>154</sup>

Sobre os governantes paraguaios após a independência, Juana Manso foi categórica em definí-los como péssimos. Carlos Antonio López foi descrito como déspota brutal e monstruoso: “[...] hombre tan deforme y monstruoso en su figura como brutal y déspota en su moral. Como Francia, López perseveró en cerrar la navegación de los nos conservando el pueblo paraguayo secuestrado del resto del mundo.”<sup>155</sup>

Para Juana Manso, desde o governo de Carlos Antonio López, o Paraguai já vinha se preparando para a guerra:

Desde el tiempo de su predecesor, Carlos Antonio, venían aglomerándose combustibles para un rompimiento con el Brasil y en cuanto á la Confederación nunca dobló reconocer la independencia del Paraguay, como no debió reconocer la del Estado Oriental, ni desprenderse do sus provincias de Tarija y la Paz para formar la Bolivia, sinó conservar la integridad territorial y sobre el padrón del antiguo Vireinato trazar la nueva República.<sup>156</sup>

Para a autora, a Argentina não devia ter reconhecido a independência do Paraguai e nem do Uruguai. Ela acreditava ser direito da Argentina governar todo o antigo vice-reinado do Prata.

As questões de limites eram apontadas como a causa do rompimento do Paraguai com o Império do Brasil e que esse rompimento seria algo desejado por Solano López, pois buscava expandir seu poder:

Esas cuestiones paraguayas do navegación y de limites con el Brasil trajeron al fin el rompimiento que deseaba Lopez Solano, soñando con la conquista de Corrientes, Matto Grosso, las Misiones Argentinas y el Chaco, quo ensanchando el territorio Paraguayano lo permitiesen erigir este imperio y coronarse el imperador.<sup>157</sup>

---

<sup>153</sup> MANSO, Juana. *Compendio de la Historia de las Provincias Unidas del Río de la Plata* desde su descubrimiento hasta el año 1874. Buenos Aires: Tipografía del Diario La época, 8ª edición. 1881.p. 147.

<sup>154</sup> Idem.

<sup>155</sup> Idem.

<sup>156</sup> Id. ib. p. 148.

<sup>157</sup> Id. ib. p. 148.

A autora responsabiliza unicamente o Paraguai pela guerra, mais especificamente, o desejo de poder de Solano López. Em 13 de abril de 1864, Solano López ao capturar os vapores argentinos Gualeguay y 25 de Mayo, teria motivado a Argentina a entrar na Tríplice Aliança.<sup>158</sup> O povo argentino teria pedido a guerra ao presidente Bartolomé Mitre: “La guerra fué pedida á gritos por las calles y el presidente Mitre empujado por la opinión tuvo que aceptarla. Entonces se formo la triple alianza del Imperio, la Confederación Argentina y el Estado Oriental [...]”<sup>159</sup>

Sobre a saída de Bartolomé Mitre, em fevereiro de 1868, do teatro de operações da guerra, teria ocorrido devido a morte pela cólera do vice-presidente argentino Marcos Paz.

En su secunda invasion al año siguiente, el cólera hizo victimas considerables ó ilustres; contándose entre ellas el vice-presidente de la nación, Dr. Marcos Paz: acontecimiento que obliga al presidente Mitre á volverse á Buenos Aires, alejándolo del teatro de la guerra, classe de General in Gefé del ejército aliado.<sup>160</sup>

Juana Manso não cita as revoltas/montoneras que estavam ocorrendo no interior do país. Em resumo, a autora segue a visão aliancista, apresentando visão superficial sobre os acontecimentos no Paraguai e na guerra.

### **Historia de la República Argentina y de las del Paraguay y Banda Oriental**

O livro *Historia de la República Argentina y de las del Paraguay y Banda Oriental desde su descubrimiento hasta nuestros días para el uso de las escuelas*, do uruguaio Antonino Luna, resumiu em uma página a história paraguaia, da independência até a publicação do texto, insistiu no esteriótipo do povo paraguaio ignorante e atrasado, que suporta a tirania dos déspotas e afirmou que o povo paraguaio foi “salvo” pelas forças aliancistas:

Segundo Antonino Luna:

---

<sup>158</sup> Cf. *Lo que sigue es parte de las memorias del Capitán de Fragata Constantino, publicadas en folleto en 1906, ya que el autor dispuso que si las creían de alguna importancia las publicasen después de su muerte. Falleció el 22 de Agosto de 1905.* <http://www.histarmar.com.ar/InfHistorica-4/Captura25MayoyGualeguay.htm>

<sup>159</sup> MANSO, Juana. *Compendio de la Historia de las Provincias Unidas* [...] Ob. cit. p. 148.

<sup>160</sup> Id. ib. p. 148-9.



“[...] despedazando las cadenas que oprimieron al pueblo paraguayo durante tantos años, presenciaron su exterminio y recibieron el último aliento del monstruo [sic] Solano López, quien, después de haber sacrificado a los heroicos hijos del Paraguay, en aras de la propagación del terror y de los atentados internacionales, murió cubierto de lodo, como el más digno manto funerario de los Calígulas [sic] americanos”<sup>161</sup>

Este livro era mais um representante da visão aliancionista/legionária que se formará na América Platina e que chegava fortemente no Paraguai pós-guerra.

### Primeiros textos escolares no Paraguai

Em 1879, foi publicado o primeiro livro produzido no Paraguai pós-guerra *Compendio de Geografía e Historia del Paraguay*, de autoria do engenheiro napolitano Leopoldo Gomez Terán, então diretor das escolas municipais de Assunção, e do advogado colombiano Próspero Pereira Gamba.<sup>162</sup> Em 1884, o professor Enrique Alliot publicou, em Assunção, o livro *Elementos de Historia y Geografía*, pela imprensa *La Democracia*.<sup>163</sup> Em 1887, o sacerdote paraguaio Fidel Maíz publicou o livro *Pequeña Geografía (para los niños de la Escuela de Arroyos y Esteros)*, pela editora *La Democracia*.<sup>164</sup> Em 1889, o governo paraguaio encomendou a compra de livros escolares ao cônsul de Buenos Aires, Federico Alonso, do livro *El Lector Americano* 1, 2 e 3 de Abelardo Núñez, *Nuevo Libro Primario de los Niños*, volumes produzidos em Buenos Aires.

Conforme o historiador argentino Ignacio Telesca:

En la primera revista que editó el Consejo Superior de Educación, *La Escuela Moderna*, del año 1889, se detalla el contenido de dichos cajones: entre otros, 3.000 ejemplares de *El Lector Americano* 1, 2.000 del *Lector Americano* 2, y 1.000 del *Lector Americano* 3 además de 5.000 ejemplares del *Nuevo Libro Primario de los Niños* de la editorial Appleton; otros 2.000 de las *Lecturas Prácticas* de Calixto Oyuela.<sup>165</sup>

<sup>161</sup> LUNA, Antonino. *Historia de la República Argentina y de las del Paraguay y Banda Oriental desde su descubrimiento hasta nuestros días para el uso de las escuelas*. Buenos Aires: Imprenta de Pablo E. Coni, 1878. p. 114 *apud* TELESCA, Ignacio. *La Guerra en la Escuela*. Textos de Lectura y Celebraciones escolares en el Paraguay de Fines del XIX e Inicios del XX in *Folia Historica del Nordeste*, IIGHI-IH-CONICET/UNNE-pp. 131-150.

<sup>162</sup> TERÁN, Leopoldo Gómez de. y GAMBA, Próspero Pereira. *Compendio de Geografía e Historia del Paraguay*, Asunción: La Reforma. 1879.

<sup>163</sup> ALLIOT, Enrique. *Elementos de Historia y Geografía*. Asunción: La Democracia, 1884.

<sup>164</sup> MAÍZ, Fidel. *Pequeña geografía (para los niños de la escuela de Arroyos y Esteros)*. Asunción: edición del autor, 1890.

<sup>165</sup> TELESCA, Ignacio. *La guerra en la escuela. Textos de lectura y celebraciones escolares en el Paraguay de fines del XIX e inicios del XX* in *Folia Historica del Nordeste*, IIGHI-IH-CONICET/UNNE-pp. 131-150, Chaco, diciembre 2015.

Neste mesmo ano, Enrique López publicou o livro de Manuel Mendoza *El Lector Paraguayo* defendendo as ações do Solano López.<sup>166</sup> Em 1896, Blas Garay publicou, em Madri, o livro *Compendio Elemental de Historia del Paraguay*.

### **Compendio de Geografía e História del Paraguay**

O livro *Compendio de Geografía e História del Paraguay*, de Leopoldo Gomez de Terán e Próspero Pereira Gamba, trata sobre a formação do Paraguai até a Assembleia Constituinte, no imediato pós-guerra. Para esta pesquisa, foram analisadas duas edições, de 1879 e de 1920, que foi organizada pelo político, matemático e geógrafo Hector Decoud (1857- 1930).

A dedicatória da obra foi escrita em 1º de setembro de 1878, oito anos após o fim da guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, por Leopoldo Gomez de Terán, onde o autor descreve que teria sido convidado pela “Junta Economica-Administrativa de Asunción” para ocupar o cargo de diretor das escolas municipais de Assunção. Nesse período teria percebido a falta “absoluta” de um compêndio de história e geografia do Paraguai, o que estaria dificultando o ensino dos alunos. Por isso, Leopoldo Terán teve a ideia de escrever um livro sobre o tema, contando com a ajuda do doutor Próspero Pereira Gamba.

Em 31 de dezembro de 1878, o livro foi apresentado por José Falcon à comissão do Colégio Nacional de Assunção para análise do texto. Este conselho devia deferir se a obra estava de acordo com os interesses daquela comissão e consequentemente do governo. A obra foi aprovada em 3 de janeiro de 1879, e a Comissão do Colégio Nacional decidiu pela utilização da obra nas escolas de Assunção, recomendando a compra de 500 exemplares.

O compendio de Terán e Gamba se tornou o livro oficial das escolas paraguaias por longo período.

### **Pontos centrais do livro**

Sobre a independência paraguaia, Terán e Gamba apresentaram Fulgencio Yegros e Pedro Juan Caballero como criadores do plano: “[...] Fulgencio Yégros y Pedro Juan Caballete concibieron el plan de destituir al gobernador y proclamar la independencia del Paraguay.”<sup>167</sup>

<sup>166</sup> MENDOZA, Manuel de. *El lector paraguayo*. Asunción: Tallares Nacionales de H. Kraus. 1896.

<sup>167</sup> Id. ib. p. 110.

José Gaspar Rodríguez de Francia, mesmo participando ativamente de todo o processo revolucionário e do governo de transição, não recebeu nenhum destaque pelos autores, sendo apresentado como personagem secundário.<sup>168</sup> Isso começou a mudar a partir da descrição sobre o Segundo Congresso Geral do Paraguai, de 1º de outubro de 1813, que com a participação de mil deputados, entre outras medidas, ratificou a independência paraguaia e, por aclamação, elegeu como cônsules José Gaspar Rodríguez de Francia e Fulgencio Yegros.

Terán e Gamba afirmam que Francia e Yegros estavam em perfeito acordo na ideia de banir o elemento monárquico, porém não concordavam em outros assuntos, principalmente na questão da independência: “[...] porque Yégros deseaba la incorporacion de su pátria a las Provincias Unidas y Francia temia la dominacion de Buenos Aires como la de los españoles.”<sup>169</sup>

Na 16ª edição do livro, do ano de 1920, Hector Decoud alterou o texto, com o objetivo de denigrir Francia: “[...] pero mientras Yegros solo deseaba la completa independencia y libertad de su patria, Francia ambicionaba sujetarla al dominio de su poder absoluto, triturando toda frente que pudiera erguirse sobre las demás.”<sup>170</sup>

Percebe-se mudança importante na redação do texto. Para Hector Decoud, Fulgencio Yegros queria a independência absoluta do Paraguai, diferente da versão original de Terán e Gamba, onde afirmam que Fulgencio Yegros queria anexar o Paraguai a Argentina e Francia estaria defendendo a independência absoluta.

Este foi o primeiro momento, na obra, em que os autores destacam a luta de José Gaspar Rodríguez de Francia pela construção da independência paraguaia.

Os autores afirmaram que Fulgencio Yegros era mais popular, porém José Gaspar de Francia se destacava por sua luta pela independência: “La mayoría de la representacion nacional estaba por Yégros, que era popularísimo y gozaba de las mayores simpatias personales, pues se distinguia como político y guerrero”<sup>171</sup> Entretanto, “apesar de ser antipático a muitos, gozava da fama de doutor, justiceiro e patriota” teria se destacado por sua energia na luta pela independência absoluta.

---

<sup>168</sup> Id. ib. p. 113.

<sup>169</sup> Id. ib. p. 119.

<sup>170</sup> DECOUD, Hector in TERAN, Leopoldo Gómez de. e GAMBÁ, Próspero Pereira. *Compendio de Geografía e Historia del Paraguay*. Asunción: Imprensa de La Reforma, 1920. p. 85.

<sup>171</sup> TERÁN, Leopoldo Gómez de. y GAMBÁ, Próspero Pereira. *Compendio de Geografía e Historia del Paraguay*, Asunción: La Reforma. 1879. p. 120.

Terán e Gamba afirmam que Francia teria utilizado a força do exército para amedrontar os delegados e ser eleito cônsul.<sup>172</sup> Nessa perspectiva, Francia só teria vencido a eleição por manipular e amedrontar os delegados. Deste modo, o foco dando pelos autores está no “amedrontamento” e não na ideia da independência absoluta do Paraguai, que seria provavelmente a causa de sua eleição.

Os autores citam as ações “positivas” de Francia, mas relativizam seus atos, como exemplo, ao tratar sobre o ato do Ditador abrir mão do soldo de 9 mil pesos anuais, para receber apenas um terço. Em seguida, citam um fato ruim, como proclamar a ditadura. Ato que resultou, para os autores, em que o exército se revoltasse contra ele. Uma situação que só seria resolvida graças à intervenção do “generoso” Fulgencio Yegros e do “valente” Caballero, “que supieron apaciguar el descontento, sacrificando a la tranquilidad pública sus afectos y sus aspiraciones.”<sup>173</sup> Na edição de 1920, Hector Decoud afirma que as ações positivas de Francia, como diminuir seu soldo, era apenas por popularidade.

Conforme Terán e Gamba durante seu governo, Francia foi extinguindo os germes da democracia e passou a estabelecer reformas “radicales”, visando se perpetuar no poder. Aboliu a inquisição, estabeleceu a liberdade de comércio em troca de armas e elementos de guerra e fechou a linha de defesa das fronteiras.<sup>174</sup>

### Os países vizinhos

Sobre as relações com os países vizinhos, Terán e Gamba destacam que Francia teria usado essa questão como pretexto para estabelecer um governo permanente: “[...] convoco extraordinariamente el congreso, para consultarlo, aparentemente, sobre los peligros y dificultades de la situacion, pero, en realidad, para consolidar mas el absolutismo de su gobierno.”<sup>175</sup> Para os autores, esta foi uma forma de Francia se manter no poder absoluto.

Mesmo dando a entender que não havia razões para a centralização política de Francia, na sequencia do texto, os autores descrevem os problemas postos pelos conflitos no Prata: a luta na Argentina, as forças de Artigas, os interesses dos portugueses sobre Montevideo e o Paraguai. “Con motivo de la guerra civil en el Rio de la Plata, los

---

<sup>172</sup> Id. ib. p. 120-121.

<sup>173</sup> Id. ib. p. 121.

<sup>174</sup> Id. ib. p. 122,

<sup>175</sup> Id. ib. p. 122.

portugueses volvieron á sus pretensiones sobre Montevideo y el Paraguay y desolaron otra parte de las Misiones. ”<sup>176</sup>

Esses acontecimentos levaram Francia a isolar o Paraguai: “[...] cuando la anarquia llevada á su colmo en ambas orillas del Plata, y la aproximacion de los ejércitos portugueses obligó á Francia a cerrar los puertos de la república, prohibir la salida de los habitantes del pais y no permitir la libre entrada de personas de fuera. ”<sup>177</sup>

Entretanto, Terán e Gamba acreditavam não ter justificativa para o isolamento do Paraguai.

El ideal de Francia era que nada se pensara; nada se hiciera en el Paraguay sin su prévio conocimiento, y para realizarlo no retrocedía ante ningún desmán. Así mandó prender al ilustre Bompland por el mero hecho de haber éste plantificado un establecimiento de yerba, sin pedirle autorización. Desde el hogar hasta el patíbulo, la sociedade entera debía ser como una máquina movida por un ressorte en la mano del tirano.<sup>178</sup>

Francia teria isolado cada vez mais o país e seguia sua “misteriosa” política: “[...] fundada, segun dijo en su nota de 13 de agosto [1823], en la necesidad de evitar la anarquia y de formar un pueblo de todo independiente que se bastase á si mismo. ”<sup>179</sup>

Após esse período, o Paraguai teria vivenciado uma época de calma, onde Francia teria conseguido acalmar seu espírito e começado a reedificar a capital. Em pouco tempo ele teria realizado melhorias no país, graças ao auxilio das classes trabalhadoras do povo, mas em prejuízo a muitos dos antigos proprietários: “[...] a quienes se les derribaron sus casas y se les depojaron de sus sítios y solares sin compensación alguna. ”<sup>180</sup>

No geral, os autores Terán e Gamba descrevem José Gaspar Rodríguez de Francia como um homem ambicioso, cruel e vingativo, tendo como grande propósito era dominar o Paraguai. Destaque-se que os autores explicitam talvez em forma inconsciente o viés de Francia pelas classes populares e oposição ao patriciado. Durante seu reinado de terror: “[...] los mas notables de la república fueron reducidos á prision, assegurados con grilos, y sometidos á la tortura: entre ellos muchos de los próceres de la independencia paraguaya y vários naturales de las provincias limítrofes establecidos de largo tiempo. ”<sup>181</sup>

---

<sup>176</sup> Id. ib. p. 124.

<sup>177</sup> Id. ib. p. 124.

<sup>178</sup> Id. ib. p. 135.

<sup>179</sup> Id. ib. p. 137.

<sup>180</sup> Id. ib. p. 137.

<sup>181</sup> Id. ib. p. 129.

Francia teria a crueldade por hábito e buscava vinganças pessoais como contra a família Zavala: “[...] de quien tenía la queja de no haber aceptado la propuesta de matrimonio que había hecho a la señora que por entonces era esposa de don Juan José Machain, sujeto a quien hizo fuzilar, después de 15 años de prisión.”<sup>182</sup>

Terán e Gamba afirmam que com a morte a José Gaspar de Francia, em 20 de setembro de 1840, povo chorou:

El pueblo, cuando tuvo certeza de la muerte de Francia, en vez de alegrarse por este golpe providencial que le devolvía la libertad, la cual había sacrificado por la independencia, concurrió en tropel á la sala mortuaria y lloró á gritos la desapacion de su tirano, á quién, apesar de todas sus faltas, consideraba como el principal fundador de la nacionalidade paraguaya.<sup>183</sup>

Na primeira versão do livro, os autores se limitaram a descrever que o povo chorou a morte de Francia, pois via nele o principal fundador da nacionalidade paraguaia. Na 16ª versão, de 1920, corrigida e ampliada por Hector Decoud, a atitude do povo paraguaio foi justificada como uma demonstração da situação de submissão e espanto em que Francia havia reduzido o Paraguai:

El pueblo, para salvar su independencia, que creía amenazada, se había dado un amo, y éste, azotándolo y aislándolo de todo contacto de civilización, llegó a depojarlo enteramente de vida física y moral, convirtiendo aquel pueblo, que había visto por un momento brillar en su horizonte las ideas de libertad y justicia, en una masa sumisa, sin aspiraciones, resignada a sus desgracias, y dispuesta a acatar todos los desmanes del poder. Hé aquí la obra del despotismo.<sup>184</sup>

Deste modo, Francia teria transformado o povo em uma massa submissa e incapaz de reagir aos desmandos do ditador.

Los pueblos no abdican impunemente sus derechos, y las tristes consecuencias del gobierno de Francia son una prueba más de que un país, para progresar y desarrollarse debe preferir, aún a costa de sacrificios, las agitaciones, de las instituciones, a la quietud de las tiranías.<sup>185</sup>

---

<sup>182</sup> Id. ib. p. 138.

<sup>183</sup> Ib. ib. p. 142.

<sup>184</sup> DECOUD, Hector in TERAN, Leopoldo Gómez de. e GAMBÁ, Próspero Pereira. *Compendio de Geografía e Historia del Paraguay*. Asunción: Imprensa de La Reforma, 1920. p. 105.

<sup>185</sup> Id. ib. p. 106.

Segundo os historiadores Richard Alan White e Mário Maestri, ao contrário, o Estado francista estava apoiado na classe camponesa [chacareros], que via nele um representante do povo.<sup>186</sup>

### Carlos Antonio López

Terán e Gamba destacaram que Carlos Antonio López buscou centralizar o poder em suas mãos. Em 16 de março de 1844, criou a lei que concentrava o poder público em uma só magistratura denominada poder executivo permanente, determinava também que o governo teria duração de dez anos, podendo ser reeleito; o presidente teria poderes de chefe militar, político, civil e religioso, além de limitar as garantias individuais.<sup>187</sup> Seria uma forma de limitar a participação, o espírito liberal e fortalecer o poder do presidente.

Os autores afirmam que Carlos Antonio não aceitava oposição. Durante a eleição para presidente o único deputado que teria se levantado em sua oposição foi Juan Bautista Rivarola que acabou sendo expulso do Congresso.<sup>188</sup>

Em princípio, o governo teria sido positivo, com regulamentação de leis relacionadas à Igreja, educação e à independência. Porém, essa perspectiva teria mudado com o rompimento das relações com a República Argentina e o comércio: “Tales decretos mataban por completo el comercio del Paraguay.”<sup>189</sup>

Sobre as ações de Carlos Antonio, Terán e Gamba destacaram que estaria tentando atrair imigrantes para o Paraguai com um decreto que dava direito de cidadania a todo estrangeiro que prestasse serviço importante ao Estado. Não permitia aos estrangeiros casar-se com mulheres paraguaias sem autorização do governo; criou um exército e uma força nacional respeitável; fomentou a indústria e a agricultura, principalmente de tabaco e erva mate, fundou o jornal *El Paraguay Independiente* e não deixou de investir na instrução pública, aumentando o número de escolas elementares.<sup>190</sup>

Em 1850, teriam surgido as primeiras dificuldades com o Império do Brasil devido às questões de limites:

El Brasil queria extender los suyos hasta el rio Apa y ocupaba el Pan de Azúcar de donde fué desalojado por los paraguayos que reclamaban por limites el rio

<sup>186</sup> Cf. MAESTRI, Mário. *Paraguai: A República Camponesa (1810-1865)*. Porto Alegre: FCM. 2015, 250 pp. WHITE, Richard Alan. *La primeira revolución radical de America: La Política económica de la independencia: Paraguay*. Asuncion: 1984. 326 pp.

<sup>187</sup> TERÁN, Leopoldo Gómez de. y GAMBA, Próspero Pereira. *Compendio de Geografía e Historia [...] Ob. cit. p. 150.*

<sup>188</sup> Id. ib. p. 151.

<sup>189</sup> Id. ib. p. 152.

<sup>190</sup> Id. ib. p. 153.

Blanco. Este asunto dió lugar á una ruptura con el gobierno imperial que retiró su plenipotenciario de la Asunción.<sup>191</sup>

É o primeiro momento do livro em que os autores destacam as relações com o Império do Brasil. As relações seguiram rompidas até 1855, quando o Império enviou uma esquadra comandada por Pedro Ferreira de Oliveira para tentar uma retaliação do Paraguai.

Em 29 de novembro de 1854, o imperador Pedro 2º e o ministro dos Negócios Estrangeiros do Império, Antonio Paulino Limpo de Abreu, assinaram dois documentos endereçados ao governo paraguaio, sobre as questões pendentes entre o Império e o Paraguai, documentos estes que só foram entregues em 20 de fevereiro de 1855, quando a esquadra imperial chegou ao Paraguai.

Conforme o historiador Fabiano Barcellos Teixeira a expedição foi liderada por Pedro Ferreira de Oliveira, chefe da marinha imperial e político, que contava com a confiança do imperador. Em 10 de dezembro de 1854, a expedição partiu do Rio de Janeiro, contando com mais de trinta navios de guerra, armados com 150 canhões e cerca de três mil soldados. Era a diplomacia da canhoneira chegando ao Paraguai.<sup>192</sup>

Apesar de sua força militar a expedição imperial não conseguiu alcançar seu objetivo e Pedro Ferreira de Oliveira foi obrigado a aceitar a via pacífica de acordo, pois seria um suicídio querer atacar o Paraguai. Esse acontecimento assinalava que a guerra estava por vir.<sup>193</sup>

Em 1854, Carlos Antonio López foi reeleito presidente por mais três anos e em 1857 foi novamente eleito. Seria ele admirado pelo povo: “López continuó sus trabajos civilizadores, entre los cuales merece mencion la construcción de un caminho de hierro, progreso que ningun Estado del Rio de la Plata registra antes del Paraguay.”<sup>194</sup>

Os vinte anos de governo foram descritos como uma *laboriosa administracion*:

No puede desconocerse que los actos de la administracion de López dieron por resultado el desarrollo de la riqueza del pais. Em efecto la marcha progresiva del comercio, el aumento creciente de la exportacion, el establecimiento de un notable astillero y de una funderia de hierro; la apertura de nuevos caminos; la canalizacion de rios; la construccion de edificios públicos, de muelles y de

---

<sup>191</sup> Id. ib. p. 153.

<sup>192</sup> TEIXEIRA, Fabiano Barcellos. *A primeira guerra do Paraguai*. Passo Fundo: Méritos, 2012.

<sup>193</sup> TERÁN, Leopoldo Gómez de. y GAMBÁ, Próspero Pereira. *Compendio de Geografía e Historia [...]* Ob. cit. p. 155.

<sup>194</sup> Id. ib. p. 156.



una vía férrea son hechos tangibles que derramaron el bienestar em toda la república.<sup>195</sup>

Os autores elogiam os feitos de Carlos Antonio López, mas destacam que houve falta completa de progresso moral que dá ao povo consciência de seus direitos e deveres: “El réjimen político de López fué inspirado por aquel fatal sistema que coloca la voluntad de un hombre en lugar de la del pueblo y de las prescripciones de la ley.”<sup>196</sup>

Os autores encerram a parte fazendo dura crítica a Carlos Antonio López devido à cega obediência exigida à população paraguaia: “[...] la libertad no fué sino una vana palabra; la justicia el capricho de un hombre, y el sistema representativo una forma ridícula que solo sirvió para sancionar el despotismo.”<sup>197</sup>

A forma de governo de Carlos Antonio López seria um despotismo e o governo não teria sido ainda mais autoritário por que havia homens de coragem para minimizar a rigidez e severidade de Carlos Antonio López. Homens como Andrés Gill, José Falcon, Nicolas Vasquez, Francisco Sanchez, José Bergues, Gregorio Benites y Benito Varela.<sup>198</sup>

### **Francisco Solano López**

Sobre Francisco Solano López, Terán e Gamba destacam que era um homem culto e amante do progresso. Teria herdado a presidência através do testamento de seu pai. Participou de missões na Europa onde ratificou tratados de amizade, comércio e navegação com França, Inglaterra e Sardenha “[...] tratados que consagraran por la primera vez la libre navegación por esta aguas fluviales”.<sup>199</sup> Em 1859, Solano López mediou acordo de paz entre as províncias argentinas: “Gracias a la accion, á la voz enérgica y conciliadora, que desplego en aquella circunstancia se firmó la paz de 1860 [...]”.<sup>200</sup> Nesta descrição Solano López aparece muito diferente do tradicional tirano sanguinário descrito pela historiografia aliancista/legionária.

Francisco Solano López teria sido eleito com a maioria dos votos e teria se comprometido em fazer um bom governo. Os delegados viam com otimismo o novo governo. Porém, os primeiros atos de Solano teriam sido de perseguição a alguns

---

<sup>195</sup> Id. ib. p. 156.

<sup>196</sup> Id. ib. p. 157.

<sup>197</sup> Idem.

<sup>198</sup> Idem.

<sup>199</sup> Id. ib. p. 158.

<sup>200</sup> Idem.

membros do Congresso que expuseram opinião de que o governo não devia ser hereditário.<sup>201</sup>

O governo foi formado por José Berges para as relações exteriores, Francisco Sánchez para o interior, Mariano Gonzalez para a fazenda e o coronel Venancio López para a guerra.

As ações de Solano López estariam voltadas para a guerra e para a construção de obras públicas:

La accion administrativa de López se dirijió principalmente á fomentar la marina de guerra, á organizar un ejército, estableciendo en Cerro-Leon un campamento militar en que adiestraba 50.000 hombres y á construir obras públicas de las cuales quedan como monumentos notables, aunque inconclusos, el palacio de su nombre, el panteon ú oratório de la Asunción y el teatro nuevo.<sup>202</sup>

Os autores não fizeram maiores explicações sobre o investimento na guerra.

### **Guerra do Paraguai**

Ao tratar do tema da Guerra do Paraguai, Terán e Gamba apresentam significativo avanço, ao descrever o contexto platino, destacando a situação conflituosa no Uruguai, invadido pelo general Venâncio Flores e pelo ultimato Saraiva, enviado pelo Império do Brasil, exigindo uma reparação aos súditos brasileiros vivendo no norte daquele país.

Solano López teria se oferecido para mediar um acordo entre as partes: “En aquella ocasion, y á solitudine del gabinete de Montevideo, el Paraguay ofreció su mediacion al Brasil que no creyo necessario aceptarla, confiando en un pacífico arreglo de la cuestion que se agitaba. ”<sup>203</sup>

Ele estaria preocupado com a manutenção da independência do Uruguai para a segurança do Paraguai:

Sin embargo el ultimatum de Saraiva no daba lugar á esperar un tal arreglo, y Solano López que veia en el mantenimiento de la independencia del Estado Oriental una garantía para la seguridad y prosperidade del Paraguay, dirijió al Brasil una nota, con fecha del 30 de agosto, protestando de la manera mas solenne contra la ocupacion de un punto cualquiera del Uruguay por parte de las fuerzas brasileiras.<sup>204</sup>

---

<sup>201</sup> Idem.

<sup>202</sup> Id. ib. p. 159.

<sup>203</sup> Id. ib. p. 160.

<sup>204</sup> Id. ib. p. 160.

Terán e Gamba apresentam o contexto do Uruguai como causa do início da guerra. Como o gabinete imperial não deu importância ao protesto paraguaio e em 16 de outubro de 1864, o exército imperial ocupou o território de Montevideu, Solano López atacou o Império do Brasil:

Este hecho provocó los ataques de López: el 16 de noviembre de 1864 el vapor brasileiro Marques de Olinda que llevaba á su bordo al presidente de la provincia de Matto Grosso, fué capturado al pasar por las aguas del Paraguay, y un mes despues un cuerpo de tropas paraguayas, a las ordenes del general Barrios, invadio la provincia de Matto Grosso.<sup>205</sup>

Com relação a República Argentina, o rompimento teria ocorrido quando Solano López se apoiando no precedente criado pela Argentina, em 1855, ao permitir a passagem da esquadra de Pedro Ferreira de Oliveira, pediu permissão para passar pelo território de Corrientes e general Bartolomé Mitre negou: “Al recibir esta nota el mariscal López convocó extraordinariamente al congreso, el cual aprobó la conducia del poder ejecutivo, y el 18 de marzo declaró la guerra al Estado Argentino.”<sup>206</sup> Neste momento teria ocorrido a formação da Tríplice Aliança.

Conforme os autores, a ideia de Solano López era atacar ao mesmo tempo os três inimigos: “[...] al norte por los cuerpos de los generales Bárrios y Resquin, y al sud por las fuerzas al mando de Róbles, Duarte y Estigarribia.”<sup>207</sup>

Aos autores descrevem resumidamente as ações das tropas paraguaias e destacam a resistência, o valor e o patriotismo do soldado paraguaio, que não se entregava:

El 17 de agosto el cuerpo de Duarte, que solo contaba 2500 hombres, fué atacado por la vanguardia enemiga compuesta de 15000 hombres al mando del general Flóres. La desproporcion era inmensa; sin embargo, resistieron los paraguayos á toda intimacion de rendirse, y solo cesó el combate cuando fueron completamente aniquilados, leganfo así a la posteridade un glorioso ejemplo de valor y patriotismo.<sup>208</sup>

O próprio general Estigarribia teria se rendido para não sacrificar seus homens. Terán e Gamba citaram resumidamente as principais batalhas: estero Bellaco, Curupaití, Tuiutí, Humaitá, Itororó, arroio Avay e Itá Itabé. Batalhas em que o Paraguai foi heroicamente defendido pelo general Caballero.

---

<sup>205</sup> Id. ib. p. 160.

<sup>206</sup> Id. ib. p. 161.

<sup>207</sup> Id. ib. p. 161.

<sup>208</sup> Id. ib. p. 162.

Bartolomé Mitre teria proposto a paz a Francisco Solano López:

Entonces López, que durante los días de acción había rechazado toda intimación de rendirse, aun la propuesta del general Mitre para hacer la paz mediante su separación del mando supremo, se retiró con pocos hombres hacia Cerro-Leon, habiendo antes ensangrentado sus manos con la muerte de su hermano Benigno, del obispo Palacios, de Bérge y del coronel Alen, que mandó fusilar el día 25 de diciembre por sospechas de conspiración contra él.<sup>209</sup>

Os autores não trazem maiores informações sobre a conferência de Itaiti Cora em 12 de setembro de 1866, onde López propõe a paz afirmando estar disposto a negociar sobre tudo, navegação, fronteiras, só não aceitaria entregar o controle do país aos aliados.<sup>210</sup>

Para os autores, Solano López não aceitava deixar o poder, acreditava sofrer conspirações, por isso, teria mandado matar mais de mil pessoas:

Com este mismo pretexto de conjuración contra su persona, que el había identificado con la patria, y por cuyo motivo no dejaba el poder, ni transigia con amigos ni enemigos que le demandaran la paz, hizo fusilar, en el curso de la guerra, mas de mil individuos, de las primeras hasta las últimas categorías sociales, sin distinción de sexo ni edad, entre nacionales y extranjeros, por lo cual mereció, con justicia, el título de tirano.<sup>211</sup>

A crueldade de Solano López teria servido para piorar a sorte do Paraguai: “[...] la opinión del país y a mayor odiosidad de sus adversários, contribuyó á precipitar las operaciones militares con la seguridad de aquel éxito que se debe al estímulo de una causa legitima por la fuerza de las eventualidades.”<sup>212</sup>

Terán e Gamba encerram este tópico falando sobre a tomada de Assunção pelos aliados, da retirada de marquês de Caxias, por acreditar que a guerra estava terminada e da fuga de Solano López, até sua morte em 1º de março de 1870.

## Pós-guerra

---

<sup>209</sup> Id. ib. p. 165.

<sup>210</sup> MAESTRI, Mário. *Guerra Sin Fim: La Triple Alianza contra el Paraguay. La Campaña defensiva 1866-1870*. Asunción: Intercontinental Editora. 2018. p. 172.

<sup>211</sup> TERÁN, Leopoldo Gómez de. y GAMBÁ, Próspero Pereira. *Compendio de Geografía e Historia [...] Ob. cit. p. 165.*

<sup>212</sup> Id. ib. p. 166.

Ao tratar sobre o triunvirato, Terán e Gamba citam a formação da legião paraguaia, que estariam lutando contra o tirano Solano López, mas não contra o povo. Visão defendida pelos aliancistas.

Quando as forças aliancistas tomaram a capital em 1º de janeiro de 1869, os legionários lhe acompanharam:

Así cuando los aliados entraron en la Asuncion el 1º de enero de 1869, ocupando militarmente las villas del Pilar, Rosario y Concepcion, la isla del Cerrito, el distrito de la Trinidad y otros puntos litorales y dominando el río con sus embarcaciones, para proteger la toma de la capital, parte de la referida legion le precedía como conductora, y outra marchaba en la retaguardia haciendo el camino por tierra desde el passo de los Libres.<sup>213</sup>

Os legionários teriam conduzidos as forças aliancistas até a tomada da capital.

Sobre a população paraguaia após a guerra os autores afirmam que a situação era tão ruim que a população forasteira que chegou ao Paraguai, teve que ajudar a nativa: [...] ocurrió uno de los hechos mas característicos del aniquilamento del país, por causa de la prolongacion de la guerra, y fué el de que esta poblacion advenediza tuvo que brindar hospedaje y conceder hospitalidade á los restos de la legítma poblacion disseminada, hambrienta y desnuda que retornabá á sus hogares despues de la dolorosa peregrinacion á la cordillera.<sup>214</sup>

Porém, Terán e Gamba não propõem que a situação da população paraguaia só estava assim devido a guerra, mas sugerem que os aliancistas tiveram grande culpa nesse processo de destruição das camadas populares.

### **Formação do triunvirato**

Seguindo as normas do Tratado da Tríplice Aliança, um conselho formado por 21 membros nomeou, em 22 de julho de 1869, um triunvirato composto por Cirilo Antonio Rivarola, Carlos Loizaga y José Díaz de Bedoya, o qual teria sido proclamado e aceito pelo povo no dia 15 de agosto, jurando: “[...] promover la felicidad de la patria, defender sus derechos y acabar con los restos de una tirania casi expirante que prolongaba la mas calamitosa de las guerras. ”<sup>215</sup>

---

<sup>213</sup> Id. ib. p. 167.

<sup>214</sup> Id. ib. p.168.

<sup>215</sup> Id. ib. p. 168.

Os autores destacaram que após a criação da Constituição Liberal o Paraguai estaria livre do flagelo do despotismo, pronto para se levantar e ocupar seu lugar ao lado das nações irmãs:

Mas para ello es preciso que sus hijos sepan conservar y perfeccionar las libres instituciones que han conquistado con una larga série de sufrimientos; y sin duda que el mejor medio para conseguirlo es ir propagando la instruccion hasta las últimas clases sociales, pues un pueblo sólo es verdaderamente libre cuando sale de la ignorância.<sup>216</sup>

A obra *Compendio de Geografía e Historia del Paraguay*, de Leopoldo Gomez Terán e Próspero Pereira Gamba foi produzida nove anos após o final de guerra. É uma obra nacional, mas escrita por autores estrangeiros [napolitano e colombiano]. Tinha por objetivo subsidiar os estudantes paraguaios. Nela, os autores menosprezaram o papel de Francia na construção e consolidação da independência paraguaia. Esta teria sido conduzida por Fulgencio Yegros e Pedro Juan Caballero. Porém, foram menos exaltados que a visão aliancista/legionária dominante naquele momento. Em alguns aspectos foram até imparciais. Apesar das críticas, afirmaram que Francia se apoiara nas classes plebeias, que o povo chorou sua morte, pois via nele o fundador da nacionalidade paraguaia.

Terán e Gamba apontaram brevemente para os conflitos no Prata, apesar de acreditar que isso não justificariam o isolamento de Francia. Com relação ao lopismo, apresentaram importante abertura caracterizando o governo de Carlos Antonio López como administração laboriosa, de desenvolvimento e riqueza, apesar de ser marcado pela falta de moral e de liberdade. Solano López, para além, da tradicional descrição de tirano sanguinário, foi caracterizado como homem culto, amante do progresso e capaz de ações diplomáticas e mediação de conflitos.

### **Compêndios de História do Paraguai Os Anos 1880**

Em 1884, o professor Enrique Alliot publicou, em Assunção, o livro *Elementos de Historia y Geografía*, pela imprensa *La Democracia*.<sup>217</sup> O livro possui 50 páginas e está organizado em quatro partes: historia particular del Paraguay; Vida y viajes de Colon, hasta el momento de su muerte; Las diferentes formas de gobierno; Geografía, que comprende: Cosmogrofia, divisiones naturales de la tierra y agua, y division física de la

---

<sup>216</sup> Id. ib. p. 170.

<sup>217</sup> ALLIOT, Enrique. *Elementos de Historia y Geografía*. Asunción: La Democracia, 1884.

Europa y Continente Americano. O texto foi dedicado ao secretário de Estado e Ministro de Relações Exteriores José Segundo Decoud.

Sobre os governantes paraguaios, após a independência Enrique Alliot afirmou que José Gaspar Rodríguez de Francia ambicionava o poder, por isso convocou extraordinariamente o congresso para nomeá-lo ditador perpetuo, seu governo teria sido de despotismo e jugo de ferro.<sup>218</sup> Carlos Antonio teria dado continuidade ao sistema despótico de Francia: “El réjime político de López fué el de seguir el fatal sistema, desconociendo la soberania del pueblo y las prescripciones de la ley y adoptando una forma ridícula, para mejor sancionar el despotismo.”<sup>219</sup> Francisco Solano López teria manipulado as eleições, que não teriam passado de uma farsa:

[...]se reunieron en la capital los diputados por los noventa y dos partidos de la República, se instalaron en el Cabildo, que fué rodeado por un gran número de tropas mandadas por el mismo que solicitava sus votos; esto, por supuesto, imedia la libertad de obrar y aun de discutir.<sup>220</sup>

A primeira medida de Solano López ao assumir o poder teria sido mandar aumentar seu soldo até a soma de cinquenta mil pesos fortes.

Mesmo de modo resumido, Enrique Alliot critica todas as ações dos governos paraguaios. Como exemplo, podemos citar a missão de Solano a Europa, em 1854:

En 1854 fué á Francia e Inglaterra, con el objeto de negociar un tratado de paz y comercio entre estos dos Estados y el Paraguay: Permaneció em Paris largo tiempo, de donde introdujo dos novedades: el uniforme francés para los oficiales, y una querida para si mismo, llamada madama Eloisa Lynch; este último fué el passo mas fatal que dió en su vida, puesto que esta señora ocupó por fin un lugar muy importante en los negocios del Paraguay, y que por sus malos consejos fué la causa de la terrible guerra que há arruinado completamente al pais.<sup>221</sup>

Sem qualquer contextualização, Enrique Alliot atribuiu a culpa da guerra a Elisa Lynch que, com seus maus conselhos, teria levado o Paraguai a terrível guerra.

Sobre o Uruguai, o autor limitou-se a dizer que no final da presidência de Bernardo Berro (1803-1868) o país passava por turbulência e que em agosto de 1864, o Brasil enviou o ministro José Antônio Saraiva (1823-1895) para exigir uma reparação dos “danos” ocasionados a súditos brasileiros, este teria sido muito mal recebido e seus

---

<sup>218</sup> Id. ib. p. 5.

<sup>219</sup> Id. ib. p. 6.

<sup>220</sup> Id. ib. p. 7.

<sup>221</sup> Id. ib. p. 7.

pedidos respondidos com linguagem anti diplomática, isto teria dado origem ao ultimato Saraiva em 10 de agosto de 1864.<sup>222</sup>

Para Enrique Alliot, o Império do Brasil só teria se aliado a Venancio Flores (1808-1868) depois da carta de Solano López, de 30 de agosto de 1864, dizendo que o Brasil não teria direito de intervir nas questões dos países vizinhos e declarando que não permaneceria como simples expectador quando se tratava de violar o direito internacional: “Despues de esto el Brasil se alió con Flores y dió principio á la cruzada libertadora, con el bombardeo de la ciudad de Paisandú, y con el degüello del gefe enemigo, despues de la rendicion de la plaza.”<sup>223</sup>

Na sequência Enrique Alliot destacou os principais acontecimentos da guerra, como a invasão do Mato Grosso: “Aquel pueblo indefenso fué tratado con gran crueldade y entregado al mas atroz pillaje”,<sup>224</sup> a negativa de Bartolomé Mitre em permitir a passagem das tropas paraguaias em seu território; a reunião do Congresso que provou a declaração de guerra contra a Confederação Argentina; a invasão de Uruguaiana; e as principais batalhas da guerra.

O autor fez uma descrição geral, em sete páginas, sobre os principais acontecimentos da guerra, sem realizar qualquer contextualização ou aprofundamento sobre os acontecimentos.

Constituí, portanto, uma clara regressão em relação ao trabalho de Terán e Gamba que de forma germinal apontava indícios de revisão historiográfica contra a visão hegemônica ao destacar o desenvolvimento e boa administração de Carlos Antonio e o aspecto culto, mediador e amante do progresso de Solano López.

### **Pequeña Geografía: para los niños de la Escuela de Arroyos y Esteros**

Fidel Maíz nasceu em 8 de março de 1828, no povoado de Arroyos y Esteros, atual departamento de Cordilheira, Paraguai. Em 24 de abril 1853, foi ordenado sacerdote pelo bispo Basio López e teve papel importante na história paraguaia. Foi pároco no seu povoado natal, depois, em 1859, foi reitor do Seminario Conciliar de Asunción.

Fidel Maíz prestou os últimos auxílios espirituais ao presidente Carlos Antonio López, mas se opôs à candidatura de Solano López a presidência. Devido a isso, foi denunciado por traição pelo presbítero Manuel Antonio Palacios, fato que o lhe levou a

---

<sup>222</sup> Id. ib. p. 8.

<sup>223</sup> Id. ib. p. 8.

<sup>224</sup> Id. ib. p.8.



prisão: “O padre Fidel Maíz foi acusado de traição à pátria; de protestantismo, por possuir retrato de Lutero; de liberalismo, por ter em sua biblioteca obras de Voltaire, Rousseau, Victor Hugo. ”<sup>225</sup>

Fidel Maíz ficou preso de 4 de dezembro de 1862 até 8 de setembro de 1866, quando foi libertado para atuar na Guerra contra a Tríplice Aliança, no acampamento de Paso Pucú. Após a vitória de Curupayty, o mesmo teria recebido uma retratação pública de Solano López, foi incorporado ao exército como capelão atuando como fiscal de sangue no tribunal militar de San Fernando onde os acusados de traição eram condenados à pena de morte, entre eles seu antigo delator, o bispo Manuel Antonio Palácios.

No final da guerra, padre Fidel Maíz foi levado prisioneiro pelo Império do Brasil. Em 5 de dezembro de 1870, retornou a Assunção, não sendo bem recebido pelas autoridades eclesiásticas, sob a influência aliancista: “[...] el Frai Fidelis D’Avola, capuchino brasileiro, que con el título de Vicario Foráneo Apostólico interino gobernaba la diócesis del Paraguay, rechaza abiertamente tanto la presencia como el ejercicio sacerdotal del Padre Maíz [...]”.<sup>226</sup>

Representantes do novo governo o consideravam traidor por ter atuado ao lado de Solano López. Em 1874, se tornou administrador da diocese, função a qual renunciou em 1876. Em 1877, viajou a Roma onde obteve sua reabilitação canônica, o perdão do papa e se livrou das acusações contra sua pessoa. Em 1879, regressou a sua cidade natal, onde se dedicou ao ensino e a agricultura, mantendo, porém, sempre, ampla correspondência de fundo político. Fidel Maíz faleceu em 1920, aos 87 anos de idade<sup>227</sup>

Em 1886, o padre Fidel Maíz publicou o livro *Pequeña Geografía: para los niños de la Escuela de Arroyos y Esteros*. A obra dedicada aos conceitos da Geografia não aborda questões históricas, mas na apreciação do livro destinada a Ignacio Ibarra e dom Manuel A. Maciel, o autor abordou sobre a importância do ensino para as crianças paraguaias da necessidade de despertar o amor à pátria não apenas reproduzir textos estrangeiros e que todas as pátrias tiveram momentos difíceis e/ou seus tiranos, mas mesmo assim, precisamos seguir amando.<sup>228</sup>

<sup>225</sup> MAESTRI, Mário. *Paraguay [...]* Ob cit. p. 238-239.

<sup>226</sup> WATZLAWIK, María Viviana Paglialunga. *Fidel Maíz y su Pequeña Geografía: Documento de primera mano para el análisis de una ideología pedagógica a fines del siglo XIX*. Asunción. 2018. p. 4. No prelo.

<sup>227</sup> Cf. ZUBIZARRETA, Carlos. *Cien Vidas Paraguaias*. Asunción: Servilibro, 2011.

<sup>228</sup> MAÍZ, Fidel. *Pequeña geografía (para los niños de la escuela de Arroyos y Esteros)*. Asunción: edición del autor, 1890. p. VII-VIII.

Em 1887, durante o governo de Patricio Escobar (1886-1890), foi promulgada a lei de “Fomento de la Instrucción Pública” que obrigava a municipalidade a destinar 15% de seus recursos a educação primária e a criação do primeiro “Consejo Superior de Educación” e da “Superintendencia de Instrucción Pública”.<sup>229</sup>

Apesar de ter formalmente a educação como um de seus elementos principais para a civilização, o governo do pós-guerra e sua política *regeneracionista* não melhoraram as condições das escolas do interior do país. As poucas que existiam, estariam em más condições, com falta de professores, materiais didáticos e estrutura física.

Em Arroyos y Esteros, padre Fidel Maíz se dedicou a educação e foi a partir desta problemática que iniciou sua crítica aos governos liberais e ao modelo de educação do pós-guerra. Em 1880, Fidel Maíz construiu uma escola em seu povoado. Durante o discurso de inauguração, afirmou que a obra foi construída sem o auxílio do governo: “Nos pusimos, pues, a levantar las casas escolares desde los primeros meses del año 1880, sin auxilio alguno de parte del gobierno de la República”.<sup>230</sup> A escola teria 120 alunos.

Destacou também sobre a oposição de sofria por parte do governo:

(...) en la difícil y laboriosa regeneración de la Patria, en que todos sus hijos deben construir en la arena de su posibilidad; ¿no podré yo, piedra ladeada por los modernos edificadores, servir de ripio al menos en este ángulo de la juventud de mi partido natal, para levantar el pequeño edificio de su educación y enseñanza primaria, tan descuidada hasta el presente?<sup>231</sup>

Fidel Maíz questionou a falta de cuidado com a educação e ensino. Nos primeiros anos, a escola sofreu com atos de vandalismo, foram quatro tentativas incêndio. Em seu livro *Recuerdos de mi vida* destacou:

No pensé al menos que hubiese corazones tan degenerados, de tan negras palpitations contra un establecimiento inofensivo, asilo de la inocencia, como es la escuela; pero, tal odio y barbarie no eran, sin duda, directamente contra

<sup>229</sup>WATZLAWIK, María Viviana Paglialunga. *Fidel Maíz y su Pequeña Geografía*: Documento de primera mano para el análisis de una ideología pedagógica a fines del siglo XIX. Asunción. 2018. p. 7. No prelo.

<sup>230</sup>SCHUPP, Carlos Heyn Apud WATZLAWIK, María Viviana Paglialunga. *Fidel Maíz y su Pequeña Geografía*: Documento de primera mano para el análisis de una ideología pedagógica a fines del siglo XIX. Asunción. 2018. p. 7. No prelo.

<sup>231</sup> Idem, p. 12.

ella, sino contra su fundador y director gratuito, para habérsele prendido fuego.<sup>232</sup>

Devido a isso, Fidel Maíz teria deixado a escola e voltado a trabalhar na agricultura. Os ataques teriam sido ordenados por antigos inimigos. Dois anos depois ele retornou à administração da escola onde permaneceu até 1900 quando adoeceu.

### **Pequeña Geografía: segunda edición**

Seu livro *Pequeña Geografía para alumnos de Arroyo y Esteros* foi o primeiro a criticar o modelo de educação existente naquele momento. Era uma obra voltada para o estudo da realidade local dos alunos. Sua primeira edição é de 1886 e, nesta obra, trata sobre os aspectos geográficos do país, não abordava lições de história. Como veremos, é trabalho de claro sentido revisionista, escrito dois anos antes da chegada de Enrique Solano López ao país.

A segunda edição foi publicada em 1890, possuía 196 páginas, teve tiragem de mil exemplares que foram adquiridos pelo *Ministerio de Instrucción Pública*. Não há documento que comprovem que o governo havia aprovado o livro.

Segundo a historiadora Viviana Paglialunga:

Lo cierto y lo concreto es que se comprueba la distribución del mismo con un documento fechado el 19 de febrero de 1888, en la cual José Parodi, preceptor de una escuela de Luque, solicita al Presidente del Superior Consejo de Educación libros de textos y útiles necesarios para la escuela a su cargo. En la mencionada lista, figura entre los demás útiles, dos unidades de “Geografías del Paraguay Padre Maíz.”<sup>233</sup>

Antes de sua publicação, o livro foi analisado por uma comissão do Conselho de Educação para definir se poderia ser utilizado em todas as escolas.

A grande riqueza, desta segunda edição, está na presença de um conjunto de cartas e artigos escritos pelo padre Maíz e por autoridades políticas e educacionais da época,

<sup>232</sup> MAÍZ, Fidel. *Recuerdos de mi vida* apud WATZLAWIK. María Viviana Paglialunga. *Fidel Maíz y su Pequeña Geografía: Documento de primera mano para el análisis de una ideología pedagógica a fines del siglo XIX*. Asunción. 2018. p. 15. No prelo.

<sup>233</sup> WATZLAWIK. María Viviana Paglialunga. *Fidel Maíz y su Pequeña Geografía [...] Ob. cit. p. 7*. No prelo.

que formam uma espécie de capítulo, com 40 páginas, denominado “Antecedentes y apreciaciones diversas de la Pequeña Geografía correspondientes a la segunda edición”.

Este “capítulo” contém cartas de Fidel Maíz dirigidas a Ignacio Ibarra (março de 1886) e Manuel Maciel (agosto de 1887); Carta de resposta de R. Zubizarreta a Manuel Maciel (Junio 26 de 1888); e carta de resposta de padre Maíz a Manuel Maciel (10 de julho de 1888); Artigos “Geografía del Paraguay por el Padre Maíz”, publicado no jornal *La Democracia* (8 de novembro de 1887); “Importancia y utilidad de la *Pequeña Geografía* para su adopción como texto de enseñanza en las escuelas”, artículo assinado por José W. Benítez publicado no jornal *El Independiente* (novembro de 1887); textos, com as análises realizadas por Fidel Maíz do livro *Textos de Geografía Histórica adoptados en las escuelas de la República. Nociones de Geografía Física y política por Cosson; La verdadera Geografía de Smith*; e algumas observações pedagógicas sobre os materiais de ensino e sobre a prática dos professores.<sup>234</sup>

A parte específica, voltada para a Geografia estava organizada em: “Geografía universal”, “Geografía de Arroyos y Esteros”, “Geografía del Paraguay”, “Ilustraciones: Cinco mapas: representación do globo, mapa mundi, dos planos topográficos de Arroyos y Esteros” e um mapa do Paraguai.<sup>235</sup>

Nas cartas, Fidel Maíz afirmava que o Paraguai necessitava criar seu próprio modelo educacional e não imitar modelos estrangeiros. Criticou a *estrangeirização* da educação que se materializava nos livros e professores estrangeiros. Seria uma lástima ver que os textos que deviam “despertar en los niños los sentimientos de amor a la patria, sean tomados del extranjero, respirando siempre conceptos poco favorables a las tradiciones, a los derechos, honra y gloria de la Nación.”<sup>236</sup> Tratava-se, portanto, de declaração política de fundo *nacionalista e autonomista*.

O autor foi enfático ao questionar a visão sobre a história e o povo paraguaio:

Como nutrir ni despertar esos sentimientos en los tiernos corazones de nuestros educando por textos de Geografía y de Historia en que se nos pinta con colores tan sombríos, en que se nos trata de *autómatas paraguayos*, en que no se nos reserva ni siquiera el heroísmo del valor y el patriotismo y se nos enrostra siempre la culpa de haber tenido tiranos, ¿como si ellos no los hubieran tenido también?<sup>237</sup>

<sup>234</sup> Id. ib. p. 30.

<sup>235</sup> Idem.

<sup>236</sup> MAÍZ, Fidel. *Pequeña Geografía para alumnos de la escuela de Arroyos y Esteros*. Asunción. 1890.

<sup>237</sup> WATZLAWIK. María Viviana Paglialunga. *Fidel Maíz y su Pequeña Geografía [...] Ob. cit. p. 22.*

Fidel Maíz apresenta visão oposta às obras oficialistas da historiográfica aliancista/legionária que negavam as glórias do passado paraguaio. Afirma ser necessário romper com essa visão sombria sobre o povo paraguaio: “Es indispensable el cambio de textos anacrónicos, el destierro de las enseñanzas superfluas”.<sup>238</sup> Para assim, regenerar o país.

Maíz criticou os erros das obras e dos professores estrangeiros, pois estes, apesar de conhecer os elementos científicos da Geografia, não conheciam a geografia paraguaia e estariam em apuros ao tratar das nomenclaturas locais:

Si el maestro es un extranjero que no conozca al país, por mas ilustrado que sea, y muy capaz de enseñar Geografía en sus elementos científicos, de seguro que, al tocar la nomenclatura de los pueblos más importantes que señalan en los textos por los citados autores, tendrá que verse en serios apuros, y hasta tendrá que mendigar de algún viejo paraguayo el conocimiento de aquellos pueblos bajo nombres tan adulterados o enteramente ficticios.<sup>239</sup>

Após publicação, saíram notas nos jornais *La Democracia* e *El Independiente* elogiando o livro e método de trabalho criado por Fidel Maíz, focado “do conhecido para o desconhecido”, “do particular para o geral”.

O método de ensino de Maíz era revolucionário. Estava voltado para a realidade dos alunos, que primeiro deveriam conhecer seu povoado para depois conhecer as demais comunidades, países e continentes. O livro possuía a “Segunda parte-punto de partida” onde o autor descreveu minuciosamente a comunidade de Arroyos y Esteros e dava orientações para os professores de como trabalhar os assuntos, destacando que o mais importante era que os alunos entendessem o conteúdo e não apenas memorizasse.

Segundo Viviana Paglialungia:

La mención de los métodos prácticos, de partir de la realidad local, de no utilizar el método memorístico y sobre todo, la recomendación a los docentes de adecuar los contenidos a las necesidades, es evidencia suficiente de una verdadera propuesta innovadora, digna de la línea de la escuela nueva, pero a nivel local e iniciada a fines del s. XIX.<sup>240</sup>

---

<sup>238</sup> Id. ib. p. 25.

<sup>239</sup> Id. ib. p. 26.

<sup>240</sup> Id. ib. p. 25.

Fidel Maíz era um homem culto, de grande intelectualidade. Criou uma proposta de ensino realmente inovadora para o período e se opôs abertamente ao modelo de “sociedade e de educação” hegemônico na época. Criticou a influência estrangeira no país e apontou para a necessidade de criar um modelo educacional que levasse em consideração os conhecimentos locais, que realmente fizessem sentido na vida dos estudantes. Uma educação que valorizasse e despertasse o espírito nacional, o patriotismo em seu povo. Em 1886, Fidel Maíz iniciou um revisionismo, de cunho nacionalista e autonomista, ao abordar o ensino da Geografia, metodologias de ensino e representação da história do povo paraguaio. Não trabalhou os acontecimentos da guerra contra a Tríplice Aliança mas apontou para a necessidade de novo olhar sobre o Paraguai. Dezesesseis anos antes que Juan O’Leary.

### **El Lector Americano**

O livro *El Lector Americano: nuevo curso gradual de lecturas* (libro primero) foi publicado em 1881, no Chile, pelo autor Abelarto Núñez. A obra possui 200 páginas que estão organizadas em três seções, com várias *Lecturas* - pequenos textos, com algumas ilustrações - destinadas a alfabetização e educação das crianças.<sup>241</sup>

Em 1889, o governo paraguaio comprou várias unidades do livro *El Lector Americano* com o objetivo de auxiliar os professores paraguaios na realização de sua função e subsidiar as crianças com algum material “didático”. Por ser uma obra estrangeira ela não aborda nada de específico acerca da história do Paraguai. E teria sido uma das obras que motivaram as críticas dos autores paraguaios contra a utilização de livros estrangeiros no país.

### **El Lector Paraguayo**

Em 1896, foi publicado em Assunção, o livro *El Lector Paraguayo*, do autor espanhol Manuel de Mendoza, durante a gestão de Enrique Solano López como Superintendente de Escuelas de 1894 a 1898. Segundo o historiador David Velázquez Seiferheld os textos de Manuel Mendonza seriam em sua maioria cívico-político, teria como auxiliares a geografia e a história do Paraguai e buscavam destacar as virtudes da história paraguaia: a caridade, a gratidão e patriotismo, tendo este último como principal.<sup>242</sup>

---

<sup>241</sup> NÚÑEZ, Alberto. *El Lector Americano: nuevo curso gradual de lecturas*. Chile: Santiago y Valparaiso Librerías del Mercurio. 1881.

<sup>242</sup> SEIFERHELD, David Velázquez. *Relaciones entre autoritarismo y educación en el Paraguay: 1869-2012. Un análisis histórico. Primer volumen 1869-1936*. Asunción: SERPAJ. 2014. p. 71.

Do mesmo modo, o historiador Ignacio Telesca destacou que era uma obra destinada a escolas primárias com sessenta *lecturas* sendo trinta e cinco delas de caráter histórico e quatorze delas sobre os personagens ou batalhas da guerra. Manuel Mendoza teria afirmado que o heroísmo e patriotismo da população paraguaia não era por medo do tirano, mas sim pela independência de seu território. Solano López teria: “sucumbió espada en mano [...] muriendo intrépido y heroico al lado de sus últimos soldados”. E que o povo paraguaio jamais apagaria de sua memória o nome do presidente Francisco Solano López.<sup>243</sup>

Manuel de Mendonza mergulhou profundamente na revisão historiográfica, foi um dos primeiros autores a recuperar de modo tão direto a figura de Solano López. Mas isso não agradou a visão oficial e a obra não teve reedição. Esta obra juntamente com a de Blas Garay teria motivado o protesto feito pelo diretor da Escuela Superior de Maestros de Asunción, Francisco Tapia, contra a utilização de obras que recuperassem a memória dos tiranos do passado. Em 1898, Francisco Tapia publicou o livro *El tirano Francisco Solano López arrojado de las escuelas*, onde proibiu a utilização de cadernos nas escolas de Assunção.<sup>244</sup> Ou seja, nesse momento, no país, enfuriava a disputa sobre o passado histórico recente paraguaio.

### Considerações

Os compêndios/manuais escolares são exemplos de como a historiografia aliancista/legionária se estruturou e se espalhou pelo Paraguai e demais países do Prata. Como representação da historiografia oficialista podemos destacar obras de origem argentina e uruguaia: *Compendio de la Historia de las Provincias Unidas de Río de la Plata desde su descubrimiento hasta el año 1874*, da pedagoga argentina Juana Manso (1819-1875), publicado em 1874, e *Historia de la República Argentina y de las del Paraguay y Banda Oriental desde su descubrimiento hasta nuestros días para el uso de la escuelas*, do professor uruguaio, Antonino Luna, publicado em 1878.

A partir, de 1879, começaram a surgir no Paraguai obras nacionais como *Compendio de Geografía e Historia del Paraguay*, de Leopoldo Gomez Terán e Próspero Pereira Gamba; em 1884, *Elementos de Historia y Geografía* de Enrique Alliot; em 1887, *Pequeña Geografía (para los niños de la Escuela de Arroyos y Esteros)* de Fidel Maíz;

<sup>243</sup> MENDOZA, Manuel apud TELESCA, Ignacio. *La Guerra en la Escuela [...] Ob. cit. p. 141.*

<sup>244</sup> TAPIA, Francisco. *El Tirano Solano López Arrojado de las escuelas*. Asunción: Escuela Tipografica Salesiana, 1898.

e, em 1896, *Compendio Elemental de Historia del Paraguay* de Blas Garay [que será analisado no capítulo 4].

Os dois livros de maior destaque do período foram de Terán e Gamba e do padre Fidel Maíz. O primeiro livro, *Compendio de Geografía e Historia del Paraguay*, descreveu sobre a história paraguaia e criticou fortemente os “tiranos da pátria”, mas apesar disso, apresentou alguns elementos revisionistas.

Para Terán e Gamba, Francia foi um homem ambicioso, cruel e vingativo. Os autores, tentaram diminuir sua importância durante o processo de independência e relativizar atos positivos: buscava a independência absoluta do Paraguai, mas teria sido eleito amedrontando o povo e os delegados com seu exército; citou os conflitos no Prata, mas afirmam que não havia razão para o isolamento de Paraguai.

Terán e Gamba afirmam que José Gaspar de Francia e Fulgencio Yegros estavam de acordo quanto a ideia de banir o elemento monárquico *españolista*, mas não sobre a independência, Fulgencio Yegros queria anexar o Paraguai às Províncias Unidas do Prata enquanto Francia buscava a independência total do Paraguai.<sup>245</sup> Destaca também que Francia teria favorecido a população *criolla*, melhorado a agricultura, a criação de gado, obteve excelentes obreiros e professores hábeis, “tudo através do terror”! E, foi o principal responsável pela independência paraguaia.

O período de Carlos Antonio López teria sido de trabalho civilizador, com a construção de estradas de ferro e de laboriosa administração com desenvolvimento de riqueza, crescimento do comércio, da exportação e das obras públicas. Porém, finalizam criticando a total falta de progresso moral que dá ao povo consciência de seus direitos e deveres. Carlos Antonio López, em seu governo, teria contribuído para o crescimento econômico do Paraguai através de suas obras, mas seu regime era inspirado no despotismo, por isso, a liberdade teria ficado apenas no papel.<sup>246</sup>

Francisco Solano López foi descrito como homem culto, amante do progresso e responsável por importantes acordos que contribuíram para a paz, mas em seus primeiros atos como presidente passou a perseguir seus opositores.<sup>247</sup>

Sobre a guerra do Paraguai os autores fazem uma descrição geral, sobre a invasão do Uruguai, a tentativa de Solano López junto ao Império do Brasil em evitar a invasão e

---

<sup>245</sup> TERÁN, Leopoldo Gómez de. y GAMBÁ, Próspero Pereira. *Compendio de Geografía e Historia [...]* Ob. cit. p. 117.

<sup>246</sup> Id. ib. p. 155.

<sup>247</sup> Id. ib. p. 157-159.



as principais batalhas. Eles não aprofundam os acontecimentos, nem as causas da guerra, dessa forma não apresentam “julgamentos”.<sup>248</sup>

Leopoldo Gomez Terán e Próspero Pereira Gamba apresentando certo “distanciamento” dos acontecimentos. Mas apesar de ser um livro oficial, utilizado nas escolas paraguaias durante o pós-guerra controlado por legionários e aliancistas a obra não segue a visão reducionista de outros autores como Cecilio Báez que culpabilizam Solano López por todos os acontecimentos da guerra, do mesmo modo em que não aprofunda os acontecimentos.

O segundo livro, *Pequeña Geografía*, de Fidel Maíz, como vimos, não aborda a guerra em si, mas apresenta importante reflexão sobre a educação e modelo de ensino do pós-guerra. Através da análise das obras utilizadas nas escolas e da situação da educação no país, o autor realizou a primeira crítica aberta orgânica ao modelo aliancista/legionário que dominava o Paraguai.

Fidel Maíz criticou a *estrangeirização* da educação e a falta de investimentos do governo nas escolas paraguaias. Os livros que estavam sendo comprados pelo governo eram de autores estrangeiros que não conheciam o Paraguai, assim como muitos dos professores, que poderia conhecer a geografia científica, mas não conheciam nem o nome das comunidades paraguaias. Deste modo, questionava como seria possível despertar o sentimento nacional e o amor à pátria nos corações das crianças, quando os livros utilizados só falavam da escuridão e dos tiranos da pátria?

Fidel Maíz criou um modelo pedagógico inovador para ensino da Geografia. Ele orientava os professores para partir da realidade do aluno, do conhecido para o desconhecido, do local para o global. Afirmou a necessidade do Paraguai criar seu próprio modelo de ensino.

A maioria dos manuais escolares do pós-guerra seguiam a visão historiográfica dominante, porém a partir de Terán e Gamba (1879) já é possível perceber, de modo inicial, o surgimento de uma contradição com a versão oficial. Contradição que se materializa fortemente na obra do padre Fidel Maíz. Salvo engano, *Pequeña Geografía* (1886) é a primeira obra de caráter revisionista do pós-guerra. Com ela, Fidel Maíz iniciou momento de revisão historiográfica no Paraguai questionando o que se ensinava e como se ensinava, ou seja, questionando a visão oficial aliancista/legionária apontando para a necessidade de valorizar os heróis nacionais e a história da pátria.

---

<sup>248</sup> Id. ib. p. 159-166.

## CAPÍTULO 4- Blas Garay: o primeiro historiador revisionista paraguaio

Figura 1: Blas Garay



Blas Garay. Fonte: [www.abc.co.py](http://www.abc.co.py)

Blas Manuel Garay, advogado e historiador paraguaio, nasceu em 3 de fevereiro de 1873, em Assunção. Seus pais foram Vicente de Garay e Constanca Argaña Garay e teve dois irmãos Eugenio e Juan Jorge Garay. Com a morte da mãe, aos cinco anos, Blas Garay se mudou para Pirayú para viver com os avós, que logo faleceram e ele passou aos cuidados do tio Aureliano Argaña.<sup>249</sup>

Blas Garay fez sua educação primária em Pirayú, de onde foi para o Colégio Nacional de Assunção, através de uma bolsa de estudos. Era descrito como talentoso e com raras habilidades para o trabalho, aos 18 anos seus primeiros artigos como jornalista teriam causado admiração.<sup>250</sup>

---

<sup>249</sup> RADIL, Bernardino Cano. *Blas Garay*. Asunción: El Lector. 2010.

<sup>250</sup> Site: [www.portalguarani.com](http://www.portalguarani.com)

Sobre Blas Garay a historiadora paraguaia Mary Monte de López Moreira afirma que:

Su perfecta y clara dicción castellana asombraba a cuantos lo conocían, y la vastedad de su cultura maravillaba a quienes lo leían. Durante ese tempo, en 1891, siendo alumno del quinto año [do Colegio Nacional] fue invitado a colaborar en el periódico El Tiempo.”<sup>251</sup>

Calouro na Faculdade de Direito, Blas Garay foi o editor-chefe de um novo jornal *La Patria*, liderado por Gregorio Benites. Em suas páginas, Blas Garay foi rígido defensor dos direitos do Paraguai sobre o Chaco. Além de jornalista, foi professor universitário, realizou pesquisas históricas e ocupou funções públicas como subsecretario da Fazenda, nomeado em 29 de janeiro de 1895, pelo ministro Augustín Cañete, durante o governo do presidente Juan Bautista Egusquiza (1894-1898) do partido Colorado.<sup>252</sup>

Em 1896, aos 23 anos de idade, já era uma figura influente na política nacional paraguaia, sendo membro da Associação Nacional Republicana, mais conhecido como partido Colorado. Os colorados estavam divididos em duas correntes: o *caballerismo* e o *egusquismo*, sendo que Blas Garay seguiu a primeira corrente.

Neste mesmo ano, casou-se María Antonia Valdovinos Zavala, com quem teve dois filhos, o primogênito Blas Garay Valdovinos, que foi secretário privado do presidente Manuel Gondra; e Juan Manuel Garay, filho póstumo, que alcançou o grau de coronel e foi chefe do Estado Maior do Exército paraguaio no Chaco.<sup>253</sup>

Ainda em 1896, o presidente general Juan Bautista Egusquiza, que governou o Paraguai entre 1894 e 1898, enviou Blas Garay em uma missão diplomática à Europa, como secretário da legação na Inglaterra, França e Espanha. Na Espanha, o objetivo era pesquisar, investigar, classificar e fazer cópias do Arquivo das Índias de Sevilha, no que se referia aos direitos do Paraguai sobre a região do Chaco, cuja soberania disputava com a Bolívia.

Blas Garay chegou a Europa em abril de 1896. Durante sua permanência na Espanha, frequentou assiduamente o Arquivo Geral das Índias, onde examinou e classificou os mais importantes e decisivos documentos relativos às questões de limites do Paraguai. Ele trabalhava cerca de dez horas por dia ajudado por onze copistas. Além de suas pesquisas, aproveitou para editar alguns trabalhos gerais e seus.

<sup>251</sup> MOREIRA, Mary Monte de López, in GARAY, Blas. *La Revolución de la Independencia del Paraguay*. Biblioteca do Bicentenario. Asunción: Servilibro. 2009. p. 13.

<sup>252</sup> Id. ib. p. 13.

<sup>253</sup> RADIL, Bernardino Cano. *Blas Garay [...] Ob. cit.* p. 15.

Segundo a historiadora paraguaia Mary Monte de López Moreira:

Devoró libros, hurgó en bibliotecas y archivos e hizo copiar miles de documentos concernentes a la historia nacional. En esa labor vertiginosa y superlativa también editó obras sobre el Paraguay y obras menos conocidas, tales como *La relación historial de las Misiones de los indios que llaman Chiquitos* de padre Juan Patricio Fernández; *Historia del Paraguay y Rio de la Plata*, de Félix de Azara y la notable *Historia de la Provincia del Paraguay* de Nicolás del Techo, que se tradujo por primera vez del latín al español [...]<sup>254</sup>

No final de dezembro de 1897, após ter visitado Londres, Bruxelas, Paris e outras cidades europeias, trazendo consigo grande quantidade de documentos, Blas Garay retornou a Assunção. Esses documentos ficaram conhecidos como "Coleção Garay" e embasaram as justificativas mais importantes para a reivindicação do direito paraguaio sobre o Chaco, região disputada com a Bolívia.<sup>255</sup>

Em 1º de fevereiro de 1898, então com 25 anos, retornou da Europa, fundou seu próprio jornal *La Prensa* e um pouco antes da sua morte, publicou o primeiro volume de "Os documentos relativos à história do Paraguai e do Rio de la Plata". Blas Garay teria se caracterizado por ser a voz do ressurgimento nacionalista e pelo forte combate a corrupção e aos desmandos do governo.<sup>256</sup>

Segundo o advogado e escritor paraguaio Bernardino Cano Radil:

Es su obra inmortal. La del periodista rotundo afilado, un abanderado titánico de la nacionalidade espadachín de corte contra la corrupción y en defensa de las instituciones y la libertad. Fue un verdadero visionario del Paraguay e sus dolores. El sabía lo que nos hacía falta. Lo pregonó sin cansancio y realmente es patético reconocer que lo anunciado hace más de 100 años es una realidad vital y se arrastran las flaquezas del pasado. En *La Prensa* encontramos el resultado intelectual más sólido, iluminado y precursor del Paraguay que queremos.<sup>257</sup>

Além de ser descrito como excelente jornalista, a importância de Blas Garay está ligada ao fato de ser ele o primeiro pensador com certa visão dialética a estudar a história paraguaia.

Como tal, no solo inicia en el Río de la Plata dicho método, es también el primer en bosquejar unas crónicas orgánicas y evolutivas, con signo histórico diferente: el revisionismo. Por eso con justicia se lo puede señalar como padre del periodismo limpio y libre, padre de la historia nacional y precursor de la imperiosa necesidad de formar civismo e instituciones en nuestro país.<sup>258</sup>

<sup>254</sup> GARAY, Blas. *La Revolución de la Independencia del Paraguay [...]* Ob. cit. p. 15.

<sup>255</sup> MOREIRA, Mary Monte de López, in GARAY, Blas. *La Revolución de la Independencia del Paraguay*. Biblioteca do Bicentenario. Asunción: Servilibro. 2009. p 17.

<sup>256</sup> Id. ib. p. 18.

<sup>257</sup> RADIL, Bernardino Cano. *Blas Garay [...]* Ob. cit. p. 20.

<sup>258</sup> Id. ib. p. 24.

Além de ter sido jornalista de destaque, Blas Garay foi o primeiro pensador nacional a estudar história paraguaia a partir de princípios epistemológicos e críticos. “Por eso con justicia se lo puede señalar como padre del periodismo limpio y libre, padre de la historia nacional y precursor de la imperiosa necesidad de formar civismo [sic] e instituciones en nuestro país.”<sup>259</sup>

Blas Garay é definido como o “pai” do revisionismo historiográfico paraguaio, podendo ser considerado como um pré-historiador acadêmico. Entre 1898 e 1899, ele escreveu uma série de artigos que tratam sobre costumes, cenas do cotidiano colonial, aspectos econômicos e críticas literárias, que teriam sido reeditados na década de trinta pela *Revista Guaranía*, revista literária e cultural, fundada em 1920, por Natalicio González.<sup>260</sup>

Foram localizados dois textos de Blas Garay publicados na Revista Guaranias, “Dos Paraguayos ilustres”, com a data de 20 de agosto de 1935, edição nº 22, ano 2, p. 5 e 6, onde descreveu que em 19 de julho de 1598, chegou em Assunção, de dois ilustres visitantes: Hernandarias de Saavedra, primeiro crioulo a ser nomeado governador pelo rei da Espanha e de Hernando de Trejo primeiro crioulo a assumir o cargo de provincial da ordem franciscana; e texto “*La vid en el Paraguay*”, com data de setembro de 1935, edição nº 23, ano 2, p. 9 e 11, sobre o cultivo da videira no Paraguai.<sup>261</sup>

Por sua intensa atividade jornalística, constante crítica e denúncia contra a corrupção e mau uso da administração pública, Blas Garay foi vítima de um atentado realizado por Néstor Collar, filho do ministro da Fazenda, a quem criticara em seu jornal. Gravemente ferido, acabou falecendo em 18 de dezembro de 1899, aos 26 anos.

### Obras produzidas

Em seu período na Espanha, Blas Garay publicou quatro obras de gênero histórico: *Compêndio Elemental de História del Paraguay*, *El comunismo de las misiones*, *Revolução e Independência del Paraguay* e *Breve Resumen de la História del Paraguay*.<sup>262</sup> O autor buscou através do viés historiográfico, com pesquisas em arquivos

---

<sup>259</sup> Id. ib. p. 24.

<sup>260</sup> GARAY, Blas. *La Revolución de la Independencia del Paraguay* [...] Ob. cit. p. 17-18.

<sup>261</sup> GONZALEZ, Juan Natalicio. *Revista Guaranias*. Assunção: 1935.

<sup>262</sup> GARAY, Blas. *Compendio Elemental de Historia Paraguaya*. Madrid: Libreria y Casa Editora A. de Uribe y Cia, 1896; GARAY, Blas. *El comunismo de las misiones: La revolucion de la independencia del Paraguay*. Asunción: Instituto Colorado de Cultura, 1975; GARAY, Blas. *Breve resumen de la Historia*

e documentos primários, escrever a história do Paraguai, o que não havia até então sido feito, ao menos em forma sistemática.

O livro *Compendio Elemental de Historia del Paraguay* publicado em 1896, possui 252 páginas divididas em duas partes, com quatro capítulos, onde o autor discorre sobre a formação do Paraguai pré-colonial até a guerra da Tríplice Aliança. A primeira parte da obra tem como tema principal: “A Colônia” e está subdividida em: “O governo do Rio da Prata” e “O governo do Paraguai ou Guairá”. A segunda parte da obra tem como tema principal: “A Independência” e está subdividida em: “Período ditatorial” e “Período Constitucional” até a morte de Solano López.

O livro *El comunismo de las misiones*, publicado em 1897, possui 252 páginas e está dividido em sete capítulos, nos quais o autor fez uma análise histórica sobre temas como: o estabelecimento dos jesuítas no Paraguai; a organização e governo das missões; as relações com os guaranis; a expulsão dos jesuítas da América; a revolução da independência paraguaia, assim como o contexto interno e externo das ações para o Paraguai manter sua independência até o governo de José Gaspar Rodríguez de Francia.

As obras *El Comunismo de las Misiones de la Compañia de Jesús* e *a Revolución de la Independencia del Paraguay* são descritas pela historiadora Mary Monte de López Moreira como obras com textura sólida, que resistiram ao tempo, suas conclusões estariam cimentadas em fontes documentais.<sup>263</sup> Uma avaliação demasiadamente positiva, já que a obra indiscutivelmente *envelheceu*, devido ao avanço das ciências sociais, destacando-se sobretudo, em nossos dias, por seu valor histórico.

Neste mesmo ano, Blas Garay publicou mais dois livros: *Breve Resumen de la Historia del Paraguay*, onde aborda a história geral do país, possui 139 páginas e está dividido em duas grandes fases: a Colônia e a República chegando até a guerra contra a Tríplice Aliança. E *Revolução e Independência del Paraguay*, com 227 páginas, organizadas em sete capítulos, onde Blas Garay trata sobre os acontecimentos que levaram a revolução da independência no Paraguai.

Com os livros *Compendio Elemental de Historia del Paraguay* e *Breve Resumen de la Historia del Paraguay* procurou produzir uma espécie de “manual” para ser utilizado nas escolas. Sendo que os poucos manuais utilizados naquele período haviam

---

*del Paraguay*. Madrid: Libreria y Casa Editorial A. de Uribe Y Cia. 1897, pp 139; GARAY, Blas. *La revolucion de la independencia del Paraguay*. Madrid: Est. Tip. de la Viuda é Hijo de Tello, 1897. pp. 228.  
<sup>263</sup> MOREIRA, Mary Monte de López, in GARAY, Blas. *La Revolución de la Independencia del Paraguay*. Biblioteca do Bicentenário. Asunción: Servilibro. 2009. p. 20.

sido escritos por estrangeiros, não correspondendo ao que acreditava como as necessidades do país – *Elementos de Historia y Geografía del Paraguay*, de Enrique Alliot, de 1884; *Compendio de Geografía e Historia del Paraguay*, de Leopoldo Gómez de Terán, napolitano, e Próspero Pereira Gamba, colombiano, de 1882.<sup>264</sup> Obras que foram analisadas no capítulo 3.

### **Compendio Elemental de história**

O livro *Compendio Elemental de História del Paraguay*, publicado em 1896, por Blas Garay, apresentou inúmeros aspectos inovadores em oposição à historiografia oficial aliancista. Retomou Francia como principal responsável para independência paraguaia, elogiou significativamente o governo de Carlos Antonio e de Solano López. Evoluiu na descrição das causas da guerra, apresentando o contexto platino como sua principal razão e que Solano López teria sido arrastado para o conflito.

Conforme o historiador argentino Ignacio Telesca, o livro de Blas Garay sofreu resistência por parte da intelectualidade paraguaia:

Sin embargo, la obra de Blas Garay tuvo una acogida tibia de parte de la intelectualidad asuncena e incluso en la *Revista del Instituto*, aunque reconocen lo novedoso de lo obra, no la encuentran apropiada para ser utilizada en las escuelas, “porque los niños no deben de aprender sino aquello que está demostrado de modo palmario y tiene toda la autoridad de una cosa debidamente juzgada” (*Revista del Instituto*, 1897: 53).<sup>265</sup>

A obra de Blas Garay teria sido considerada imprópria para as escolas, pois estaria recuperando a imagem do “tirano Solano López”.

Nesta oposição, teve destaque à atuação de Francisco Tapia, diretor da *Escuela Normal Superior de Maestros*, que, em 1898, publicou o livro *El tirano Francisco Solano López arrojado de las escuelas*, onde proibiu a utilização de cadernos que defendiam a memória de Solano López, como vimos.

Para justificar sua decisão Francisco Tapia invocou o decreto de 17 de agosto de 1869, que desnaturalizou Solano López e o decreto de 4 de maio de 1870, que confiscou

---

<sup>264</sup> Id. ib. p. 20.

<sup>265</sup> TELESCA, Ignacio. *La guerra en la escuela [...] Ob. cit. p. 136.*

todos os bens do Solano López, de Elisa Lynch e de todos os membros da família López, desde o primeiro dia do governo de Carlos Antonio López.<sup>266</sup>

Em seu discurso, o diretor destacou também que a tirania é a pior das doenças da sociedade e quem aplaude a tirania ou rende culto aos tiranos é um traidor e inimigo da família, da pátria e da humanidade. Sendo assim, tudo o que defende a tirania deve estar fora da escola.<sup>267</sup>

Para Francisco Tapia a tirania era o maior dos males de uma sociedade. Tanto José Gaspar Rodríguez de Francia quando Solano López seriam terríveis tiranos, a diferença que Francia não teria sido condenado pela lei, assim como foi Solano López. Tapia se opôs tanto ao livro de Blas Garay quanto ao livro de Manuel Mendonza que também recuperava a imagem de Solano López.<sup>268</sup>

Francisco Tapia e Blas Garay trocaram acusações, sem identificar-se, sobre os textos utilizados nas escolas. Os dois chegaram a se enfrentar em um duelo. Como o padre Fidel Maíz, anos antes, Blas Garay criticava a presença de textos estrangeiros e Tapia criticava a retomada da “memória dos tiranos”. Foi neste período em que foram publicados cadernos com biografia dos heróis do Paraguai, inclusive Solano López.

### **Formação histórica do Paraguai**

Blas Garay abordou superficialmente os indígenas que ocuparam o Paraguai, limitou-se a descrevê-los de forma resumida. Os guaranis foram os principais povoadores do território paraguaio. Sobre a chegada desse povo a América utilizou uma antiga lenda que conta que um dia dois irmãos, vindos do mar, chegaram ao Brasil e fundaram as primeiras aldeias, vivendo em paz com seus descendentes, até no dia em que os dois irmãos se desentenderam e romperam relações, o irmão Tupi ficou no território do Brasil e o irmão Guarani ocupou o sul do continente americano.<sup>269</sup>

Blas Garay descreveu aspectos físicos, culturais e sociais. Os guaranis seriam um povo de cor morena, cabelos lisos, nem altos, nem baixos, sem defeitos físicos, respeitosos, bons combatentes, corajosos, valentes e que não guardavam rancor. Na questão do matrimônio, eles eram poligâmicos, podiam ter quantas mulheres pudessem

---

<sup>266</sup> Id. ib. p. 9-11.

<sup>267</sup> Id. ib. p. 16.

<sup>268</sup> Id. ib. p. 142.

<sup>269</sup> GARAY, Blas. *Compendio Elemental* [...] Ob.cit. p. 2.



sustentar, já as mulheres só podiam ter um único marido, quando uma mulher dava a luz, o marido dava atenção “especial” a ela, pois acreditava que a saúde do bebê dependia disso. As mulheres tinham papel inferior na sociedade e todos os trabalhos domésticos dependiam delas. Já os homens ficaram responsáveis pela guerra e a caça.<sup>270</sup>

As guerras eram pouco frequentes. No que diz respeito à religião, os guaranis veneravam ao deus [sic] Tupã, como protetor e conservador da raça, mas não construíram templos e não faziam sacrifícios, acreditavam na imortalidade da alma e em uma vida melhor. Alguns povos guaranis teriam uma estrutura organizacional mais desenvolvida, porém não podia ser caracterizada como governo central. Não havia classes sociais bem definidas e a distinção social era pequena. Em verdade, tratava-se de um povo em estágio de desenvolvimento pré-classista e pré-religioso – animista.<sup>271</sup>

Os guaranis tinham grande apreço por sua língua. Estariam pouco desenvolvidos em relação à medicina e as artes mecânicas. Praticavam a agricultura, porém de modo muito simples. Seguiam o tempo e o ritmo da natureza, usavam roupas muito simples e rudimentares.<sup>272</sup> Blas Garay apresentava uma visão “romantizada” e colonialista do guarani, descrito como de boa índole, com semblante severo e triste, muito atrasados no intelecto e nas artes mecânicas.<sup>273</sup> Ou seja, alguém para ser mandado!

### **Descobrimento e primeiras expedições ao Rio da Prata**

Blas Garay descreveu sobre as principais expedições espanholas na América, destacando o descobrimento, a fundação de fortes e vilas e a administração do Paraguai colonial. Nessas primeiras expedições podemos destacar os constantes conflitos com a população nativa, charruas, carios, timbu, guaranis, abipones. O autor poderia ter exploração mais essa relação entre os indígenas e os colonizadores, etc.

O autor destacou que as condições dos navegadores não eram nada boas, ocorriam revoltas, sublevações e “deserções” devido aos “sangrentos castigos”, muitos preferiam ficar pelo caminho.<sup>274</sup> O autor citou também sobre a presença das mulheres nas expedições, mas sem qualquer aprofundamento.

Para Blas Garay, a colonização espanhola na América partiu do desejo do rei espanhol em efetivar seu domínio sobre as terras do novo mundo, expandir a fé católica

---

<sup>270</sup> Id. ib. p. 3.

<sup>271</sup> Cf. MAESTRI, Mário. *Senhores do litoral: Conquista portuguesa e Agonia Tupinambá*. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

<sup>272</sup> GARAY, Blas. *Compendio Elemental [...] Ob.cit.* p. 12.

<sup>273</sup> Id. ib. p. 13.

<sup>274</sup> Id. ib. p. 17

e fortalecer seu comércio de especiarias. Com isso, as expedições para a América espanhola se tornaram mais frequentes, inúmeros navegadores e exploradores começaram a percorrer a região platina, com destaque para Pedro de Mendoza (1487-1537) que, em 21 de maio de 1534, assumiu compromisso junto ao rei da Espanha em levar uma nova missão para a região do Rio da Prata.

Blas Garay descreveu telegraficamente - não realizou análises - os acontecimentos, principalmente nesse período colonial, narrando os principais fatos. Sobre a fundação de Buenos Aires, destacou que Pedro de Mendoza partiu de Sevilha em 24 de agosto de 1535, com 14 navios e 2.500 soldados. Enfrentou os perigos do mar, sublevação dos marinhos e deserções. Já na região do Prata, fundou em 22 de fevereiro de 1536, um forte batizado com o nome de *Nuestra Señora de Buenos Aires*. Entre meio a constantes confrontos com os indígenas, foram criados mais dois fortes: o de *Luján* e o de *Corpus Christi*, fundado por Juan de Ayolas.<sup>275</sup>

Pedro de Mendoza retornou a Espanha e deixou o governo a cargo de Juan de Ayolas, ou, em sua ausência a Francisco Ruiz Galán. Pedro de Mendoza morreu em viagem, em abril de 1537, sendo assim, Juan de Ayolas assumiu o governo da região do Rio da Prata.

Juan de Ayolas (1500-1537) estava em busca de um caminho para as minas do Peru e para isso percorreu o Rio Paraguai, fundou em três de fevereiro de 1537 o porto de Candelária, após seguiu viagem para o Peru deixando o governo de Candelária a mando de Domingo Martinez de Irala.

Devido à demora de Juan de Ayolas, que havia morrido em emboscada de nativos, chegou a Candelária Juan de Salazar (1508-1560) e Gonzalo de Mendoza (1516-1556) que encontraram Domingo Martinez de Irala (1509-1556) descontente com a situação. Na tentativa de encontrar Juan Ayolas, Domingo Martinez de Irala e Juan de Salazar chegaram à região de Assunção e, em 15 de agosto de 1537, as margens da baía de Assunção, no rio Paraguai, criaram o forte de Asunción.<sup>276</sup>

Domingo Martinez de Irala foi eleito governador da região platina, teria feito um governo forte, subjuguou os indígenas, venceu rebeliões e incentivou o casamento de espanhóis com mulheres indígenas para diminuir os atritos.<sup>277</sup>

### **Jesuítas e guaranis**

---

<sup>275</sup> Id. ib. p. 17.

<sup>276</sup> Id. ib. p. 19.

<sup>277</sup> Id. ib. p. 24.

Sobre a relação entre os indígenas e os espanhóis, Blas Garay destacou a forma de organização. Havia no princípio dois sistemas de encomendas: de *yanaconas* ou originários e de *mitayos*. O primeiro seria formado pelos povos subjugados pela força estariam ligados a terra e deviam obediência ao *encomendero*, eram semelhantes aos servos. O segundo seria formado por tribos *voluntariamente* submetidas ao domínio espanhol, o *encomendero* designava o sítio onde cada grupo iria trabalhar, era um trabalho cansativo, os índios eram explorados e abusados.<sup>278</sup>

Em 1588, chegaram à região de Assunção os primeiros grupos de jesuítas e começaram seu trabalho de conversão. Mesmo com dificuldades de falar a língua dos nativos, usaram presentes, agrados e o medo da escravidão, representada pelos bandeirantes paulistas, para conquistar a confiança dos guaranis.<sup>279</sup>

Em 9 de fevereiro de 1604, o padre Claudio Acquaviva (1543-1615), general da Ordem Jesuítica, criou a Província do Paraguai, controlada pelos padres jesuítas, a partir de então inúmeras missões foram fundadas.

Blas Garay destacou que a atuação dos jesuítas esteve dividida em dois períodos distintos. O primeiro, em que chegaram os padres trazendo o “cimento” da futura *República*, correndo riscos, sem visar recompensas a não ser a satisfação em aumentar o rebanho cristão. No segundo período, sempre segundo Blas Garay, passados alguns anos da chegada dos jesuítas e com progresso de sua organização, os padres teriam mudado sua conduta, de humildes e abnegados missionários, teriam se tornado ambiciosos dominadores de povos, buscando riquezas e perseguindo todos aqueles que tentaram limitar seu poder.<sup>280</sup> Destaque-se, portanto, que o autor abraça a visão negativa, própria dos proprietários crioulos sobre as missões jesuíticas, que lhes impediam de *encomendar* aquela mão de obra guarani. Garay era no sentido moderno do tema um intelectual orgânico das classes dominantes paraguaias.

Blas Garay criticou o modelo jesuíta que ao invés de proteger acabou por explorar os indígenas. Do mesmo modo, ele descreveu o modo de vida, a organização e a estrutura do sistema jesuítico. Com relação ao trabalho é interessante destacar que os guaranis trabalhavam muito, principalmente na agricultura, onde as terras estavam divididas em três seções: a *tabambáe* pertencente à comunidade, a *abambáe*, reservada aos chefes de família para cultivar para si uma porção de terra e a *tupambaé* chamada de propriedade

---

<sup>278</sup> GARAY, Blas. *El comunismo de las misiones [...] ob. cit. p. 18.*

<sup>279</sup> Id. ib. p. 19.

<sup>280</sup> Id. ib. p. 26.

de deus, que eram sempre as melhores áreas e estava sob o controle direto dos jesuítas.<sup>281</sup> Nos fatos, essa última esfera produtiva financiava o sustento dos jesuítas, dos órfãos, das viúvas, etc.<sup>282</sup>

Blas Garay criticou fortemente o modelo jesuíta que, segundo ele, ao invés de proteger, acabou por explorar os indígenas, como vimos. Conforme o autor, dentro da organização jesuítica, os paraguaios teriam vivido no “atrasado comunismo”, o que teria prejudicado o desenvolvimento do país e levado a uma espécie de “herança maldita”, a obediência cega que teria contribuído com despotismo. Ou seja, retoma, sob forma de representação historiográfica, as visões dos grandes estancieiros espanhóis e crioulos, no passado, e dos aliancista e liberais, no presente. Como veremos, a visão do “cretinismo” paraguaio, devido à tendência nativa a obedecer déspotas, vai ser desenvolvida por Cecilio Báez e criticada por Emiliano O’Leary no capítulo 7.

### **O período do vice-reinado**

Blas Garay escreveu sobre a história política do Paraguai, destacando alguns dos seus principais acontecimentos, como a formação das juntas de governo e as constantes tentativas de Buenos Aires de dominar a província do Paraguai. Em 12 de setembro de 1805, o rei da Espanha, Carlos IV, nomeou Bernardo de Velasco Huidobro (1742-1821) como governador da província do Paraguai e do território dos povos das Missões. Em 5 de maio de 1806, Bernardo de Velasco chegou ao Paraguai para assumir o governo.

O autor afirma que o fato que deu início ao processo de independência do Paraguai, e de toda a América espanhola, foram às guerras napoleônicas na Europa, sobretudo, o domínio francês da Espanha, em 1808, e a deposição do rei Fernando VII. Como forma de resistência contra as forças invasoras francesas na península foram criadas as “juntas de governo”. Uma visão, portanto, essencialmente política, que não destaca as contradições crescentes entre as colônias e a metrópole.

Em 11 de fevereiro de 1809, a Junta Central de Sevilla concedeu a função de vice-rei do Rio da Prata a Baltasar Hidalgo de Cisneros y La Torre Ceijas y Jofre (1756-1829). Este enfrentou um momento delicado, pois o povo, ou seja, os “homens bons”, estaria querendo maior participação na política através da eleição de um Cabildo aberto, formado

---

<sup>281</sup> Id. ib. p. 47-51.

<sup>282</sup> Cf. Marzal, Manuel M. *Las Misiones Jesuitas, una Utopia Posible?*. IN Marzal, Manuel María & Tua, Sandra Negro (1999). *Un reino en la frontera: las misiones jesuitas en la América colonial*. Fondo Editorial Pontificia Universidad Católica del Perú, 1999. pp. 489-495; FLORES, Moacyr. *Colonialismo e missões jesuíticas*. Porto Alegre: EST Edições, 1996. 254 p.

pelos crioulos.<sup>283</sup> Entre 21 e 25 de maio de 1810, o Cabildo de Buenos Aires se reuniu para reorganizar o governo e decidiu pela deposição do vice-rei Baltasar Hidalgo de Cisneros. O governo passou para as mãos de uma Junta Provisória composta por sete vogais e dois secretários, jurando fidelidade ao rei Fernando VII.<sup>284</sup>

De acordo com Blas Garay, a Junta de Governo de Buenos Aires queria controlar todo o território do antigo Vice-reino do Rio da Prata. Em 27 de maio de 1810, informou oficialmente as províncias e impôs a elas o reconhecimento de sua autoridade. O Paraguai, assim como Montevidéu, não aceitou o novo “comando”. Bernardo de Velasco, governador do Paraguai, reuniu o Cabildo de Assunção para organizar o novo governo, onde teriam decidido por não participar do Congresso Geral convocado por Buenos Aires. O historiador registrava a vontade expansionista de Buenos Aires e a decisão de autonomia paraguaia, desde a independência, em 1810.

A Junta de Buenos Aires não gostou da medida de Bernardo de Velasco e nomeou José de Espinola y Peña (c.1750 - 1810) como comandante geral do Paraguai. Conhecido por seu caráter violento, ele tinha a missão de depor o governador paraguaio Bernardo de Velasco. Ao saber das intenções de José de Espinola, o governador paraguaio organizou a resistência e Espinola foi forçado a sair do Paraguai.<sup>285</sup>

Em 24 de julho de 1810, reuniram-se duzentos deputados paraguaios para definir as medidas de proteção da província. A ideia era manter amizade com Buenos Aires, sem reconhecer sua superioridade, e organizar uma junta de guerra para proteger o Paraguai.<sup>286</sup> Para Blas Garay, a história deve agradecer ao governador Bernardo de Velasco, pois ele conseguiu organizar a resistências aos portugueses e a Buenos Aires, o que acabou por contribuir com a futura independência do Paraguai.<sup>287</sup> Em verdade, trata-se de lapso historiográfico, já que o governador negociou a aliança com os portugueses contra os crioulos patriotas. Ao logo da obra, Blas Garay destacou a covardia de Bernardo de Velasco na resistência aos invasores.

### **Tentativa Argentina de dominar o Paraguai**

Em 24 de setembro de 1810, a Junta de Buenos Aires nomeou Manuel Belgrano (1770-1820) para a função de submeter o Paraguai, pelas ideias ou pela força das armas.

---

<sup>283</sup> Id. ib. p. 119.

<sup>284</sup> Id. ib. p. 121.

<sup>285</sup> Id. ib. p. 128.

<sup>286</sup> Id. ib. p. 132.

<sup>287</sup> Id. ib. p. 142.

Ele contava com o apoio de alguns paraguaios, como o major general dom José Ildefonso Machain (1778-1849) e dom Alberto Echeverría y Cálceña (1760-1821).<sup>288</sup>

Sobre a expedição de Manuel Belgrano ao Paraguai, Blas Garay, através de documentos do Arquivo Nacional de Buenos Aires, sustenta a tese que o real motivo da expedição era dominar e conquistar todo o território paraguaio, diferente da tese argentina de “unificar” as províncias.<sup>289</sup> Como proposto, enfatiza a vontade argentina de *engolir* o Paraguai.

Em 4 de dezembro de 1810, Manuel Belgrano com um exército de mil homens, entrou com facilidade no território paraguaio. O conflito com forças paraguaias iniciou na madrugada de 19 de janeiro de 1811.<sup>290</sup> Havia grande desproporção entre as tropas combatentes. Conforme Blas Garay, apesar da superioridade numérica, as tropas do governador Bernardo Velasco tinham seis mil homens, dos quais dois mil eram voluntários, sem treinamento militar, com armamento velho e sem disciplina, diferente dos soldados de Manuel Belgrano, uma tropa escolhida, bem armada e bem preparada.<sup>291</sup>

Quando a situação ficou perigosa, o governador do Paraguai Bernardo de Velasco e outros chefes espanhóis fugiram, abandonando o campo de batalha, em direção a Assunção. Segundo o autor, o exército paraguaio só não foi derrotado devido à serenidade de alguns chefes crioulos, como Fulgencio Yegros, Manuel Atanasio Cabañas e Juan Manuel Gamarra.<sup>292</sup> O autor destaca os membros das classes crioulas proprietárias e deixa de fora a importância da tropa miúda, constituída principalmente de camponeses paraguaios [chacareiros]. Segue, como propomos, construindo uma história nacional assentada nas elites nacionais.

Em março de 1811, as tropas de Manuel Belgrano foram derrotadas. Bernardo de Velasco retomou o governo do Paraguai, mas seu poder estava enfraquecido. O clima na província passou a ser de tensão, pois as notícias de conspiração se tornaram mais frequentes e a repressão aumentou.

La inesperada cobardía que Velasco mostró en Paraguay fue fatal para su causa: habíase anunciado a sí mismo en sus proclamas como un héroe, que sólo deseaba se presentara la ocasión portuna para hacer a sus provincianos el sacrificio de su vida; sus antecedentes militares daban fundamento a la fe con que se acogían estas protestas; el cariño y respeto de que gozaba, constituían alicientes poderosos para procurar no desmerecer en el concepto de los paraguayos; y, sin embargo, llegado aquel instante, fue la pusilanimidad la

<sup>288</sup> GARAY, Blas. *Compendio Elemental [...] Ob. cit. p. 144.*

<sup>289</sup> Id. ib. p. 144-146.

<sup>290</sup> Id. ib. p. 152.

<sup>291</sup> Id. ib. p. 158.

<sup>292</sup> Id. ib. p. 164.

nota característica de su conducta, y su fuga vergonzosa y el abandono cobarde de su puesto en los momentos de mayor peligro, las hazañas únicas que pudo inscribir en su hoja de servicios.<sup>293</sup>

O autor se refere aos paraguaios praticamente sem fazer distinção – nos fatos, compreende entre eles sobretudo os proprietários crioulos, fazendo desaparecer, na fotografia, a população camponesa, de cultura hispano-guarani.

Desmoralizado por sua atitude, o governando Bernardo de Velasco mandou recolher todas as armas de particulares, prometeu recompensar a todos aqueles que se dedicassem na defesa da pátria e obrigou todas as autoridades a jurarem obediência ao único rei Fernando VII. Após a vitória contra Manuel Belgrano, o governador Bernardo de Velasco tomou medidas que desagradaram o exército e os crioulos paraguaios.

[...] partiu Velasco a poner en orden la frontera del Paraná y los pueblos de Misiones, y llegado a Tacuary, licenció al ejército sin paga alguna; se hizo tributar honores que no merecía, a costa de los arruinados municipios, y unicamente recompensó a D. Fugencio Yegros, a quien, por su acendrado realismo, ascendió y nombró gobernador de Misiones, dejándole con 200 hombres en Itapúa, mientras él, Velasco, volvía a la capital.<sup>294</sup>

Em verdade, o governador se precavia contra os crioulos paraguaios, mais do que contra os crioulos portenhos. Logo, estenderia a mão para os portugueses.

### **Revolução da independência do Paraguai**

Segundo o autor, essas medidas aumentaram ainda mais o descontentamento com o governo de Bernardo de Velasco e o desejo de liberdade do povo paraguaio.<sup>295</sup> Blas Garay afirmava que já existia no Paraguai um sentimento de liberdade e que a Revolução de 25 de Maio de 1810, na Argentina, serviu para despertar o desejo de independência.<sup>296</sup>

Lembra, também, que havia aqueles que desejavam a anexação à Buenos Aires. A província do Paraguai estava dividida em três correntes políticas principais: o partido *espanholista* que era contra a Junta de Buenos Aires e a favor de um governo dependente e submisso a metrópole; o partido *portenhista*, a favor da união com Buenos Aires e o partido *crioulo*, de ideias autonomistas, que buscava menos impostos e menos exploração

<sup>293</sup> Id. ib. p. 166.

<sup>294</sup> Id. ib. p. 178.

<sup>295</sup> WHITE, Richard Alan. *La primera revolución radical de America: La Política económica de la independencia: Paraguay*. Asuncion: 1984. 326 pp.

<sup>296</sup> GARAY, Blas. *Compendio Elemental [...] Ob. cit. p. 187.*

por parte de Espanha e *portenhos*.<sup>297</sup> Em verdade, havia um quarto partido, o “patriota”, que queria a independência total de Buenos Aires.

Sobre o período pré-independência, Blas Garay destacou que os chefes militares paraguaios dispunham de prestígio e de tropas e que o governador Bernardo de Velasco estava desacreditado por sua covardia e pela ingratidão e injustiça com que tratou os defensores da pátria, liberando o “exército” - camponeses armados - sem pagamento por seu trabalho na luta contra os invasores. O Cabildo também enfrentava dificuldades para deter o movimento que se iniciava em Buenos Aires e, por outro lado, a antiga rivalidade entre espanhóis e crioulos se tornara cada vez mais forte.<sup>298</sup>

Neste contexto, segundo Blas Garay, o movimento pela independência ganhava cada vez mais força. Um grupo liderado pelo advogado José Gaspar Rodríguez de Francia y Velasco (1766-1840), pelo capitão Pedro Juan Caballero (1786-1821), pelo alferes Vicente Ignacio Iturbe (1786-1837), pelo capelão José Agustín Molas (1787-1844), pelo capitão Antonio Tomás Yegros (1783-) e pelo coronel Fulgencio Yegros (1780-1821) organizou a revolução.<sup>299</sup>

Na manhã de 14 de maio de 1811, a conspiração foi descoberta pelo governador Bernardo de Velasco. Sendo assim, o grupo *revolucionário* decidiu antecipar a ação. Na mesma noite, reuniu as tropas, tomou o quartel e marchou para frente do palácio do governo.

Los revolucionarios enviaron entonces a Iturbe a intimar al gobernador que cesara en el mando hasta la reunión del Congreso general de la Provincia, que había de determinar sobre la forma de gobierno que la rigiera, y como se negara a darse a razón, se le propuso que admitiese dos adjuntos para actuar con ellos en el despacho de los negocios hasta el establecimiento de la autoridad definitiva; pero ninguno de ambos árbitros fue aceptado.<sup>300</sup>

Bernardo de Velasco, contrariado, mas consciente que não poderia vencer os rebeldes, decidiu não resistir e aceitou dividir o poder com dois membros ao governo: sendo eles José Gaspar Rodríguez de Francia, um paraguaio e Juan Valeriano Zeballos, um espanhol, até a reunião do Congresso Geral.<sup>301</sup> Após a *revolução*, José Gaspar de Francia teria começado a pensar na efetivação da independência do Paraguai: “Empezaba,

---

<sup>297</sup> MAESTRI, Mário. *Paraguai [...]* Ob. cit. p. 63.

<sup>298</sup> GARAY, Blas. *Compendio Elemental [...]* Ob. cit. p. 191-192.

<sup>299</sup> Id. ib. p. 193.

<sup>300</sup> Id. ib. p. 196.

<sup>301</sup> Id. ib. p. 197.



pues, Francia a poner los cimientos de nuestra independencia y a apartar los peligros que la amenazaban o pudieran más tarde amenazarla.”<sup>302</sup>

Um dos principais elementos da obra de Blas Garay está na “recuperação” da figura de Francia e da importância na construção e manutenção da independência paraguaia. Francia fora desacreditado pelo governo de Carlos Antonio López e, ainda mais, pelos aliancistas, legionários e liberais. O novo governo estabeleceu um triunvirato, formado por Bernardo de Velasco, José Gaspar de Francia e Juan Valeriano Zeballos, sob a presidência do governador espanhol. Entre as primeiras medidas do novo governo estavam ações para manutenção da paz e o controle da província, como o confisco de armas e munições.<sup>303</sup>

José Gaspar Rodríguez de Francia y Velasco nasceu em 6 de janeiro de 1766, em Assunção, filho de Maria Josefa Fabiana Velasco y Yegros, paraguaia de distinta família crioula e de José Engracia García Rodríguez de Francia, português plebeu, nascido em Mariana, Minas Gerais. Teve cinco irmãos Lorenza, Petrona Regalda, Pedro, Juan José Ignacio e Agustina Rosa somente por parte de pai. Francia realizou seus estudos primários em Assunção, com os franciscanos. Aos 14 anos, partiu para a Universidade de Córdoba de Tucumán, onde se matriculou em 1781, no Colégio Nossa Senhora de Montserrat. Na Universidade de Córdoba estudou Arte, Teologia, Filosofia, Direito Canônico e doutorou-se em Sagrada Teologia. Em 1785, Francia retornou à Assunção atuou como professor, advogado e foi o principal idealizador da independência paraguaia.<sup>304</sup>

Bernardo de Velasco aceitara a revolução a contragosto, passando a articular um golpe contra os patriotas crioulos. Sabendo do interesse de Carlota Joaquina, irmã do rei Fernando VII, na região do Prata, Bernardo de Velasco buscou apoio dos portugueses, através de Diego de Sousa, capitão-general da capitania do Rio Grande do Sul. Em 9 de junho, a conspiração foi descoberta e Bernardo Velasco foi desposto do governo e preso. Outros espanhóis foram afastados dos cargos do governo.<sup>305</sup>

### **Congresso geral**

---

<sup>302</sup> Id. ib. p. 199.

<sup>303</sup> Id. ib. p. 201.

<sup>304</sup> MAESTRI, Mário. *Paraguai [...] Ob. cit. p. 75-77. Cf. ANDRADA E SILVA, Raul. Ensaio sobre a ditadura do Paraguai: 1814-1840. São Paulo: Coleção Museu Paulista, 1978; CHAVES, Julio Cesar. Compendio de historia paraguayana. 3 ed. Asunción: Carlos Schauman, 1988; RENGGER, J. R. Viaje al Paraguay en los años 1818 a 1826. Asunción: Tiempo de Historia, 2010; DEMERSAY. *El doctor Francia*. Asunción: El Lector, 1987.*

<sup>305</sup> GARAY, Blas. *Compendio Elemental [...] Ob.cit. p. 207-210.*

Em 17 de junho de 1811, foi realizado no Paraguai o Congresso Geral onde foi reafirmada a autoridade do Rei Fernando VII e em seu nome foi criada uma Junta governativa, formada por cinco membros: o tenente coronel dom Fulgencio Yegros, como presidente e comandante geral das armas e os demais membros Dr. José Gaspar Rodríguez de Francia, o capitão Pedro Juan Caballero, o presbítero dom Francisco Javier Bogarín e o senhor dom Fernando de la Mora. Além da nomeação dos demais secretários e a reorganização do Cabildo.<sup>306</sup>

Em 20 de julho de 1811, a Junta paraguaia comunicou oficialmente à Buenos Aires sobre a Revolução de Maio e as resoluções do Congresso de 17 de julho, confirmando sua autonomia. O governo de Buenos Aires nomeou dois comissários D. Manuel Belgrano e D. Vicente Anastásio de Echeverria (1768-1857), em “missão de paz”, dizendo que não havia problema na independência do Paraguai. Os dois comissários chegaram a firmar o Tratado de 12 de outubro de 1811 que deveriam ir ao Paraguai em “missão de paz”, dizendo que não havia problema na *independência* do Paraguai. Os dois comissários chegaram a firmar o Tratado de 12 de outubro de 1811 que consagrava claramente a autonomia do Paraguai. Porém, na verdade, Buenos Aires estava apenas ganhando tempo, para conseguir invadir o Paraguai.<sup>307</sup>

A Junta governativa teria passado por dificuldades, causadas principalmente pela intromissão dos militares, o que teria levado a saída de Francia do governo, em 1º de agosto de 1811. Após inúmeros pedidos de seus companheiros da Junta e do afastamento de Francisco Javier Bogarin (1763-d), Francia retornou ao governo. José Gaspar de Francia aumentou a participação na política paraguaia, tendo fixado em mil o número de deputados que se reuniram no Congresso Geral.<sup>308</sup>

### **Governo de José Gaspar Rodríguez de Francia**

José Gaspar Rodríguez de Francia foi descrito como homem inteligente e hábil:

La inteligente e habilísima política del Dr. Francia iba produciendo sus naturales resultados. Su decisión para combatir los desmanes do militarismo le granjeó el cariño popular y el respeto de aquellos a quienes se oponía; sus ausencias del gobierno pusieron de relieve lo necesarias que eran sus luces para la buena dirección de los negocios y le acreditaron de poco ambicioso; su honradez ya bien comprobada, tuvo ocasión de acrisolar-se; la halló también para demostrar que la energía no estaba en su alma reñida con la clemencia, y rindió parias a la justicia deshaciendo los errores de sus colegas, cuya popularidad iba tan a menos crecía la de aquél.<sup>309</sup>

---

<sup>306</sup> Id. ib. p. 213.

<sup>307</sup> Id. ib. p. 139.

<sup>308</sup> Id. ib. p. 146.

<sup>309</sup> Id. ib. p. 143.

José Gaspar de Francia estaria buscando diminuir as desigualdades e as injustiças cometidas pelos outros membros do governo e assim foi ganhando maior popularidade e aceitação. O governo de Buenos Aires exigia a participação dos paraguaios no Congresso Geral das províncias do antigo vice-reino do Prata e enviou, em 20 de fevereiro de 1813, um plenipotenciário, Nicolás de Herrera, com o objetivo de consolidar a amizade de ambos as duas províncias e ratificar o Tratado de 12 de outubro de 1811. Devia, também, obter informações sobre José Artigas (1764-1850), que se acreditava estar exilado no Paraguai.<sup>310</sup>

Em 30 de setembro de 1813, reuniu-se no templo de *la Merced*, em Assunção, o segundo Congresso Geral do Paraguai. Entre as principais medidas tomadas estavam a determinação em não participar do Congresso Geral de Buenos Aires. Francia ficou encarregado de escrever uma espécie de Constituição, que foi apresentada, em 12 de outubro, com o título de Regulamentação do Governo do Paraguai. Votou-se, também, um governo de um ano, sob comando de dois magistrados e a declaração categórica da independência do Paraguai, seja da Espanha ou de qualquer povo vizinho.<sup>311</sup>

José Gaspar de Francia e Fulgencio Yegros foram eleitos como primeiros cônsules paraguaios e tiveram que lutar para manter a independência do país. Em 5 de janeiro de 1814, o governo aprovou um decreto que excluía os espanhóis da vida política, confiscou seus bens, proibiu casamentos entre espanhóis e mulheres espanholas e relações de compadrio entre os mesmos e permitiu o casamento somente entre espanhóis e mulheres mestiças, mulatas ou índias do povo.<sup>312</sup> O objetivo do governo paraguaio seria enfraquecer a classe *espanholista* e fortalecer sua base *popular* de governo.

Blas Garay destaca que o governo consular foi muito melhor que o da junta governativa e cita como pontos positivos, entre outros, o fim dos abusos dos funcionários públicos; o fim da corrupção no governo; a regulamentação das fazendas; a prudência na economia; as tentativas de estabelecer relações comerciais com a Europa; o combate à corrupção; o respeito aos direitos do Cabildo; as melhorias no exército.<sup>313</sup> Francia não gostava da divisão de poder com Fulgencio Yegros, por acreditar, segundo Blas Garay,

---

<sup>310</sup> Id. ib. p. 146.

<sup>311</sup> Id. ib. p. 147-148.

<sup>312</sup> Id. ib. p. 149.

<sup>313</sup> Id. ib. p.150.

que ele era simpático às ideias *portenhistas*. Teria, portanto, sempre segundo aquele autor, usado sua influência para assumir o governo de forma “absoluta”.<sup>314</sup>

### Governo ditatorial de Francia

No Congresso de 3 de outubro de 1814, José de Francia foi eleito *ditador*, no sentido romano do termo, por um período de cinco anos. Os partidários de Fulgencio Yegros reclamaram, mas não conseguiram impedir aquela determinação. Francia foi descrito, como ditador, como um bom administrador, que reduziu seu salário para um terço, buscou regularizar a administração e a defesa da *república*; criou impostos com o objetivo de fortalecer o tesouro público; nomeou secretários para auxiliar nos negócios do governo, impediu novos ataques indígenas; guarneceu as fronteiras; manteve comércio e relações amistosas com os portugueses; controlou o comércio, para comprar armas e munições; extinguiu as comunidades religiosas; criou a Igreja do Paraguai e continuou perseguindo os *espanholistas*.<sup>315</sup>

Em 30 de maio de 1816, José Gaspar de Francia convocou o Congresso e, em segunda votação, no dia 1º de junho, foi eleito ditador perpétuo do Paraguai. Segundo Blas Garay, a partir de então, ele teria extremado suas ações: “El junio de 1816 prohibió las reuniones de gente en los sitios públicos, y las procesiones en días que no fuesen los señalados en el calendario, sin previo permiso firmado por él mismo [...]”.<sup>316</sup>

Blas Garay destaca que as boas obras de Francia foram dando lugar à tirania:

A algunos españoles que le censuraron costó la vida su indiscrección, y los más conspicuos ciudadanos, entre los que estaban los hermanos Iturbe, fueron presos porque su conducta no merecía la confianza del Dictador. La situación se agravó my luego, porque empezaron a descubrirse gérmenes de conspiración. [...] En 1º de Abril de 1818 fué preso un Pedro Pascual Romero, que acusaba a Francia de latrocinio y decía que iba a ser depuesto y colocado en su lugar Yegros. [...] Conspirábase, en efecto, activamente, y ya los conjurados habían fijado el viernes santo de 1820 para asesinar a Francia y apoderarse del gobierno.<sup>317</sup>

Após descobrir a conspiração, o ditador Francia mandou prender Fulgencio Yegros, o comandante Montiel e outros cúmplices. Com passar dos anos, Francia teria enfrentado outras conspirações, agindo com mais severidade, prendendo seus principais opositores espanhóis e executando em praça pública os principais líderes dos conspiradores. Destaque-se que não há registro histórico dessas execuções, que faziam parte das narrativas tradicionais das classes dominantes paraguaias.

<sup>314</sup> Id. ib. p. 151.

<sup>315</sup> Id. ib. p. 153-154.

<sup>316</sup> Id. ib. p.155.

<sup>317</sup> Id. ib. p. 158.

Blas Garay descreveu também sobre as medidas adotadas por Francia entre as quais as ações contra os portugueses do norte, na região de Coimbra, atual Mato Grosso do Sul; as hostilidades contra *Corrientes*; o fomento da produção nacional, como por exemplo, a fabricação de tecidos; a criação das *tiendas* [lojas] do Estado; o aprisionamento do francês Aimé Bonpland; e as reformas econômicas.

A relação entre José Gaspar de Francia e o Império do Brasil teria se tornado cada vez mais complicada. Em 21 de abril de 1824, o imperador enviou como cônsul e diplomata ao Paraguai o conselheiro Antônio Manuel Correa Câmara para negociar com Francia um acordo amigável, resolver as questões de limites e as invasões dos índios na fronteira entre os dois países. Porém, Antônio Manuel Correa Câmara não aceitou as reivindicações de Francia e a missão fracassou. Como consequência, Francia proibiu o comércio de moradores do Brasil com os povos do Mato Grosso do Sul.<sup>318</sup>

Em 20 de outubro de 1826, o Império enviou novamente Antônio Correa Câmara (1824-1893) para outra missão ao Paraguai, com igual fracasso. Francia também proibiu o casamento de não-nacionais com mulheres paraguaias e o recebimento de comunicação das nações estrangeiras; controlou fortemente a entrada e a saída da população; suprimiu os seminários, investiu na educação primária, no que resultou ter poucos analfabetos no Paraguai.<sup>319</sup>

José Gaspar Rodríguez de Francia morreu na manhã de 20 de setembro de 1840, aos 74 anos de idade. O autor concluiu a parte sobre Francia ressaltando a necessidade de uma análise justa e coerente sobre seu governo:

La dilatada administración del Dr. Francia no ha sido ahora juzgada con el reposo y la limpieza de espíritu necesarios para no rendir culto a los anátemas que han pronunciado contra ella, a las veces una crítica demasiado ligera e injusta, que no se detiene a examinar las causas que informaron los hechos ni las circunstancias de la época y del medio social en que se produjeron, y más frecuentemente la preocupación, la ignorancia y el prurito de las hueras declamaciones de un mal entendido liberalismo.<sup>320</sup>

Dessa forma, para entender as ações de José Gaspar Rodríguez de Francia seria necessário levar em conta o contexto histórico, político e social da época. Francia teria sido cruel, mas teria sido um governo benéfico para o Paraguai, com inúmeros aspectos positivos. De acordo com Blas Garay: “Y lo que nadie puede discutir es que la

---

<sup>318</sup> Id. ib. p. 170-171.

<sup>319</sup> Id. ib. p. 164-182.

<sup>320</sup> Id. ib. p. 183.

nacionalidade paraguaya y su autonomía son obra de Francia. »<sup>321</sup> Teria sido pelas mãos de Francia que o Paraguai ganhou vida própria e manteve sua independência contra seus inimigos que queriam anexá-lo a Buenos Aires. Blas Garay recuperava, mas não reivindicava o doutor Francia, visto com maus olhos desde os tempos de Carlos Antonio, como vimos.

### **Período Constitucional**

Após a morte de José Gaspar de Francia, o Paraguai passou por um conturbado período, causado pela incerteza referente à sucessão governamental. Assumiu o governo uma Junta provisória, composta pelo primeiro juiz ordinário Manuel Antonio Ortiz, pelo capitão de artilharia Agustín Cañete, pelo comandante de armas o tenente Pablo Pereira, pelo comandante do quartel do hospital, Miguel Maldonado, pelo subtenente Gabino Arroyo. Policarpo Patiño, antigo funcionário do governo, manteve-se como atuário.<sup>322</sup>

Em princípio, a Junta foi nomeada com vigência permanente. Contudo, segundo Blas Garay, ela sofreu forte oposição por não representar os interesses do povo. Em 22 de janeiro de 1841, representantes do exército derrubaram a Junta e nomearam outra, provisória, até a realização do Congresso Geral. Em 12 de março de 1841, reuniram-se quinhentos deputados paraguaios em Congresso Geral, votando o restabelecimento, por três anos, do governo consular, e nomeando com unanimidades Carlos Antonio López e Mariano Roque Alonso como cónsules.<sup>323</sup>

Entre as determinações do Congresso, estipulou-se que os cónsules deviam exercer a função administrativa, judicial e militar e, em caso de morte de um deles, o outro convocaria, dentro de vinte dias, o Congresso para eleição de substituto. Segundo Blas Garay, entre as primeiras medidas do novo governo estariam à concessão de liberdade à maioria dos prisioneiros do governo de Francia e a José Artigas, tendo sido oferecido os meios para voltar a sua pátria. Porém, ele teria preferido ficar no Paraguai.

José Artigas (1764-1850) após ser derrotado em sua luta federalista e ver seus esforços para a distribuição de terras, nos atuais departamentos de Tacuarembó, Rivera e Cerro Largo, sabotados pelos grandes proprietários e pela oligarquia de Montevideu e Buenos Aires acabou se exilando no Paraguai, onde permaneceu até o fim de sua vida.<sup>324</sup>

---

<sup>321</sup> Id. ib. p. 184.

<sup>322</sup> Id. ib. p. 187.

<sup>323</sup> Id. ib. p. 194.

<sup>324</sup> MAESTRI, Mário. *Mar del Plata. Dominação e Autonomia no Sul da América: Argentina, Brasil, Uruguai (1810-1864)*. Porto Alegre: FCM Editora, 2016. p. 129.

Francia o recebeu e o protegeu, quase entrando em guerra com caudilho argentino, que exigia que fosse entregue. Jamais manteve contato com ele, até para registrar que se tratava de asilo, e não de aliança.<sup>325</sup>

O governo de Carlos Antonio López teria buscado tirar o país do isolamento, investindo no comércio e nas relações diplomáticas. Em 31 de julho de 1841, foi realizado com enviados correntinos um tratado:

[...] un tratado de amistad, comercio y navegación, que abría a los correntinos el puerto de Villa del Pilar, y otro provisorio de límites, en que se nos reconocía la propiedad de todo el territorio situado a la derecha del Paraná, y además, en la banda, las tierras ocupadas por el campamento llamado San José de la Rinconada y, los pueblos extinguidos de Candelaria, Santa Ana, Loreto, San Ignacio Miní, Corpus y San José hasta tranquera de Loreto. Ambos tratados los ratificó el gobernador de Corrientes, D. Pedro Ferré, a 23 de Agosto del mismo año, y fueron canjeados el 6 de Septiembre siguiente.”<sup>326</sup>

Sempre segundo Blas Garay, a República Oriental do Uruguai teria proposto também um tratado de amizade a fim de reconhecer a independência do Paraguai, do mesmo modo a Inglaterra estaria disposta a estabelecer relações amigáveis com o país. A República Rio-Grandense [farroupilha] enviou emissário ao Paraguai, mas não obteve sucesso, pois as tropas rio-grandenses com o objetivo de chegar ao Uruguai invadiram a fronteira paraguaia, o que impediu qualquer acordo.<sup>327</sup>

Segundo Blas Garay, sob pretexto de evitar discórdia, o governo teria proibido qualquer comentário tanto positivo, quanto negativo sobre o governo de Francia. Entretanto, nos fatos, tratou-se de determinação que visava reprimir as críticas dos segmentos francistas ao novo governo.<sup>328</sup>

O governo teria buscado reorganizar os impostos, adotando medidas para ajudar a população mais pobre, como a doação de cabeças de gado, melhoramento nas estradas e do sistema de irrigação. Ratificou a independência, criou os símbolos nacionais (pavilhão, escudo e selos nacionais); fortaleceu a segurança nas fronteiras; concedeu terra de propriedades públicas para ajudar no desenvolvimento da pecuária (o autor não explica para quem, mas pelo contexto entendesse que era para os grandes proprietários); fez obras públicas e investiu nas indústrias de pólvora e de salitre.<sup>329</sup>

---

<sup>325</sup> Id. id. p. 145.

<sup>326</sup> GARAY, Blas. *Compendio Elemental [...]* Ob. cit. p. 196.

<sup>327</sup> Id. ib. p. 197.

<sup>328</sup> MAESTRI, Mário. *Paraguai [...]* Ob. cit. p. 168.

<sup>329</sup> GARAY, Blas. *Compendio Elemental [...]* Ob. cit. p. 198-203.

Em 9 de fevereiro de 1844, concluiu-se o período do governo consular. Em 13 de março, reuniu-se o Congresso geral, que aprovou a *Ley que establece la Administración política de la República del Paraguay*, que estabeleceu a organização dos poderes do Estado, sendo instituído um sistema rústico de três poderes: executivo, legislativo e judiciário.

[...] el Legislativo, que residía en un Congreso o legislatura nacional de doscientos diputados de elección directa, y que, además de las reuniones extraordinarias, debía ser convocado de cinco en cinco años; el Ejecutivo, ejercido por un presidente de la república, electo por el Congreso en sesión permanente y por un decenio, debiendo ser del fuero común y de cuarenta y cinco años de edad, reemplazado en caso de enfermedad, ausencia, muerte, renuncia o vacante por cualquier otra causa, por el juez superior de apelaciones con calidad de vice-presidente, mientras se procedía a nuevo nombramiento; y el Judicial, residente en los jueces y tribunales instituídos por la ley del Congreso de 1842.<sup>330</sup>

O presidente da república teria poderes extraordinários em caso de invasão, de comoção interior e quantas vezes fosse necessário para manter a ordem e a tranquilidade pública. Havia também um conselho de Estado, que era composto pelo prelado da Igreja Católica, por dois juízes da magistratura e por três cidadãos “capazes” nomeados pelo presidente. Este conselho devia ser ouvido pelo presidente em todos os assuntos da administração pública.

### **Governo de Carlos Antonio López**

Blas Garay destacou que o governo de Carlos Antonio López foi de ordem e progresso, que regularizou a administração e buscou evitar conflitos. Em 14 de março de 1841, o Congresso Geral nomeou o cônsul Carlos Antonio López como presidente da República. Entre suas primeiras medidas estaria o envio de seis jovens paraguaios ao estrangeiro e trazer professores de medicina ao país.

Logo após o Congresso, o Paraguai passou a receber comunicados de reconhecimento por sua independência, do ministro inglês em Buenos Aires, do Chile, da Bolívia, do Brasil, do Uruguai, da Santa Sé e de Portugal. No final de 1852 e início de 1853, chegaram a Assunção os ministros da França, da Sardenha e dos Estados Unidos da América, os quais reconheceram a independência do Paraguai e firmaram Tratados de Amizade, Comércio e Navegação. Para ratificar esses tratados o governo paraguaio enviou o brigadeiro Solano López a Europa.<sup>331</sup>

---

<sup>330</sup> Id. ib. p. 206.

<sup>331</sup> GARAY, Blas. *Breve resumen de la Historia [...] Ob. cit. p. 121-122.*



A Argentina de Juan Manuel Rosas não aceitou a independência paraguaia, pois acreditava que o Paraguai era seu território por direito. Como consequência dessa disputa, o comércio paraguaio foi prejudicado, o governador de Corrientes desrespeitou o tratado de 2 de dezembro de 1844, que regulamentava o direito de navegação e de comércio e proibiu a passagem de navios com destino ao Paraguai. Em 8 de janeiro de 1845, Manuel Rosas (1793-1877) proibiu a passagem de navios ao Paraguai, assim também o fez Manuel Oribe (1792-1857) governador da Banda Oriental.<sup>332</sup>

Para ajudar na modernização do país, o governo paraguaio incentivou a vinda de imigrantes e inventores. Mas os primeiros imigrantes europeus chegaram somente em 1855, com a tentativa frustrada de fundação da Colônia francesa de Nueva Burdeos.<sup>333</sup> Carlos Antonio López criou também, a guarda nacional, organizou o exército de linha, estabeleceu as guardas auxiliares e em 26 de abril de 1845, fundou o primeiro jornal do país *El Paraguayo Independiente*.

Por outro lado, ampliaram-se as tensões com a Confederação Argentina, o que ensejou conflitos abertos. O governo paraguaio organizou tropas contra Juan Manuel Rosas com o apoio da Província de Corrientes. O conflito não prosperou devido ao fato do governador de Corrientes Joaquin Madariaga não se mostrar confiável. Desde então, ocorreu o rompimento oficial da República do Paraguai com a Confederação Argentina rosista.<sup>334</sup>

Após a derrota de Juan Manuel Rosas e Manuel Oribe na Batalha de Monte Caseros, em fevereiro de 1852, Justo José de Urquiza (1801-1870), diretor provisório da Confederação Argentina, reconheceu a independência do Paraguai, estabelecendo-se “tratado de navegación y limites” em 15 de junho de 1852 com a República Argentina, que reconheceu a “independência” paraguaia, poucos dias mais tarde.<sup>335</sup>

Em 12 de junho de 1854, Carlos Antonio López, enviou, por dezoito meses, uma missão liderada por seu filho, Francisco Solano López, à Europa para firmar acordos e fortalecer a independência do Paraguai.<sup>336</sup> Enquanto isso, as questões de limites com o Império do Brasil e a constante necessidade de reafirmar e manter a independência do Paraguai continuavam.

---

<sup>332</sup> GARAY, Blas. *Compendio Elemental [...]* Ob.cit. p. 208.

<sup>333</sup> Cf. PASTORE, Carlos. *La lucha por la tierra en el Paraguay*. Montevideo: Antequera, 1972, 526 p.

<sup>334</sup> GARAY, Blas. *Compendio Elemental [...]* Ob. cit. p. 212.

<sup>335</sup> Id. ib. p. 220.

<sup>336</sup> Id. ib. p. 210.

Em 14 de março de 1854, Carlos Antonio López completou dez anos na presidência e, após aprovação do seu governo pelo Congresso, ele foi reeleito por mais três anos. Em 1857, foi novamente reeleito por um período de dez anos. Seu mandato foi marcado por tensões nas relações internacionais, com os Estados Unidos: caso Hopkins e caso do navio Water Witch, do Capitão Page<sup>337</sup>; com a Inglaterra: a missão de Mr. Christie e caso de Santiso Canstatt<sup>338</sup>; com o Império do Brasil: negociações e desentendimentos como a expedição naval de Pedro Ferreira de Oliveira<sup>339</sup>, questões de limites e navegação; tentativa frustrada de contratar franceses; esfriamento das relações com a Santa Sé, etc.

Apesar da pressão de Justo Jose de Urquiza para apoiá-lo contra Buenos Aires, Carlos Antonio López teria afirmado que lhe era indiferente se fosse Juan Manuel Rosas ou Justo José Urquiza no governo da Argentina, o que devia estar garantido era a independência do Paraguai.<sup>340</sup> Por isso não se aliou aos *rebeldes* e ao Império do Brasil, contra Rosas, o que teria afastado o Estado paraguaio do bloco platino vencedor.

Em uma espécie de narrativa cronologia, Blas Garay descreveu os principais acontecimentos da história paraguaia. Sem aprofundamento ele foi mostrando como os conflitos entre o Paraguai e as nações vizinhas foram se desenrolando, com destaque para relações com a Argentina e o Império do Brasil.

Para Blas Garay, Carlos Antonio López fez do Paraguai uma potência na América:

Al cabo de la laboriosa administración [...] el país presentaba aspecto muy distinto del que tenía cuando comézo. Potencia militar poderosa, para lo que eran en aquel tiempo las demás naciones de América, podía poder sobre las armas, en 1859, un fuerte ejército; poseía fábricas bien montadas de pólvora y balas; fundiciones de hierro en Ibicuí desde 1854; un arsenal en la Asunción desde 1855; regular marina de guerra, que a la vez servía al comercio. Dedicó

<sup>337</sup> Caso Hopkins: Eduardo Augusto Hopkins era cônsul dos EUA, no Paraguai, formulou uma reclamação por um incidente com um irmão seu, onde teria sido muito insolente em suas comunicações oficiais e acabou retirado do país “*el exequatur*”, em 1º de setembro de 1854. Caso Water Witch: em outubro de 1853, chegou a Assunção, o navio estadunidense Water Witch, comandado pelo capitão Page, que teria por objetivo explorar com fins científicos os afluentes do Rio da Prata. Carlos Antonio López autorizou a navegação do Water Witch até a Bahía Negra. Na volta da expedição, capitão Page teria se envolvido na defesa de Hopkins, se tornando agressivo e impertinente contra o governo paraguaio. Não contente com a situação em 1º fevereiro de 1855, apesar do decreto de 3 de outubro de 1854, que proibia a navegação dos tributários do Paraguai por navios de guerra, resolveu navegar no Alto Paraná e acabou morto pela bateria de Itapirú.

<sup>338</sup> A questão Christie ocorreu em 1858, devido ao desentendimento entre o ministro inglês Dr. Christie e o governo Carlos Antonio López com relação a acordos de limites. A prisão de D. Santiago Canstantt, súdito oriental, que por sua origem inglesa reclamou a proteção da Grã-Bretanha, agravou ainda mais a situação.

<sup>339</sup> Cf. TEIXEIRA, Fabiano Barcellos. *A Primeira Guerra do Paraguai: a expedição Naval do Império do Brasil a Assunção (1854-55)*. Passo Fundo: Meritos, 2012. 183 p

<sup>340</sup> Id. ib. p. 219.

también sus desvelos a extender la instrucción pública, que hizo obligatoria y gratuita [...]”<sup>341</sup>

Ao contrário da avaliação sobre o governo de Francia, praticamente não há senões, mas apenas elogios, para o governo de Carlos Antonio que, no frígir dos ovos, fortaleceu os grandes proprietários e fez recuar a influência dos chacareros, em relação ao governo francista. Carlos Antonio manteve o caráter autoritário do governo e restringiu os congressos aos proprietários. Blas Garay perfilhava, assim, as visões das classes dominantes paraguaias sobre o primeiro López, que mantivera firmemente o poder em suas mãos, mas lhe devolvera o status socioeconômico.

Carlos Antonio López morreu em 10 de setembro de 1862.

### **Governo de Francisco Solano López**

Em 16 de outubro de 1862, Francisco Solano López foi oficialmente eleito pelo Congresso Geral como presidente do Paraguai, pelo período regulamentar de dez anos. Segundo Blas Garay, a esperança em seu governo logo deu lugar a perseguição e execução de seus opositores: “Grandes esperanzas se fundaban en la ilustración y el talento del nuevo gobierno; pero desgraciadamente, sus primeros actos las desmintieron, pues persiguió y encarceló a cuantos opusieron alguna resistencia a su elección.”

Solano López assumiu o governo em um momento conturbado, onde os acordos de limites estavam esgotados e as tensões aumentavam. Por isso, teria investido no exército, cerca de 20 a 25 mil homens, e buscou manter a paz com Bartolomé Mitre, presidente da Confederação Argentina.<sup>342</sup> Destaque-se que a avaliação de Blas Garay sobre a dimensão do exército paraguaio é muito mais comedida do que as posteriores à guerra.

Através da descrição dos acontecimentos, Blas Garay foi explicando e justificando os posicionamentos de Solano López, sua tentativa de evitar os conflitos e manter o equilíbrio no Prata. O autor apresentou o contexto do Prata como grande causa da futura Guerra contra a Tríplice Aliança, o que era uma clara inversão em relação às explicações personalistas e simplistas dos aliancistas e legionários. Ao contrário do habitual, Garay se apoiava em documentos, ao reconstituir aqueles momentos.

---

<sup>341</sup> Id. ib. p. 229.

<sup>342</sup> Id. ib. p. 231.

Nesse período, a Banda Oriental, governada por Bernardo Prudêncio Berro, do partido *Blanco*, enfrentou a rebelião liderada por Venancio Flores, do partido *Colorado* oriental, que contava com o apoio de Bartolomé Mitre e do Império do Brasil. Solano López teria percebido que esse conflito causaria um desequilíbrio no Prata, pedindo então satisfações a Argentina sobre o apoio dado a Venancio Flores, que jamais satisfizeram o governo paraguaio.

Solano López se ofereceu para mediar à paz entre os envolvimento, mas Bartolomé Mitre ignorou. Muito logo, a questão platina se precipitaria, com a crescente ameaça do Império do Brasil de invadir a República do Uruguai. Percebendo que o próximo da lista seria o Paraguai, Solano López enviou um documento ao Brasil pedindo que não invadisse a Banda Oriental.

El 30 de agosto de 1864 el ministro de relaciones exteriores del Paraguay ofició al ministro residente del Brasil [...] protestando contra el ultimatum pasado al gobierno de Montevideo [...], manifestando que el gobierno paraguayo consideraria cualquier ocupación temporal o permanente de territorios orientales como un atentado contra el equilibrio de los Estados del Plata [...]

343

Apesar dos protestos paraguaios, o Império do Brasil invadiu a Banda Oriental. Devido a isso, Solano López determinou o aprisionamento do navio Marquês de Olinda, que navegava em águas paraguaias, sob alegação que poderiam existir armas e munições. “El pueblo, que había visto con simpatía la intervención de López y su protesta contra el ultimatum Saraiva, recibió con júbilo la noticia de que la guerra estaba declarada de hecho.”<sup>344</sup>

Solano López teria recebido apoio “popular”. Ele organizou as tropas e enviou uma expedição, que saiu de Assunção, com cerca de três mil homens, em diversos navios, escunas barcaças. Outra tropa partiu de Vila Conceição, com cerca de três mil e quinhentos homens, ambas com o destino província do Mato Grosso, onde tomaram quase sem resistência o Forte de Coimbra e ocuparam o sul da província.<sup>345</sup> Nesta operação, os paraguaios teriam encontrado grande quantidade de armas e apetrechos. Segundo o autor, essas armas seriam iguais ou maiores do que as utilizadas pelo Paraguai durante toda a guerra. “Esta grande aglomeración de material bélico obedecía a los

---

<sup>343</sup> Id. ib. p. 232.

<sup>344</sup> Id. ib. p. 233.

<sup>345</sup> Cf. MIRANDA FILHO, Orlando de. *O Primeiro Tiro: a ocupação de Mato Grosso na Guerra do Paraguai (1864-1870)*. Porto Alegre: FCM Editora, 2016. 195 p.

preparativos que el Brasil y la República Argentina venían haciendo desde tiempo atrás en contra del Paraguay.”<sup>346</sup>

De certo modo, para Blas Garay, Solano López estava sendo empurrado para a guerra. Em 14 de janeiro de 1865, Bartolomé Mitre teria negado o pedido de Solano para passar por Corrientes, território argentino. Cada vez mais sem opção, Solano reuniu o Congresso paraguaio, em 5 de março, explicou a situação do país com relação ao Império e a aproximação deste com a Argentina. O Congresso aprovou as ações de Solano López e declarou guerra a Argentina em 29 de março de 1865.

Destaque-se que esta reconstrução histórica de Blas Garay sobre a declaração de guerra é inovadora, em relação às leituras tradicionais, porém redutiva, já que no Congresso, deputados registraram o temor de iniciar guerra com a República Argentina, quando já combatiam o grande Império do Brasil. Informação que o autor certamente conhecia, já que registrada no *Semanário*.

Em 1º de maio de 1865, em Buenos Aires, o Império brasileiro, a Argentina mitrista e o Uruguai se reuniram e assinaram o Tratado da Tríplice Aliança que tinha por objetivos atacar o inimigo até a derrota de Solano López, fazer o Paraguai pagar os gastos da guerra e indenizações, destruir todas as suas fortificações, tomar todas as armas, estrutura bélica e obrigar o Paraguai a aceitar os tratados de limites. No tratado, havia também uma cláusula oculta.<sup>347</sup>

### **A Guerra da Tríplice Aliança**

Blas Garay dedicou dezenove páginas do livro *Compendio Elemental de História del Paraguay* à descrição da Guerra entre a República do Paraguai e a Tríplice Aliança. Segundo ele, a declaração de guerra do Paraguai teria sido recebida com alarde e patriotismo pelos argentinos. Bartolomé Mitre teria dito que seria uma guerra “fácil e rápida” - em 24 horas nos quartéis, quinze dias em campanha e três meses em Assunção. A guerra se prolongaria muito e boa parte das tropas argentinas debandaram.<sup>348</sup>

O autor descreveu de modo sucinto as principais ações paraguaias como a invasão de Corrientes e Uruguaiana<sup>349</sup>, as ações em Ytaití Cora, Curupaití, Humaitá, Angostura, Itororó, até Cerro Corá. Ele destacou que o exército paraguaio era inferior em número de

<sup>346</sup> GARAY, Blas. *Compendio Elemental [...] Ob.cit.* p. 234.

<sup>347</sup> Id. id. p. 235-236.

<sup>348</sup> Id. ib. p. 236.

<sup>349</sup> Cf. JARDIM, Wagner. *Longe da Pátria: a invasão paraguaia do Rio Grande do Sul e a rendição em Uruguaiana*. Porto Alegre: FCM Editora. 2015.

soldados e de armas, mas apesar disso as tropas lutaram com grande bravura. Em todos os combates, a resistência paraguaia teria sido constante.

O autor destaca sempre a persistência paraguaia, mesmo nos momentos mais difíceis, como após a tomada de Humaitá.<sup>350</sup> Sempre segundo ele, mesmo perdendo as batalhas o número de mortes dos aliancistas era quase sempre maior que o paraguaio.<sup>351</sup> Em 21 de setembro de 1866, Solano López teria tentado negociar inutilmente a paz.<sup>352</sup>

A batalha de Curupaití foi descrita como o grande momento das forças paraguaias. Em 22 de setembro de 1866, os generais aliados resolveram acelerar as ações atacando Curupaití, defendido por cinco mil paraguaios, com dezoito mil aliancistas comandados por Bartolomé Mitre. A batalha durou duas horas e terminou com enorme vitória paraguaia - nove mil aliancistas mortos, cinco mil aliancistas prisioneiros, três mil fuzis, etc. Teriam morrido apenas 54 paraguaios. Por vários meses não teriam ocorrido novas ações aliancistas. O herói da jornada teria sido o general José Eduvigis Díaz, como veremos no capítulo 5.

Em 14 de janeiro de 1868, Bartolomé Mitre se retirou do teatro de batalha, Blas Garay não explica o porquê dessa ação - nos fatos, foi devido à insurreição nas províncias e morte do vice-presidente.<sup>353</sup> Luís Alves de Lima e Silva (1803-1880), então marquês de Caxias, assumiu o comando das tropas aliancistas que estariam com cerca de 50 mil homens, enquanto as tropas paraguaias contariam com cerca de 15 mil, na sua maioria velhos e crianças.<sup>354</sup>

Entre os principais acontecimentos podemos citar: a evacuação de Assunção, a transferência do governo para cidade vizinha de Luque, o bombardeio de Assunção, em fevereiro de 1868; a resistência e a evacuação de Humaitá, em 24 de julho de 1868; a resistência e fuga desesperada de López até sua morte em 1º de março de 1870, em Cero Corá.

Blas Garay destacou que a guerra durou seis anos e que nesse período o Paraguai não recebeu nenhum fuzil do estrangeiro e que quatro quintos de sua população pereceram na guerra. Mais uma estimativa equilibrada, ao contrário do que ocorre não raro até hoje. A glória desta resistência empenhadíssima e sobre-humana corresponde a

---

<sup>350</sup> GARAY, Blas. *Compendio Elemental* [...] Ob.cit. p. 248.

<sup>351</sup> Id. ib. p. 241.

<sup>352</sup> Id. ib. p. 242.

<sup>353</sup> MAESTRI, Mário. *Guerra Sin Fin: La Tríplice Alianza contra el Paraguay. La Campaña Defensiva 1866-1870*. Asunción: Intercontinental Editora. 2018, p. 211.

<sup>354</sup> GARAY, Blas. *Compendio Elemental* [...] ob.cit. p. 245.

Solano López que a dirigiu, porém não o isenta das manchas inauditas e desnecessária crueldade que sobre ela ficaram.<sup>355</sup>

A única crítica de Blas Garay em relação a Solano López foi referente às atrocidades cometidas por ele:

[...] habían sido fuzilados como conspiradores el hermano del presidente, su cuñado, el general Barrios, el obispo Palacios, el coronel Alén, y otros. Estas no fueron las únicas atrocidades de López, que em el curso de esta guerra hizo ejecutar muchas injustas condenas de muerte, dictadas por tribunales incapaces de oponerse a las venhanzas del sanguinario presidente.<sup>356</sup>

Dessa forma, Solano López é apresentado como vingativo e sanguinário, como propunham as narrativas aliancistas e legionárias sobre o conflito. Entretanto, há uma clara defesa das razões do Paraguai na guerra e das qualidades do Mariscal.

Ao finalizar o tema, Blas Garay descreveu a situação vivenciada pelos paraguaios durante os dias finais da resistência. A miséria, a fome, as doenças e principalmente o heroísmo do povo em defesa da pátria.

Ningún pueblo rayó más alto en el heroísmo con que defendió el suelo de la pátria; ninguno llevó a tan extrema abnegación el sacrificio por la integridad del territorio: vencedores o vencidos en victorias que hacían pagar muy caras, cada vez se debilitaban más; combatidos por las epidemias, por la desnudez, por la falta de alimento.<sup>357</sup>

Em 1º de março de 1870, em Cero Corá, Solano López foi “finalmente” morto e a guerra chegara ao fim.

Blas Garay praticamente traça as linhas gerais do revisionismo histórico-patriótico paraguaio, à exceção de uma reivindicação incondicional do Mariscal, ao qual, como vimos, propõe grandes serviços e qualidades.

### Considerações

Blas Garay fez importante trabalho ao descrever a história do Paraguai desde sua povoação europeia até a Guerra contra a Tríplice Aliança. É uma historiografia política, de cunho oficialista, apresentada através de uma narrativa que segue a periodização já tradicional, sobre os principais acontecimentos da história paraguaia.

<sup>355</sup> GARAY, Blas. *Breve resumen de la Historia* [...] ob. cit. p. 139.

<sup>356</sup> Id. ib. p. 249.

<sup>357</sup> Id. ib. p. 251.

De modo bastante sucinto, devido também à dimensão da obra, o autor abordou variados temas, sendo eles: os guaranis, a chegada dos espanhóis, a ação dos Jesuítas, a Independência, o primeiro consulado, o francismo, o segundo consulado, o lopismo, a guerra, os principais tratados e ações do governo paraguaio. Blas Garay não trata sobre as pessoas “comuns” do período, com destaque para as populações do interior – os chacareiros, as aldeias de índios, os cativos, etc. Não se detém igualmente na questão linguística.

Blas Garay concorda em grande parte com as posturas e posições dos governos de José Gaspar de Francia e de Carlos Antonio López. Francia é descrito como administrador inteligente, capaz e honrado: “La inteligencia y habilísima política del Dr. Francia iba produciendo sus naturales resultados. Su decisión para combatir los desmanes del militarismo le granjeó el cariño popular y el respecto de aquellos a quienes se oponía.”<sup>358</sup>

Carlos Antonio López foi descrito como um governo de ordem e progresso, que regularizou a administração, buscou desenvolver o país e o bem-estar da população, foi severo, mas não sanguinário. “[...] el gobierno de D. Carlos Antonio López lo fué de orden y de progreso y regularizó la administración.”<sup>359</sup> Ou seja, o administrador exemplar.

Com relação às causas da guerra, o mais importante, sugere que os interesses da República Argentina e do Império do Brasil sobre a região do Prata e a questão de limites e da livre navegação teriam sido seus principais motivos. Avançou, portanto, de forma significativa, em relação à historiografia oficialista [portenha, imperial e legionária] que explicava o conflito como sendo exclusiva responsabilidade da sede de conquista ou de glória de Solano López.

Segundo Blas Garay a ação paraguaia de declarar guerra ao Império do Brasil foi pela necessidade de manter esse equilíbrio, pois após ocupar a República Oriental do Uruguai, o próximo da lista seria a República do Paraguai. Sendo assim, o Paraguai foi forçado a entrar em guerra para manter sua independência de fato. Visão esta que confrontava totalmente as explicações aliancistas.

Outro elemento importante e recorrente na análise da guerra foi à descrição do soldado paraguaio, que mesmo capturado, tentava escapar para retornar a luta. Não há discussão sobre as reais motivações desses soldados. Para Blas Garay, seria o patriotismo.

---

<sup>358</sup> Id. ib. p. 143.

<sup>359</sup> Id. ib. p. 207.



Blas Garay através de seus escritos trouxe uma nova visão sobre a figura de Solano López, de tirano e grande culpado pela guerra, ele passou a ser reconhecido por seu caráter pacífico, ao tentar encerrar a guerra e por sua defesa do Paraguai. Blas Garay propôs que no início do governo e da guerra as ações de Solano López eram vistas como “popular” e com esperança, mas que teria sido cruel e perverso, durante o desenvolvimento do conflito. O que não negaria suas qualidades patrióticas e militares.

Blas Garay foi menos exaltado que a literatura de Juan O’Leary, de início do século seguinte, sobretudo no que se refere ao papel prometeico de Francisco Solano López no conflito. Sua narrativa contraditava profundamente a reconstrução posterior de Cecilio Báez, de viés liberal, formalista e positivista extremados.<sup>360</sup> Narrativa inspirada nas apologias portenho-imperiais que praticamente via a guerra como ato de renascimento de um Paraguai até então mergulhado nas sombras do despotismo e do atraso.

Blas Garay construiu uma narrativa sobre o passado paraguaio coerente com o Estado nacional em reconstrução e suas classes dominantes *crioulas*. Um relato que retomasse e integrasse as origens da nação, apresentando a guerra como terrível hiato, mas sempre um hiato, de história pátria coerente, ou que procurava sua coerência. Sua crítica ao “comunismo” dos jesuítas retomava a visão dos proprietários coloniais e pós-coloniais. Recuperava na figura e na ação de José Gaspar Rodríguez de Francia a construção, defesa e consolidação da independência paraguaia. Criticava no despotismo francista a marginalização e repressão no governo e na sociedade dos grandes proprietários crioulos.

Em sua visão de Carlos Antonio López como o governador perfeito registrou a simpatia pela restauração do protagonismo das classes proprietárias e pelo governo forte, não liberal, que se apresentava no viés autoritário do Partido Colorado. Sua hipervalorização da situação paraguaia durante o lopismo como grande potência expressava igualmente o viés nacionalista e autoritário, ideologia confusa da Associação Nacional Republicana, os *lopistas*, como eram denominados pelos oponentes liberais e legionários, à qual aderira. Mesmo enfatizando o heroísmo do povo paraguaio, este foi certamente o grande ausente de sua historiografia. Jamais viu a resistência como uma construção dos camponeses e da população rural hispano-guarani.

Blas Garay propôs uma revisão historiográfica do passado, que não se apoiava na proposta de um papel messiânico de Francisco Solano López. Sua morte impediu,

---

<sup>360</sup> RADIL, Bernardino Cano. *Blas Garay [...]* Ob. cit. p. 78.

possivelmente, que sua produção historiográfica abandonasse os quadros sintéticos por trabalhos mais detalhados. É-nos impossível propor se, em desenvolvimento tendencial *possível e provável* de sua visão, o papel do *mariscal* na guerra teria assumido maior dimensão, em um reflexo da quase certa simpatia que gozava entre a população do país.

## CAPÍTULO 5- Juan Silvano Godoi: a construção do herói nacional

Juan Silvano Godoi nasceu em 12 de novembro de 1850, em Assunção. De família patricária e de cultura refinada, era filho do coronel Juan Vicente Godoi e de Petrona Echagüe de Godoi. Seu avô materno, Narciso Echagüe y Andía, foi prócer da Independência e teria ficado preso por vinte anos a mando de José Gaspar Rodríguez de Francia, sendo, depois, fuzilado.<sup>361</sup>

Figura 2: Juan Silvano Godoi



Fonte: [www.portalguarani.com](http://www.portalguarani.com)

Juan Silvano Godoi estudou no *Colégio Jesuíta de la Inmaculada Concepción* da cidade de Santa Fé, Argentina. Devido a sua pouca idade (c. de 12 anos), teria recebido a autorização de Francisco Solano López para continuar seus estudos na Argentina. Em 1862, quando partiu para o estrangeiro, o Paraguai vivia uma era de relativa tranquilidade e riqueza. Quando voltou, em 1869, estava devastado pela guerra. Juan Silvano Godoi

---

<sup>361</sup> BENÍTEZ, Luis G. *Breve Historia de Grandes Hombres*. Asunción: Industrial Gráfica Comuneros. 1986. 390 pp. [http://www.portalguarani.com/955\\_juan\\_silvano\\_godoi.html](http://www.portalguarani.com/955_juan_silvano_godoi.html)

estudou direito na Faculdade de Buenos Aires, mas não chegou a se formar, pois voltou ao Paraguai em janeiro de 1869.<sup>362</sup>

Em 1870, com 19 anos, foi eleito pelo distrito da Catedral, membro da comissão redatora da Constituição Paraguaia. Posteriormente, foi juiz de primeira instância civil e membro do Superior Tribunal de Justiça.

### **Atuação política**

Juan Silvano Godoi foi revolucionário, escritor, duelista e cúmplice de sangrentas conspirações. Participou da fundação do *Gran Club del Pueblo* (Partido Liberal), com Facundo Machaín e os irmãos José Segundo e Juan José Decoud, legionários.<sup>363</sup>

Durante o conturbado processo de formação do governo pós-guerra Juan Silvano Godoi participou de conspirações e tentativas de golpe. Quando o Triunvirato, que governou o Paraguai no pós-guerra se desfez com a renúncia de Carlos Loizaga e a saída de José Díaz de Bedoya, ficando apenas Cirilo Antonio Rivarola, Juan Silvano Godoi tentou convencer a Assembleia a depor o “Triunvirato” e designar Facundo Machaín como presidente provisório. Mas, no dia seguinte veio o contragolpe liderado por Cirilo Antonio Rivarola, Juan Bautista Gill, Candido Bareiro, entre outros, como vimos. Com o apoio das forças aliancistas, os depostos reassumiram o controle do governo. Foi a primeira derrota do revolucionário Juan Silvano Godoi.

Juan Silvano Godoi se tornou grande opositor ao governo, sobretudo após o assassinato do seu irmão Marcos. Ele passou a organizar juntamente com seu outro irmão Nicanor Godoi, o tenente coronel José Dolores Molas e coronel Matias Goiburú, pai natural de Manuel Domínguez, uma conspiração para assassinar o presidente Juan Bautista Gill. O grupo decidiu que Juan Silvano Godoi deveria sair do país e esperar o desenrolar dos fatos em Buenos Aires.

Em 12 de abril de 1877, Nicanor Godoi assassinou o presidente Juan Bautista Gill enquanto este caminhava em direção ao palácio do Governo. Juan Silvano Godoi permaneceu no exílio, na Argentina, por dezoito anos. Os demais envolvidos foram presos e depois executados, inclusive o advogado Facundo Machaín.<sup>364</sup> O único que sobreviveu foi Nicanor Godoi, que realizou epopeica fuga pelo interior do Paraguai até chegar em Corrientes, Argentina.<sup>365</sup>

---

<sup>362</sup> Idem.

<sup>363</sup> ZUBIZARETA, Carlos. *Cien Vidas Paraguayas*. Asunción: Editorial Servilibro. 2011, 240 pp.

<sup>364</sup> Idem.

<sup>365</sup> Cf. DECOUD. Hector Francisco. *Dos paginas de sangre*. Asunción: Talleres Nacionales de H. Kraus. 1925.

Radicado em Buenos Aires, Juan Silvano Godoi teria se dedicado a lucrativas transações mercantis. Viajou para a Europa, onde formou um grande patrimônio cultural.<sup>366</sup>

Durante o período de exílio de Juan Silvano Godoi, o Paraguai teve sete presidentes, sendo eles Higinio Uriate (1843-1909), que governou por cerca de dezenove meses, de 12 de abril de 1877 a 25 de novembro de 1878, pelo *Club del Pueblo*; Candido Bareiro (1833-1880) governou por cerca de dois anos, de 25 de novembro de 1878 a setembro de 1880, pelo *Club del Pueblo*; Bernardinho Caballero (1839-1912) governou por seis anos, de 25 de novembro de 1880 a 25 de novembro de 1886, *Club del Pueblo*. Patricio Escobar (1843-1912) governou por cerca de quatro anos, de 25 de novembro de 1886 a 25 de setembro de 1890, também pelo *Clube del Pueblo*, que em 11 de setembro de 1887, se reorganizou e deu origem a *Asociación Nacional Republicana*, popularmente conhecida como Partido Colorado. Juan Gualberto González (1851-1912) governou por cerca de quatro anos, de 25 de setembro de 1890 a 9 de junho de 1894; Marcos Moríngio (1848-1901) governou por cerca de seis meses, de 9 de junho de 1894 a 25 de novembro de 1894; e Juan Bautista Egusquiza (1845-1902) governou por quatro anos, de 25 de novembro de 1894 a 25 de novembro de 1898, pelo então Partido Colorado.<sup>367</sup>

Em 7 de abril de 1895, o presidente Juan Bautista Egusquiza decretou a anistia de Juan Silvano Godoi e este pode retornar ao Paraguai, a bordo do vapor Saturno. Entre os que lhe esperavam no porto estavam Cecilio Báez, Manuel Domínguez e Manuel Gondra.<sup>368</sup>

As principais obras de Juan Silvano Godoi foram: *Monografías Históricas* [Buenos Aires, 1893]; *Últimas Operaciones de Guerra del general José Eduvigis Díaz*, [Buenos Aires, 1897]; *Misión a Río de Janeiro*, [Buenos Aires, 1897]; *El Concepto de la Patria* [Buenos Aires, 1898]; *Bibliografía*, [Asunción, 1903]; *El Coronel Juan Antonio Ecurra*, [Asunción, 1905]; *La Muerte del Mariscal López*, [Asunción, 1905]; *Comentario Crítico* [Asunción, 1906]; *El Triunvirato* [Asunción, 1911]; *El barón de Río Branco* [1912]; *Documentos Históricos* [Asunción, 1916]; *El Fusilamiento del*

<sup>366</sup> BENÍTEZ, Luis. *Breve Historia de Grandes Hombres*. Asunción/Paraguay: Gráfica Comuneros. 1986. 390 pp.

<sup>367</sup> KAILSEN, Osvaldo. *Historia del Paraguay Contemporáneo: 1869-1983*. Asunción: Imprenta Modelo S.A. 1983. p. 36-59.

<sup>368</sup> AMARAL, Raúl. *Escritos Paraguayos: Introducción a la Cultura Nacional*. Quevedo: Edição digital, Biblioteca Virtual del Paraguay. 2013.

*obispo Palacios y los Tribunales de Sangre de San Fernando* [1916]; e *El asalto a los acorazados- El comandante José Dolores Molas* [1919].

Juan Silvano Godoi foi descrito como um homem do Renascimento, apaixonado, violento, senhorial, generoso e estudioso da história e das artes. Viajou para Florença, Paris, Madrid e Rio de Janeiro, onde teria cultivado amizade com vários intelectuais e com o José Maria da Silva Paranhos, o barão de Rio Branco, a quem dedicou um ensaio, “El Barón de Río Branco” (1913). Usou sua fortuna para criar um Museo de Bellas Artes, uma Biblioteca Americana e um importante fundo documental histórico.<sup>369</sup>

Em 1902, Juan Silvano Godoi assumiu o cargo de diretor geral da Biblioteca, Museu e do Arquivo da Nação. Dos quais demonstrava grande zelo e orgulho:

El Archivo de la Asunción que en lo sucesivo honrará por su presentación exterior i arreglo á la cultura paraguaya, continúa siendo uno de los más ricos del Rio de la Plata á despecho de todos los saqueos en él perpetrados, durante los gobiernos bárbaros que se han sucedido en el país, en los treinta postreros años del periodo constitucional.<sup>370</sup>

No ano de 1910, Juan Silvano Godoi representou o Paraguai no XVII Congresso de Americanistas, em Buenos Aires, e um ano depois foi nomeado plenipotenciário no Brasil. Foi casado com Bienvenida Rivarola, com quem teve quatro filhos. Faleceu em Assunção em 27 de janeiro de 1926, aos 75 anos de idade.<sup>371</sup>

É importante destacar que a Universidade da Califórnia possui a coleção Papéis de Juan Silvano Godoi, em seu *Online Archive of California*, com cerca de oito mil itens.<sup>372</sup>

### **Reescrevendo a história**

Juan Silvano Godoi escreveu sobre vários temas relacionados a história paraguaia, como: a juventude paraguaia, seu papel na construção do futuro da pátria; os governos de Carlos Antonio e Francisco Solano López; os soldados, em especial o general José Eduvigis Díaz; a batalha de Curupaiti; o pós-guerra; e seu trabalho junto ao governo paraguaio e ao Museu e Arquivo Nacional. Seu livro *El Fusilamiento del obispo Palacios*

---

<sup>369</sup> Idem.

<sup>370</sup> GODOI, Juan Silvano. *Memoria de la Dirección Jeneral de la Biblioteca, Museo i Archivo de la Nación*, año 1906. Asunción: Talleres Tipo-Litográficos La Unión, 1907. p. 22.

<sup>371</sup> Idem.

<sup>372</sup>Cf. Universidade da Califórnia

[https://calisphere.org/collections/8590/?q=&rq=nicanor&facet\\_decade=1870s](https://calisphere.org/collections/8590/?q=&rq=nicanor&facet_decade=1870s)

y los Tribunales de Sangre de San Fernando [1916] deixou em péssimas condições ao padre Fidel Maíz e robusteceu a acusação de Solano López como terrível assassino.<sup>373</sup>

Como tradicional, Juan Silvano Godoi apresenta visão positiva sobre o governo de Carlos Antonio López:

Dos décadas de administracion del presidente Carlos A. López dejaron à la república en pleno estado de prosperidad, poderosa, fuerte i rica: con ejército disciplinado, armada nacional, astilleros en actividad, arsenales de guerra, talleres mecánicos, fundiciones de hierro, industrias naturales en explotacion, erario repleto de oro, crédito ilimitado, etcetera.<sup>374</sup>

Carlos Antonio López teria feito um governo forte, próspero e rico para o Paraguai. Diferentemente, dos governos do pós-guerra, que segundo Juan Silvano Godoi, em seus vinte anos de governo constitucional teriam servido apenas para esterilizar as forças vivas do Paraguai, esbanjar as vinte mil léguas de terras fiscais e retirar da coisa pública a honradez, a inteligência e o patriotismo.<sup>375</sup>

O “futuro do país” dependeria da nova geração cujos corações honestos e nobres são capazes de escutar e apaixonar-se pelo grito que ecoa da tumba dos heróis, pedindo que busquem um ideal imaculado como de seus antepassados.<sup>376</sup>

O autor não realizou aprofundamentos acerca do governo de Carlos Antonio López e não aborda o período do governo de José Gaspar Rodríguez de Francia.

### **Governo de Francisco Solano López**

Em seu livro *Monografías históricas*, escrito em 1888 e publicado em 1893, em Buenos Aires, o autor afirmava que, enquanto o mundo seguia sua marcha vitoriosa pelos direitos humanos, contra as tiranias seculares e pela liberdade, o Paraguai seguia indiferente, em paz inabalável e em sua vida primitiva.<sup>377</sup>

Teria sido necessário o poder passar para as mãos do jovem general Solano López, caracterizado por sua: “[...] educacion autocrática, voluntad de hierro i pavorosa enerjía,

---

<sup>373</sup> MAESTRI, Mário. Tribunais de Sangue de San Fernando: O sentido político-social do terror lopizta. *Revista História: Debates e Tendências*- v. 13. N. 1, jan./jun. 2013. p. 124-149.

<sup>374</sup> GODOI, Juan Silvano. *Ultimas operaciones de guerra del Jeneral José Eduvigis Díaz: Vencedor de Curupaític*. Buenos Aires: Felix Lajouane Editor. 1897, p. 7.

<sup>375</sup> Id. ib. p. 8.

<sup>376</sup> Id. ib. p. 9.

<sup>377</sup> GODOI, Juan Silvano. *Monografías Históricas*. Buenos Aires: Félix Lajouane Editor. 1893. p. 2.

para que el pueblo paraguayo ante su mandato imperativo, se resolviese à romper médio siglo de silenciosa servidumbre. ”<sup>378</sup>

Ao mesmo tempo em que o autor elogiou o governo de Carlos Antonio López, ele afirmou que o Paraguai viveu cinquenta anos de servidão e uma vida primitiva.

No livro a *Muerte del Mariscal López*, publicado em 1905, elogiou a ação de Solano López na mediação do conflito com general Justo José Urquiza: “En 1859 el joven general Francisco Solano López salvo con su generosa i eficaz mediación á la separatista ciudad de Buenos Aires de las mil penurias con que la amenazaba el victorioso ejército del general Urquiza que la tenía sitiada. ” <sup>379</sup>

Segundo Juan Silvano Godoi, desde que Solano López assumiu a presidência em 1862, ele já estaria preocupado com uma possível guerra com o Império do Brasil, por isso, teria mandado construir na Europa três encouraçados e a aquisição de cinquenta canhões raiados.<sup>380</sup>

De acordo com o autor as razões que teriam levado Solano López a entrar em guerra foram:

El mariscal López se embarco en la temerária contenda obsesionado, en parte, por su própria omnipotencia personal; pero también obedeciendo á la curiosidade invencible de experimentar, como doctrina internacional pública, un principio jurídico aún ni incoado en la lejislación diplomática americana, i cuyo arraigo él anhelaba i propiciaba cual medida eficiente de seguridade común: el equilibrio territorial de los Estados del Plata, cuya inviolabilidad creía sinceramente amenazada con la ocupación de la República Oriental por fuerzas imperiales.<sup>381</sup>

As razões estariam associadas à onnipotência pessoal de Solano López e sua “curiosidade” em testar o princípio do direito do equilíbrio territorial, por acreditar que a invasão do Uruguai seria uma ameaça ao Paraguai, ou seja, uma ameaça ao território paraguaio e sua independência. Recuava, portanto, em relação às visões mais comedidas e positivas de Blas Garay.

---

<sup>378</sup> Idem.

<sup>379</sup> GODOI, Juan Silvano. *Muerte del Mariscal López*. Asunción: Talleres Nacionais;, 1912. p. 116.

<sup>380</sup> GODOI, Juan Silvano. *Monografías Históricas* [...] Ob. cit. p. 5.

<sup>381</sup> GODOI, Juan Silvano. *Muerte del Mariscal López* [...] Ob. cit. p. 101.



Na mesma obra, o autor ainda afirma que: “[...] el verdadero agravio que cometió el mariscal López fué el haber hablado de equilibrio entre los Estados del Plata.”<sup>382</sup>

Nesta questão, podemos perceber a evolução de Juan Silvano Godoi, que apesar de destacar a ambição e o orgulho monstruoso de Solano, se distancia também da narrativa aliancista, que propunha uma guerra sem razão. O autor apresenta o grande interesse da Argentina e do Império do Brasil sobre o território paraguaio como uma das causas do conflito.

### **Solano tenta negociar a paz**

Outro aspecto destacado por Juan Silvano Godoi foi que Solano López tentou negociar a paz. Ele estaria ciente da gravidade da situação e após refletir teria resolvido convocar uma conferência, em 12 de setembro de 1866, com o general inimigo, Bartolomé Mitre, com o intuito de propor a paz ou de ganhar tempo para terminar a fortificação de Curupaiti, fato que contradiz a informação anterior de que a fortificação teria ficado pronta em maio de 1866.

Bartolomé Mitre teria respondido: “Que tenia el honor de aceptar la conferencia á que habia sido invitado, fijandola para el dia siguiente nueve de la mañana ele l paraje denominado Yataitíc-Vorá, entre las guardias avanzadas de los dos ejércitos.”<sup>383</sup> Solano López teria ficado bastante satisfeito.

Em 12 de setembro de 1866, às sete horas da manhã o presidente López subiu em sua carruagem, acompanhado de 25 homens de sua cavalaria e de parte do estado maior de chefes e oficiais, rumo à conferência. “A sessenta pasos de distancia ambas comitivas hicieron alto, avanzando solos los dos jenerales, que al encontrarse echaron pié á tierra, i se estrecharon cordialmente la mano.”<sup>384</sup>

O encontro teria começado com as apresentações de ordem e, logo no início, Bartolomé Mitre chamou o governador do Uruguai, general Venâncio Flores, para participar da conversa. Solano López acusou Flores de aceitar o domínio estrangeiro que invadiu sua pátria e derrubar o governo legal. Está teria sido a causa originária da guerra

---

<sup>382</sup> Id. ib. p. 118.

<sup>383</sup> Id. ib. p. 116.

<sup>384</sup> Id. ib. p. 118.

contra a Tríplice Aliança, sendo assim, Flores era responsável pelo sangue derramado. Venâncio Flores não teria se sentido em condições de responder e se retirou da reunião.<sup>385</sup>

### **Elogios a Bartolomé Mitre**

Juan Silvano Godoi descreveu de forma elogiosa a carreira militar de Bartolomé Mitre, que teria vindo de origem simples e por seu trabalho e competência teria ocupado os mais importantes cargos no exército argentino. Aos 31 anos, Bartolomé Mitre era general, depois comandante das milícias de Buenos Aires na guerra e ministro da guerra.<sup>386</sup> Diferentemente de Solano López que teria nascido mimado, adulado, no comando e para comandar. Aos dezoito anos, Solano era general de brigada e comandava um exército de sete mil homens.<sup>387</sup>

Em seu tempo na Europa como plenipotenciário paraguaio, Solano López teria frequentado a alta corte, principalmente em Paris, onde inspirado em Napoleão, teria feito seus planos de grandeza:

Allí, entregado á profunda maditación, su ajitado espíritu creyó percibir choques de acero i el estruindo de los cânones – revivendo batallas fabulosas ante nuevas delineaciones de vastos impérios con la espada del Capitan del siglo. Masticó planes de poderio i grandeza futuros, que su enferma imaginacion le hacia realizablez, sobre el suelo libre de la América republicana.<sup>388</sup>

Silvano Godoi rompe com a proposta de historiografia assentada na documentação e parte para interpretações psicológicas aleatórias. Sua leitura oscila entre a história e a ficção.

Bartolomé Mitre teria chegado ao governo com o voto do povo argentino, já Solano López herdou o governo de seu pai Carlos Antonio López. Para Juan Silvano Godoi, Solano seria o único com capacidade de governar o Paraguai, pois o país vivia em completa ignorância:

El país en massa yacia postrado en completa ignorância; i solo puede prestarnos vaga idea de su inconcebible atraso, la circunstancia de no contar

---

<sup>385</sup> Id. ib. p. 119.

<sup>386</sup> Id. ib. p. 121-122.

<sup>387</sup> Id. ib. p. 122.

<sup>388</sup> Id. ib. 123.

entre sus hijos: un abogado, un médico, un ingeniero, ni ningún hombre de ciencia con títulos universitarios.<sup>389</sup>

Esta observação vem ao encontro da ideia de Cecilio Báez, que afirmou não haver nada de positivo no Paraguai antes da guerra e contradiz a própria visão de Juan Silvano Godoi que, no mesmo livro, descreveu a administração de Carlos Antonio López como próspera.

Cecilio Báez e Juan Silvano Godoi não podiam e não queriam reconhecer a capacidade, organização, disciplina e combatividade sobretudo do mundo rural paraguaio, diante dos invasores. Preferiam a proposta *simploria* de um povo *simplório* que interrompia qualquer possibilidade de interpretação sobre a própria guerra.

Na realidade, a população campesina, após o fracasso da guerra ofensiva que liquidou com o núcleo central do exército profissional paraguaio, passou a realizar a defesa da autonomia nacional que: “[...] se apoyó fuertemente en las milicias no pagadas, organizadas en el período francista, formadas por campesinos de raíces culturales hispano-guaraníes, hablando el guaraní paraguayo, que lucharon junto a parientes y vecinos, paisanos como ellos.”<sup>390</sup> A população ao defender a pátria estava defendendo seu modo de vida, a casa, a pequena área de terra, a família e sua autonomia relativa como produtores independentes.

Conforme Juan Silvano Godoi, Bartolomé Mitre governava sob a Constituição Argentina, inspirado no modelo de Washington; já Solano López seria um autocrata, que governava sem parlamento, corte de justiça ou tribunais. Sobre Solano López:

Reune em su persona todas las fuerzas vivas del Paraguai: su confianza ciega i su cariño sin limite; es dueño á placer de vidas i haciendas, de la fortuna pública i privada, del tesoro de la república i del los bienes de cada ciudadano, de las tierras del estado i de las propiedades particulares.<sup>391</sup>

Entretanto, enquanto Mitre lançava suas tropas contra a população federalista e gaúcha argentina, realizando massacres indescritíveis, devido ao seu programa político-social; Solano López jamais movimentou seus exércitos e tropa contra a população do

<sup>389</sup> Id. ib. p. 124.

<sup>390</sup> MAESTRI, Mário. *Guerra Sin Fin [...] Ob. cit. p. 27.*

<sup>391</sup> GODOI, Juan Silvano. *Muerte del Mariscal López [...] Ob. cit. p. 126.*

país, ainda mais que necessitava se apoiar nela, para resistir às pressões argentinas e imperiais.

Solano López concentrava o poder em suas mãos, mas, mesmo assim, a população o seguia, estava disposta a realizar sacrifícios em seu nome. Para Juan Silvano Godoi essa obediência se explica na crença de três gerações de submissão os mandatários, proposta defendida por Cecilio Baéz, pelas elites liberais argentina e por muitos ideólogos aliancistas.

Sus poderes autocráticos fueron consagrados, há médio siglo, por la voluntad omnipotente del dictador Francia, i ni el pueblo, ni la nacion, ni Dios están antes que él. Nada tiene que ver con las convenciones humanas. Está arriba de los códigos mismos; su voluntad omnimoda, anunciada en forma de decretos, queda ipso-facto promulgada con valor i fuerza de lei.<sup>392</sup>

O povo já estaria acostumado com a submissão, por isso não questionava, ideia muito semelhante com o cretinismo de Cecilio Báez, como proposto.

### **Morte de Solano López**

Juan Silvano Godoi destaca que, em 1º de março de 1870, ao saber que o inimigo se aproximava, Solano López se arrumou com sua a melhor roupa, teria chamado o coronel Silverio e, enquanto fumavam um cigarro, conversaram sobre o fim que se aproximava. Solano teria afirmado que ele não foi vencido:

[...] yo no soi el vencido en esta guerra de seis años, porque no he sido rendido ni dominado. Es el país enterro, mi patria, mi pueblo, el Paraguay, que se ha agotado i consumido. A haber contado con mayores elementos, con nuevos hombres i recursos, con una nación de mayor población, otra suerte suiera á la Triple Alianza!<sup>393</sup>

Do mesmo modo, teria solicitado ao coronel Silverio que se ele sobrevivesse ao final da guerra o mesmo escrevesse a história do conflito. Solano afirmou também que se o exército paraguaio ainda lhe seguia era porque sabia que ficaria com eles até o final:

I si mis ejércitos diezmados mil i mil veces me han seguido á despecho de tantos contrastes i penurias hasta el postrer extremo-es decir, hasta este final

<sup>392</sup> Id. ib. p. 127.

<sup>393</sup> GODOI, Juan Silvano. *Muerte del Mariscal López*[...] Ob. cit. p. 120.

momento – ha sido precisamente porque sabían que yo, su jefe supremo, había de sucumbir con el último de ellos, sobre este mi último campo de batalla.<sup>394</sup>

Tudo isso era mera ficção, desmentida pelos fatos e documentos históricos - o assalto das tropas do general Câmara a Cerro Corá surpreendeu totalmente as esquiladas tropas paraguaias e a Solano López, que organizou como pode um arremedo de resistência, devido a total urgência do momento.<sup>395</sup>

No amanhecer de 1º de março de 1870, Solano López e o restante de sua força de resistência –menos de quinhentos homens- receberam a notícia da chegada das tropas aliancistas a Cerro Corá. As defesas paraguaias no rio Aquidabán e do arroyo Tacuara foram rapidamente tomadas. Solano López teria conversado com seus homens sobre a possibilidade de uma fuga, ação que não seria possível, pois não havia mais tempo, então decidiram a resistência.<sup>396</sup>

Segundo Juan Silvano Godoi, Solano López mesmo ferido, não se entregou, cavalcou até a margem direita do rio Aquidabán, quando o brigadeiro imperial José Antônio Correia da Câmara (1824-1893) se aproximou e pediu que se rendesse em troca de sua vida. Solano teria reunido suas últimas forças, levantado sua espada e gritado: “Muero con mi patria”. Câmara ofendido ordenou a Rodolfo Alurralde: “Mate este hombre. Entonces un tiro de rifle á quema ropa en el pecho, dejó inmediatamente muerte en el sitio al mariscal Solano López”.<sup>397</sup> Nos fatos, o tiro foi pelas costas.<sup>398</sup>

Juan Silvano Godoi descreve Solano López como tirano, mas como uma das grandes personalidades da América: “Así pereció el inmenso tirano, pero gigante paraguay, el carácter más poderoso entre los hijos ilustres de la América, después de Bolívar, Washington, San Martín i Pedro 1º de Braganza.”<sup>399</sup>

---

<sup>394</sup> Id. ib. p. 121.

<sup>395</sup> CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias o reminiscencias históricas sobre la guerra del Paraguay*. Asunción: El Lector, 2010. 464 p.

<sup>396</sup> MAESTRI, Mário. *Guerra Sin Fin [...] Ob. cit. p. 647*. Cf. CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias o reminiscencias históricas sobre la guerra del Paraguay*. Asunción: El Lector, 2010. 464 p.

<sup>397</sup> Idem. p. 125-6.

<sup>398</sup> MAESTRI, Mário. *Guerra sin fin [...] Ob. cit. p. 687*.

<sup>399</sup> GODOI, Juan Silvano. *Muerte del Mariscal López[...] Ob. cit. p. 126*.

O jornal *La Regeneración* teria comemorado a notícia da morte de Solano López, enquanto isso, jornais internacionais teriam destacando a coragem de Solano López. Segundo Juan Silvano Godoi o jornal *New York Herald* teria afirmado que indiferente dos erros e faltas cometidas pelo mariscal, não se pode negar que: “[...] la lucha que sostuvo contra los aliados, fué valiente, audaz i resuelta. Por cada pulgada de terreno conquistada, los enemigos tuvieron que librar una batalla desesperada”.<sup>400</sup>

O jornal *The Times*, de Londres, apesar de não negar que López fez correr muito sangue, afirmaria que isto teria ocorrido “únicamente por la gloria i conservación de su país”, e que ninguém havia despertado igual devoção, que para isso era necessário possuir grandes e raros dotes naturais, imenso poder de mando e vontade de ferro para ser ditador dos destinos de sua pátria.<sup>401</sup>

### **A guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai**

A guerra entre o Paraguai e o Império do Brasil teria se precipitado com os acontecimentos do ultimato Saraiva contra o povo oriental, motivo que teria levado o governo paraguaio ao protesto de 30 de agosto de 1864. Dessa forma, para Juan Silvano Godoi, a declaração de guerra do Paraguai não teria sido uma decisão exclusiva de Solano López:

El 10 de noviembre del mismo año, Lopez reunió en Cerro-Leon á los notables de la Asuncion que habian acompañado al campamento; i entre los que figuraba lo mas importante en el órden civil, militar i eclesiástico para someter á su deliberacion, por última vez, la grave cuestion del dia. Escuchó de los lábios de aquel autorizado senáculo, por la undécima ocasion, la afirmacion unánime de que la guerra era necesaria e indispensable.<sup>402</sup>

O único homem a ficar em silêncio teria sido José Berges (1820-1868) então ministro das Relações Exteriores. Após a declaração de guerra Solano López foi descrito como preocupado e pensativo.<sup>403</sup>

Sobre o início da guerra, o autor descreve que, em 12 de novembro de 1864, o navio a vapor Marques de Olinda, que transportava o novo presidente do Mato Grosso, Carneiro Campos, foi aprisionado pelo sargento maior Lacú Estigarribia (Antonio de la

---

<sup>400</sup> Idem. p. 136.

<sup>401</sup> Idem. p. 136.

<sup>402</sup> GODOI, Juan Silvano. *Monografías Históricas [...] Ob. cit. p. 5.*

<sup>403</sup> Id. ib. p. 7.

Cruz Estigarribia), a bordo do navio a vapor Taquari. No mesmo dia, o ministro das relações exteriores, José Berges, teria enviado nota ao plenipotenciário brasileiro Viana de Lima informando que devido a invasão imperial do território oriental, as relações internacionais entre o governo paraguaio e o imperador do Brasil estavam desfeitas, devido a isso estava interrompida a navegação de navios imperiais em águas paraguaias.<sup>404</sup>

Na obra *Muerte del Mariscal López*, Juan Silvano Godoi destaca que o Tratado da Tríplice Aliança foi algo sem precedente no estado moderno de direito: “[...] era un tratado de excepción que atentava contra las leyes que amparan la existencia autónoma i el destino de las naciones. ”<sup>405</sup> O autor afirmou também que o tratado, através de suas cláusulas estipulava a ruína de um Estado soberano, civilizado e a conquista de seus territórios.

Em 8 de junho de 1865, as seis e meia da tarde, Solano López, com seu Estado maior, partiu de Assunção, a bordo do navio Tacuari com destino a Humaitá para dirigir pessoalmente as operações de guerra. A população inteira de Assunção teria ido apoiar as tropas: “La poblacion entera de la Asuncion habia desde temprano acudido al puerto, i las alturas inmediantas estaban coronadas de gente de diversas categorias sociales. ”<sup>406</sup> Solano López agradeceu e se despediu, não sabia ele que seria a última vez que veria sua “amada cidade”.

Para o autor, Solano López não seria tão autoritário quando o descreviam - ele teria consultado o Senado antes da declaração de guerra e teria dito aceitar aos planos de seus comandantes. Em verdade, fora o Congresso - certamente pressionado por López - que autorizara a guerra contra a Argentina e sua continuação contra o Brasil.<sup>407</sup> Ao questionar seus comandantes sobre as operações de guerra, o general José Eduvigis Díaz teria apresentado um plano absurdo: escolher sete mil homens, as melhores embarcações, navegar até o Rio de Janeiro, desembarcar de madrugada, cruzar a cidade, ir até o palácio e capturar a família real, inclusive dom Pedro II e vinte dias depois leva-los até Assunção

---

<sup>404</sup> Id. ib. p. 9.

<sup>405</sup> GODOI, Juan Silvano. *Muerte del Mariscal López*. Talleres Nacionais: Asunción, 1912. p. 100.

<sup>406</sup> GODOI, Juan Silvano. *Monografías Históricas [...] Ob. cit. p. 10.*

<sup>407</sup> MAESTRI, Mário. *Guerra Sem Fim: A Tríplice Aliança contra o Paraguai. Campanha ofensiva 1864-1865*. Porto Alegre: FCM. 2017, p. 216 - 217.

e impor a paz.<sup>408</sup> Os comandantes teriam celebrado a ideia, mas Solano López não teria dado importância, provavelmente por saber que isso seria impossível.

Sobre as condições de batalha, Godoi destacou que o entusiasmo inicial das forças aliancistas logo se transformou em amargo desengano:

La ejecución de las más hábiles combinaciones extratéjicas se embotaba ante una resistencia incontrastable, sustentada con una disciplina, una abnegación i un patriotismo desconocidos hasta entonces, como disse el excelentísimo presidente de Chile, don Pedro Montt.<sup>409</sup>

As tropas paraguaias, através de sua disciplina, abnegação e o patriotismo resistiram bravamente às investidas dos inimigos.

### **A recuperação da memória do General José Eduvigis Díaz**

Uma importante contribuição historiográfica de Juan Silvano Godoi é *Últimas Operaciones de Guerra del general José Eduvigis Díaz*, onde o autor buscou recuperar a figura do soldado paraguaio através da memória do general José Eduvigis Díaz, líder na vitória em Curupaiti.

Tendo por pano de fundo, o contexto político do pós-guerra, marcado por tensões, golpes e pelo constante jogo de forças entre as elites paraguaias: legionários, decoudistas, liberais e “lopistas”; e pelos interesses do Império do Brasil e da Argentina, Godoi iniciou um movimento de recuperação da figura do general Díaz e de construção de heróis nacionais.

José Eduvigis Díaz nasceu em 17 de outubro de 1833, no povoado de *Virjen del Rosario* de Pirayú, a sessenta quilômetros de Assunção. Era filho de Juan Andrés Díaz e Dolores Vera. De “família pobre, mas honesta”, ficou órfão de pai ainda pequeno e foi educado pela mãe. Aos 18 anos (em 1851) foi recrutado para o exército paraguaio.<sup>410</sup>

O autor destacou a bravura e a coragem do general José Eduvigis Díaz, que após lutar sangrentas batalhas, passava a noite ajudando aos feridos e enterrando os mortos.<sup>411</sup> Poucos generais teriam lutado com tal bravura. Durante a Batalha de Tuiuty (Estello

<sup>408</sup> GODOI, Juan Silvano. *Monografías Históricas [...] Ob. cit. p. 13-14.*

<sup>409</sup> Id. ib. p. 103.

<sup>410</sup> Id. ib. p. 52.

<sup>411</sup> Id. ib. p. 18.



Bellaco para os paraguaios), os outros generais, como Francisco Isidoro Resquin (1823-1882) e Vicente Barrios (1825-1868) teriam se acovardado e abandonado os soldados a própria sorte - apenas Díaz teria lutado ao lado de seus comandados.<sup>412</sup> Solano López teria ficado furioso, só não teria mandado executar Francisco Resquin, pois Vicente Barrios era seu cunhado e mereceria a mesma punição. Possivelmente, trata-se de recurso estilístico para, degradando alguns, elevar o homenageado.

O general Francisco Isidoro Resquin nasceu em 1823, em Assunção e morreu em 1882, em *San Pedro de Ycuámandiyú*. Tinha 42 anos e o grau de coronel quando assumiu o segundo comando da campanha do norte, encomendada pelo general Vicente Barrios no fim de 1864. Após voltar desta missão foi promovido a general, participou das campanhas de Uruguaiana, Tuiuty, Lomas Valentina e acompanhou Solano López até Cerro Corá, onde foi preso e enviado para o Brasil. Ao retornar ao Paraguai reorganizou o exército, sob o governo de Juan Bautista Gill.<sup>413</sup>

O general paraguaio Wenceslao Robles nasceu em *Santísima Trinidad*, em data desconhecida, foi organizador, primeiro comandante de Cerro León e dias antes da guerra foi designado comandante de Humaitá. Atuou também como comandante das forças do Sul e iniciou a ocupação de Corrientes em 14 de abril de 1865. Segundo Juan Silvano Godoi teria sido despótico e cruel com seus soldados e por seu mau desempenho (descontrole e beber demais) foi destituído de suas funções, julgado e condenado ao fuzilamento em 8 de janeiro de 1866, no *Paso da Patria*.<sup>414</sup> Essa é, ao menos, a narrativa lopista - entre outras razões de seu fuzilamento estava certamente a necessidade de apresentar alguém como responsável pela enorme derrota da campanha ofensiva. Wenceslao Robles foi responsabilizado pela inatividade das tropas, assim como outros generais José de la Cruz Martínez pela reconquista aliancista de Corrientes, Pedro Ignacio Meza pela derrota de Riachuelo e Antonio de la Cruz Estigarribia pela rendição em Uruguaiana.<sup>415</sup>

Vicente Barrios nasceu em 1825, em Assunção, de família rica. Em 1853, já com grau de tenente coronel, integrou a comitiva paraguaia a Europa, comandada por Solano

---

<sup>412</sup> Id. ib. p. 32-34.

<sup>413</sup> NANCY PÉREZ. Los oficiales. Colección 150 años de la Guerra Grande. Site: [http://www.portalguarani.com/2902\\_nancy\\_perez/21220\\_los\\_oficiales\\_guerra\\_triple\\_alianza\\_\\_por\\_nancy\\_perez.html](http://www.portalguarani.com/2902_nancy_perez/21220_los_oficiales_guerra_triple_alianza__por_nancy_perez.html)

<sup>414</sup> Idem.

<sup>415</sup> MAESTRI, Mário. *Guerra Sem Fim [...] Ob. cit. p. 398.*

López. Casou-se com Inocência, irmã de Solano López. Foi comandante da Campanha do Norte que tomou o Mato Grosso, elevado ao cargo de coronel, foi também ministro da Guerra e Marinha. Após a Batalha de Tuiuty (24/05/1866), foi acusado de traição por planejar um golpe de estado contra Solano López e fornecer informações confidenciais aos inimigos. Foi fuzilado em 21 dezembro de 1868, em São Fernando.<sup>416</sup>

Juan Silvano Godoi destacou que Solano López teria reconhecido o sacrifício dos capitães paraguaios, como no caso do capitão José D. Martinez, que ferido em seu leito de morte, recebeu as presilhas de sargento maior.<sup>417</sup> De acordo com o autor: “El mariscal Lopez, que valoraba las cosas i el éxito de los sucesos bajo distinta faz [rosto] se mostro satisfecho i contento, celebrando el triunfo con estrépito, i dirigiendo afectuosas frases á su general i amigo.”<sup>418</sup> Solano López teria também uma face afetuosa e saberia reconhecer o sacrifício de seus homens.

### **A grande vitória paraguaia: Batalha de Curupaiti**

José Eduvigis Díaz juntamente com o engenheiro britânico Jorge [George] Thompson (1839-1878), major de engenheiros, organizou a resistência em Curupaiti. A trincheira com mil metros aproximadamente, ficou pronta em 21 de maio de 1866. Quando a batalha chegou, em 22 de setembro de 1866, os paraguaios resistiram bravamente. Oito mil paraguaios lutaram contra cerca de vinte mil aliancista. Apesar da diferença numérica, as forças paraguaias tiveram pouquíssimas baixas, cerca de cem, contra mais de nove mil por parte dos aliancistas. Folga dizer que as tropas paraguaias estavam pertinentemente postadas em trincheiras artilhadas.

Curupaiti foi a maior vitória paraguaia na guerra. Ela abalou os ânimos aliancistas, que possivelmente acreditavam que o fim da guerra estaria próximo, atrasou por um ano as ações da guerra. Além disso, forçou o império do Brasil a comprar e liberar trabalhadores escravizados para reforçar o exército e aumentou a pressão nos países aliados para o fim do conflito.<sup>419</sup>

---

<sup>416</sup>NANCY PÉREZ. Los oficiales. Colección 150 años de la Guerra Grande. Site: [http://www.portalguarani.com/2902\\_nancy\\_perez/21220\\_los\\_oficiales\\_guerra\\_triple\\_alianza\\_\\_por\\_nancy\\_perez.html](http://www.portalguarani.com/2902_nancy_perez/21220_los_oficiales_guerra_triple_alianza__por_nancy_perez.html)

<sup>417</sup> GODOI, Juan Silvano. *Ultimas operaciones de guerra [...]* Ob. cit. p 34.

<sup>418</sup> Id. ib. p. 51.

<sup>419</sup> MAESTRI, Mário. *Guerra Sin Fin [...]* Ob.cit. p. 179

Após a batalha, o prestígio do José Eduvigis Díaz aumentou ainda mais. Era bem visto por todos: “Adorado por el soldado, respectado i querido del pueblo sin distincion de clases, era de entre los oficiales superiores la reputacion deslumbradora, cuyo fascinador i májico prestijio aclamaban frenéticos sus conciudadanos. ”<sup>420</sup>

Em 26 de janeiro de 1867, quatro meses depois da Batalha de Curupaiti, enquanto pescava no Rio Paraguai, José Eduvigis Diaz foi gravemente ferido pela esquadra imperial, teve a perna amputada e acabou falecendo em 7 de fevereiro de 1867, aos 33 anos de idade.<sup>421</sup>

Juan Silvano Godoi construiu narrativa exaltando os efeitos do general Díaz. Este teria dedicado sua vida a pátria. Horas antes da morte, Díaz mandou chamar ao mariscal Solano López para despedir-se, entregou a ele sua espada em sinal de sincera e leal amizade. López teria perguntado se ele tinha algum pedido para fazer e Díaz respondeu que:

Nada, Señor, todo lo he sacrificado á la patria, posiguí Díaz, consagrándome en absoluto al servicio de V. E. Por lo demas, he vivido siempre como hombre de bien, i no lengo de que acusarme ante mi consciência; si siento morir, es solamente porque dejo á V.E. frente á poderosos enemigos-pudiendo aun serle útil.<sup>422</sup>

General José Eduvigis Díaz alcançou a mão para o mariscal e morreu. O bispo Palacio fez as orações, depois o corpo foi colocado em um caixão de cedro, coberto pela bandeira do Paraguai, levado a Humaitá e depois, abordo do vapor seguiu até Assunção, onde chegou na manhã de 10 de fevereiro 1867, sendo recebido pela população. Às três horas da tarde, o caixão foi colocado sobre carroça fúnebre puxada por cinco cavalos negros, conduzidos por oficiais vestidos de gala e levado até o cemitério da Recoleta.<sup>423</sup>

Teria morrido como um verdadeiro herói, jurando lealdade a Solano López e ao Paraguai. Juan Silvano Godoi destaca que López teria se emocionado, se fosse um homem

---

<sup>420</sup> GODOI, Juan Silvano. *Ultimas operaciones de guerra [...] Ob. cit. p. 59.*

<sup>421</sup> GODOI, Juan Silvano. *Monografia históricas [...] Ob. cit. p. 89.*

<sup>422</sup> Id. ib. p. 100.

<sup>423</sup> Id. ib. p. 101-104.

que chorasse certamente teria feito, mas não chorou, pois isso era visto como uma fraqueza.<sup>424</sup>

Após a morte do general José Eduvigis Díaz, as coisas teriam piorado para o exército paraguaio, pois ele seria o único com autoridade para corrigir ou mudar uma ordem dada pelo mariscal.

Díaz poseía la autoridad para corregir ó variar una órden equivocada del mariscal Lopez. Hubiese él evitado que sus soldados fueran ultimados vergonhosamente sobre las barricadas de azúcar en la tiendas i almacenes de los vivanderos; porque no habria permitido la dispersion de sus filas, para entregarse al saqueo vil.<sup>425</sup>

Fato que contradiz as propostas de um Solano López intransigente, sem aceitar críticas e correções.

Segundo Juan Silvano Godoi, o único que poderia substituir ao general Díaz era Solano López, mas este jamais teria aprendido as três altas qualidades de capitão: “[...] mandar personalmente las batallas, ofrecer la paz al vencido despues de las victorias, i a abdicar el mando supremo, siempre que los vitales intereses de la patria lo exijiesen.”<sup>426</sup> Tratava-se de crítica a López, que não teria aceitado se afastar e entregar o comando aos aliancistas, para que aceitassem a paz.<sup>427</sup>

A partir dos textos de Juan Silvano Godoi ocorreu uma campanha de recuperação do herói nacional, fato que foi oficializado em 22 de setembro de 1900, quando foi celebrado, no cemitério da Recoleta, o primeiro ato público organizado pelo Instituto paraguayano em memória ao general Díaz.

O jornal *La Pátria*, de Enrique Solano López (1859-1917), filho de Solano López com Elisa Lynch, era o principal órgão de apoio e difusão da campanha de Juan Silvano Godoi. Em suas páginas, ele motivou e convidou a população a participar da manifestação. No dia do ato, *La Pátria* publicou uma edição com quatro páginas dedicada

---

<sup>424</sup> Id. ib. p. 102.

<sup>425</sup> Id. ib. p. 106.

<sup>426</sup> Id. ib. p. 107.

<sup>427</sup> Cf. Declaración del general Francisco Isidoro Resquín [...], 20 de marzo de 1870. *A Reforma* [...], n. 102, 8 de mayo de 1870. P. 1; MAESTRI, Mário. *Guerra Sin Fin* [...] Ob. cit. p. 173.

a memória do general José E. Díaz, onde apresentou correspondências da época da guerra, em que representantes dos exércitos descreviam os acontecimentos da Batalha de Curupaiti; uma página com imagem do general e depoimento dos generais das forças aliancistas –Mitre, Tamandaré, Porto Alegre, entre outros- descrevendo sua derrota e exaltando o grande feito dos paraguaios na defesa de Curupaiti.<sup>428</sup>

A manifestação teria contado com o maciço apoio da população paraguaia, não só de historiadores:

Desde las doce los alrededores de la estación del ferro-carril estaban ya llenos; em espera de los trenes estaban centenares de personas, y centenares pasaban por allí, yendo á pié hasta al Recoleta. Difícil era encontrar asientos, y tambien los coches del tranvia estaban pronto todos ocupados; aunque recién para las dos de la tarde era anunciada la procesión, ya dos horas antes, el gentio hacia recordar verdaderas romerías y peregrinaciones.<sup>429</sup>

Nem a chuva teria atrapalhado, centenas de pessoas teriam participando, entre elas muitos jovens e estudantes do Colégio Nacional e da universidade; representantes da Sociedad Italiana de Socorro Mútuos; os militares general Bernardino Caballero e coronel Juan Crisóstomo Centurión, acompanhados de inúmeros veteranos de guerra; representantes dos deputados como Manuel Domínguez e Carlos Isasi que proferiram discurso durante o ato, e familiares do general Díaz como sua irmã Eugenia Díaz e o sobrinho Juan Alvarez acompanharam emocionados.

A partir de 1900, e de maneira ininterrupta até 1926, as comemorações do 22 de setembro se mantiveram. Autores paraguaios acreditam que a campanha de recuperação da figura do general Díaz foi uma estratégia criada por Enrique Solano López tendo Juan Silvano Godoi como porta-voz. O objetivo da campanha seria recuperar a figura do general, do herói nacional, para depois, com o tempo, recuperar a figura de Solano López e assim, as propriedades confiscadas.<sup>430</sup>

---

<sup>428</sup> Jornal La Pátria. Asunción, edição 22 de setembro de 1900.

<sup>429</sup> Jornal La Pátria. Asunción, edição 24 de setembro de 1900.

<sup>430</sup> DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*: Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 85. CHAMORRO, Fabián. *El General Díaz y el nacionalismo paraguayo*. Asunción, 2016. No prelo.

Figura 3: Homenagem ao general Díaz no Jornal La Pátria



Fonte: Jornal *La Pátria*, edição 22 de setembro de 1900.

Contudo, podemos perceber que a questão é muito mais complexa do que isso. Decorridos trinta anos após a guerra, a situação política, econômica e social do Paraguai não era nada boa. O discurso Liberal de regenerar o país foi incapaz de tirá-lo da crise, os governos que se sucederam no poder não ouviam os clamores do povo paraguaio, que se encontrava cada vez mais excluído dos meios de produção e subsistência. A narrativa historiográfica aliancista/legionária era rejeitada pelas camadas populares paraguaias. Os ideais e ações que buscavam reconstruir as leituras revisionistas, nacionalistas e patrióticas ganharam força, com fortes objetivos político-ideológicos.

### **Atuação como plenipotenciário: Missão ao Rio de Janeiro**

Em 1897, em Buenos Aires, Juan Silvano Godoi publicou o livro *Mi Mision a Rio de Janeiro*, onde descreveu sobre a missão confidencial que realizou, em 1896, ao Rio de Janeiro, a pedido do presidente paraguaio Juan Bautista Egusquiza.<sup>431</sup>

No final de 1895, o presidente paraguaio Juan Bautista Egusquiza teria convidado Juan Silvano Godoi para participar de uma missão confidencial ao Rio de Janeiro que teria como objetivo principal discutir a posse de terras que pertenceriam à família López, da propriedade de Igatimi, na região do Mato Grosso do Sul.<sup>432</sup>

No final do ano de 1869, Elisa Lynch teria *comprado* grandes áreas de terra paraguaias: 33.175 quilômetros quadrados em território em litígio com Brasil, que corresponde a região de Dourados, no atual Mato Grosso do Sul; 4.375 quilômetros quadrados entre os rios Bermejo e Pilcomayo, território que se tornou argentino após a guerra; 135 mil quilômetros na região oriental do Paraguai; e cerca de 29 imóveis urbanos.<sup>433</sup>

A transferência dessas terras para Elisa Lynch é explicada a partir de duas hipóteses: a preocupação de Solano López com a sorte de sua família e o fato de que com a derrota na guerra, o Paraguai deixaria de existir como Estado independente, por isso, Solano estaria tentado garantir que grandes áreas privadas estivessem sob o controle de sua família.<sup>434</sup> Apesar disso, Elisa Lynch não conseguiu usufruir desses bens, vendidos apenas formalmente, sem qualquer pagamento, pois foram confiscadas pelo já citado decreto de agosto de 1869.

Em 4 de janeiro de 1896, Juan Silvano Godoi se despediu do presidente paraguaio e partiu rumo a sua missão. Primeiramente visitou Buenos Aires e depois o Rio de Janeiro, onde chegou na segunda-feira, dia 27 de janeiro de 1896. Na capital da República dos Estados Unidos do Brasil, Juan Silvano Godoi realizou reuniões com representantes do governo brasileiro, com o senador Amaro Bezerra Cavalcanti (1849-1922), com o ministro das Relações Exteriores Carlos de Carvalho (1851-1905) e com o presidente Prudente de Moraes (1841-1902).

---

<sup>431</sup> O livro *Mi Mision a Rio de Janeiro* de Juan Silvano Godoi foi publicado pela editora Felix Lajouane, editor – 70 Peru-83.

<sup>433</sup> DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra [...] Ob. cit. p. 81.*

<sup>434</sup> Id. ib. p. 82.

A primeira reunião foi com o senador Amaro Bezerra Cavalcanti (1849-1922).<sup>435</sup> Juan Silvano Godoi levava consigo carta de recomendação escrita pelo presidente paraguaio Juan Bautista Egusquiza, em 31 de dezembro de 1895:

El Sr. Juan S. Godoi lleva un encargo privado ante el Exemo. Gobierno de los Estados Unidos del Brasil referentes al reconocimiento de los derechos del Sr. Enrique S. López, á unas tierras situadas en la provincia de Matto Grosso, reconocidas ao Brasil despúes de la guerra de la Triple Alianza por el tratado Loizaga-Cotegipe, de que lo informará á V. S., y conociendo la merecida influencia de que V. S. goza; me permito recomendárselo, esperando que V. S. tendrá á bien atenderlo y, si lo creyese conveniente, ayudarlo en el éxito del encargo que le he confiado, con lo que habrá V. S. agregado um motivo más al especial aprecio y amistad que le profesó.<sup>436</sup>

Senador Amaro Cavalcanti teria conversado com Juan Silvano Godoi, analisado os documentos que este portava e se comprometido em conversar com o secretário de Estado do departamento de Relações Exteriores do Brasil Carlos de Carvalho (1851-1905) para iniciar uma negociação.<sup>437</sup>

Em 4 de fevereiro de 1896, Juan Silvano Godoi foi até o Itamaraty e entregou ao presidente do Brasil, Prudente de Moraes (1841-1902), carta de recomendações enviada pelo presidente paraguaio Juan Bautista Egusquiza descrevendo as razões de sua visita: “[...] reconocimiento de los derechos de propiedad que corresponden á D. Enrique S. López por compras hechas al fisco por su causante, de parte de las tierras que fueran reconocidas al Brasil por el tratado Cotegipe-Loizaga.”<sup>438</sup> Prudente de Moraes teria recebido bem à Juan Silvano Godoi, agradeceu as belas palavras do presidente paraguaio e agendou uma conversa para o dia seguinte.

Juan Silvano Godoi foi recebido, no Itamaraty, por Prudente de Moraes e pelo ministro das Relações Exteriores do Brasil Carlos de Carvalho, para uma conferência de meia hora. Godoi explicou os motivos de sua visita, a propriedade de Igatimi, cujos títulos estavam sendo analisados pelo ministro e a aquisição de fuzil Mauser brasileiro,

---

<sup>435</sup> Cf. <http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=200>

<sup>436</sup> GODOI, Juan Silvano. *Mi Mision a Rio de Janeiro* [...] Ob. cit. p. 10.

<sup>437</sup> Id. ib. p. 11.

<sup>438</sup> Id. id. p. 12.



mas o ministro Carvalho teria demonstrado certa objeção, questionando se ele seria mesmo homem de confiança do presidente paraguaio.<sup>439</sup>

O governo do Brasil, através do ministro Carlos de Carvalho, questionou a veracidade da missão, pois o ministro das relações exteriores do Paraguai, José Segundo Decoud, não conhecia nada sobre a mesma. Juan Silvano Godoi apresentou documento escrito pelo presidente paraguaio sobre o caráter particular de sua missão.<sup>440</sup>

A conferência entre Juan Silvano Godoi e Carlos de Carvalho foi tensa. Godoi tentou retomar os principais acordos de limites firmados entre Império e Paraguai, destacando o Tratado Loizaga Cotegipe, assinado em 9 de janeiro de 1872, um acordo final de limites que pôs fim a disputa territorial entre Paraguai e Brasil, uma das causas da guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. O acordo foi feito por Carlos Loizaga representante do Paraguai e Arturo Wanderley, barão de Cotegipe, pelo Brasil.

Juan Silvano Godoi destacou que seu objetivo não era questionar os limites, mas questionar administrativamente a respeito dos direitos dos cidadãos paraguaios à propriedade do Igatimí cedida ao Estado Unidos do Brasil pelo Paraguai - a propriedade era uma área privada e teria sido cedida erroneamente:

Una propiedad privada ha sido arrendada á tercero, para su explotación i usufructo, por el superior gobierno brasilero, en la creencia de que pertenecía al dominio público. El señor presidente del Paraguay interpone sus buenos oficios ante ese mismo gobierno, á fin de arbitrar en la forma más decorosa, un arreglo amistoso que le permita rever i anular el indebido contrato de arrendamiento – celebrado por error – i se le ampare en la posesión legal de sus terrenos al lejitimo dueño.<sup>441</sup>

Segundo Godoi, ao longo da história nenhuma nação teria se apropriado de bens particulares, e que já “entendera” que o governo do Brasil estaria negando sua solicitação. O ministro Carvalho teria dito não querer ser o responsável pelo desmembramento do território e que seus colegas ministros também não apoiariam tal reivindicação.<sup>442</sup>

---

<sup>439</sup> Id. ib. p. 14-18.

<sup>440</sup> Id. ib. p. 22-23.

<sup>441</sup> GODOI, Juan Silvano. *Mi mision ao Rio de Janeiro [...] Ob.cit.* p. 34.

<sup>442</sup> Id. ib. p. 35.

O ministro Carvalho, apesar de reconhecer a veracidade dos títulos da propriedade, acreditava que o Brasil não deveria intervir diretamente. Sugeriu que:

Puede el señor Solano López instaurar demanda contra la sociedade Mate-Laranjeira arrendatária de la propiedad, ante los tribunales de la Capital, [...] mientras el Paraguay acredite un ministro en esta; i entonces, aquél, someter el pleito al arbitraje del Supremo Tribunal Federal.<sup>443</sup>

Para mediar a questão legal, Juan Silvano Godoi contratou o advogado Rui Barbosa (1849-1923), que entrou com uma ação contra a empresa Mate-Laranjeira, o que teria sido um feito importante na capital fluminense.<sup>444</sup> Em oposição, um deputado da Bahia se ocupou do assunto na Câmara dos Deputados, em 13 de outubro de 1896, questionando o direito sobre a área pretendida. Mas para Juan Silvano Godoi, o direito internacional colocava como sagrado e inviolável o direito a propriedade.<sup>445</sup>

No pós-guerra do Paraguai, essa imensa propriedade, com cerca de 33.175 km<sup>2</sup>, foi concedida pelo governo imperial a grupos particulares<sup>446</sup>. Segundo o historiador brasileiro Paulo Roberto Cimó Queiróz, em 1882, imensa área de terras, rica em ervais, no sul mato-grossense, foi concedida a Tomás Laranjeira, quem teria vínculos pessoais com dirigentes da província e federais.

Tomás Laranjeira seria natural de Santa Catarina, teria atuado na Guerra do Paraguai e criou a empresa *Mate Laranjeira* que “[...] obteve em 1882 sua primeira concessão, depois renovada e ampliada até atingir, no início do período republicano, praticamente a totalidade das áreas ervateiras do estado”.<sup>447</sup>

Em 1891, Tomas Laranjeira foi autorizado pelo governo provisório da República a criar uma sociedade anônima com o nome de *Companhia Mate Laranjeira*, a qual foi constituída no Rio de Janeiro. Entretanto, o controle da empresa coube a outra sociedade, igualmente recém-fundada no Rio de Janeiro, denominada Banco Rio e Mato Grosso – o

<sup>443</sup> Id. ib. p. 37.

<sup>444</sup> Apesar da atuação do prestigioso advogado Rui Barbosa (1849-1923), Enrique Solano López não conseguiu reaver a posse da terra.

<sup>445</sup> GODOI, Juan Silvano. *Mi misión ao Rio de Janeiro* [...] Ob.cit. p. 47.

<sup>446</sup> Cf. DORATIOTO. Francisco Fernando Monteoliva. *A construção de um mito*. Artigo Folha de São Paulo. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/11/09/mais!/10.html>

<sup>447</sup> QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. A companhia *Mate Laranjeira*, 1891-1902: Contribuição à História da Empresa Concessionária dos Ervais do Antigo Sul de Mato Grosso. Revista Territórios & Fronteiras. Cuiabá, vol. 8, n.1, jan.-jun., 2015. p. 207.

qual subscreveu nada menos que 97% das ações em que se distribuía o vultoso capital da CML.<sup>448</sup>

Em 1902 e 1903, o Banco Rio e Mato Grosso foi liquidado numa ação amigável. A Companhia Mate Laranjeira, nos moldes formais, também desapareceu. Porém, seus bens e concessões foram assumidos por uma nova empresa, chamada de *Laranjeira, Mendes & Cia*, constituída em Buenos Aires. Em 1917, essa empresa transformou-se, ainda na Argentina, em sociedade anônima, chamada Empresa Mate Laranjeira. Em 1929, ressurgiu no Brasil, como uma sociedade anônima com sede no Rio de Janeiro, sob o comando de empresa argentina, uma empresa chamada Companhia Mate Laranjeira.<sup>449</sup>

Apesar do esforço de Juan Silvano Godoi, nem o governo paraguaio, nem Enrique Solano López conseguiram reaver a posse da terra.

### Considerações

Juan Silvano Godoi foi um comerciante, intelectual, escritor e político paraguaio, que desde jovem atuou na política nacional. Em 1869, os dezenove anos, fez parte da convenção que organizou o “novo governo” e que redigiu a Constituição do Paraguai 1870. Participou ativamente das disputas políticas, inclusive do complô que levou ao assassinato do presidente Juan Bautista Gill. Devido a isso, teve que se exilar na Argentina, onde permaneceu por 18 anos. Retornou ao Paraguai em 1895.

Ao longo de sua vida Juan Silvano Godoi produziu vasta obra, entre livros, textos jornalísticos e obras de arte. Sua atuação política foi intensa sendo jornalista, juiz, deputado ou plenipotenciário. Na cultura sua coleção particular deu origem a Biblioteca Nacional e ao Museu Nacional do Paraguai.

Suas obras não seguiam uma historiografia científica, em muitos momentos navegava entre fatos históricos e ficção, como exemplo ao descrever a morte do general Díaz utilizou dados históricos para realizar mirabolante narrativa acerca da morte do “grande herói paraguaio”, assim como dos diálogos entre Solano López e seus generais.

Sobre os governos López, Godoi elogiou o governo de Carlos Antonio López, mas afirmou que o povo paraguaio viveu cinquenta anos de servidão, em uma vida primitiva. Classificou Solano López por sua vontade de ferro, orgulho, ganancia e onipotência (todo poderoso), mas destacou também algumas ações positivas, como: sua mediação generosa

---

<sup>448</sup> Id. id. p. 207.

<sup>449</sup> Id. ib. p. 209.

no conflito entre Buenos Aires e Justo José Urquiza; sua preocupação com uma possível guerra contra o Império; sua tentativa em invocar o direito moderno do equilíbrio territorial; sua tentativa de negociar a paz com Bartolomé Mitre; sua resistência até o último suspiro: “*Muero con mi patria!*”.

Para Juan Silvano Godoi Solano López teria sido tirano, mas foi uma das grandes personalidades da América, um gigante no nível de Simon Bolívar ou San Martín. Teria se distanciado da visão aliancistas no que se refere as causas da guerra. Apesar de fazer críticas contundentes ao governo de Solano López, apresentou o contexto político e econômico do Prata como causa da guerra e não mais o “desejo e tirania” de Solano.

A grande contribuição historiográfica de Juan Silvano Godoi está no fato dele recuperar organicamente a figura do soldado paraguaio, através da história do general José Eduvigis Díaz Vera (1833-1867), o herói da batalha de Curupaiti, em 22 de setembro de 1866. Suas duas primeiras obras *Monografías históricas*, escrita em 1888, publicada em 1893 e *Ultimas operaciones de guerra del Jeneral José Eduvigis Díaz, Vencedor de Curupaitic*, publicado em 1897, tem como tema principal os feitos do general Díaz.

Junto com a recuperação da memória do general Díaz, Godoi iniciou um movimento de recuperação da identidade nacional e dos heróis nacionais, valorizando a brava atuação dos soldados paraguaios na defesa da pátria e conseqüentemente de Solano López.

Em 22 de setembro de 1900, foi celebrado, no cemitério da Recoleta, o primeiro ato público em memória ao general Díaz, ato que se repetiu consecutivamente até 1926. Não podemos comprovar que a “campanha” de recuperação do general Díaz seria, como proposto pela historiografia paraguaia, ação de Enrique López para recuperar a figura de seu pai, mas ela demonstra o apoio da população paraguaia aos “heróis” que lutaram na guerra.<sup>450</sup>

É possível perceber que em um contexto político, social e econômico marcado incapacidade dos governos liberais de “regenerar” o país e pelo descontentamento da população a narrativa historiográfica aliancista/legionária foi rejeitada pelas camadas populares e ideais que buscavam reconstruir a nacionalidade e patriotismo ganharam força.

---

<sup>450</sup> CHAMORRO, Fabián. El General Díaz y el nacionalismo paraguayo. Asunción. 2016. No prelo.

## **CAPÍTULO 6- Juan Emiliano O’Leary: o grande representante do lopismo positivo**

Juan Emiliano O’Leary Costa y Urdapilleta Carísimo nasceu em 12 de junho de 1879, em Assunção, era filho de María Dolores Urdapilleta Carísimo, paraguaia, viúva e de Juan O’Leary, argentino, de origem irlandesa, também viúvo, que chegou ao Paraguai nos anos finais da Guerra da Tríplice Aliança e o Paraguai.<sup>451</sup>

Figura 4: Juan Emiliano O’Leary



Fonte: [www.abc.com.py](http://www.abc.com.py)

María Dolores Urdapilleta, mãe de Juan Emiliano, foi perseguida pelo governo de Solano López. Após a morte de seu primeiro marido Bernardo Jovellanos Bedoya, um familiar teria a denunciado por “derrotismo”, por ter comentado, em conversa privada, sobre a superioridade bélica dos invasores. Considerada culpada, foi obrigada a deixar sua casa, seus bens e partir, com três filhos pequenos, para a Cordilheira, como “destinada”. As destinadas eram mulheres de paraguaios que lutaram em tropas argentinas e de nacionais e estrangeiros acusados de traição. Elas foram obrigadas a

---

<sup>451</sup> Cf. Portal Guarani. Site: [http://www.portalguarani.com/500\\_juan\\_emiliano\\_oleary.html](http://www.portalguarani.com/500_juan_emiliano_oleary.html)

migrar para o interior do país, enfrentado as dificuldades da guerra, a falta de alimentos e muitas vezes a morte de seus filhos. Segundo a historiografia aliancista essa “punição” seria uma estratégia do “tirano” Solano López para liquidar com os membros da classe alta paraguaia.<sup>452</sup>

Nesta marcha, a mãe de Juan O’Leary teria enfrentado grandes tormentos e dois de seus filhos acabaram morrendo. Em 1869, María Dolores retornou à Assunção onde conheceu o comerciante argentino Juan O’Leary, com quem se casou em 3 de fevereiro de 1870. Deste casamento nasceram quatro filhos, Juan Emiliano, Idalina, Andrés e Arturo.<sup>453</sup>

Em 1885, aos seis anos de idade Juan O’Leary ingressou no *Colégio de Niños de Encarnación* e, em 1893 cursou o primeiro ano dos estudos secundários no *Colégio Nacional de Asunción*. Neste período, fundou uma sociedade literária denominada *Brisa del Porvenir*, e trabalhou em jornais como *El Invisivel*, *La Juventud* e *El Estudande*. Em 1898, graduou-se como bacharel em Ciências e Letras. Em Buenos Aires, iniciou, sem concluir, estudos em Direito e Ciências Sociais. Por esses tempos, O’Leary começou a trabalhar no Diário *La Prensa*, dirigido por Blas Garay, na seção “Telegramas del Exterior”, onde teria iniciado no “jornalismo de verdade”. Participou também das reuniões do *Instituto Paraguayo* e colaborou com sua revista.<sup>454</sup>

### Vida profissional

Em 1900, Juan O’Leary foi nomeado professor de História Americana e Nacional no *Colegio Nacional de Asunción*. Dedicou-se por muitos anos ao periodismo e ao magistério.<sup>455</sup>

Em 25 de outubro de 1902, aos 20 anos casou-se com Dorila Gómez, com quem teve três filhos: Dolores Rosa (que faleceu aos onze anos), Juan Emilio e Rosa Dorila. Juan Emiliano e Dorila ficaram casados por 43 anos, até a morte da esposa, em 1945.<sup>456</sup>

Durante a juventude, os amigos mais próximos de Juan O’Leary teriam sido Justo Pastor Benítez (1895-1963), Gualberto Cardús Huerta (1878-1950), Hérib Campos

<sup>452</sup> MAESTRI, Mário. *Guerra Sin Fin [...] Ob. cit. p.599.*

<sup>453</sup> BREZZO, Liliana. *Juan E. O’Leary: El Paraguay convertido en acero de pluma. Colección Protagonistas de la Historia.* Asunción: El Lector, 2011. p. 18.

<sup>454</sup> Idem. p. 31.

<sup>455</sup> MAESTRI, Mário. *A guerra no papel [...] Ob. cit. p. 262.*

<sup>456</sup> BREZZO, Liliana. *Juan E. O’Leary [...] Ob. cit. p. 35.*

Cervera (1905-1953), Ignacio Pane (1880-1920), Martín Goicoechea Menéndez (1875-1906) e Enrique Solano López (1858-1917).<sup>457</sup>

Em 1902, Juan O’Leary protagonizou importante polêmica com o intelectual liberal Cecilio Báez. A partir de então, o jornalista começou a se transformar em um dos principais reivindicadores do lopismo, revertendo sua orientação sobre o tema dos anos de juventude.

Em 1898, aos 18 anos, Juan O’Leary havia publicado, em jornal estudantil, um texto descrevendo o sofrimento da mãe durante o governo de Solano López e sua marcha como “destinada”. Afirmava que apesar de ela ter lhe ensinado a perdoar, ele odiava a Solano López.

Ah, madre querida, tú me enseñaste a perdonar! Tú no guardas rencores para nadie. Pero a pesar de todo siento agigantarse el odio inmenso que llena mi alma: odio hacia el tirano y odio hacia los lobos hambrientos que se desparramaron en nuestra tierra e hicieron añicos de nuestra nacionalidad [...] Para tu verdugos y para los verdugos de nuestra patria, perdóname madre mía, mi odio es eterno. Tu martirio, madre, es infinito. Cada día, cada instante, se levantan ante tus ojos las sombras de tus hijos, mis hermanos, muertos de hambre en las soledades de tu perigrinación. Tú les viste morir. Tú presenciaste aquella agonía indescriptible, y después de muertos tuviste que dejar sus cuerpecitos fríos bajo una capa de tierra y una alfombra de flores.<sup>458</sup>

Juan O’Leary afirmava que jamais perdoaria Solano López pelo sofrimento que teria causado a mãe e seus irmãos. Porém, em 1918, em texto publicado no jornal *La Patria*, o jornalista demonstrava sua mudança de opinião e afirmava que o texto de 1898 fora um texto infantil:

Y mi odio al tirano? No era sino una palabra. No soy yo el que hablo allí. [...] Es el ambiente el que gravita en mi alma infantil poniendo en mis palabras lo que sólo es realidad en el alma atormentada de los que necesitaban justificar su traición, de los que vinieron con el invasor, de los patricidas que le ayudaron en el degüello de cinco años. Ese odio es el odio de los vencedores que aniquilaron al Paraguay, pero no pudieron arrebatarle su gloria, que acabaron con el héroe, pero no pudieron suprimir su grandeza.<sup>459</sup>

Juan O’Leary destaca que seu ódio a Solano López não era seu e sim consequência do momento histórico em que vivera no pós-guerra - o ódio seria das forças aliancistas contra Solano López:

---

<sup>457</sup> Id. ib. p. 36.

<sup>458</sup> O’LEARY. Juan Emiliano, 1898, apud BREZZO. Liliana. *Juan Emiliano O’Leary: El Paraguay Convertido en Acero de Pluma*. Asunción: El Lector. 2011. p. 21-22.

<sup>459</sup> O’LEARY. Juan Emiliano, 1918 apud BREZZO. Liliana. *Juan Emiliano O’Leary [...] Ob. cit.* p. 22-23.

Ese odio era un odio reflejo que venía de los que acababan de poner fuera de la ley al Mariscal López, figurándose, arbitristas de la historia, que con un decreto se hace el juicio de la posteridade y que una ley rencorosa ha de absorverlos para siempre. Cuando escribí estas líneas aún no había despertado del todo la conciencia nacional, aún seguíamos, repitiendo los anatemas de la Alianza.<sup>460</sup>

O periodista afirma que então ele entendia que o tirano responsável pelo sofrimento de sua mãe não era Solano López, mas sim a guerra:

El tirano que decreto el éxodo y que mato de hambre a mis hermanos en las inclementes serranias, no era un hombre. Ese hombre [Solano López], enloquecido por un delirio patriótico, en medio del estrépito de las batallas, no supo siquiera del dolor de mi madre y de sus incontables penurias. El tirano no era él, era la guerra y eran los tempos duros que se vivían. Él mismo era víctima, sufría lo que sufría su patria, como habría de sucumbir con él.<sup>461</sup>

O'Leary afirma que sua mudança de opinião estaria relacionada ao seu amadurecimento intelectual e patriótico, pois passara a entender que o ódio era fruto da visão aliancista e que, com o passar dos anos, entendera que a culpa dos sofrimentos de sua família e do povo paraguaio era da Tríplice Aliança e da guerra.

#### Algumas referências de O'Leary

Duas importantes referências intelectuais de Juan O'Leary foram o diplomático e jornalista Gregorio Benítez e o escritor argentino Juan Bautista Alberdi. Gregorio Benítez (1834-1909) foi ex-secretário da Legação paraguaia na Grã-Bretanha e França durante o governo de Solano López (1860), neste período conheceu e conviveu com o escritor argentino Juan Bautista Alberdi, que chegou a ser padrinho de sua filha Susanita.<sup>462</sup>

Juan Bautista Alberdi (1810-1884) foi um dos primeiros argentinos a criticar a ação das forças aliancistas, sendo, devido a isso, acusado de traidor. Ele publicou inúmeras obras como: *Las Disensiones de las Repúblicas del Plata y las Maquinaciones del Brasil*, em março 1865, *Los Intereses Argentinos en la Guerra del Paraguay y con el Brasil*, *Carta dirigida por JB.Alberdi a sus amigos y compatriotas*, em 1865; *El Império del Brasil ante las Democracias de América*, em 1869, entre outras. Juan Bautista Alberdi faleceu em 1884, em Paris.<sup>463</sup>

---

<sup>460</sup> Idem.

<sup>461</sup> Idem.

<sup>462</sup> BREZZO. Liliana. *Juan Emiliano O'Leary: El Paraguay Convertido en Acero de Pluma*. Asunción: El Lector. 2011. p. 107.

<sup>463</sup> Cf. ALBERDI, Juan Bautista. *Las Disensiones de las Repúblicas del Plata y las Maquinaciones del Brasil*. Montevideo: Imprenta Tipográfica á Vapor.1865; *Imperio del Brasil ante la Democracia de América*. Paris: Imprenta A. -E. Rochette, 1869; *Los Intereses Argentinos en la Guerra del Paraguay y con el Brasil, Carta dirigida por JB.Alberdi a sus amigos y compatriotas*. Paris; Edição Privada, 1865.



Em 1867, quando Candido Bareiro (1833-1880) assumiu legação na Europa, Gregorio Benítez retornou ao Paraguai levando consigo uma carta de Juan Bautista Alberdi em apoio à heroica resistência de Solano López. Porém, Gregorio Benítez não conseguiu entrar no país e decidiu ir até Buenos Aires encontrar seu irmão, ali acabou preso pelas forças de Sarmiento. A carta se tornou conhecida, sendo publicada no início de 1869, na imprensa argentina, acusando Alberdi de traição.<sup>464</sup>

Em 1870, terminada a guerra, Gregorio Benítez retornou ao Paraguai. Em 1872, ocupando o cargo de Ministro Plenipotenciário do Paraguai na Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália e Santa Sé, pesquisou a respeito dos empréstimos paraguaios realizados no exterior. Teria sido muito criticado por isso - ao regressar acabou sendo preso acusado de ter usado de modo fraudulento sua missão financeira. Fico quinze meses preso, buscou exílio em Buenos Aires. Mas, tempo depois, voltou a viver em Assunção.

Gregorio Benítez teria presenteado Juan O’Leary com todas as cartas trocadas entre ele e Juan Bautista Alberdi.<sup>465</sup>

### Contexto político

No início do século 20, o Paraguai viveu uma década de instabilidade política. Entre os anos de 1902 e 1912 ocorreram conspirações, golpes de estado, levantes armados, escaramuças políticas, três guerras civis-militares e nove golpes de estado. “Durante la década se cambiaron doce presidentes de la República como resultado de esa inestabilidad”.<sup>466</sup>

Em 1904, o Centro Democrático através de um “golpe/revolução” conseguiu derrubar o governo colorado de Juan Antonio Ecurra e Manuel Domínguez, tomando o poder. O movimento foi liderado por importantes membros do Partido Liberal, como Cecilio Báez, Benigno Ferreira, Manuel Gondra, José y Modesto Guggiari, Gualberto Cardús Huerta e Adolfo Riquelme.

Em julho de 1905, durante a presidência de Cecilio Báez, foi decretado o “estado de sítio”.

Juan Emiliano O’Leary apesar de ainda participar do Partido Liberal teria decidido não apoiar o grupo, fato que teria prejudicado sua vida profissional e econômica, pois suas atividades ficaram reduzidas a uma só cátedra no *Colegio Nacional*. Devido a isso,

---

<sup>464</sup> BREZZO, Liliana. *Juan Emiliano O’Leary [...] Ob. cit. p. 11-13.*

<sup>465</sup> Id. ib. p. 125.

<sup>466</sup> FLECHA, Victor-jacinto. *Texto y Contexto: Breve Historia del Paraguay 1811-2011*. Asunción: Servilibro, 2014. p. 167.

no início de 1906, O’Leary e família mudaram-se para *San Lorenzo*, cerca de 16 km da capital, onde permaneceram até início de 1907.<sup>467</sup>

Durante esse período, diretores de jornais teriam sido presos ou deportados. Enrique Solano López foi preso e Juan O’Leary foi levado à força de *San Lorenzo* para a capital. Após o estado de sítio, O’Leary teria seguido com sua campanha através do *La Patria*, contra Benigno Ferreira que seria um dos principais legionários. Neste período, foi se afastando cada vez mais do liberalismo, e ao conhecer ao general Bernardino Caballero, de quem se tornou amigo, começou a se aproximar do “coloradismo”.<sup>468</sup>

Em 2 de julho de 1908, ocorreu a renúncia do presidente Benigno Ferreira e o governo passou para as mãos do vice-presidente, Emiliano Gonzalez Navero. Neste período, Juan O’Leary pode retornar a vida política e cultural de Assunção.

Em 1911, o coronel Albino Jara (1877-1912), ex-colega de colégio de Juan O’Leary e que controlava um grupo do Partido Liberal, se tornou chefe absoluto do exército. Por meio dele, O’Leary teria conseguido voltar as aulas no *Colegio Nacional*, se tornado a seguir diretor da instituição. Neste mesmo ano, publicou no *Álbum Gráfico de la República del Paraguay* sua primeira obra impressa *La Guerra de La Triple Alianza*.<sup>469</sup>

Em 22 de setembro de 1912, Juan Emiliano O’Leary realizou um discurso sobre Curupayty, onde destacou a bravura dos heróis nacionais que morreram na guerra.<sup>470</sup>

Nos anos seguintes, teria feito novos amigos e seguidores, entre ele Juan Natalicio González (1897-1966), que teria sido um dos seus principais “discípulos”. Juan Natalicio Gonzalez e Juan O’Leary trocaram inúmeras cartas entre os anos de 1920 a 1927:

A maioria das cartas – 28 do total [33] – foi escrita no período em que JNG morou em Buenos Aires. O destinatário, O’Leary, também transitara por diversos lugares, circulando entre Assunção e Europa, continente onde desempenhou as funções de embaixador em diferentes momentos de sua vida.<sup>471</sup>

Por vários anos, Juan O’Leary atuou como diplomata na Europa. Entre os anos de 1925 a 1929, foi encarregado dos Negócios na Espanha; entre abril e dezembro de 1936,

---

<sup>467</sup> BREZZO, Liliana. *Juan E. O’Leary [...] Ob. cit. p. 40-41.*

<sup>468</sup> Id. ib. p. 44.

<sup>469</sup> Id. ib. p. 46.

<sup>470</sup> Cf. O’LEARY, Juan Emiliano. Curupayty: discurso pronunciado en 22 de septiembre de 1912 con motivo de la Peregrinación Patriótica. Buenos Aires: Talleres Gráficos M. Rodríguez Giles. 1912.

<sup>471</sup> QUINTEROS, Marcela Cristina. Juan Natalicio Gonzalez [...] Ob. cit. p. 95.

foi ministro Plenipotenciário, também na Espanha; entre 1936 a 1937 e 1947 a 1948, foi ministro Plenipotenciário na Itália; e entre 1951 a 1954, embaixador no Vaticano.<sup>472</sup>

Juan Natalicio Gonzales e Juan O’Leary teriam criado vínculo de amizade e compartilhavam de interesses políticos e intelectuais em comum:

As missivas, no seu conjunto, revelavam a troca intelectual, preocupações com acontecimentos na cena política e no Partido Colorado, contatos e intercâmbios com intelectuais de outras latitudes, troca de informações sobre amigos e adversários, relatos sobre as tarefas intelectuais e políticas executadas ou programadas.<sup>473</sup>

Juan Natalicio Gonzalez buscava atualizar a Juan O’Leary sobre o que circulava em Buenos Aires, enviando a este livros e revistas. Com o passar dos anos, a amizade entre ambos se fortaleceu e Juan Natalicio Gonzalez se transformou em um dos líderes do Partido Colorado e da luta pela reinvidicação de Solano López.<sup>474</sup>

Em 1935, após acabada a guerra do Chaco (1932-1935)<sup>475</sup>, o presidente paraguaio Rafael Franco designou a Juan O’Leary como ministro Plenipotenciário na Espanha. Foi ali, que em 1936, recebeu a notícia do traslado dos restos mortais de Solano López de Cerro Corá para o Panteão Nacional em Assunção, notícia que teria descrito em seu diário pessoal como: “Coronamiento de mi obra! ”.<sup>476</sup>

Ao longo de sua vida Juan O’Leary escreveu obras de cunho histórico, como *História de la Guerra de la Triple Alianza* (1912), *Nuestra Epopeya* (1919), *El Mariscal Solano López* (1920), *El Libro de los Heroes* (1922), *El Centauro de Ybycui* (1929), *Los Legionarios* (1930) e *Apostolado Patriótico* (1930). Além de obras poéticas como: *El Alma de la Raza* (1899), *Los Conquistadores* (1921), *Elegias a mi Hija* (1923) e *Antologia Poética* (volumem póstumo, 1983).

Em 1902, Juan O’Leary se envolveu em uma polêmica com o intelectual e seu antigo professor Cecilio Báez. As discussões ganharam vida através das páginas de dois jornais paraguaios: Diário *La Patria*, onde Juan O’Leary publicou 37 artigos sobre título

---

<sup>472</sup> Representantes Diplomáticos Paraguayos: Nómima de los Jefes de Misiones Diplomáticas de la República del Paraguay de 1842 a 2011. ADEP, 2011. p. 73.

<sup>473</sup> BREZZO, Liliana. *Juan E. O’Leary [...] Ob. cit.* p. 96.

<sup>474</sup> Idem, p. 101.

<sup>475</sup> A Guerra do Chaco ocorreu entre 1932 a 1935, entre Bolívia e Paraguai pela posse da região do atual Chaco paraguaio, conhecida na época como Gran Chaco ou Chaco Boreal. Entre as causas da guerra estava o interesse da Bolívia em navegar pelo Rio Paraguai, conseguindo uma saída para o mar e a descoberta de petróleo (1920) na região. Cerca de 90 mil pessoas morreram no conflito. O Paraguai foi o vencedor.

<sup>476</sup> O’LEARY, Juan Emiliano (1936) apud BREZZO, Liliana. *Juan Emiliano O’Leary: El Paraguay Convertido en Acero de Pluma*. El Lector: Asunción. 2011. p. 15.

geral de “El cretinismo paraguaio” e o Diário *El Cívico*, onde Cecilio Báez publicou 25 artigos, compilados no livro *La tiranía en el Paraguay*.<sup>477</sup>

A partir desta polêmica Juan O’Leary ficou conhecido como o principal responsável em recuperar a figura de Francisco Solano López. Fato que o levou a ser acusado de “assalariado” de Enrique Solano López, filho de Solano López e Elisa Lynch, que teria retornando a Assunção em 1888, buscando recuperar a posse das inúmeras áreas de terras paraguaias compradas/cedidas pela mãe no final da guerra.

Vários autores *aliancistas* afirmam que o lopismo positivo foi uma invenção de Enrique López para resgatar a figura do pai e conseguir apoio da opinião pública e política para revogar o decreto de agosto de 1869 que confiscou as propriedades da família. Dentre esses autores podemos destacar o historiador brasileiro Francisco Doratioto que afirma que a única motivação de O’Leary teria sido o interesse financeiro: “Se o nascimento do revisionismo histórico lopizta preencheu um vazio ideológico no Paraguai, bem outro é o motivo real para se construir a imagem heróica de Solano López.”<sup>478</sup>

Para Doratioto, por vantagens financeiras, O’Leary teria “abandonado” sua crítica a Solano López – ódio imperdoável - e se aproximado de Enrique Solano López. Para justificar seu argumento o historiador utiliza duas fontes. A primeira, um Relatório Político sobre o Paraguai (confidencial), por Arthur dos Guimaraes Bastos, 2º secretário da legação brasileira em Assunção, de 1931

Afirma o relatório que os herdeiros deste governando [Solano López], interessados em recuperar seus bens, compuseram-se com paraguaios influentes com vistas a iniciar uma campanha para conseguir a revogação do decreto de 1869 e, assim, resgatar os direitos civis. Alcançado tal objetivo e criado um ambiente político favorável, os obstáculos jurídicos seriam contornados para que os descendentes de Solano López e Elisa Lynch obtivessem a devolução das propriedades e dos bens que seus pais possuíram. “O Senhor O’Leary lançou-se na campanha lopista por interesses inconfessáveis de dinheiro” e nela permaneceu ao dar-se conta de que era fonte de prestígio e vantagens materiais.<sup>479</sup> [grifo nosso]

O relatório afirmava que Juan O’Leary estaria fazendo isso por dinheiro, mas não apresenta nenhuma prova concreta. Destaque-se que é fonte sem qualquer confiabilidade histórica, produzida em data posterior aos fatos, por autoridade do Estado agressor

<sup>477</sup> BÁEZ, Cecilio. *La tiranía en el Paraguay: sus causas, caracteres y resultados*. Colección de artículos publicados en “El Cívico”. Asunción: El País, 1903. 291 p.

<sup>478</sup> DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra [...] Ob. cit. p. 81.*

<sup>479</sup> Id. ib. p. 86.

quando da guerra, diretamente comprometido na manutenção das visões aliancistas sobre o conflito e, portanto, em denigrir O’Leary.

A segunda fonte é uma citação de Cecilio Báez afirmando que Enrique López e O’Leary estariam agindo por interesse financeiro: “Esta no es el cumplimiento de un deber filial, como quieren algunos. Es simplemente unas empresa mercantil, de lucro, en cuyo éxito fian los hijos de la Linch, adulando a los poderosos”.<sup>480</sup> Também aqui, Doratioto utiliza a opinião de um “inimigo” intelectual de Juan O’Leary, em confronto direto com ele, para tentar comprovar a tese da “invenção” do lopismo, sem acessar toda a abundante documentação que registra o nascimento daquele movimento, desde praticamente o fim da guerra.

Portanto, os autores que sustentam a esse posicionamento não enxergam ou não querem enxergar que muito antes de Juan O’Leary já havia citações, textos e produções que apontavam como o nascimento do lopismo positivo. Não como uma forma de “divinizar” Solano López, mas sim como uma forma de oposição/resistência a ideologia oficialista aliancista e contra tudo que ela representava, em especial, certamente em forma inconsciente e semiconsciente, à destruição de um modelo de sociedade centrado na pequena propriedade que garantira, por longas décadas, a estabilidade social paraguaia.

### **A polêmica entre Juan Emiliano O’Leary e Cecilio Báez: o começo de tudo**

Cecilio Báez, importante e renomado intelectual paraguaio, nasceu em 1º de fevereiro de 1862, em Assunção. Era filho de Nicolás Báez e Faustina Gonzáles. Em 1882 se formou em Direito no Colégio Nacional da capital e, em 1893, recebeu o diploma de doutor em Direito e Ciências Sociais pela Universidad Nacional de Asunción. Além de advogado, atuou como professor de História e Sociologia na mesma universidade, exercendo intensa atividade jornalística. Foi um dos líderes do Partido Liberal, chegando a ocupar o cargo de presidente provisório do Paraguai em 1905-1906.<sup>481</sup>

Cecilio Báez publicou inúmeros textos, ainda quando estudante. Em 1888, escreveu o artigo revisionista *El Dictador Francia* onde apresentava José Gaspar Rodríguez de Francia (1766-1840) como fundador da nacionalidade paraguaia, apesar de criticá-lo como cruel e vingativo. Cecilio Báez definiu a era de Francia como a Idade

<sup>480</sup> BÁEZ, Cecilio. *La tirania de Solano López: su aspecto comercial* in Junta Patriótica Paraguaya, *El Mariscal Solano López*. Assunção: Junta Patriótica Paraguaya, 1926. p. 133.

<sup>481</sup> Cf. Diccionario Biográfico; Forjadores del Paraguay. Editora Aramí. Site: [http://www.mec.gov.py/cms\\_v2/recursos/5812-cecilio-baez](http://www.mec.gov.py/cms_v2/recursos/5812-cecilio-baez)

Média paraguaia. Mais tarde, em 1910, publicou o livro *El Dr. Francia: ensayo sobre la dictadura en Sudamérica*.<sup>482</sup> Retomando as teses liberais, defendia que o isolamento trouxera pobreza e a ruína ao povo paraguaio.<sup>483</sup>

Cecilio Báez possuía concepções político-ideológicas conservadora, de cunho liberal e teria sofrido influência do positivismo comtiano.<sup>484</sup>

### Antecedentes da polêmica

Em 1902, Juan Emiliano O’Leary ingressou na redação do diário *La Patria*, de Enrique Solano López (1858-1917) filho de Solano López com a irlandesa Alicia Elisa Lynch. A partir de maio daquele ano, publicou sob pseudônimo de Pompeyo Gonzáles, uma série de textos sobre a Guerra da Tríplice Aliança, com o título *Recuerdos de Gloria*. Estes foram seus primeiros escritos de índole histórica, onde exaltou o grande esforço dos heróis paraguaios contra a Tríplice Aliança, enalteceu os heróis que “dormiam” praticamente esquecidos pela pátria, depois de terem escrito com sangue a epopeia daquela defesa sobre-humana.<sup>485</sup>

No mesmo mês de maio, o doutor Cecilio Báez, retornou ao Paraguai, após uma conferência internacional no México, sendo recebido, em homenagem, em nome da juventude paraguaia, por Juan O’Leary, o que registrava uma boa relação entre os dois, fato que estava prestes a mudar.<sup>486</sup>

Em julho de 1902, Cecilio Báez iniciou a publicação no jornal *El Cívico*, de Asunción, a série intitulada *Estudios Económicos*, afirmando naquela ocasião, que a pobreza do Paraguai era culpa dos tiranos do passado e criticava a juventude paraguaia:

No agitan su alma las nobles pasiones que conducen al heroísmo y al sacrificio; gastan su cuerpo los fáciles placeres, pero la llama de la idea no brilla en su mente, ni arde en su pecho el valor generoso, que eleva los corazones, temple los caracteres y forma los grandes ciudadanos. No es que la juventud paraguaya no sea capaz de actos de abnegación patriótica. Quiero solamente decir que todo en ella está apagado, en presencia del egoísmo general y del indiferentismo de todos.<sup>487</sup>

<sup>482</sup> BÁEZ, Cecilio. *El Dr. Francia: ensayo sobre la dictadura en Sudamérica* 2 ed. Asunción: Cromos Mediterraneo, 1985.

<sup>483</sup> YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary: Polémica sobre la Historia del Paraguay*. Asunción: Tempo de Historia, 2011. p. 28-29.

<sup>484</sup> MAESTRI, Mário. *Guerra no Papel [...] Ob. cit. p. 255.*

<sup>485</sup> BREZZO, Liliana in YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary [...] Ob. cit. p. 27-28.*

<sup>486</sup> YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary [...] Ob. cit. p. 69.*

<sup>487</sup> BÁEZ, Cecilio. 1902 apud YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary [...] Ob. cit. p. 73.*

Cecilio Báez absolvía a Tríplice Aliança de qualquer responsabilidade pela guerra e pela situação na qual o Paraguai se encontrava. Como resposta, Juan Emiliano O’Leary publicou texto questionando Cecilio Báez sobre o modo como tratara a juventude paraguaia. A mesma juventude que o recebera e que o admirava, segundo ele. Questionou, também, a mudança de pensamento de Cecilio Báez em relação à Argentina, quanto à Guerra Grande.

Juan O’Leary descreveu que, no passado, teria lido e se agitado com um texto de Cecilio Báez sobre a Argentina e sobre a necessidade do povo paraguaio não se deixar dominar. Questionou como Cecilio Báez mudara de ideia e se aproximara dos interesses da Argentina. “El doctor Báez se há calmado con los años, que para algunos son nieve que cuaja sobre el corazón. Él nos enseñó a protestar contra las infamias infinitas de los inmoladores del Paraguay.”<sup>488</sup>

Juan O’Leary segue dizendo que uma geração da juventude paraguaia, assim como ele, fora “aluna”, no sentido de aprendizes, de Cecilio Báez, e lamentou, portanto, que ele tivesse mudado de opinião sobre a Argentina. Propôs que a juventude não mudara e não o imitaria. Não seriam “el perro, lambiendo las manos del que os há herido”.<sup>489</sup>

Ainda em 28 de julho de 1902, Cecilio Báez escreveu outro artigo, com o mesmo título que o anterior, referindo-se ao contexto político paraguaio do início do século 20, dominado pelos colorados/caudilhos, marcado pela corrupção e nepotismo. Em 17 de outubro, publicou o artigo *Optimismo y pobreza las ganancias de los bancos: males y remedios*, onde criticou a imprensa, a ganancia dos bancos, a corrupção do governo, denunciando o secular despotismo e, finalmente, proferiu a sua polêmica frase sobre o “cretinismo” do povo paraguaio: “[...] que aquí el pueblo sigue siendo semejante a un cretino, a un ser sin voluntad ni discernimiento.”<sup>490</sup>

A partir de então se enfuriou a polêmica entre Juan O’Leary e Cecilio Báez. Os artigos se estenderam de julho de 1902 a fevereiro de 1903.

### **Principais ideias de Cecilio Báez**

Em seus primeiros artigos, publicados pelo jornal *El Cívico*, Cecilio Báez se dedicou à educação como tema central. Entre suas teses principais, afirmava que o Paraguai era um dos Estados mais atrasados da América do Sul devido à tirania dos seus

---

<sup>488</sup> O’LEARY, Juan. 1902 apud YEGROS, Ricardo e YEGROS, Sebastian, 2011. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary*[...] Ob. cit. p.78.

<sup>489</sup> Id. ib. p. 78.

<sup>490</sup> Id. ib. p. 106.

governos e à falta de acesso à educação. Segundo ele, desde o início da colonização, Domingo Martínez de Irala (1509-1556) tentara fundar escolas, que fracassaram após sua morte. Seus sucessores, mais interessados em construir fortunas, teriam abandonado qualquer projeto de educação popular. Uma real cédula de Felipe V ordenara o ensino do castelhano, mas não teria sido cumprida.<sup>491</sup>

Mesmo nas missões jesuítas, as escolas existiriam com número limitado de alunos. Somente alguns meninos, em geral filhos dos caciques e os jovens mais destacados, destinados ao serviço do culto e à administração, aprenderiam a ler e escrever em guarani e a contar. Leriam em latim e castelhano, mas sem entender. De acordo com Cecilio Báez: “De esta suerte el guarani ha llegado a ser la lengua generalmente hablada en el país, y se sustraía el pueblo a la comunión de los pueblos civilizados, preparando el sistema de aislamiento del doctor Francia.”<sup>492</sup> Após a guerra, a língua guarani chegara a ser proibida em diversas situações, tida como uma das responsáveis pelo *atraso* do país.

Segundo a visão de Cecilio Báez, desde os primeiros anos de Independência, a escola nunca fora prioridade. Durante o governo de José Gaspar Rodríguez de Francia (1814-1840), haveria pouquíssimas escolas, que teriam permanecido em completo abandono. Na época de Carlos Antonio López (1844-1862), havia o Colégio Ildefonso Bermejo, que receberia poucos alunos e o ensino era de má qualidade. Já Solano López (1862-1870) teria feito menos ainda. Sobre as escolas, Alfred Demersay (1815-1891) teria afirmado que a instrução pública e os professores receberiam um subsídio insignificante e que a instrução primária seria uma miséria, dirigidas por quase analfabetos.<sup>493</sup> Uma realidade que não correspondia, minimamente, à verdade dos fatos.<sup>494</sup>

Cecilio Báez ressaltava o isolamento cultural do Paraguai: “En el Paraguay no había más libros que los de misa, los catecismos y los devocionarios. Jamás hubo aquí prensa política, ni por consiguiente vida política. No se permitía introducir los periódicos extranjeros; los del Río de la Plata se recibían solo por contrabando.”<sup>495</sup>

---

<sup>491</sup> BÁEZ, Cecilio, 1902 apud YEGROS, Ricardo e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary[...]* Ob. cit. p. 121.

<sup>492</sup> Id. ib. p. 121.

<sup>493</sup> Id. ib. p. 126.

<sup>494</sup> Cf. PETERS, Heinz. *El sistema educativo paraguayo desde 1811 hasta 1865*. Asunción: Instituto cultural Paraguayo-Alemán, 1996. 347 pp.

<sup>495</sup> BÁEZ, Cecilio. 1902 apud YEGROS, Ricardo e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary[...]* Ob. cit. p. 122.



Do mesmo modo, afirmava que o povo viveria na mais absoluta ignorância e segregado do mundo civilizado:

El pueblo vivió pues en la ignorancia más profunda, tanto en los dramáticos tiempos del colonaje, como en los muy trágicos de los dictadores nacionales. Segregado del mundo civilizado por la triple barrera de los grandes desiertos territoriales, de la ignorancia de la lengua castellana y del sistema teocrático-político, implantado por las misiones católicas y por los gobiernos dictatoriales, el pueblo paraguayo ha llegado a ser el más pobre, el más ignorante y el más incapaz para la vida democrática.<sup>496</sup>

Cecilio Báez era categórico em sua afirmação, utilizando-se de autores como o coronel Juan Crisóstomo Centurión (1840-1909) e do médico francês Alfred Demersay (1815-1891) para descrever a vida em Assunção durante o governo do doutor José Gaspar de Francia (1814-1840) como período de obscuridade e de terror, onde o povo seria totalmente dependente do governo, nada fazia além de respeitar e se submeter. Destacou o medo constante da população do governo e de seus espiões.<sup>497</sup>

A economia estaria centrada na agricultura, descrita como primitiva e arcaica, com poucos instrumentos. Ela seria completamente controlada pelo Estado francista, assim como o comércio, que se restringiria basicamente à cidade de Assunção. Apesar das críticas, Cecilio Báez afirmava que aumentara a produção agrícola e que a população triplicara, passando de 100 para 300 mil pessoas, durante o governo Francia.<sup>498</sup>

### **A tirania no Paraguai: o Francismo**

De acordo com Cecilio Báez, a Independência paraguaia não teria contribuído para o desenvolvimento do país, já que o povo teria continuado na escuridão, causada pelo modelo jesuítico, pela falta de educação, pela língua guarani e pelo despotismo. O despotismo seguiria dominando o Paraguai, apesar da tentativa, frustrada, de Buenos Aires, em 1811, de “libertar” o Paraguai.<sup>499</sup> Ou seja, para Cecilio Báez a tentativa de anexação do país, por Buenos Aires, foi vista como libertação.

Entretanto, apresentou José Gaspar Rodríguez de Francia, após a independência, como o único capaz de conduzir e organizar o novo governo, devido a sua superioridade

---

<sup>496</sup> Id. ib. p. 122.

<sup>497</sup> CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias: o reminiscencias históricas sobre la guerra del Paraguay*. 4 ed. Asunción: El Lector, 1987. 231 p.; DEMERSAY, Alfredo M. *Historia geral do Paraguay: desde a sua descoberta até nossos dias*. Rio de Janeiro: Perseverança, 1865. 232 p.

<sup>498</sup> BÁEZ, Cecilio. 1902 apud YEGROS, R. e YEGROS, S. *Cecilio Báez e Juan E. O'Leary*. Ob. cit. p. 178.

<sup>499</sup> Id. ib. p. 127.

intelectual e à correspondente inferioridade do povo. Francia teria conseguido rapidamente dominar o governo e impor sua vontade ditatorial.

Segundo Cecilio Báez, os primeiros congressos paraguaios podiam ser caracterizados pela grande participação popular, cerca de mil delegados, anulada pela falta de conhecimento dos mesmos, descritos como analfabetos que sequer sabiam o que faziam. Francia teria manipulado o governo e seus membros, passando pelas Juntas de governo, pelo Consulado até chegar ao cargo de ditador perpétuo. Era o “genio sombrío de la dominación absoluta.”<sup>500</sup>

O povo teria chorado a morte de Francia, pois viveria na completa ignorância e não perceberia que ele era o “verdugo de la patria”. Para o autor, o povo paraguaio seria um povo “cretinizado” por secular despotismo e “desmoralizado” por trinta anos de mau governo. O conceito de cretinismo estava associado à ideia da incapacidade intelectual do povo paraguaio de “discernir” sobre o que era bom para si mesmo e à falta de vontade própria. Nessa visão, as elites ilustradas deviam, logicamente, manter o caráter dirigente do país, no lugar dos populares, incapacitados.

A conduta e os abusos dos governantes e funcionários públicos teriam desmoralizado a sociedade. A educação seria o meio para curar os males sociais, políticos e econômicos.<sup>501</sup> Educação em espanhol que supunha ruptura e rejeição das raízes culturais e históricas do país, ou seja, a negação do guarani visto como registro e veículo do atraso.

Cecilio Báez seguia propondo que o povo vivera apático e não participara da vida política. Em 25 de novembro de 1842, o Congresso Geral Extraordinário, formado por 400 deputados e presidido por Carlos Antonio López, revogara a declaração de independência e formulara outra, segundo a qual o Paraguai não seria patrimônio de uma pessoa ou família. O Congresso de 1844 elegera Carlos Antonio López para a presidência. Seu governo teria sido marcado pela tirania, pela falta de direitos individuais e pela crueldade.<sup>502</sup> O que era uma clara reorientação, em sentido negativo, da avaliação tradicional daquele presidente e governo.

Segundo Cecilio Báez, os efeitos da tirania teriam prejudicado muito o povo, que viveria à margem dos acontecimentos, sem capacidade cultural para entender e resistir a

---

<sup>500</sup> Id. ib. p. 128.

<sup>501</sup> Id. ib. p. 103-106.

<sup>502</sup> Id. ib. p. 131.

ela. O tirano era aquele que sentia prazer em rebaixar as pessoas. Francia atacara as classes principais, ou seja, proprietárias, e Carlos Antonio López humilhava a todos.

### Os López no governo

Cecilio Báez definiu Carlos Antonio López como homem inculto, tirano, que não participara de legações, concentrara o poder com mãos de ferro, decidindo desde as questões mais simples, como autorizações de vestido de noiva, até as questões complexas, como medidas políticas. Seus ministros eram descritos como fantoches, pois faziam todas as suas vontades.<sup>503</sup> O ator desconhece o caráter letrado de Carlos Antonio, que publicara importante obra sobre a independência do Paraguai.<sup>504</sup>

Durante o governo de Carlos Antonio, apesar da relativa abertura política e econômica, ele teria controlado o comércio, cobrado altos impostos, monopolizado a indústria e a navegação e abandonado a agricultura. Não construíra nenhuma escola, nem bancos, apenas fazendo prosperar a arte da guerra, construindo arsenais e disciplinando o exército com oficiais brasileiros.<sup>505</sup> Como proposto, afirmações em importante contradição com fatos, na época, de fácil conhecimento.

Aquele governo muito falaria e pouco fazia - como exemplo, Cecilio Báez citou as *bolsas* de estudos na Europa, já que, segundo ele, ao retornar, os estudantes não tinham liberdade para praticar seus conhecimentos, servindo apenas aquelas viagens como propaganda.

Francisco Solano López foi descrito como a personificação do orgulho, da vaidade, da soberba e da desumanidade. Não receberia conselhos de ninguém, não aceitaria críticas, teria mandado matar a mãe e 15 mil soldados, não respeitando a vida de ninguém. Para Cecilio Báez, Solano López fora um Nero: sua tirania, a mais horrenda e mais selvagem da história.<sup>506</sup> Retomada sem restrições as narrativas apologéticas da Argentina mitrista e da Tríplice Aliança, antes, durante e após a guerra, que diabolizavam Francisco Solano López. Chocava, portanto, de frente, com o movimento em curso de revisão daquelas propostas e reabilitação do *Mariscal*.

Em seus primeiros artigos no jornal *El Civico*, Cecilio Báez aprofundou a discussão sobre o sentido da tirania no Paraguai. Para ele, ela tinha caráter do “despotismo

---

<sup>503</sup> Id. ib. p. 136.

<sup>504</sup> LÓPEZ, Carlos Antonio. *La emancipación Paraguaya*. Asunción: Guaranía, 1942. 312 pp.

<sup>505</sup> BÁEZ, Cecilio. apud YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary*[..] Ob. cit. p. 181.

<sup>506</sup> Id. ib. p. 139.

oriental”, de países muçulmanos ou bárbaros. Ela se caracterizava pelo poder absoluto do soberano sobre o povo: poder de vida e de morte.

Los tiranos del Paraguay no solamente fusilaban sin forma de proceso: también mandaban azotar, torturar a inocentes, por cualquier palabra indiscreta o imprudencia, cargarlos a grillos, despojarlos de sus bienes, confinarlos en el interior del Chaco o mantenerlos en la prisión durante cinco años, diez, quince o veinte años según el capricho del déspota.<sup>507</sup>

Cecilio Báez afirmava que Francia governara sozinho, sem apoio de nenhum grupo social e que não tivera família, o que não era realidade. Os nomes das filhas do ditador perpétuo - Ubalda García de Cañete (1807-1890) e Maria Roque Cañete, que viveram com ele no palácio - eram de conhecimento geral. A tese do Estado de um só homem teria larga vida na historiografia sobre o francismo.<sup>508</sup> Por sua vez, os López teriam aproveitado para enriquecer todos os seus parentes, que se adonaram das melhores estâncias e exploraram os ervais do Estado. Seriam extremamente cruéis, teriam perseguido e matado pessoas inocentes, inclusive crianças.<sup>509</sup>

Em 10 de setembro de 1862, quando Carlos Antonio López morreu, na mesma noite, seu filho, Francisco Solano López, na qualidade de vice-presidente nomeado, teria assumido o governo e tratado de estabelecer seu poder. Um Congresso Extraordinário que teria eleito Solano López por unanimidade. Assim que assumiu a presidência Solano López teria mandado prender vários de seus opositores, afirmação que já contradizia a ideia de unanimidade que propunha.

Na eleição de 1862, é conhecida a oposição a Solano López. Essa oposição teve como membros o padre Fidel Maíz e o próprio irmão de Solano, Benigno López que não queria sua ascensão ao poder.<sup>510</sup>

### **A guerra com a Tríplice Aliança**

Cecílio Báez era categórico em afirmar que Solano López queria a guerra que os governos paraguaios anteriores haviam evitado. Afirmou que ele se envolvera em assuntos alheios ao Paraguai. Para o autor, a guerra entre Uruguai e Império brasileiro não teria relações com o Paraguai - Solano López não teria razões, portanto, segundo ele,

<sup>507</sup> Id. ib. p. 140.

<sup>508</sup> MAESTRI, Mário. Paraguai: A República Camponesa (1810-1865). Porto Alegre: FCM. 2015, p. 82

<sup>509</sup> BÁEZ, Cecilio in YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary [...] Ob. cit. p. 142.*

<sup>510</sup> MAESTRI, Mário. *Guerra Sem Fim [...] Ob. cit. p. 130.* Cf. Correspondencia de M. Laurent Cochelet, cónsule Francia en Asunción, 5/3/1864. CAPDEVILA, Luc. Una guerra total: Paraguay (1964-1870). Ensaio de historia del tiempo presente. Buenos Aires: SB, 2010. p. 302

para intervir naquele conflito. O fato que teria iniciado a guerra foi o aprisionamento do navio imperial Marques de Olinda pelo governo paraguaio, e não a invasão do Império ao Uruguai, em 16 de novembro de 1864.<sup>511</sup>

A historiografia aliancista negava o fato que a guerra contra o Paraguai fazia parte de um contexto muito mais complexo. Desde antes da invasão do Uruguai, na reunião de 18 de junho de 1864, em *Puntas del Rosario*, no Uruguai, os representantes do Império do Brasil e da Argentina mitrista vinham articulando uma estratégia de dominação política e econômica no Prata. Havia sim clareza por parte do Império que a invasão do Uruguai estenderia a guerra até o Paraguai. Em 28 de setembro de 1864, o próprio José Antônio Saraiva, teria proposto que Solano López responderia o ato contra o Uruguai com a invasão do Mato Grosso e recomendava levar a guerra ao território paraguaio para consecução total dos objetivos do Império.<sup>512</sup>

Francisco Solano teria manipulado o Congresso para aprovar sua declaração de guerra. A população padecera enormemente durante guerra - de oitocentos mil habitantes, apenas duzentos mil teriam sobrevivido. Os prejuízos financeiros e a perda de territórios teriam sido grandes.<sup>513</sup> Número bastante exagerado. A população paraguaia no início da guerra estaria em torno de 450 mil habitantes.<sup>514</sup>

Para Cecilio Báez, seria obrigação de um governo civilizado fundar escolas, difundir a instrução pública, em espanhol, entre as massas incultas que ainda viviam longe da “civilização”. O povo deveria saber que essa situação era culpa da tirania dos seus antigos governos, sobretudo de Solano López que, em seu egoísmo e ganância, causara a guerra.

Conforme Cecilio Báez, desde 1855, quando Solano López retornou da Europa, teria começado a organizar o país para a guerra, construindo arsenais e canhões em Ybycuí, aumentando o exército e iniciando a construção da ferrovia, em 1859.<sup>515</sup>

---

<sup>511</sup> BÁEZ, Cecilio. apud YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary [...]* Ob. cit. p. 145.

<sup>512</sup> MAESTRI, Mário. *Guerra Sem Fim [...]* Ob. cit. p. 74 - 77. Cf. PELÚAS, Daniel & PIQUÉ, Enrique. *Crónicas: guerra de la Triple Alianza y el genocidio paraguayo: selección de textos y comentarios*. Montevideo: Arca, 2009. p. 20; BOX, Pelham Horton. *Los orígenes de la guerra del Paraguay contra la Tripe Alianza*. Asunción: El Lector, 1998. p. 132-8.

<sup>513</sup> BÁEZ, Cecilio. apud YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary [...]* Ob. cit. p. 148.

<sup>514</sup> MAESTRI, Mário. *Guerra Sem Fim [...]* Ob. cit. p. 141.

<sup>515</sup> Id. ib. p.186.

O objetivo de Solano López ao entrar na guerra, seria reconquistar territórios usurpados pelos *portugueses*. Ele mesmo teria fomentado manifestações populares com o intuito de apoiar seu objetivo, nos momentos anteriores à guerra. Segundo o autor, qualquer homem comum compreenderia que Solano não devia ter intervindo no conflito e muito menos provocado a guerra.<sup>516</sup>

Cecilio Báez destaca que o Império do Brasil e a República da Argentina tinham interesse em tirar o governo *blanco* do Uruguai, por isso apoiaram a “revolução” do general Venâncio Flores. Para ele, aquela ação não representava, como proposto, ameaça à independência do Uruguai e nem do Paraguai. A intervenção teria sido uma desculpa dos *blancos* para arrastar o Paraguai à guerra. Proposta que contraditava com sua defesa de uma guerra querida por Solano López desde 1855.

Em 1865, após a invasão paraguaia do sul do Mato Grosso e da Argentina, Bartolomé Mitre, da República Argentina, dom Pedro II, do Império brasileiro e Venâncio Flores, então ditador do Uruguai, assinaram o Tratado da Tríplice Aliança, que tinha por objetivo exterminar o Paraguai. Autores argentinos, como Juan Bautista Alberdi, Juan Carlos Gómez e Guido y Spano teriam criticado a política de Bartolomé Mitre e do Império brasileiro, mas nenhum deles teria defendido o Paraguai.

A partir de silogismos apoiados em premissas arbitrárias, Cecilio Báez propôs que a maior parte da população paraguaia fora exterminada por Solano López: “Pecieron tres cuartas partes de la población, o sea, 600 mil”. A quantidade da população e o número de mortos era uma mera afirmação sua. “Suponiendo que 50 mil hayan sucumbido en los combates y hospitales? Cómo habrán desaparecido los 550 mil restantes?”<sup>517</sup> Ou seja, faltando mais de meio milhão de mortos em sua conta, propõem simplesmente que foram mortos por Francisco Solano López ou devido a ele! Entre as razões para tantas mortes estaria o desejo do presidente paraguaio de acabar com aqueles que pudessem vir a formar um novo governo.<sup>518</sup>

Solano López foi comparado aos bárbaros, como Atila e Gengiskan, e seria o grande responsável pela morte da maior parte da população paraguaia, através das fugas, dos fuzilamentos, das acusações de traição, da fome e das doenças que assolaram o país, como apenas proposto.<sup>519</sup>

---

<sup>516</sup> Id. ib. p.149.

<sup>517</sup> Id. ib. p. 152.

<sup>518</sup> Id. ib. p. 208.

<sup>519</sup> Id. ib. p. 198.

Solano López não reconheceria os esforços de suas tropas e soldados; mesmo os que lutavam bravamente acabaram acusados de traição e suas famílias teriam sido perseguidas. Para o *mariscal*, todos seriam inimigos, até seu irmão e sua mãe.

No final da guerra a situação tornara-se ainda pior. Solano López teria mandado recolher meninos acima de 10 anos para servirem como soldados. Cecilio Báez descreveu a terrível história do menino Guarán, de 11 anos, que foi acusado de traição e condenado a morte. Sua família foi forçada a renegá-lo e obrigada a assistir sua execução.<sup>520</sup>

Assim como Napoleão e os imperadores romanos, Solano López teria sido cegado por seu despotismo, banhando o país no sangue do povo paraguaio.

O autor volta a defender a necessidade de mais educação para o povo sair do “cretinismo”, causado pelo despotismo.

Citando a *La guerra del Paraguay*, do coronel George Thompson, ainda sobre a família López, Cecilio Báez, afirma que todos enriqueceram muito rápido, se aproveitaram do Estado e da população de todas as formas possível.<sup>521</sup> George Thompson escreveu prestigiosa obra sobre a guerra, justificando sua participação no conflito e criticando o Estado paraguaio em geral e a Solano López em particular. Segundo ele, a população teria sido forçada a trabalhar muito, ganharia pouco e pagaria altos impostos e elevados preços pelos produtos. Como exemplo de seus desmandos, o autor destaca que para fazer uma estátua do pai, Solano López teria arrecadado fundos junto à população, porém não teria construído a estátua e também não teria devolvido o dinheiro.

Durante a guerra, enquanto famílias doavam suas joias para defesa do país, Elisa Lynch, companheira de Solano López, teria se apropriado delas e de praticamente todo o tesouro público.<sup>522</sup> Os López seriam o que havia de mais perverso no Paraguai.<sup>523</sup> Uma crítica que respingava, logicamente, sobre Enrique Solano López.

Em seu texto *Carta a la juventude*, Cecilio Báez defendeu a necessidade de estudar profundamente a história da pátria, para despertar a consciência dos povos. Para ele, o Paraguai nunca teria conhecido uma revolução no verdadeiro sentido da palavra. O país apenas teria trocado de amo.

---

<sup>520</sup> Id. ib. p. 214.

<sup>521</sup> THOMPSON, George. *La Guerra del Paraguay*: acompañada de un bosquejo histórico del país y con notas sobre la ingeniería militar de la guerra. Buenos Aires: Imprenta Americana, 1869.

<sup>522</sup> BÁEZ, Cecilio. apud YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary [...]* Ob. cit. p. 219.

<sup>523</sup> Id. ib. p. 158.

As instituições livres teriam sido descobertas pelos ingleses e aperfeiçoadas pelos norte-americanos. A juventude paraguaia devia estudar a história das instituições livres, principalmente da Inglaterra e dos Estados Unidos:

El gobierno libre es el gobierno de la ley. En el régimen de la libertad, todo acto del gobierno debe ejecutarse conforme a una ley, a una fórmula reglamentaria cualquiera. Todo acto ejecutado fuera de una regla o de la ley, es un acto arbitrario. Desde ese momento desaparece toda garantía para el individuo. Arbitrariedad es lo mismo que despotismo.<sup>524</sup>

Cecilio Báez propunha que era mais importante estudar a história dos Estados Unidos, que seria a história do progresso e da liberdade, do que a história dos judeus ou dos índios americanos.<sup>525</sup> O autor concluiu seu texto dizendo que era sua obrigação responsabilizar os tiranos por todos os males que fizeram a pátria.

Os textos de Cecílio Báez apresentam em linguagem jornalística culta, elegante e de fácil leitura. Ele usava frases curtas e sempre terminava os textos com alguma frase de efeito, sintética e conclusiva, como no ensaio “*El desenlace de la tiranía La Guerra del Paraguay*”:

Jóvenes compatriotas: considerad que la tiranía fue la causa del embrutecimiento del pueblo, y la causa de todas sus desgracias. Es necesario, pues, educar al pueblo y amar la libertad, para que a la abyección del esclavo, que es la cariatide del despotismo, suceda la altivez del ciudadano, que es el soldado de la libertad.<sup>526</sup>

Era uma forma de reforçar seu tema central, uma espécie de “feixe de ouro”.

### **Principais ideias de Juan Emiliano O’Leary**

Juan E. O’Leary apresentou discurso oposto às ideias de Cecilio Báez, buscando no passado heroico e glorioso elementos para reescrever a história e construir uma identidade paraguaia. Em 7 de novembro de 1902, no jornal *La Patria*, de Enrique Solano López, Juan O’Leary publicou o artigo “La juventud universitaria y los intrigantes. La verdad en su punto”, onde respondeu aos textos de Cecilio Báez sobre “Las pruebas del cretinismo”, afirmando que a visão de Cecilio Báez serviu para glorificar os traidores e legionários que dominaram o Paraguai no pós-guerra.

Juan O’Leary definiu ação dos legionários, no relativo à educação nacional, como: “El legionarismo, cobarde siempre, trabajó por disolver el alma nacional contratando

---

<sup>524</sup> Id. ib. p. 165.

<sup>525</sup> Id. ib. p. 165.

<sup>526</sup> Id. ib. p. 155.



elementos argentinos que proscibieron al doctor Garay de nuestras escuelas y envenenaron el coracon de nuestra juventude.”<sup>527</sup> Referia-se ao livro *Compendio Elemental de História del Paraguay*, publicado em 1896, por Blas Garay que apresentou inúmeros aspectos inovadores em oposição a historiografia oficial aliancista, por isso foi proibido pelo diretor da Escuela Superior de Maestros, Francisco Tapia.

Em 20 de novembro de 1902, paralelamente à sequência dos escritos em “Recuerdos de gloria”, Juan O’Leary, começara a escrever uma série de artigos intitulados “El cretinismo paraguayo”. Tratava-se de resposta explícita ao seu antigo mestre. Juan O’Leary apresentou-se como opositor de Cecilio Báez. Ele, apesar de não ter vivenciado a terrível guerra, considerava as ideias do autor um insulto a pátria.

Para Juan O’Leary, era inadmissível a ideia de que o povo paraguaio fosse um povo embrutecido, cretino e sem glórias. Em seu primeiro artigo, “Los estudios históricos del Doctor Cecilio Báez”, Juan O’Leary desqualificou o autor criticado, questionou suas obras, sua mudança de ideias e sua aproximação com a República Argentina.<sup>528</sup>

Segundo Juan O’Leary, a imprensa nacional não protestou contra as injúrias de Cecilio Báez. Tendo, na ocasião, apenas o jornal *La Patria* se manifestado através de suas páginas, foi a partir de seus artigos, que a polêmica se desenrolara.

Com relação à tirania, Juan O’Leary argumentava que esta forma de governo estava presente em vários países do mundo, inclusive em países liberais com acesso à educação, sendo assim, que a falta de educação não justificava, por ela só, o despotismo.<sup>529</sup>

### **José Gaspar Rodríguez de Francia**

Segundo Juan O’Leary, o doutor José Gaspar Rodríguez de Francia foi fundamental para a história do país, pois sustentou e protegeu a independência e a soberania paraguaia. Segundo ele, o isolamento do Paraguai durante seu governo foi necessário devido à ambição de Buenos Aires, que queria dominar o país. A Argentina seria “un vecino poderoso siempre inspira sospechas, sobre todo cuando manifiesta deseos de absorción o conquista como lo manifestaba Buenos Aires que pretendía someter al Paraguay, a todo trance”.<sup>530</sup> Sugeria que aquela ameaça estava ainda viva. Neste momento, ainda eram fortes a pressão e a cobiça na Argentina quanto ao Paraguai.

<sup>527</sup> O’LEARY, Juan E. *Los Legionarios*. Asunción: Editorial das Indias, 1930. p. 6.

<sup>528</sup> O’LEARY, Juan apud YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary [...]* Ob. cit. p. 244.

<sup>529</sup> Id. ib. p. 253.

<sup>530</sup> Id. ib. p.256.

Para justificar sua visão, Juan O’Leary utilizou antigos textos de Cecilio Báez, onde ele elogiara a figura do doutor Francia e justificava seus atos. Cecilio Báez escrevera: “La revolución del Paraguay há consistido en su independencia absoluta: esta es obra del doctor Francia. Para asegurarla en el interior, donde había el partido realista y porteñista, apelo al terror.”<sup>531</sup>

Segundo Juan O’Leary, seu opositor não tinha uma posição consolidada, mudando-as conforme seus interesses, de “velho amigo do tirano, tornou-se [seu] flagelador”. O objetivo era “aparecer”. Por isso no passado criticava duramente a Argentina, para conquistar a população paraguaia.

Juan O’Leary utilizou-se de citações de Juan Bautista Alberdi para justificar as ações do doutor Francia - a tirania e o isolamento teriam sido necessários para manter a independência. A culpa fora, portanto, de Buenos Aires, que queria dominar o Paraguai.

O autor concordava com a afirmação de Cecilio Báez quanto ao doutor Francia ser um tirano e déspota que não investira em escolas.<sup>532</sup> Que, durante a sua ditadura, o povo agonizara sob as baionetas do exército.<sup>533</sup>

No frigidar dos ovos, para ele, Francia teria sido um verdadeiro monstro, pois a necessidade de manter a independência do país, não justificava os atos de crueldade praticados pelo tirano.<sup>534</sup> Nesta questão, o polemista permanecia sob o domínio da retórica do liberalismo portenho. Ao contrário do proposto, como demonstra a documentação histórica, o pequeno exército fundado pelo doutor Francia interpretara os sentimentos e exigências das classes plebeias, que até então sofriam a carga da defesa do país; o ditador inaugura o projeto de ampla escolarização primária masculina; seu governo se destacara pelo escasso uso às execuções, como arma política.<sup>535</sup>

Cecilio Báez afirmava que Francia criara um despotismo civil para manter a independência e, a sua vez, Carlos Antonio López, um despotismo militar sem qualquer necessidade. Juan O’Leary contestava essa afirmação, pois para ele, o doutor Francia fundara um despotismo militar e Carlos Antonio López fora obrigado a manter o

---

<sup>531</sup> Id. ib. p. 262.

<sup>532</sup> Id. ib. p. 318.

<sup>533</sup> Id. ib. p. 355.

<sup>534</sup> Id. ib. p. 357.

<sup>535</sup> CHAVES, Julio Cesar. *El supremo dictador*. 5 ed. Asunción: Carlos Schauman. 1985. 485 pp.; MAESTRI, Mário. *Paraguai: a República camponesa. 1810-1865*. Porto Alegre: FCM - PPGH UPF, 2014. 250 pp.; WHITE, Richard Alan. *La primeira revolución radical de America: La Política económica de la independencia: Paraguay*. Asuncion: 1984. 326 pp.

despotismo civil contra os vizinhos, sobretudo a Argentina, que ainda considerava o Paraguai sua província.

### O povo paraguaio

Juan O’Leary reafirmava a bravura, a honra e a coragem do povo paraguaio. Quem conhecesse a história paraguaia e não sentisse orgulho do seu povo seria um miserável com coração de pedra. O povo não seria “cretinizado”, participara das transformações que marcaram o país e a primeira delas foi a Revolução Comunera<sup>536</sup>. Para ele, Cecilio Báez não via a ações do povo, pois considerava o povo completamente incapaz e sem vontade.<sup>537</sup>

Juan O’Leary utilizava uma publicação de Cecilio Báez, feita no Jornal *La Democracia*, de 8 de setembro de 1891, para questionar sua mudança de pensamento. Báez escrevera: “La idea de la independencia ya estaba formulada [...] Ya existía en la conciencia del pueblo que, mucho antes de la explosión de las ideas revolucionarias en Francia, lanzó el grito de libertad y tuvo su revolución de los comuneros y sus triunfos [...]”.<sup>538</sup>

Onze anos mais tarde, em 1902, Cecilio Báez se contradizia, acusando o povo de “cretinizado”: “La revolución de los comuneros no fue la explosión de la voluntad del pueblo paraguaio.”<sup>539</sup>

Entre os principais pontos criticados por Juan O’Leary estava à ideia defendida por Cecilio Báez de que o domínio dos *legionários* teria sido algo positivo ao Paraguai. Os *legionários* teriam sido a espinha dorsal do liberalismo paraguaio:

Oh! Los legionarios! Quedáis justificados! Vosotros fuiste los precursores del doctor Báez, los maestros del apóstol, vosotros fuisteis los primeros civilizadores del Paraguay! Bailad y ayo. [...] El despotismo concluyó con aquella insurrección local y el pueblo paraguayo continuó su vida de oscuridad y quietismo.<sup>540</sup>

Os legionários, como vimos, eram paraguaios exilados na Argentina, contrários ao francismo e principalmente ao lopismo. Eles criaram a Legión Paraguaya, um grupo armado que lutou na guerra ao lado da Tríplice Aliança, contra o governo de Solano

<sup>536</sup> A Revolução Comunera ocorreu em Assunção, entre 1721 e 1735, foi um movimento contra a pressão e centralização administrativa da Espanha, sob governo dos Bourbons, contra a colônia e o despertar do povo paraguaio para o ideal de luta pela autonomia administrativa.

<sup>537</sup> O’LEARY, Juan. in YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary [...]* Ob. cit. p. 273.

<sup>538</sup> Id. ib. p. 276.

<sup>539</sup> Id. ib. p. 276.

<sup>540</sup> Id. ib. p. 276.

López. Eles se denominavam os legítimos representantes do povo paraguaio após a tomada de Assunção em janeiro de 1869, fizeram parte do projeto de regeneração do Paraguai e ocuparam importantes funções no governo provisório do pós-guerra.<sup>541</sup>

O’Leary propunha, mesmo sentido:

[...] bebed, que estais justificados ante la historia, que el pueblo aplaude al que los defiende, y hasta algunos de los bárbaros sobrevivientes le aplauden también, alborozados, como diciéndole: “Tenéis razón, fuimos unos bárbaros, peleamos pela barbárie e caímos bajo el peso de la civilización.”<sup>542</sup>

Em tom irônico, Juan O’Leary afirma que Solano López recebera cinco anos [1864-70] de lições de “amor, humanidade e generosidade” durante a guerra. Fora uma amostra da civilização defendida por Cecilio Báez e pelos *legionários*.<sup>543</sup>

Com objetivo de provar suas ideias e interpretações, O’Leary utiliza-se dos principais autores citados por Cecilio Báez, entre eles, Juan Bautista Alberdi, Jorge Thompson, Crisóstomo Centurión e Melchor Pacheco y Obes.

Vimos que Juan Bautista Alberdi (1810-1884) era natural de Tucumán, Argentina. Ele foi político, jurisconsulto e escritor. Ao longo de sua vida, publicou inúmeras obras de Direito, Política, Filosofia e Economia sobre a bacia do Prata e também sobre a América do Sul, incluindo o Brasil. Ele foi, certamente, o principal intelectual federalista, quando da Guerra Grande.

De acordo com Juan O’Leary, Juan Bautista Alberdi não tinha conhecimento suficiente para criticar o Paraguai, pois não conhecia o país e por isso não podia ser usado como referência por Cecilio Báez.<sup>544</sup> Nesse momento, Juan O’Leary não conheceria igualmente muito bem a Juan Alberdi, o grande defensor externo do Paraguai, quando da guerra.

Lembrava que o engenheiro inglês Jorge Thompson (1839-1878) - que fora membro do exército paraguaio, ao qual servira com dedicação e distinção -, afirmava que apesar do egoísmo de Carlos Antonio López, seu governo fora comparativamente bom

---

<sup>541</sup> Cf. BOSIO, Beatriz González. *Los Legionários*. Asunción: El Lector. 2013, 122 pp; DECOUD, Héctor Francisco. *Sobre los escombros de la guerra: una década de vida nacional. 1869-1880*. [Edición facsimilar]. Asunción: ServiLibro, 2015.p. 204; WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza La Década de pós guerra 1869-1878*. Asunción: Editora Intercontinental. 2009; O’LEARY, Juan E. *Los Legionarios*. Asunción: Editorial das Indias, 1930; MAESTRI, Mário. *La guerra en el Papel: historia e historiografía de la Guerra en el Paraguay. 1864-1870*. Asunción: Arandurã, 2016. pp. 259-372.

<sup>542</sup> O’LEARY, Juan. apud YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary [...]* Ob. cit. p. 292.

<sup>543</sup> Id. ib. p. 293.

<sup>544</sup> Id. ib. p. 300.

para o Paraguai, garantindo a vida e a propriedade. Para Thompson, o povo paraguaio teria sido o povo mais feliz da terra sob o governo de Francia. O coronel inglês teria elogiado o governo López e o Paraguai.<sup>545</sup>

Juan Crisóstomo Centurión (1840-1909) foi jornalista, professor, tradutor e político paraguaio. Quando estudante viajou como bolsista paraguaio à Europa. Ao retornar ao país, integrou o governo em posições de destaque e participou da guerra contra a Tríplice Aliança, combatendo até Cerro Corá, onde foi gravemente ferido. Após a guerra, foi levado como prisioneiro para o Rio de Janeiro, partindo depois para a França, Estados Unidos, Cuba e Jamaica. Retornou ao Paraguai em 1878, onde participou da fundação da Associação Nacional República (partido Colorado) e do Instituto Paraguaio.

Juan Crisóstomo Centurión escreveu *Memórias o Reminiscencias Históricas sobre la Guerra del Paraguay*, trabalho paradigmático sobre o conflito, de elevada qualidade literária e importância histórica, publicado em diversos tomos, em Buenos Aires ao longo dos anos de 1894 a 1897. Quando do debate, seu livro e o de Thompson eram as principais obras historiográficas sobre a guerra, de alta fidedignidade, escritas em um viés simpático ao Paraguai.

Segundo Juan O’Leary, Centurión teria afirmado que Carlos Antonio governou com imparcialidade, sem paixões, geralmente de forma moderada, com exceção de alguns atos violentos, tendo sido o governo que mais fizera pelo país. Comparado ao governo do doutor Francia, segundo aquele autor, sua administração fora de prosperidade.<sup>546</sup>

Melchor Pacheco y Obes (1809-1855) natural de Buenos Aires, militar e político, membro do Partido Colorado, participou, muito jovem da guerra de independência do Uruguai. Fora ministro da guerra, em 1843, organizando a defesa de Montevideu contra o sítio das tropas de Manuel Oribe, aliado de Rosas, e inimigos do Império. Durante a Guerra Grande oriental, e em 1853, apoiou o golpe de Estado de Venâncio Flores.

O general Melchor Pacheco y Obes foi tido como o autor do ensaio apologético *El Paraguay, lo que fue, lo que es y lo que será*. Neste livrinho, publicado em 1848, no Rio de Janeiro, “bajo los auspicios de la legación del Paraguay en la corte del Brasil”, relata, a um comerciante imaginário do Rio de Janeiro, como estivera o Paraguai sob a ditadura francista, e como se encontrava sob a administração de Carlos Antonio López, fazendo prognósticos sobre o futuro do país. Andrés Gill, alto funcionário do governo de

---

<sup>545</sup> Id. ib. p. 300.

<sup>546</sup> Id. ib. p. 303.

Carlos Antonio López, foi tido, igualmente, como o autor deste trabalho. Entretanto, possivelmente, a obra tenha sido escrita por Juan Andrés Gelly, um furibundo defensor das medidas liberais. Gelly fora auxiliar de Carlos Antonio e embaixador do Paraguai no Rio de Janeiro, durante diversos anos.<sup>547</sup>

Os pontos centrais do livrinho são as afirmações de que Carlos Antonio López foi eleito por unanimidade; dividiu e regularizou os poderes; deu prioridade aos interesses do povo; foi delicado e suscetível para com os estrangeiros; teria tido qualidades morais.<sup>548</sup>

Com relação ao povo paraguaio, nenhum dos quatro autores citados por Cecilio Báez, como lembrava, Juan O’Leary, falava de bárbaros, de bestas, de negros de fazendas e muito menos de cretinos. Tais termos teriam sido utilizados por Cecilio Báez para afrontar o povo paraguaio.

### **O governo de Carlos Antonio López**

Segundo Juan O’Leary, durante o Congresso de 1844, Carlos Antonio López defendera a necessidade de mudanças graduais para garantir a liberdade e os direitos do povo. Para ele, o caminho de liberdade devia ser construído aos poucos, sem sobressaltos. Era necessário um governo forte para manter a ordem, a liberdade e a política. Em verdade, não se discutia apenas sobre o passado.<sup>549</sup>

As ideias políticas dos polemistas, sobre o presente, se expressavam na discussão do passado. Enquanto Cecilio Báez propunha como salvação do país um governo liberal extremado, Juan O’Leary olhava com simpatia o *autoritarismo populista ilustrado*.

Juan O’Leary afirma que em 26 de agosto de 1845, Carlos Antonio criara um exército permanente, formado pela guarda nacional e as guardas auxiliares. O que era incorreto, já que o exército fora fundado pelo doutor Francia, como vimos. Para o autor, a criação do exército e o fortalecimento do despotismo de Carlos Antonio López era justificável devido à necessidade de lutar contra os inimigos externos. López não seria a continuação de Francia e não teria participado dos conflitos da América Platina, pois seria indiferente, caso o inimigo fosse Juan Manuel Rosas ou Justo José Urquiza, o que interessava era manter a independência do Paraguai.<sup>550</sup>

---

<sup>547</sup> Cf. *El Paraguay, lo que fue, lo que es y lo que será*. Por un Estragero que residio seis años en aquel pais. Rio de Janeiro: 1848. Site de Biblioteca Nacional da España. <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000085356&page=1>

<sup>548</sup> O’LEARY, Juan. apud YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary* [...] Ob. cit. p. 309.

<sup>549</sup> Id. ib. p. 315.

<sup>550</sup> Id. ib. p. 364.

Juan O’Leary, na ocasião, afirmara que o controle do Estado sobre a produção e os impostos era algo necessário para organizar e desenvolver o país - tratava-se de discussão entre liberalismo e dirigismo. Como os impostos eram poucos, fazia-se necessário a criação do estanco da erva-mate para aumentar a renda pública. O estanco era o monopólio do governo sobre um produto e teria beneficiado a população paraguaia, pois ao invés de pagar inúmeros e injustos impostos, como na época de Francia, seria possível adquirir a erva-mate do Estado por um preço melhor.<sup>551</sup> Em verdade, Francia governara tendo como um dos objetivos a desoneração da população, através de monopólios do comércio e as Estancias da Patria.<sup>552</sup>

Carlos Antonio não teria imposto contribuições de caráter bárbaro - segundo o jovem polemista. O dízimo, só era cobrado em épocas de abundância. Sua administração melhorara as condições de vida do povo, contribuindo para manutenção da fortuna privada através de empréstimos, protegendo a agricultura, a indústria e o comércio. O Paraguai teria sido o país mais respeitado da América e Cecilio Báez faltaria descaradamente com a verdade histórica, por ignorância ou má fé.<sup>553</sup>

Quanto às escolas e instituições de ensino, não era possível fazer comparações entre o período de López e Francia, pois, segundo O’Leary, as mesmas não existiam no tempo de Francia - afirmação que incorria em tropeço histórico.<sup>554</sup> Carlos Antonio tivera por objetivo melhorar a instrução pública, criando novas escolas e trazendo professores de fora do país. O que não fora possível devido aos embargos de navegação causados pela política de Buenos Aires. Mesmo assim, foram criadas escolas primárias e cátedras de Latinidade e Filosofia.<sup>555</sup>

No tempo de Carlos Antonio, a quantidade de escolas seria insuficiente, mas tratava-se da maior quantidade que o Paraguai tivera até então. As aulas seriam de boa qualidade acadêmica, os alunos estudariam Filosofia, Gramática, Lógica, História Sagrada, História Profana, Cosmografia, Geometria, Literatura, Moral, Catecismo Político, Direito Civil, Francês e composições literárias. Utilizando como referência o texto do jornalista e político paraguaio Manuel Domínguez, Juan O’Leary afirmava que

---

<sup>551</sup> Id. ib. p. 376.

<sup>552</sup> WHITE, Richard Alan. *La primera revolución popular en América: Paraguay (1810-1840)*. 2 ed. Asunción: Carlos Schauman, 1989.

<sup>553</sup> O’LEARY, Juan. apud YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary [...]* Ob. cit. p. 386.

<sup>554</sup> Id. ib. p. 319.

<sup>555</sup> Id. ib. p. 322.

a Escola Normal teria em torno de trezentos alunos e não cinquenta, como afirmara Cecilio Báez.<sup>556</sup>

O envio de jovens para o exterior teria por objetivo formar a juventude paraguaia. O intercambio era longo, podendo durar até quatorze anos, mas Carlos Antonio López o julgava necessário devido à situação em que o Paraguai se encontrava após a morte de Francia.<sup>557</sup> Todos os jovens que estudaram no exterior teriam sido aproveitados pelo governo López, atuando em cargos importantes do governo, como ministros, secretários e encarregados de assuntos exteriores. Sendo assim, não seria verdade a afirmação de que Carlos Antonio López não delegava cargos elevados ou que só beneficiasse o filho Solano López.<sup>558</sup>

Para Juan O’Leary, o governo Carlos Antonio López se preocupava sim, com a educação, existindo subsídios para as 408 escolas públicas e 16.755 alunos, fora os de escolas particulares.<sup>559</sup> Citando carta de Gregorio Benítez, onde afirmava que, mais de 50% da população sabia ler e escrever antes da guerra.<sup>560</sup>

Conforme a polêmica foi se desenrolando, Cecilio Báez acusava Juan O’Leary de ser defensor dos tiranos. Por sua vez, O’Leary negava, lembrando que sua mãe sofrera muito com a tirania e o ensinara a detestar o despotismo. Juan O’Leary afirmava defender o povo paraguaio contra a afirmação de cretinismo:

Decir que las tiranías se sucedieron solo por el cretinismo del pueblo, que lleno de infelicidad y abyección nuestro pasado; negar a éste la paternidad y la gloria de la revolución de los comuneros; decir que iba a morir a las batalla, no por amor pátrio, sino a latigazos, como los bárbaros de la Mongolia; justificar, en fin, la actitud de la Triple Alianza, no es atacar la tiranía, es injuriar a nuestra nacionalidad, es escarnecer a la víctima de los tiranos, que aún bajo la férula del despotismo supo defender su hogar y caer con gloria, asombrando al mundo por su heroísmo.<sup>561</sup>

O povo paraguaio não era selvagem e nem cretino, cumprira um papel heroico na história.

---

<sup>556</sup> Id. ib. p. 326.

<sup>557</sup> Id. ib. p. 331.

<sup>558</sup> Id. ib. p. 349.

<sup>559</sup> Id. ib. p. 338.

<sup>560</sup> Id. ib. p. 348.

<sup>561</sup> Id. ib. p. 343.



### A guerra entre a Tríplice Aliança e a República do Paraguai

Sobre a guerra entre a Tríplice Aliança e a República do Paraguai, Juan O’Leary iniciou uma investigação mais aprofundada, abordando o contexto da América platina e as razões complexas da guerra. Iniciou sua análise pelo Uruguai. Lembrou que, em 1º de março de 1860, a presidência da República Oriental do Uruguai foi ocupada por Bernardo Prudencio Berro. Bartolomé Mitre enganara Bernardo Berro, agindo como amigo para ganhar sua confiança, mas tramara com o Império sua derrubada. Quando Bernardo Berro pensou que estava seguro e dispensou seus soldados, nove dias depois, o general Venâncio Flores, com o apoio de Bartolomé Mitre e de Pedro II, invadiu o Uruguai, desde Buenos Aires, e ocupou o Rincão das Galinhas.<sup>562</sup>

O apoio do Império do Brasil não era inicialmente oficial. Publicamente se dizia neutro, mas, secretamente, fornecia armas, dinheiro e munições para Venancio Flores. Após cinco meses, a *revolução* de Venancio Flores ainda não se instalara, forçando a imprensa argentina, sobretudo *La Nación Argentina*, a iniciar uma campanha para fomentar a opinião pública contra a República Oriental e contra a República do Paraguai.<sup>563</sup>

Juan O’Leary afirmava que Bernardo Berro queria uma negociação com dois árbitros, um deles seria Solano López e o outro o Império do Brasil, mas que o Império não aceitou, já que queria *mediar* sozinho o conflito no qual tinha interesse: “[...] era la vez primera que los incendiarios formaban compañía de bomberos.”<sup>564</sup>

O autor defendia a ideia de que o Império do Brasil, desde o princípio, tinha por interesse dominar a República do Paraguai, usando o pretexto do assassinato de cidadãos imperiais na Banda Oriental para entrar oficialmente no conflito contra a República do Uruguai. Do mesmo modo, a missão do conselheiro José Antonio Saraiva (1823-1895) não teria por objetivo a paz, mas encontrar uma razão para romper as relações com a República Oriental.<sup>565</sup>

Juan O’Leary avançava em importantes questões históricas sobre o início da guerra, não tocadas por Cecilio Báez. O Império do Brasil entrara no conflito, pois tinha interesses próprios, entre eles, intervir e determinar a realidade da bacia do Plata. Por sua posição geográfica, o Paraguai dependia de Montevidéu para ter acesso ao mundo

---

<sup>562</sup> Id. ib. p. 406.

<sup>563</sup> Id. ib. p. 407.

<sup>564</sup> Id. ib. p. 408.

<sup>565</sup> Id. ib. p. 411.

exterior. O governo paraguaio teria percebido que a intervenção imperial no Uruguai era uma ameaça à sua independência, deste modo a ação em prol do Uruguai foi defensiva e conservadora.

De acordo com Juan O’Leary:

Montevideo iba a caer, nuevamente, en las manos de su antiguo señor, como cuarenta y cuatro años antes. El Paraguay estaba condenado a morir de hambre, a agonizar en la miséria, aislado, como en la dictadura, si los brasileños se enseñoreaban en la Banda Oriental. Pensad en lo que sería de nosotros si hoy mismo se clausurara el puerto de Montevideo, siéndonos hostil el gobierno argentino.<sup>566</sup>

Solano López teria tentado evitar a guerra, oferecendo-se como mediador do conflito e enviando nota ao ministro das relações exteriores do Império, César Sauvann Vianna de Lima (1824-1897), pedindo que não invadissem o Uruguai, o que de nada adiantou.

Conforme Juan O’Leary, o Império do Brasil era como um parasita que explorava o solo do Prata, envolvendo-se em contendas com quase todos os seus vizinhos: o Uruguai, a Bolívia, a Venezuela e o Paraguai, sendo contrário a qualquer república que viesse a se estabelecer na região.<sup>567</sup> O Prata e o Paraguai foram sempre o pesadelo do Império: o Prata, por suas províncias rebeldes promotoras de novas ideias; o Paraguai por ser a chave de comunicação com o Mato Grosso.<sup>568</sup> A política do Império do Brasil era expansionista e seguia os moldes da Roma antiga: manipular, fazer aliados por interesses e depois dividir para conquistar.

A principal referência utilizada por Juan O’Leary na discussão das razões gerais da guerra foi o autor brasileiro Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927), natural de Caxias, no Maranhão. Teixeira Mendes, positivista ortodoxo, criticara em nome daquele movimento, nas “páginas 93 a 138, da primeira edição da biografia” de Benjamin Constant (1836-91), prócer do movimento republicano, publicada em 1893, “o intervencionismo imperial no Uruguai e Paraguai”, em forma sistemática e sintética.<sup>569</sup>

Teixeira Mendes assinalara as intrigas do Império, as tentativas de mediação de Solano López; o problema dos limites; as relações entre Uruguai e o Paraguai; a invasão do Uruguai querida pelo Império, e impugnada pelo Paraguai, como a grande razão da

<sup>566</sup> Id. ib. p. 421.

<sup>567</sup> O’LEARY, Juan. 1902 apud YEGROS, Ricardo e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary* [...] Ob. cit. p.426.

<sup>568</sup> Id. ib. p. 428.

<sup>569</sup> MAESTRI, Mário. *A guerra no papel* [...] Ob.cit. p. 15-42.

guerra; o alinhamento da Argentina e do Império desde Montevidéu contra o Paraguai.<sup>570</sup> Bem ou mal, a partir de estudo historiográfico de indiscutível rigor, O'Leary apontava para a discussão de questões históricas fundamentais.

O'Leary lançou mão, igualmente, do poeta, polemista e historiador paulista Alberto Souza (1870-1927), ex-positivista ortodoxo, que rompera com aquele movimento sem deixar de participar da crítica à guerra contra o Paraguai, que explicava esta, como fortemente devida aos interesses dinásticos da monarquia brasileira. Em 1899, ele publicara o livro *Brasil-Paraguay*, reunindo artigos sobre o tema publicados em jornal da cidade de Santos.<sup>571</sup>

Juan O'Leary citou também o autor brasileiro Raúl do Nascimento Guedes, que afirmava que, se a política do Império tivesse sido diferente, de fraternidade, os quatro povos não chorariam simultaneamente.<sup>572</sup> Raul do Nascimento Guedes era positivista ortodoxo e membro da Comissão Benjamin Constant, que, entre outras iniciativas, fizeram oposição à guerra com o Paraguai e defenderam a devolução dos troféus de guerra e a extinção das dívidas do Brasil com o Paraguai.<sup>573</sup>

Conforme Juan O'Leary, a política argentina era contrária ao Paraguai e estava em aliança com os interesses do Império do Brasil. Como exemplo, lembrava que em janeiro de 1865, a Argentina negara pedido das tropas paraguaias para cruzarem seu território e afirmava ter sido agredida, sem declaração de guerra, pelo Paraguai. O que não seria correto, pois em 29 de março de 1865, o tenente Ceferino Ayala, fora encarregado de levar à Argentina a declaração de guerra paraguaia. Ele fora preso por forças argentinas e não concluíra oficialmente sua missão.<sup>574</sup>

### **Crítica às ideias de Juan O'Leary**

O jovem Juan O'Leary, que se inaugurava em polêmica aberta, escreveu textos longos aprofundando, justificando e argumentando sobre suas ideias. Ao longo dos

---

<sup>570</sup> Cf. MENDES, R. Teixeira. *Benjamin Constant: esboço de uma apreciação sintética da vida e da obra do Fundador da República Brasileira*. 2 ed. Do 1º vol. Rio de Janeiro: Sede Central da Igreja Positivista do Brasil, 1913. TEIXEIRA, Fabiano B. A 'Sacrilega Dívida' da guerra do Paraguai (1894-1913). In: SQUINELO, Ana Paula. (Org.). 150 anos após - A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. 1ed. Campo Grande: UFMS, 2016, v. 2, p. 339-365.

<sup>571</sup> SOUZA, Alberto. *Brazil-Paraguay: a propósito da restituição dos trophéus*. Apreciação histórica e philosophica da campanha contra o Paraguay. s.l.: [Companhia Industrial], 1899. 161 p.

<sup>572</sup> Id. ib. p. 450.

<sup>573</sup> MAESTRI, Mário. Os Positivistas Ortodoxos e a Guerra do Paraguai. MAESTRI, Mário. *A guerra no papel*. Ob.cit. p. 47-50.

<sup>574</sup> O'LEARY, Juan. 1902 apud YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O'Leary [...]*. Ob. cit. p. 463-464.

textos, foi citando e contrapondo as ideias de Cecilio Báez. Entretanto, Cecilio Báez, intelectual e político mais velho e reconhecido, em nenhum dos seus artigos citou o nome de Juan O'Leary.

Juan O'Leary apresentava posição oposta à visão de Cecilio Báez. Sobre o Paraguai, após a independência, afirmou o papel do doutor José Gaspar Rodríguez de Francia como fundador da nacionalidade paraguaia e que a tirania fora necessária devido à ambição dos países vizinhos. Concordou, contudo, com Cecilio Báez, sendo ainda mais duro nas críticas ao *despotismo*, definindo Francia como monstro cruel e tirano. Percebe-se que nessa rejeição, encontrava-se imbricada, igualmente, a desconfiança de Juan O'Leary ao caráter plebeu do francismo.

O povo paraguaio foi descrito como corajoso e heroico, por suas lutas e por sua história. Juan O'Leary combateu veementemente à proposta de Cecilio Báez sobre o cretinismo do povo paraguaio que sofrera devido à guerra com a Tríplice Aliança, mas que vivera antes, feliz, principalmente durante o governo de Carlos Antonio López. A guerra era, portanto, a grande razão das infelicidades paraguaias. Seria, assim, um divisor de águas e os responsáveis seriam a Argentina, o Império do Brasil e os *legionários*.

Sobre a educação, Juan O'Leary afirmara a existência de escolas no período de Carlos Antonio e que cerca de 50% da população saberia ler e escrever. Foi injusto com Francia, propondo que se despreocupara com a escolarização do país. A falta de escolas, não justificava o conceito de cretinismo.

Carlos Antonio López foi descrito como um bom governante, que investiu no desenvolvimento do país, criando um exército para manter a independência e não para impor a barbárie como apontado por Cecilio Báez. Também nesta questão, O'Leary registrou seu desconhecimento do período francista, quando se formara, de fato, o exército paraguaio.

O principal avanço de Juan O'Leary foi referente ao estudo na guerra da Tríplice Aliança. Apoiado fortemente na produção revisionista, com destaque para a dos positivistas ortodoxos brasileiros, e na abordagem de novas fontes, empreendeu uma análise mais aprofundada sobre as razões da guerra. O autor rompeu com a visão formalista, ideológica, simplista e simplória de Cecilio Báez, em que a guerra era culpa unicamente da vontade de Solano López e resultado do despotismo histórico paraguaio.

O'Leary apresentou o contexto da América Platina como um dos grandes motivos da guerra. Os interesses particulares e *imperialistas* da Argentina, de Bartolomé Mitre, e do Império do Brasil, de dom Pedro II, teriam sido os verdadeiros responsáveis pelo início

do conflito, atacando, primeiro, o Uruguai e forçando a intervenção paraguaia. Solano López tentara intermediar a paz entre o Império e Uruguai, mas o Império não aceitou.

Para Cecilio Báez, o conflito no Uruguai, não tinha nenhuma relação com o Paraguai. Para Juan O’Leary, era necessário defender a independência do Uruguai que estava em risco pois, após aquela República, o próximo na lista da Argentina e do Império seria o Paraguai.

Através de suas leituras, Juan O’Leary analisou a política do Império do Brasil caracterizando-a como um parasita que explorava o solo do Prata. A política Argentina seria de dominação, tendo em vista que nunca aceitara a independência do Paraguai.

Outro tema importante da produção intelectual de Juan Emiliano O’Leary foram os legionários, grupo de paraguaios que lutou contra o Paraguai na Guerra da Tríplice Aliança. Para ele, legionários e mitristas deviam pensar e sentir igual, já que seriam a manifestação do mesmo fenômeno moral. “Fraternizan en el ódio al Paraguay y un mismo rencor les anima contra el grande hombre proclamado un día salvador de Buenos Aires y unificador de la República Argentina.”<sup>575</sup> Sendo assim, o portenho era *legionario* e o *legionario* era portenho.

Para O’Leary a mentalidade mitrista dos legionários era inconfundível:

Los paraguayos eran cretinos y esclavos. Los legionarios eran civilizados y libres. Los paraguayos eran irresponsables al defender su país. Los legionarios, para no compartir la irresponsabilidad cretinesca de los paraguayos, se plegaron a Mitre. Y para justificar sus buenas intenciones pidieron pelear a la sombra de la bandera nacional. Y como para ellos la bandera argentina era también su bandera, vinieron a pelear heroicamente, ‘con abnegación varonil’ a sombra del pabellón de Belgrano. Fueron así beneméritos de la patria, dignos de aplauso y gratitud.<sup>576</sup>

Os legionários seriam a representação dos interesses mitristas e portenhos sobre o Paraguai. Até mesmo os próceres do Império do Brasil, não viam aos legionários com bons olhos, pois estes, ao lutar contra sua pátria, teriam causado repugnância em Pedro II, que aceitou a traição de Juan Francisco Decoud, mas depreciou sua ação: “Pedro II aceptó, sí, la traición, pero desprecio siempre a los legionarios. Los quiso como instrumentos, nunca como compañeros. Y después de utilizarlos como a lacayos en sus planes contra el Paraguay, no solo no los protegió, fue el peor enemigo que tuvieron”.<sup>577</sup>

---

<sup>575</sup> O’LEARY, Juan E. *Los Legionarios*. Asunción: Editorial das Indias, 1930. p.10.

<sup>576</sup> Id. ib. p.13.

<sup>577</sup> Id. ib. p. 26-27.

Juan O’Leary citou texto de Juan Silvano Godoi, do livro *Mision al Rio de Janeiro*, sobre a “admiração” que os brasileiros teriam ao general Bernardino Caballero por ele ter sido fiel a Solano López até os últimos momentos da guerra. E afirmou que, após o Império alcançar os objetivos do Tratado da Tríplice Aliança, os legionários foram banidos do governo:

Y así, consumadas por el legionarismo las iniquidades estipuladas en el Tratado Secreto, firmada los pactos de nuestra desmembración territorial, reconocida la deuda de guerra, fueron barridos del poder por la influencia brasileña, para poner los destinos del Paraguay en manos de los que acompañaron al Mariscal López, en manos de los leales...

Até mesmo no Brasil os legionários teriam ficado conhecidos como traidores.

Outro aspecto importante, destacado por Juan O’Leary, é que a Legión Paraguaya, nem em seus melhores dias teria tido mais que cem homens e que somente seus chefes seriam verdadeiros traidores, pois a maioria das tropas foram enganadas ou permaneciam nas filas contra a vontade. “Los pobres prisioneros, así como eran enrolados en los batallones aliados, eran enrolados en la Legión. Si intentaban huir, eran en e lacto fuzilados”.<sup>578</sup>

### Considerações

Juan Emiliano O’Leary foi um homem de muitas facetas. Foi importante jornalista, professor, político, poeta, ensaístas e historiador paraguaio. Quando jovem foi crítico ferrenho de Francisco Solano López, mas ao logo dos anos, em especial a partir de 1902, da polêmica com intelectual Liberal Cecilio Báez, se transformou em defensor da nacionalidade paraguaia e iniciou um movimento de recuperação da memória dos heróis nacionais e em consequência de Solano López. Ideias essas que o aproximaram do Partido Colorado.

A polêmica entre Juan Emiliano O’Leary e Cecilio Báez foi um momento importante na reflexão e análise sobre a história do Paraguai. Antes, durante e depois dela, os dois autores mudaram e mudariam suas visões históricas. Cecilio Báez, de crítico da Argentina e das forças *legionárias*, se tornou defensor das mesmas. Juan O’Leary de crítico ferrenho de Solano López, se tornou seu defensor incondicional.

---

<sup>578</sup> Id. ib. p. 218.

Ao longo dos seus artigos, Juan O’Leary aprofundou sua pesquisa, utilizando as fontes citadas por Cecilio Báez e outras novas, com destaque para alguns escritores brasileiros *revisionistas*, como Teixeira Mendes, Raúl Guedes, Alberto Souza. Os dois primeiros, membros do Apostolado Positivista Brasileiro; o terceiro, sob a influência daquele movimento. Juan O’Leary apresentou razões mais concretas para a guerra, como os interesses regionais do Império do Brasil e da Argentina, e não o mero desejo soberano de Francisco Solano López, embriagado por ambições de glórias ou conquistas.

A visão de Cecilio Báez sobre o povo paraguaio era preconceituosa, algo comum na época. Via o país como o mais atrasado da América, devido às “tirantias” que conhecera e, sobretudo, pela cultura, língua e raça *guaranis* elemento central do povo paraguaio. Devido a isso, o povo teria sido definido com adjetivos como “cretinizado” e incapaz de discernir entre o certo e o errado.

Cecilio Báez buscou, através de seus textos, justificar a necessidade de mudanças na sociedade paraguaia do pós-guerra através da educação, pois a falta desta, e jamais a guerra, suas sequelas e os responsáveis pelo conflito, seriam os reais motivos das misérias do país. Pensador e líder liberal pró-argentino, interessava-lhe inocentar de todos os pecados a Argentina mitrista, antes, durante e após o conflito. Sua visão repetia a mitologia das tropas aliancistas vencedoras da guerra. O conflito e o sofrimento do povo paraguaio deviam-se unicamente de Solano López, como proposto.

Cecilio Báez afirmava que não havia nada de bom no Paraguai antes da guerra. Seus governantes e seu povo eram a personificação da barbárie, sem escolas, sem liberdade, sem justiça. A civilização chegara ao país, graças à guerra com a Tríplice Aliança, sendo os tiranos depostos e o povo conhecendo enfim, a “civilização” e a “felicidade”, subentendido como o modelo liberal de sociedade. Deste modo, para Cecilio Báez perder a guerra fora um bem e não um malefício. Ele se tornava, assim, uma espécie de ideólogo do *legionarismo*. O futuro do país dependeria de escolas, de educação, de superação das raízes culturais e de instituições liberais.

### **Uma Guerra Sem Fim**

A historiadora argentina Liliana M. Brezzo, em seu estudo preliminar à recopilação da polêmica, propõe o choque de duas formas antagônicas de história: história patriótica, defendida por Juan E. O’Leary, que ressaltava os heróis e não fazia questionamentos, defensores do antigo regime, “de cérebros atrofiados pela palmatória do despotismo”, e uma história sincera, defendida por Cecilio Báez, mais realista e sensata, defensora do novo regime - liberal - e ávida por respirar o ar da liberdade e do

progresso.<sup>579</sup> Parece-nos que sua leitura simpática da visão liberal de Cecilio Báez praticamente ignora os indiscutíveis avanços, nas suas contradições, do olhar de Juan O’Leary, sobre o passado, em boa parte, como propomos, apoiado na leitura revisionista dos positivistas ortodoxos brasileiros, que haviam se apoiado em fontes documentais, em geral oficiais. Acreditamos ainda, que, além das influências conjunturais de partidos e movimentos políticos de então, impõe-se para compreender aquela polêmica, investigar os segmentos sociais que os polemistas interpretavam.

Creemos que o desdobramento do debate, explica o amplo apoio e boa recepção das ideias de Juan O’Leary, indiscutível vencedor da polêmica. Ele negava a visão aliancista, oficial no período pós-guerra, imposta inicialmente pela força das armas, na procura de uma leitura *nacionalista* que valorizasse a história do povo, das lideranças e sobretudo dos combatentes paraguaios que haviam lutado na guerra de resistência ao invasor. Ademais, apontava para a Argentina mitrista e o Império do Brasil como responsáveis pelo conflito. Apoiado em uma documentação mais vasta e aproximando-se indiscutivelmente da verdade histórica, interpretava os segmentos sociais que haviam participado da resistência ao invasor ou que se colocavam na ótica dos mesmos.

Juan O’Leary apesar da visão positiva de Solano López, não exagerou em suas afirmações, pesquisando em fontes oficiais e consultando autores credíveis. Serviu-se fortemente da reflexão sistemática sobre as origens da guerra realizada sobretudo por Raimundo Teixeira Mendes e pelos positivistas ortodoxos brasileiros, toda ela apoiada em documentos oficiais, como apenas proposto. Apesar dos limites e imperfeições de sua apresentação histórica, realizou uma investigação mais extensa e mais complexa, conseguindo contrapor-se com sucesso às ideias de Cecilio Báez, fazendo avançar, em processo contraditório, o conhecimento historiográfico sobre o passado no Paraguai.

Juan Emiliano O’Leary se converteu de opositor a defensor do Solano López segundo ele por entender que aquele ódio não era seu, mas sim das forças aliancistas que dominaram o Paraguai. Do mesmo modo, ele se apoiou nas obras do argentino Juan Bautista Alberdi que foi um dos primeiros argentinos a questionar os interesses argentinos e imperiais na guerra, sendo assim, um dos primeiros historiadores revisionistas do Paraguai.

---

<sup>579</sup> BREZZO, Liliana. *En e mundo de Ariadna y Penélope: hilos, tejidos y urdimentos del nacimiento de la historia en el Paraguay*. in YEGROS, Ricardo. e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary[...]* Ob.cit. p. 13-65.



Juan O'Leary liderou o movimento de valorização da história nacional paraguaia e da figura de Solano López, nesse último caso, não raro, em forma extremada, contribuindo para criação do “lopismo positivo”. Mas não há evidências que tenha feito isso por interesses financeiros como proposto por historiadores paraguaios e pelo brasileiro Francisco Doratioto. Enrique López teria se aproveitado da existência de um movimento orgânico em favor a seu pai e em oposição a visão aliancista/legionária, que certamente procurou radicalizar, para tentar legitimar sua campanha pela posse das terras e não o contrário. O fracasso da campanha fundiária e o enorme sucesso da campanha revisionista registram a impertinência daquela proposição.

## **CAPÍTULO 7- Manuel Domínguez: exageros, nacionalismo e reforma agrária**

Manuel Domínguez foi advogado, professor, jornalista, ensaísta e político paraguaio. Nasceu em 5 de junho de 1868, em Pilar, departamento de Ñeembucu. Era filho de Concepción Domínguez descendente de um “ramo” da família Irala e do coronel Matías Goiburú que não reconheceu sua paternidade, por isso adotou o sobrenome da mãe.<sup>580</sup>

Figura 5: Manuel Domínguez



Fonte: <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/artes-espectaculos/manuel-dominguez-polemico-pero-de-una-entrega-total-594010.html>

Manuel Domínguez passou a infância no povoado de Itauguá onde fez sua educação primária. A seguir, teria sido levado pelo major de artilharia Hilario Amarilla, herói da batalha de Piribebuy (12/08/1869), para Assunção, onde ficou aos cuidados de

---

<sup>580</sup> Cf. WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay: revoluciones y finanzas*. Servilibro: Asunción, 2008. 394 pp.

Ignacio Ibarra, proprietário do jornal *La Democracia*. Neste período, conseguiu uma bolsa de estudos para o Colégio Nacional de Assunção e trabalhou no referido jornal.<sup>581</sup>

Ignacio Ibarra nasceu em Assunção em 1854, estudou com o padre Fidel Maíz, foi operador de telégrafos e secretário de Francisco Solano López durante a guerra. Em 1º de março de 1881, fundou o jornal *La Democracia*, sendo importante jornalista paraguaio. Participou de comissões e diretivas e foi sócio fundador do Centro Democrático. Conforme o historiador Harris Gaylord Warren, seu jornalismo teria sido sensato e digno, contava com apoio de empresários e intelectuais. Através de seu jornal teria defendido aos interesses do Paraguai no Chaco.<sup>582</sup>

Em 1890, Manuel Domínguez graduou-se como bacharel e começou a trabalhar como professor de História do Paraguai. Em 1891, foi confirmado no Colégio Nacional de Assunção como professor de Zoologia e princípios de Fisiologia Humana e Higiene. Como professor ensinou as mais diversas matérias como Zoologia, Direito, História e Geografia. Foi diretor do Arquivo Nacional e do Colégio Nacional da Capital. Por anos ocupou a Cátedra de Direito Constitucional na Universidade Nacional de Assunção, fez parte da chamada geração dos Novecentos, atuou ao lado Cecilio Báez, Manuel Gondra, Blas Garay, entre outros.

Em 1895, foi eleito deputado nacional pela Asociación Nacional Republicana, renunciando por isso ao cargo de diretor do Colégio Nacional de Assunção. Casou-se com Manuela González Filisbert.

Em 1898, foi confirmado no Colégio Nacional como professor de Geometria Plana e de Espaço, de História Romana e de Idade Média. Foi nomeado como membro do Conselho Nacional de Educação.

Em 1899, renunciou ao cargo de Diretor do Colégio Nacional e fez o doutorado em Direito pela Universidade Nacional de Assunção, com a tese “Traición a la Patria”, onde defendeu José Segundo Decoud acusado de alta traição, na Câmara dos Deputados. Em 1901, foi nomeado reitor da Universidad Nacional de Asunción.

---

<sup>581</sup> CACERES, Sergio. *Manuel Domínguez: Gente que Hizo Historia*. Asunción: El Lector. 2013, p. 26.

<sup>582</sup> WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay* [...] Ob. cit.

Conforme Carlos Zubizarreta, Manuel Domínguez teria se inspirado na filosofia positivista e progressista de Locke, Schopenhauer, Berkeley, Voltaire e na cultura dos enciclopedistas.<sup>583</sup>

Em 1902, Manuel Domínguez foi eleito vice-presidente, junto com o coronel Juan Antonio Escurra (1902-1904) pela Asociación Nacional Republicana/Colorados em momento extremamente conturbado.

A Asociación Nacional Republicana foi marcada historicamente por disputas internas, primeiramente entre seguidores de general Juan Egusquiza e do coronel Bernardino Caballero, depois, com a morte de Egusquiza, em 24 de agosto de 1902, entre seguidores de Bernardino Caballero e Patricio Escobar. Neste contexto de incerteza política e descontentamento popular, Manuel Domínguez e outros colorados começaram a se aproximar dos liberais, que articulavam um golpe de Estado.

Cuando en 1904 estalla la revolución, las derrotas del lado governista liberado por Escurra y sus leales irán creciendo con rapidez. Muchos integrantes del gobierno se daban cuenta que la derrota llegaría tarde o temprano, pues la revolución contaba con el apoyo popular. Fue así que varios se pasaron al bando revolucionario, entre ellos nada menos que el vicepresidente Manuel Domínguez.<sup>584</sup>

Em 1904, Manuel Domínguez renunciou a vice-presidência e passou a apoiar a revolução/golpe. Em agosto, o Partido Liberal deu início a “Revolução Liberal de 1904”, que após quatro meses de confronto, derrubou o presidente Juan Antonio Escurra. A revolução chegou ao fim com a assinatura do Pacto del Pilcomayo, intermediado pela Argentina, no qual:

[...] lograba la paz, se dispuso la designación de un presidente provisório de la República, a cargo de los delegados de la revolución, la disolución del Ejército oficial, la constitución de Gabinete con los ministros del Interior, Justicia, Culto e Instrucción Pública, a cargo de los titulares actuales y de los ministros de Guerra, Relaciones y Hacienda, con ciudadanos de las filas revolucionarias y la renovación de la Cámara por elecciones libres.<sup>585</sup>

---

<sup>583</sup> Cf. Site [www.portalguarani.com](http://www.portalguarani.com); ZUBIZARRETA, Carlos. *Cien Vidas Paraguayas*. Assunción: Servilibro. 2011.

<sup>584</sup> CACERES, Sergio. *Manuel Domínguez* [...] Ob. cit. p. 31.

<sup>585</sup> Id. ib. p. 178.

Manuel Domínguez teria justificado sua atitude através de um manifesto explicando que acreditava nos objetivos da revolução, aceitava as falhas do governo ao qual pertencia e que buscava, com seu ato, pacificar e manter a governabilidade para o país. A Asociación Nacional Republicana jamais teria perdoado sua traição.<sup>586</sup>

Nos anos seguintes, Manuel Domínguez participou de importantes missões diplomáticas. No governo de Benigno Ferreira (1906-1908) negociou tratado de limites com a Bolívia sobre o Chaco que deu origem ao ajuste Soler-Pinilla firmado em Buenos Aires, em 12 de janeiro 1907. Neste protocolo, os plenipotenciários da Bolívia, Cláudio Pinilla, e do Paraguai, Aldolfo R. Soler, firmaram que as partes contratantes se comprometiam a não diminuir nem avançar no Chaco as possessões existentes até aquela data e entregaram a arbitragem da questão do presidente da Argentina.<sup>587</sup>

Em 1911, Manuel Domínguez foi nomeado Ministro da Justiça, Culto e Instrução Pública pelo coronel Albino Jara (1877-1912), presidente paraguaio (governou por seis meses, até julho de 1911), onde teria formulado um sistema de reformas para a educação universitária com a criação de bolsas de estudo no estrangeiro. Após golpe de Estado, Liberato Rojas (1870-1922) assumiu a presidência, também por curto período (sete meses), e designou Manuel Domínguez como plenipotenciário para negociar as questões de limites com a Bolívia. Devido à guerra civil e a constante troca de presidentes, o plenipotenciário não alcançou os resultados esperados.<sup>588</sup>

Entre 1915 e 1916, Manuel Domínguez renunciou aos cargos ligados à educação, tanto no Colégio Nacional quanto na Universidade Nacional. Trabalhou nos jornais *El Progreso* diário *egusquicista* e *La Prensa*, após a morte de Blas Garay. Além de várias revistas.

Em 1924, casou-se em segundas núpcias com Carmen Urbietta Peña e, em 1927, integrou a delegação paraguaia sobre a disputa do Chaco que participara da conferência em Buenos Aires.

Manuel Domínguez produziu grande quantidade de obras, entre conferências, palestras, artigos em jornais, revistas e livros. Suas principais obras publicadas são: *El Alma de La Raza* (1918) [a única publicada em vida]; *Paraguay Sus Grandezas e Sus*

---

<sup>586</sup> CACERES, Sergio. *Manuel Domínguez* [...] Ob. cit. p. 31.

<sup>587</sup> Cf. BANDEIRA, Moniz. A Guerra do Chaco in Revista Brasileira de Política Internacional. P. 162-197 (1998). <http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v41n1/v41n1a08.pdf>

<sup>588</sup> Cf. site: [www.portalguarani.com](http://www.portalguarani.com); CACERES, Sergio. *Manuel Domínguez* [...] Ob. cit.

*Glorias* (1946); *El Chaco Boreal*; *Eldorado Enigma de la Historia Americana*; a coleção de ensaios reunidos sob o título de *Estudios Historicos y literarios* (1956) e *Traição a la Patria* (1959).

Manuel Domínguez faleceu em 29 de outubro de 1935, em Assunção. Ficou conhecido como “el abogado del la patria”.

### **El Alma De La Raza sua primeira obra**

Em 1918, Manuel Domínguez publicou seu primeiro livro *El Alma de la Raza*, com 278 páginas, constituída por diversos textos, destacando as qualidades e superioridade genética e intelectual do povo paraguaio.

Juan Emiliano O’Leary escreveu o prólogo da obra, onde qualificou Manuel Domínguez como um dos mais autênticos intelectuais americanos, não somente por sua erudição, mas também pelas diversas matérias que ensinava: “El doctor Domínguez es todo paraguay, desde los pies a la cabeza. Paraguay por entero, pudo escribir este libro, aprisionando en sus páginas el alma de la raza. Como nuestros gloriosos antepasados, es un fanático de la patria.”<sup>589</sup>

Manuel Domínguez seria “um filho do século 20”, um verdadeiro mestre, que conhecia a juventude paraguaia, ensinando com sabedoria conquistando a todos que lhe ouviam.

O livro inicia com a conferência de Manuel Domínguez, em janeiro de 1903, sobre as causas do heroísmo paraguaio. O autor aponta que, por muitos anos, a causa do heroísmo paraguaio estaria associada ao “miedo al tirano”, ou seja, que os paraguaios haviam lutado de modo desesperado porque Solano López colocou atrás das tropas um regimento para matar os covardes. Essa ideia teria sido difundida pelo diplomata estadunidense no Paraguai, entre 1861-1868, Charles Ames Washburn.<sup>590</sup>

---

<sup>589</sup> DOMÍNGUEZ, Manuel. *El Alma de la Raza*. Ayacucho: Buenos Aires: Editorial Ayacucho, 1917. p. 13.

<sup>590</sup> Id. ib. p. 18.

Cf. **Juan Manuel** Casal, « Una “diplomacia difícil”: El Ministro Washburn, los Estados Unidos, y la Guerra del Paraguay », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Colloques, mis en ligne le 13 janvier 2009, consulté le 06 juin 2016. URL : <http://nuevomundo.revues.org/48952> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.48952; Thomas L. Whigham y Juan Manuel Casal, eds., *La diplomacia estadounidense durante la Guerra de la Triple Alianza: Escritos escogidos de Charles Ames Washburn sobre el Paraguay* (Asunción: Servilibro, 2008).

Utilizando autores estrangeiros, como os franceses George Louis Leclerc Buffon, Alfred Demersay (1815-1891), Pierre Larousse (1817-1875), Jean Louis de Quatrefages (1810-1892); o espanhol Félix Azara (1746-1821); o suíço Johann Rudolf Rengger (1795-1832); o belga Alfredo Marbais Du Graty (1823-1891) e o inglês George Thompson (1839-1878), Manuel Domínguez construiu seu argumento que o heroísmo paraguaio seria consequência da superioridade do povo paraguaio.<sup>591</sup>

Para o autor, o Paraguai teria sido colonizado pela mais alta nobreza espanhola e o cruzamento com o guarani fez nascer o mestiço, que, com cruzamentos sucessivos, foi branqueando. “Los paraguayos son de luzes más claras que los españoles de Europa. El paraguay superior al porteño, superior ao criollo, es también superior al español de Europa.”<sup>592</sup>

Citando autores estrangeiros, Manuel Domínguez afirma que os habitantes do Paraguai são de grandes qualidades, com estatura física de 1.72 metros, sendo que a média humana seria de 1.62 metros. Seu grande desenvolvimento se deu devido ao fortalecimento da raça branca.

En ninguna colonia latina había tanta población blanca como en el Paraguay. Había cinco blancos por cada mulato o negro, mientras que en casi todas las demás colonias españolas había un blanco por venticinco individuos de color, y en Brasil un blanco por cuarenta y cinco negros. En 1862, el número de indios y mulatos, en el Paraguay, había disminuído todavía más.<sup>593</sup>

Este pensamento buscava minimizar a presença da população de origem africana no Paraguai, vista como sinônimo de atraso e barbárie.

A população paraguaia foi definida como astuta, alegre, hábil, bem nutrida, com aptidão para a guerra, mas não sanguinária, era um povo sofrido, mas sem covardes. O paraguaio seria menos fanático do que qualquer outro povo americano. No Paraguai vicejaria espírito de união e “democracia colonial”, ou seja, para Manuel Domínguez, todos eram considerados iguais, não havia distinção entre nobres e plebeus:

Conquistada su independencia y cuando la ve amenazada se concentra sin recibir un solo inmigrante durante medio siglo, porque medio siglo duro la amenaza. Se formó una unidad nacional; los paraguayos pensaban, hablaban,

---

<sup>591</sup> DOMÍNGUEZ, Manuel. *El Alma de la Raza* [...] Ob. cit. p. 22.

<sup>592</sup> Id. ib. p. 20.

<sup>593</sup> Id. ib. p. 21.

sentían, vivían de idéntica manera. Las mismas cualidades, los mismos defectos.<sup>594</sup>

O autor tenta construir uma visão romântica do passado, que não correspondia com a realidade e através de uma narrativa fantasiosa buscou valorizar os feitos da população paraguaia produzindo enormes exageros que marcam em forma indelével sua produção.

### **La Traición a la Pátria y otros Ensayos**

Em 1899, Manuel Domínguez defendeu sua tese de doutoramento com o tema “La Traición a la Patria” onde defendeu José Segundo Decoud da acusação de traição à pátria, feita por Juan Silvano Godoi.

O livro foi publicado em 1959, possuindo 295 páginas, com prólogo do jornalista e poeta paraguaio Leopoldo Ramos Gimenez (1891-1988), que de forma elogiosa, apontou Manuel Domínguez como um dos “iniciadores” dos estudos históricos no Paraguai, constituindo uma referência no desenvolvimento intelectual do país. Segundo ele, poucos homens teriam se identificado com a vida da nação como Manuel Domínguez.<sup>595</sup> Segundo ele, a produção literária de Manuel Domínguez teria sido de grande importância pelo método de organização das ideias e pelo cuidado com o estilo de conduzir o leitor. O autor teria vivido sempre fiel aos preceitos éticos e a justiça teria sido sua preocupação central. Seria um intelectual autêntico, de estilo atraente e espontâneo.<sup>596</sup>

Leopoldo Ramos Gimenez fez uma defesa exaltada de Manuel Domínguez, afirmando que devolveu ao Paraguai o direito de patrimônio histórico que estava entregue aos invasores.

Y ahí están, Maestro, los invasores. Vinieron pisando desde hace veinte años sobre tierra nuestra, sobre la conciencia de nuestros mandatários, sobre los títulos expuestos y esparcidos a la luz del siglo por tu empeño. Todo lo pisaron. Para que eso sucediera bastó que el derrotismo ingénito, el derrotismo auténtico, igual al porteñismo del 60, se adueñara del poder, para que a través de veinte años se negara nuestra tradición y se desconocieran nuestros derechos!<sup>597</sup>

---

<sup>594</sup> Id. ib. p. 32.

<sup>595</sup> GIMENEZ, Leopoldo Ramos in DOMÍNGUEZ, Manuel. *La traición de la patria y otros ensayos*. Asunción: FF.AA. de la Nación. 1959. p. III.

<sup>596</sup> Idem p. IV.

<sup>597</sup> Idem p. VI.



Para Leopoldo Gimenez as obras Manuel Domínguez representavam uma forma de resistência contra as políticas adotadas pelos governos paraguaios após a guerra contra a Tríplice Aliança, governos controlados pelos invasores (legionários, argentinos, brasileiros) que negavam os feitos dos “verdadeiros” heróis paraguaios.

Leopoldo Ramos Gimenez afirmou que as palavras de Manuel Domínguez teriam motivado os soldados na guerra em defesa do Chaco tido como paraguaio (1932-1935). Suas ideias e a vitória na Guerra do Chaco teriam iniciado um período de renascimento, onde o povo teria recobrado a consciência de seu poder e de sua capacidade criadora.<sup>598</sup>

### **A acusação de traição à pátria**

Em 1899, o escritor, político e então deputado paraguaio pelo Partido Liberal Juan Silvano Godoi (1850-1926) acusou o jornalista, político e diplomata paraguaio José Segundo Decoud (1848 –1909) de traição contra a pátria, pois estaria articulando a anexação do Paraguai a Argentina.

Durante a Guerra contra a Tríplice Aliança, José Segundo Decoud atuou nas fileiras da Legião Paraguaia, participou, em 18 de setembro de 1865, da rendição de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, Brasil, juntamente com os comandantes legionários Juan Francisco Decoud, Benigno Ferreira e Jaime Sosa Escalada. Segundo Carlos Zubizarreta, ao saber do texto do Tratado da Tríplice Aliança José Segundo Decoud teria se retirado envergonhado da *Legión*.<sup>599</sup>

Em 1877, José Segundo Decoud foi secretário da primeira missão diplomática nos Estados Unidos da América. Começou assim sua carreira diplomática onde por mais de vinte anos teria sido o mentor da política exterior do Paraguai. Foi chanceler nos governos dos presidentes Candido Bareiro, Bernardino Caballero, Patricio Escobar, Juan Egusquiza e Emilio Aceval.<sup>600</sup> Em 1878, foi o primeiro diretor do Colegio Nacional de Asunción; em 1889, participou da fundação da Universidad Nacional de Asunción e participou também da fundação do Ateneo Paraguayo.<sup>601</sup>

---

<sup>598</sup> Idem p. VIII.

<sup>599</sup> Cf. ZUBIZARETA, Carlos. Cien Vidas Paraguayas.

<sup>600</sup> Idem.

<sup>601</sup> Cf. FAITH, Teresa Mendez. *Breve Diccionario de la Literatura Paraguaya*. El Lector: Asunción, 1998.

José Segundo Decoud teria sido um dos políticos que mais mudou sua postura política, de antigo apoiador do Grand Club del Pueblo, passou a um dos fundadores do partido Colorado, ao lado de Juan Bautista Gill, Candido Bareiro, Bernardino Caballero, Patricio Escobar, entre outros. Com a revolução Liberal de 1904, que derrubou o partido Colorado, José Segundo Decoud encontrou-se politicamente e socialmente marginalizado.<sup>602</sup>

### A denúncia

José Segundo Decoud e Juan Silvano Godoi foram personagens importantes na reconstrução do Paraguai e representam a falta de unidade entre os membros da elite paraguaia após a guerra. Os dois possuíam origem semelhante: idade, Juan Silvano Godoi nasceu em 1850 e José Decoud em 1848, a crença liberal e a formação humanística e jurídica. Eles passaram boa parte da infância e da juventude na Argentina, porém por razões diferentes: os pais de José Segundo Decoud eram opositores do governo de Francisco Solano López e tiveram que emigrar devido ao fuzilamento de seus filhos Teodoro e Gregorio Decoud, acusados de traição; a família de Juan Silvano Godoi teria pedido permissão, em 1864, a Solano López para sair do país, pois desejava que seus filhos estudassem no exterior.<sup>603</sup>

Em 1869, ao retornarem à Assunção, Juan Silvano Godoi e José Segundo Decoud trabalharam juntos na redação do jornal *La Regeneración*, militaram no *Gran Club del Pueblo* e integraram a Convenção Constituinte, trabalhando durante três meses na redação do projeto constitucional. Mas, em 12 de abril de 1877, ocorreu o fato que marcou um rompimento entre eles. Juan Silvano Godoi participou juntamente com seu irmão Nicanor Godoi, Matías Goibirú e José Dolores Molas, da conspiração que assassinou o presidente paraguaio Juan Bautista Gill. José Segundo Decoud condenou o assassinato,

---

<sup>602</sup> Idem. Cf. Obras de José Segundo Decoud: *Cuestiones Políticas y Económicas*, de 1877, *La Historia de una Administración, o sea las dilapidaciones de Salvador Jovellanos*, também de 1877, *La literatura en el Paraguay*, de 1884, *Composiciones Literarias*, de 1888, *La Literatura en el Paraguay*, de 1889, *Recuerdos Históricos*, de 1894, *La Libertad*, de 1901 e *A list of books, magazine articles, and maps relating to Paraguay*, em 1902.

<sup>603</sup> CORDO, Tomás Sansón. *Los prenovocentistas*. Juan Silvano Godoi y José Segundo Decoud: discursos históricos en el Paraguay posbélico in IV Jornada de Avances de Investigación em Historia Argentina: Fuentes, Métodos y Problemas. Rosario, 2012. p.3. file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/Los\_prenovocentistas.\_Juan\_Silvano\_Godoy.pdf

acusando Juan Silvano Godoi de traição. Juan Silvano Godoi foi condenado ao exílio em Buenos Aires.<sup>604</sup>

Durante seus dezoito anos de exílio, como vimos, Juan Silvano Godoi trabalhou em atividades comerciais lucrativas, acumulou importante fortuna, se vinculou com personalidade políticas, realizou inúmeras viagens para Europa e formou uma vasta biblioteca, com 20 mil volumes e uma pinacoteca que deram origem ao Museu Nacional de Bellas Artes. Ele teria guardado grande rancor de seus inimigos.<sup>605</sup> Em 1895, ele retornou ao Paraguai.

José Segundo Decoud continuou em Assunção, desenvolveu várias atividades políticas em funções ministeriais. Impulsionou a cultura e a educação no país, promoveu a fundação do Ateneo Paraguayo e a Universidad Nacional, e ocupou a direção do Colégio Nacional de Asunción.

Em 1897, o então Ministro das Relações Exteriores do Paraguai, José Segundo Decoud foi acusado de traição à pátria. Juan Silvano Godoi realizou uma denúncia afirmando existir um complô para anexar o Paraguai a Argentina - as provas seriam duas cartas supostamente de José Segundo Decoud a seu irmão Adolfo Decoud, onde estariam organizando a conspiração. O advogado Manuel Domínguez saiu em defesa do acusado.

### **Manuel Domínguez defende José Segundo Decoud**

Ao iniciar a defesa, Manuel Domínguez apresentou um histórico sobre o sentido da palavra traição partindo da Roma Antiga até a Espanha do século XVIII, onde a traição possuía amplo sentido, sobretudo, nos crimes de lesa majestade. O Paraguai anterior a Guerra contra a Tríplice Aliança seguia as leis da Espanha, onde a luta por direitos, as manifestações por liberdade, etc. podiam ser vistas como crime de traição e seus líderes podiam ser condenados à morte.<sup>606</sup>

A partir do fortalecimento dos ideais do liberalismo, países como Inglaterra e Estados Unidos da América mudaram o conceito de traição, podendo ser pequena e alta traição. Mas o conceito que mais influenciou o Paraguai do pós-guerra, em sua Constituição de 1870, foi uma cópia do artigo 103 da Constituição argentina, que afirmava que traidores seriam aqueles que conspirassem contra o governo, que

---

<sup>604</sup> Id. p. 4.

<sup>605</sup> Idem.

<sup>606</sup> DOMÍNGUEZ, Manuel. *La Traición a la Patria* [...] Ob. cit. p. 45-47.

representassem certa oposição e a traição máxima seria a ação de um governo contra os interesses do país.<sup>607</sup>

Manuel Domínguez em sua defesa, questionou a originalidade e a autoria das fotografias das cartas citadas na denúncia, assim como a demora de Juan Silvano Godoi em oficializar a denúncia, sendo que o complô existiria desde de 1891, mas só foi denunciado em 1897. A pose das cartas teria sido por meios ilegais, através da violação de correspondência. Em outra hipótese, sendo as cartas legais e consentidas, mesmo assim Manuel Domínguez não via crime, este estaria apenas na cabeça do denunciante.<sup>608</sup>

Os artigos 13 e 119 da Constituição paraguaia falavam que poderia haver traidores em tempos de guerra e em tempos de paz. Os primeiros seriam os que se unem ao inimigo ou lhe prestam auxílio e proteção e os segundos seriam os ditadores e seus cúmplices. A acusação de traição teria sido usada, ao longo da história, pelos tiranos, para reprimir opiniões e ideias contrárias. Para Manuel Domínguez, a nova Constituição paraguaia do pós-guerra defendia a liberdade de ideias. Sendo assim, escrever em carta particular sobre uma possível união entre Paraguai e Argentina, não caracterizaria traição:

Por onde se vé que el hecho de pensar en la descabelada idea de fundir dos Repúblicas en una, mediante “una propaganda seria y razonada”, no puede constituir traición alta, ni baja, ni mediana y que el denunciante, revelándose contra la definición de la Convención y contra el sentido común actual, lejos de enorgullecerse como paraguayo de una de las más belas garantías de la libertad y de una de las más fundamentales conquistas del derecho, entente al revés las palabras de la Constitución, olvida que el Paraguay no se halla en estado de guerra y conspira contra la definición que él mismo autoriza con su voto en la Convención.[grifo meu]<sup>609</sup>

A denúncia de Juan Silvano Godoi seria contrária ao disposto na Constituição, que priorizava a vida privada e seguia a teoria dos tiranos do passado que não queriam a liberdade de pensamento. Para Manuel Domínguez, uma frase escrita havia sete anos, sepultada em papeis particulares, não caracterizava crime algum, pois não houve ações ou mobilizações que incentivassem a unificação do Paraguai a Argentina.<sup>610</sup>

Manuel Domínguez afirmava não acreditar que alguém pudesse querer prejudicar a independência paraguaia: “La voz que nos propusiera un cambio de bandera, sería

---

<sup>607</sup> Id. ib. p. 61.

<sup>608</sup> Id. ib. p. 73.

<sup>609</sup> Id. ib. p. 74.

<sup>610</sup> Id. id. p. 75.

ahogada por 500.000 paraguayos, disputos a sostenerla por el modo heróico que la sostuvieran en las horas solemnes de nuestra historia. ”<sup>611</sup>

O julgamento contra José Segundo Decoud, acusado de alta traição, “divulgação” de segredos de Estado e de uma campanha para a anexação do Paraguai a Argentina, foi realizado por uma comissão especial da Câmara dos Deputados formada por Alejandro Audibert, Adolfo Soler, Amancio Insaurralde e Cecilio Báez, além de Manuel Domínguez.

Para a defesa, as duas cartas utilizadas pela acusação não provariam crime algum. A letra da primeira carta parecia ser de José Segundo Decoud, enquanto a da segunda parecia falsificada. A primeira carta endereçada a Adolfo Decoud, irmão de José Segundo Decoud, residente em Buenos Aires, onde José Decoud queria saber a opinião do general argentino Julio Argentino Roca (1843-1914) sobre o Paraguai: “Deseo mucho que conferencies con el general Roca y trates de investigar lo que piensa sobre nosotros. Asegúrale que por tu intermedio le comunicaré algunas vistas sobre nuestras relaciones diplomáticas. ”<sup>612</sup>

Já na segunda carta, José Segundo Decoud teria afirmado ser necessário iniciar uma campanha para unir o Paraguai à Argentina por meio de uma propaganda “séria e razoável”. Sendo assim, para Manuel Domínguez, a ação de José Segundo Decoud seria por meio de propaganda e não por meio de crime ou golpe.<sup>613</sup>

Baseando-se nas leis da Constituição Liberal de 1870, Manuel Domínguez fez a defesa de José Segundo Decoud afirmando que o simples pensamento de anexação não poderia caracterizar crime, ainda mais quando transcorridos sete anos das supostas cartas e nenhuma ação efetiva de anexação teria sido realizada. O argumento de traição usado pelo advogado Alejandro Audibert estaria ligado às antigas leis da Espanha do Antigo Regime – *Las Leyes de Partida* -, onde o simples fato de pensar diferente do rei caracterizava crime de lesa majestade.<sup>614</sup>

“En este siglo de luz hasta el error tiene derecho. ”<sup>615</sup> Como vimos, Manuel Domínguez afirmava que todos tinham direito a defesa e que a denúncia contra José

---

<sup>611</sup> Id. ib. p.76.

<sup>612</sup> Id. ib. p.78.

<sup>613</sup> Id. ib. p. 80-81.

<sup>614</sup> Id. ib. p. 82.

<sup>615</sup> Id. ib. p. 103.

Segundo Decoud não teria sentido, pois estaria fundamentada em cartas obtidas de modo ilícito e ninguém poderia constituir um direito com um delito. E, ainda que fossem verdadeiras, as cartas eram de origem privada, para um irmão e não caracterizariam crime, pois a Constituição Paraguaia defendia a liberdade de pensamento, diferente da época dos tiranos.<sup>616</sup>

José Segundo Decoud foi absolvido da acusação, mas propõe-se que o processo lhe afetou e teria contribuído para seu suicídio, anos mais tarde, em 4 de março de 1909, aos 61 anos, em Assunção: “Finalmente fue absuelto, pero, aparentemente, el proceso lo afectó mucho y debió pesar - conjuntamente con ciertas desilusiones y frustraciones personales, derivadas de aspiraciones políticas no concretadas - en la decisión de suicidarse (4 de marzo de 1909).”<sup>617</sup>

### **Conferências de Manuel Domínguez**

Entre março e abril de 1922, Manuel Domínguez realizou quatro conferências no Teatro Granados de Assunção. A primeira foi sobre questões econômicas e teve como título “El materialismo histórico de Carlos Marx de Ferri aplicado al Paraguay”. Segundo o autor, a economia seria o carro chefe da revolução e o Paraguai enfrentava graves problemas após a guerra com a Tríplice Aliança, pois lhe faltavam proprietários rurais, de 800 mil habitantes, apenas 20 mil seriam proprietários, cerca de 2,5% da população.<sup>618</sup>

Ese porcentaje desespera al economista y oprime el corazón del patriota. Allí está la gangrena...El clínico social pesimista diría: Un país donde casi no hay propietarios rurales, que no cuenta con la ventaja de la posición geográfica sobre el mar, de mala moneda que desaloja a la buena y a la gente trabajadora, que apenas si adelanta en progresión aritmética rodeado de vecinos que adelantan en progresión geométrica está condenado a muerte.<sup>619</sup>

Manuel Domínguez criticou fortemente a situação do Paraguai pós-guerra destacando que o país estava morrendo e que nada estava sendo feito:

“El 98% de la población no tiene donde caerse muerto, y la iniquidade no os irrita...!CONTINUAIS DELIBERANDO! Leones en la guerra, mansos en la paz, dice Reclus, al extremo de haberos dejado arrebatarse el suelo que defendistes con tanto heroísmo.”<sup>620</sup>

---

<sup>616</sup> Id. ib. p. 104.

<sup>617</sup> CORDO, Tomás Sansón. *Los prenoventistas*. Juan Silvano Godoy y José Segundo Decoud: discursos históricos en el Paraguay posbélico [...] Ob. cit. p 5.

<sup>618</sup> DOMÍNGUEZ, Manuel. *La traición de la patria y otros ensayos*. Asunción: FF.AA. de la Nación. 1959. p. 5.

<sup>619</sup> Id. ib. p. 6.

<sup>620</sup> Idem.

Manuel Domínguez sugeriu como medidas para resolver a situação do Paraguai, a expropriação de mil léguas de terras para elevar de 20 mil para 200 mil o número de proprietários rurais; aumentar a emissão de escrituras de terra passando a assinatura da mesma para os juízes de paz e não mais do presidente e ministro; condicionar o voto a posse da terra, quem, após dois anos, não fosse proprietário não poderia votar, a cidadania estava condicionada à propriedade; e, assim como a educação primária era obrigatória, o trabalho também deveria ser.<sup>621</sup>

Segundo o escritor, quem não tem propriedade não tem pátria. Por isso, afirma que antes da guerra o Paraguai seria um país próspero, pois os governos fizeram com que todos tivessem terra: “[...] antes de la guerra, habia patria porque habia hogar [lar, moradia]”. Citando Juan Emiliano O’Leary afirma que também não existe pátria sem glória.<sup>622</sup>

A segunda conferência teve como tema “Consecuencia de la solucion dada a la 1ª causa de decadência: decupilacion de la produccion” onde Manuel Domínguez continuou falando sobre questões econômicas, destacou a importância da erva mate e propôs a criação de granjas agrícolas militares para elevar a produção e melhorar a economia do país. O autor afirmou também que o Paraguai desde o princípio foi um país de progresso. Progresso que teria sido interrompido em três momentos: durante a presença jesuítica, durante a guerra e após a guerra até 1920.

O ponto central de sua crítica estaria no direito sobre a exploração da erva mate, que não se encontrava mais nas mãos do povo:

Y después de la guerra, el Paraguay decae por más de medio siglo. Es que su oro en polvo pasó a la Industrial Paraguaya, a mandos extrañas, porque en su 4/5 partes se compone de acionistas extranjeros. Desde entonces el río del oro corre al exterior. Única consecuencia para el Paraguay: en 20.000 peones yerbateros vé perecer la flor de su raza.<sup>623</sup>

---

<sup>621</sup> Id. ib. p. 8.

<sup>622</sup> Id. ib. p. 7-10.

<sup>623</sup> Id. ib. p. 16.

Manuel Domínguez realizou uma crítica pertinente, tendo em vista que grande parte das terras públicas ter sido vendida após a guerra.

O autor defendeu também a criação de ervais artificiais, a abertura de novos caminhos pelo interior e a diminuição do preço dos fretes, altamente abusivos. “Mil kilos de tabaco, desde Buenos Aires a Hamburgo, pagan, en concepto de flete, un flete diario de 62 centavos oro y desde Asunción a Buenos Aires 4.60! Siete veces más.”<sup>624</sup> A erva mate continuava sendo o ouro paraguaio.

Na terceira conferência Manuel Domínguez falou sobre a necessidade de uma operação urgente para salvar o país, para reerguer a civilização paraguaia, que trinta anos após a guerra seguia prostrada, pois lhe foi negado os fatores econômicos para sua reconstrução. Para o autor existiam duas grandes forças que moviam o social: o egoísmo humano e o altruísmo super-humano.<sup>625</sup>

Manuel Domínguez destacou também sobre os recursos inesgotáveis do Paraguai, a qualidade do mármore, a capacidade para produzir sal, açúcar, café, tecidos, etc., mas que, devido a guerra, o país encontrava-se gravemente doente: “Necesitamos correr, con la premura que se acude a apagar un incendio, en auxilio del Paraguay, gravemente enfermo en sus órganos vitales, por la dislocación de los factores económicos que há sufridoo después de la guerra del 70.”<sup>626</sup>

Na quarta conferência, o autor falou sobre como romper com o egoísmo em prol do desenvolvimento do país. Ele acreditava que o egoísmo era algo natural do ser humano, que fazia parte do instinto de sobrevivência, deste modo sua proposta de aumentar o número de proprietários não visava “bater de frente” com os proprietários, pois o Estado devia incentivar a produção e a terra que não estivesse sendo utilizada seria expropriada pelo governo por meio de pagamento: “[...] Se le paga con títulos, no se atropela su derecho.”<sup>627</sup>

Do mesmo modo, nas granjas agrícolas militares, metade de sua produção seria para o sustento do exército e a outra metade seria repartida entre chefes, oficiais e soldados. E, os proprietários que investissem nos ervais artificiais, teriam seu capital

---

<sup>624</sup> Id. ib. p. 18.

<sup>625</sup> Id. ib. p. 21.

<sup>626</sup> Id. ib. p. 23.

<sup>627</sup> Id. ib. p. 25.



subsidiado pelo governo por quatro anos.<sup>628</sup> Tratava-se de tentativa de restaurar as “Estancias de la Patria” dos tempos de Francia.

Para finalizar a conferência, Manuel Domínguez destacou sobre o papel do Estado, que este deveria se preocupar com toda a população. O Estado era o órgão central, de todos, enquanto o governo era o órgão da burguesia. E sobre a necessidade do desenvolvimento da indústria paraguaia. O Paraguai padecia de quase tudo, sobretudo em comparação aos países vizinhos e não adiantava falar, o governo não ouvia. O presidente nesse período era Eusébio Ayala (1921-1923).<sup>629</sup>

Através das conferências, Manuel Domínguez apresenta proposta de desenvolvimento para Paraguai totalmente contrária ao modelo liberal que se estabeleceu no pós-guerra, que dificultava o acesso da população paraguaia a terra e facilitava o controle estrangeiro sobre todos os setores do país.

### **O livro *El Paraguay, Sus Grandezas y Sus Glorias***

O livro *El Paraguay sus grandezas y sus glorias*, possui 254 páginas, foi escrito 1919, a edição analisada foi publicada em 1946, pela gráfica Ayacucho de Buenos Aires. O livro foi uma resposta ao escritor russo Dr. Rodolfo Ritter, que teria criticado a população paraguaia e seu passado através de juízos bastante severos.<sup>630</sup>

No início do livro, há uma apresentação de Manuel Domínguez feita pelo argentino Estanislao Zeballos, quando de uma conferência em Buenos Aires, em 1920. Estanislao Severo Zeballos, advogado, jornalista e político argentino, nasceu em Rosário, Santa Fé, em 1854 e teria sido um dos grandes intelectuais da Geração dos 1880, na Argentina.<sup>631</sup> Em 28 de agosto de 1920, três anos antes de sua morte, Estanislao Zeballos publicou no jornal *La Prensa* de Buenos Aires, o texto elogiando a Manuel Domínguez, como vigorosa mentalidade, destacado líder intelectual, reitor da Universidade, político paraguaio e estudioso da história.<sup>632</sup>

---

<sup>628</sup> Id. ib. p. 26.

<sup>629</sup> Id. ib. p. 25-27.

<sup>630</sup> GONZÁLEZ, Natalicio in DOMINGUEZ, Manuel. *El Paraguay: sus grandezas y sus glorias*. Buenos Aires: Editorial Ayacucho, 1946. p. 30.

<sup>631</sup> MAESTRI, Mário. *Estanislao Zeballos: a história jamais escrita da Guerra da Tríplice Aliança in História; Debates e Tendências-v.15, n 2, jul/dez. 2015, p. 350-366.*

<sup>632</sup> DOMINGUEZ, Manuel. *El Paraguay sus grandezas y sus glorias [...] Ob.cit. p. 10.*

Na sequência do livro, o jornalista e político paraguaio Juan Natalicio González (1897-1966), escreveu breve resumo sobre a vida, as obras e as principais ideias de Manuel Domínguez, que havia falecido em 29 de outubro de 1935.<sup>633</sup>

A obra *Paraguay: Sus Grandezas y Sus Glorias* ficou conhecida por seus exageros ao descrever o Paraguai. Nela, Manuel Domínguez exaltou aspectos físicos e psicológicos do povo paraguaio e os feitos históricos nacionais, com o objetivo de despertar o patriotismo.

### **As origens do povo paraguaio**

O Manuel Domínguez descreveu brevemente sobre as origens do povo paraguaio. Sempre de forma elogiosa e sem grande contextualização ou comprovação histórica e documental, o autor cita acontecimentos de três séculos de história paraguaia desde a chegada dos espanhóis, sobre os bons lenços e a boa pólvora produzida, sobre a inteligência e capacidade dos indígenas e mestiços, bons soldados e nas artes manuais, inclusive na fabricação de armas.

O paraguaio foi descrito como hospitaleiro, forte, trabalhador constante, firmes na defesa do país, superior a seus vizinhos, “a melhor gente da terra”:

Observándolos (a los paraguayos) encuentro que son más astutos, sagaces, activos, de luces más claras...no sólo que los criollos sino también que los españoles de Europa. Los paraguayos aventajan a los de Buenos Aires en sagacidad, actividad, estatura y proporciones.<sup>634</sup>

Nessa descrição, Manuel Domínguez elogiou também a figura de José Gaspar Rodrigues de Francia que seria um homem de grandes talentos, de muita inteligência e de grande influência. O autor elogiou também a Blas Garay, como o único americano que após dois anos na Europa, voltou a sua pátria com quatro livros “admiravelmente” escritos.<sup>635</sup>

Como vimos, para o autor, a superioridade do povo paraguaio era devido à origem da sua “raça”. O Paraguai teria sido povoado por “la flor de la raza humana”, os melhores europeus e os melhores nativos. Em sua narrativa, Manuel Domínguez demonstra o

---

<sup>633</sup> Id. ib. p. 15-40. Cf. QUINTEROS, Marcela Cristina. Juan Natalicio González (1897-1966): um intelectual plural; Orientador Maria Helena Rolim Capelato. São Paulo: USP. 2017. [Tese de doutoramento]

<sup>634</sup> DOMINGUEZ, Manuel. *El Paraguay sus grandezas y sus glorias [...] Ob.cit.* p. 125.

<sup>635</sup> Id. ib. p. 134.

pensamento racista da época - as mulheres mestiças seriam belas, pois branqueavam na segunda ou terceira geração.<sup>636</sup>

A vida no Paraguai teria sido marcada pela segurança e tranquilidade. Não havia crimes, roubos ou violência. O povo seguia a moral cristã, não havia vícios e nem prostituição.<sup>637</sup>

Segundo Manuel Domínguez, o heroísmo paraguaio não teria sido motivado pelo medo ao “tirano” e nem pela crença no “herói” Solano López, como já proposto. A superioridade e heroísmo do povo paraguaio eram justificados pela teoria racista: “Creo que el Paraguay fué heroico a pesar de los tiranos; de ningún modo por magnética virtud de los tiranos. Creo que lo fué por razones étnicas, físicas, morales, que nada tiene que ver con López, tiranos ni terrores.”<sup>638</sup>

Ou seja, o heroísmo paraguaio era devido a superioridade de sua raça, uma raça branca, não indígena. Raça que apesar da presença indígena branqueava rápido: “Este pueblo es blanco, casi netamente blanco.”<sup>639</sup> Domínguez negava fortemente a presença guarani e africana, usou autores como Azara e Du Graty para justificar que: “[...] había [no Paraguai] desde el coloniaje cinco blancos por un hombre de color, índio o negro [...]” quanto em outras colônias a média era 25 “homens de cor” para cada branco.<sup>640</sup> Por isso, o povo paraguaio seria superior porque era mais branco.

### **Carlos Antonio López: o bom governo**

Para Manuel Domínguez, Carlos Antonio López foi um trabalhador infatigável, verdadeiro construtor do Paraguai, que estendeu os caminhos ligando o país, construiu pontes, canais, uma fundição de ferro em Ybicuí, linhas de comunicação, novos correios postais com Buenos Aires, formou um novo exército, levantou muralhas, reorganizou as cidades, construiu grandes obras arquitetônicas como a antiga Aduana, o Cabildo, a Catedral, o Oratório, o Teatro Nuevo e a Estação de Ferro Carril; trouxe o primeiro grupo de imigrantes europeus de Burdeos, em 1855; dividiu os indígenas em certas áreas onde deviam plantar tabaco.<sup>641</sup>

---

<sup>636</sup> Id. ib. p. 153.

<sup>637</sup> Id. ib. p. 165-173.

<sup>638</sup> DOMÍNGUEZ, Manuel. *El Alma de la Raza* [...] Ob. cit. p. 43.

<sup>639</sup> Id. ib. p. 45.

<sup>640</sup> Id. ib. p. 45.

<sup>641</sup> DOMÍNGUEZ, Manuel. *El Paraguay sus grandezas y sus glorias* [...] Ob.cit. p. 50-51.

Manuel Domínguez afirmava que devido a “ótima” administração de Carlos Antonio López, quando chegou a guerra, cada paraguaio tinha casa em terreno próprio e seria o povo mais feliz do mundo.

Lo era porque en efecto, el paraguayo menos acomodado era un pequeño propietario con ocho o diez yuntas de bueyes, cien lecheras y sementeras en una tierra que mana leche y mel...!Era imposible ser pobre con semejante gobierno!<sup>642</sup>

Com relação à instrução pública, o autor afirma que já durante o governo de José Gaspar Rodrigues de Francia era difícil encontrar um homem livre que não soubesse ler e escrever. Carlos Antonio López teria aumentado ainda mais esse número, passando para 435 escolas com um total de 25 mil crianças, além da criação do Seminário, da Academia e da Escola Normal e do envio de jovens para estudar na Europa.<sup>643</sup>

Havia também “la Escuela Taller” uma espécie de escola de ofícios, onde o Estado dava aos estudantes pobres casa, manutenção, vestuário e lhes ensinava alguma profissão como sapateiros, costureiros, tecelões e a arte de fabricar chapéus. Se a pessoa abandonasse a escola, ela poderia se dedicar a alguma arte manual e assim poderia se sustentar.<sup>644</sup>

O Paraguai teria os melhores índices de alfabetização do mundo, todos sabiam ler. Teria sido o único país a colocar o ensino como obrigatório e gratuito antes mesmo da França e Inglaterra.<sup>645</sup>

Carlos Antonio López teria formado, armado e mantido por seis anos o exército paraguaio, sendo um grupo de 15 mil homens em Paso de la Patria e outro de 28 mil em Cerro León, pagando sete pesos de soldo. Teria cunhado as primeiras moedas, feito os primeiros estudos geográficos, mapas e planos topográficos; publicado os primeiros jornais; organizado as primeiras missões diplomáticas; mandado construir o primeiro estaleiro e o primeiro arsenal do Prata; criado uma marinha mercante de quinze vapores e o primeiro telegrafo da América do Sul.<sup>646</sup>

---

<sup>642</sup> Id. ib. p. 55.

<sup>643</sup> Id. ib. 60-61.

<sup>644</sup> Id. ib. p. 62.

<sup>645</sup> Id. ib. p. 63-65.

<sup>646</sup> Id. ib. p. 69-72.

O Paraguai teria sido o país sul americano que mais investiu na vinda de estrangeiros com o propósito de levantar a pátria. Entre os principais estrangeiros estariam: os ingleses Robert Whitehead, engenheiro e jornalista, juntamente com Grant, estabeleceram e dirigiram o estaleiro e o arsenal real; o norte americano Page construiu um vapor para explorar o Pilcomayo; Wats engenheiro naval que atuou na Batalha do Riachuelo; Godwin, outro inglês, construtor da fábrica de ferro de Ybicuí em 1850, Ildefonso Bermejo, espanhol, professor; Alfredo Marbais Du Graty, belga e Alfredo Demersay, francês, realizaram missões científicas; Treunfeld, chefe do telegrafo; Alejandro Ravizza, arquiteto italiano, contratado para construir o oratório de Assunção; entre vários outros, que seriam muito bem pagos por López.<sup>647</sup>

### Francisco Solano López

Francisco Solano López seria um verdadeiro herói nacional, o único chefe de Estado que morreu pela sua pátria. Enquanto Napoleão e outros reis prometeram e não cumpriram, Solano teria dado a sua vida pelo Paraguai resistindo até as últimas consequências.<sup>648</sup>

Y se ve, en resumen, como supo cumplir el juramento que hizo oír a la Nación en días de esperanza y juventude; a su madre, a su hijo y a sus ejércitos, en la edad madura, entre el estruendo de los combates; a amigos y enemigos, en horas de victorias inmortales, y, a veces, con el corazón oprimido, en presencia de traiciones parricidas, ante la Patria expirante.<sup>649</sup>

Em resumo, o Paraguai seria superior ao invasor em tudo: na raça: inteligência natural, era um branco *sui generis*, bravo e forte; nas características físicas: altura, força, coragem; na educação: em espírito militar, em união fraterna, em saber ler e escrever; na condição econômica: todos tinham casa, terreno cultivado, todos tinham um lar.<sup>650</sup> Narrativas que tinham por objetivo despertar o sentimento patriótico.

### Economia

O Paraguai seria o único país americano que tinha moeda saudável/ forte e o único que não devia nada a ninguém. Então os países vizinhos sofriam com dívidas o Paraguai seguia prosperando.

---

<sup>647</sup> Id. ib. p. 75 -81.

<sup>648</sup> DOMÍNGUEZ, Manuel. *El Paraguay sus grandezas y sus glorias [...] Ob.cit. p. 207.*

<sup>649</sup> Id. ib. p. 214.

<sup>650</sup> DOMÍNGUEZ, Manuel. *El Alma de la Raza. Ob. cit. p. 36-39.*

Era el único país sudamericano que no estaba en bancarrota, el único en que hubo siempre superávit, con balanza comercial siempre favorable, el único que tenía moneda sana, el único que como Prusia vivía de lo que era suyo, el único que no tenía deuda externa ni interna, que no debía un centavo a nadie.<sup>651</sup>

Outro aspecto destacado por Manuel Domínguez foi referente à produção do país - para ele nenhum país americano se igualava ao Paraguai em produção. Dados do ano de 1863, teria tido uma produção de seis mil quilos de produtos alimentícios por família, por ano, sem incluir laranjas, cana de açúcar e seus derivados. Afirmava-se que o Paraguai não possuía bancos, mas em 1860, o Tesoro del Paraguay chegou a fazer empréstimos até para estrangeiros.<sup>652</sup>

Historicamente, Manuel Domínguez ficou conhecido por seus exageros ao descrever o Paraguai. O autor justificava que sua defesa do Paraguai não era por vaidade, mas sim pela necessidade de levantar o sentimento nacional. Para ele, os povos deviam ter consciência do que são, dos seus feitos, dos seus heróis, para fortalecer a vontade de ser e de transformar. “Y queremos que el Paraguay abatido se levante, se enderece y camine, recordándole lo que fué y lo que en realidade es, sin mentiras ni tropos patrioterros, oponiendo a la psicologia falsa y calumniosa, la real y verdadera.”<sup>653</sup>

### **Observações sobre a Guerra com a Tríplice Aliança**

Antes da Guerra contra a Tríplice Aliança, o Paraguai estaria vivendo verdadeira “idade de ouro” na criação de gado e na agricultura. Cada paraguaio teria uma casa e um terreno próprio. O país produzia grande quantidade de produtos e alimentos, era um povo sem necessidades supérfluas, não havia miséria e quase sem pobreza.<sup>654</sup>

Nenhum outro povo pode se comparar ao heroísmo feito pelos paraguaios ao defender a sua terra. “Este milagro de heroísmo es también belleza suprema por ser del orden dinámico sublime, y es santidade porque se ejercito en defensa de la Patria. El Paraguay guerrero es caso único en la Historia Universal.”<sup>655</sup>

Sobre as causas da guerra, o autor destacou o contexto platino, a rivalidade com os países vizinhos que desde a Independência queriam invadir o Paraguai:

---

<sup>651</sup> Id. ib. p. 95.

<sup>652</sup> Id. ib. p. 99-105.

<sup>653</sup> Id. ib. p. 116.

<sup>654</sup> Id. ib. p. 35.

<sup>655</sup> DOMÍNGUEZ, Manuel. *El Paraguay sus grandezas y sus glorias [...] Ob. cit. p. 186.*

El Paraguay, además desde que rechazó a Belgrano, esperaba la vuelta del invasor. Dorrego quiso invadir en 1828; el general Alvear, los coroneles Garzón y Espora! y Quiroga!, en 1835. Rosas se negaba a reconocer nuestra independencia; nos amenazó con una irrupción durante nueve años; nos prohibió la navegación del río Paraná, decreto la conquista de la Provincia del Paraguay en 1850, y si hubiera triunfado en Monte Caseros habría hecho efectiva amenaza.<sup>656</sup>

Deste modo, o Paraguai não teve opção a não ser fortalecer seu exército para garantir sua resistência. Cada paraguaio seria um soldado, por culpa dos vizinhos e da situação mediterrânea que o país se encontrava.<sup>657</sup>

Os feitos da guerra no Paraguai seriam muito maiores do que as guerras europeias, seja Torreón, em 1914, no México; Blenheim, em 1704, na região da atual Alemanha; ou Waterloo, em 1815, na atual Bélgica. Os paraguaios deram a sua vida em sacrifício na defesa da pátria. Manuel Domínguez citou os principais combates: Piribebuy, Tuyutí, Avay, Mbutú-y e Ytá-Yvaté, onde a resistência foi constante e a mortalidade chegou, em certos combates, a até 98% dos soldados paraguaios, como o de Ytá-Yvaté, onde 4.600 paraguaios resistiram à ofensiva aliancista de 25.000 soldados.<sup>658</sup>

Mesmo feridos e com armamentos inferiores, os paraguaios seguiam lutando. Quando capturados pelos inimigos encontravam um jeito de fugir e retornavam as tropas de Solano López:

Centenares y centenares de los soldados entregados por Estigarribia en Uruguayana y de los restos de la ex guarnición de Humaitá, capturados por el Coronel Martínez, de a poco o de a mucho, pronto o tarde, cuando pudieron hacerlo, tornaron a incorporarse al ejército nacional, obedientes al mandato del honor. Lo propio sucedió con los que cayeron prisioneros en Abay y en las Lomas Valentinas. Algunos de los rimeros, fueron a Ytá-Yvaté, otros reaparecieron en Cerro-León y Ascurra. La causa del Paraguay parecía perdida. No importa! Obedecían a la voz del corazón.<sup>659</sup>

Em suas obras, o autor não aprofundou a análise sobre a guerra detendo-se em descrever alguns dos principais acontecimentos.

---

<sup>656</sup> DOMINGUEZ, Manuel. *El Alma de la Raza* [...] ob. cit. p. 63.

<sup>657</sup> Id. ib. 64.

<sup>658</sup> DOMINGUEZ, Manuel. *El Paraguay sus Grandezas y sus Glorias*. [...] Ob. cit. p. 190-4.

<sup>659</sup> Id. ib. p. 202.

## Considerações

O advogado, político e jornalista Manuel Domínguez é até os dias atuais um dos mais importantes intelectuais paraguaios. Ficou tradicionalmente conhecido por seus exageros ao descrever a história e a origem do povo paraguaio. Segundo o autor, o Paraguai pré-guerra seria um “paraíso na terra”, um fenômeno único, um país sem mendigos, sem fome, com bem-estar geral, graças a uma “vasta e admirável” distribuição de renda. Além disso, todos saberiam ler, todos teriam terra, seriam bravos soldados e superiores por sua raça branca.

Esta narrativa, vem ao encontro da famosa e polêmica obra do jornalista paulista Julio José Chiavenato, *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*, publicada em 1979, editora Braziliense, de Caio Prado Jr. Podemos afirmar que Chiavenato bebeu desta fonte, em forma direta ou indireta.<sup>660</sup> Essas visões foram igualmente de outros autores que se seguiram a Manuel Domínguez.

Outra semelhança que podemos perceber entre estes autores é que apesar dos exageros e absolutização de fenômenos – todos sabiam ler, todos tinham casa, maior produção agrícola, melhor raça, etc. - os dois autores chamam atenção para aspectos importantes como a existência de uma classe campesina proprietária que efetivamente lutou e morreu na guerra - por isso da bravura do soldado paraguaio, por estar lutando pela sua propriedade - e a necessidade de olhar diferente sobre a história paraguaia de antes da guerra. O país não seria o “paraíso na terra”, mas também não seria o “total atraso e barbárie” descrito pela historiografia aliancista/legionária.

Manuel Domínguez buscava recuperar o sentimento patriótico, destacando os aspectos positivos do país, em especial as belezas naturais, plantas, boques, minérios, geografia e sua raça branca. Para ele, a defesa do Paraguai não era por vaidade, mas sim pela necessidade de reconstruir o país. Cada povo devia ter consciência do que é, dos seus feitos, dos seus heróis, para fortalecer a vontade de ser e de se transformar.

Mas este não foi o único aspecto destacado pelo político. Ele apresentou importante proposta para reconstrução econômica do Paraguai através do aumento do número de proprietários, ou seja, uma espécie de reforma agrária, onde o Estado compraria as terras não utilizadas pelos proprietários e a distribuisse para a população.

---

<sup>660</sup> Cf. QUEIRÓZ. Silvânia de. *Revisando a Revisão*. Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai de J.J. Chiavenato. Porto Alegre: FCM. 2014.



Propôs também a criação de granjas agrícolas militares; a criação de ervais artificiais - este que seria o principal produto paraguaio; a redução do preço do frete. Porém, essas medidas não foram adotadas, provavelmente por serem contrárias ao modelo liberal que se estabeleceu no pós-guerra que dificultava o acesso da população paraguaia à terra e facilitava o controle estrangeiro sobre todos os setores do país.

Manuel Domínguez realizou muitas funções e produções, atuou como professor, jornalista, político – primeiro pelo partido Colorado, depois pelo Partido Liberal-, sendo deputado, ministro, vice-presidente e participando de importantes missões diplomáticas e de governo. E teve destacada atuação da defesa do Chaco.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do Paraguai foi profundamente marcada pela Guerra contra a Tríplice Aliança (1864-1870), além da destruição causada pelo conflito em si, o país penou por anos com as consequências econômicas, sociais e políticas. A política paraguaia do pós-guerra foi caracterizada pela instabilidade, por constantes golpes, revoltas e pelo permanente jogo de força entre o Império do Brasil e a República Argentina, que tentavam impor seus interesses sobre o Paraguai.

Em 1869, foi criado o governo provisório, controlado principalmente pelos legionários, tinha por objetivo manter uma imagem de “constitucionalidade” e buscava *regenerar* o Paraguai através de um viés elitista, antipopular, liberal e mercantilista inspirado principalmente nos EUA. Os representantes do governo acreditavam que o *liberalismo* elitista era o único caminho para a civilização e o desenvolvimento paraguaio. Deste modo, deram as costas e contribuíam para a destruição do que restava da comunidade popular camponesa esfacelada pela guerra.

Os sobreviventes da população campesina [chacareira] paraguaia que lutaram bravamente na guerra defensiva e que representavam a grande força de resistência do Paraguai foram completamente “esquecidos” pelo novo governo. O acesso à terra foi dificultado, a agricultura camponesa não recebeu qualquer atenção. Em momento algum o governo provisório pensou em um projeto de desenvolvimento que envolvesse a sua reconstituição. Em verdade, temiam a trajetória independente daqueles setores na resistência ao invasor, pois poderiam ser uma ameaça.

A historiografia oficial aliancista/legionária construiu uma narrativa que culpabilizava Solano López por todos os acontecimentos da guerra. Seu desejo de grandeza, sua mente megalomaniaca teria levado à destruição para seu povo. Afirmavam que ele teria sido responsável pela morte de maior parte da população paraguaia, pela fome, mas principalmente pela tortura e execução de inocentes. Após a tomada da capital, os legionários, grupo de paraguaios que lutaram ao lado da Tríplice Aliança, assumiram, sob a “tutela” dos representantes do Império do Brasil e da Argentina, a reorganização do país. Eles utilizaram o termo “regenerar”, pois estariam buscando a construção de um novo Paraguai.

Os aliancistas construíram duas narrativas centrais para caracterizar Solano López como um tirano sanguinário. Os tribunais de Sangue de San Fernando, quando a partir de meados 1868, Solano, após descobrir uma conspiração contra a resistência, teria julgados e condenados a morte várias pessoas. Os aliancistas/ legionários afirmam que milhares de pessoas inocentes teriam sido mortas. Dados oficiais apontam para não mais que 500 pessoas teriam sido executadas.<sup>661</sup>

A segunda narrativa foi sobre as “destinadas”, mulheres esposas de paraguaios que lutaram em tropas argentinas [legionários] ou de nacionais e estrangeiros acusados de traição. Estas mulheres teriam sido forçadas a marchar para interior do país, enfrentando péssimas condições de vida, vivendo grande tormento. Era o caráter sanguinário de Solano López. Essa mesma historiografia negava do papel das “residentas”, mulheres paraguaias que lutaram ao lado das forças paraguaias.

A historiografia oficial esteve fortemente presente nos jornais da época. *La Regeneración* e *La Voz del Pueblo* foram os porta-vozes desta narrativa reproduzindo os estereótipos e pré-conceitos com relação a história paraguaia para legitimar as ações dos novos grupos que tomaram o poder sobretudo dos legionários e deslegitimar a voz da oposição como caso do cônsul italiano Lorenzo Chaperon acusado de traição por destacar aspectos positivos do governo de Solano López e por criticar o saque cometido pelas tropas aliancistas a capital.

A exemplo desta historiografia oficial aliancistas destacamos a produção do intelectual paraguaio Cecilio Báez, que afirmava não haver nada de positivo no Paraguai antes da guerra, que o Paraguai seria o país mais atrasado do mundo, que seu povo era um povo embrutecido, cretinizado por secular despotismo, por isso seria incapaz de qualquer reação contra seus tiranos. Para além disso, esta narrativa afirmava que a guerra foi positiva pois trouxe a civilização ao Paraguai. Visão absurda que nega o processo histórico de desenvolvimento paraguaio.

O Paraguai foi o primeiro país da América do Sul a fazer sua independência, o primeiro estado nação a se consolidar, um dos primeiros a iniciar a construção de estradas de ferro, telégrafos, fundição, a enviar jovens para estudar no exterior, a possuir proporcionalmente mais escolas e menos escravos do que o Império do Brasil, a realizar significativa destruição de terras e a resistir por quase seis anos numa guerra contra um

---

<sup>661</sup> MAESTRI, Mário. Guerra Sin Fin [...] Ob. cit. p. 599.

inimigo com grande superioridade bélica. Não era um paraíso na terra, mas com certeza também não o “pior país do mundo”.

Cecilio Báez buscou, através de seus textos, justificar a necessidade de mudanças na sociedade paraguaia do pós-guerra através da educação, pois a falta desta, e jamais a guerra, seriam os reais motivos das misérias do país. Pensador e líder liberal pró-argentino, interessava-lhe inocentar de todos os pecados a Argentina mitrista, antes, durante e após o conflito. Sua visão repetia a mitologia das tropas aliancistas vencedoras da guerra. O conflito e o sofrimento do povo paraguaio deviam-se unicamente a Solano López, como proposto.

Tradicionalmente, a recuperação da figura de Solano López – lopismo positivo – foi atribuída ao intelectual Juan Emiliano O’Leary que a partir da polêmica que protagonizou, em 1902, com o Cecilio Báez teria se aproximado do coloradismo e iniciado sua jornada “restauradora”. O’Leary foi acusado pela historiografia oficialista e restauracionista brasileira, sem provas concretas, de ter inventado o lopismo positivo, assalariado por Enrique Solano López, que estaria buscando recuperar a posse das propriedades de sua mãe Elisa Lynch. A historiografia oficialista descartava outra razão para a retomada do lopismo, sobretudo, à necessidade da população que resistira à invasão, de leituras que expressassem a resistência nacional.

Através da pesquisa foi possível perceber que o lopismo foi um sentimento surgido no imediato após a guerra, não para glorificar Solano López, mas como forma de resistência em um país destruído pela guerra. A sua centralização no mariscal era de certa forma inevitável, por ter se identificado com a resistência. De acordo com o historiador Harris Gaylord Warren o *lopismo positivo* já teria surgido antes da retirada das tropas aliancistas do Paraguai em 1876. Assim como o político argentino *liberal-mitrista* Estanislao Zeballos declarou em visita ao Paraguai, em 1887-8, sobre a constituição já praticamente orgânica de movimento *lopista*, que explicava como *revivência* de tendências atávicas regressivas paraguaias.

Essa visão positiva de Solano López foi um movimento orgânico da população que não aceitava a formação de um governo controlado por legionários e aliancistas que foram inimigos do Paraguai durante a guerra e que destruíram o modelo de organização da sociedade paraguaia.

Os primeiros compêndios paraguaios do pós-guerra apresentaram importantes elementos em oposição a historiografia aliancista legionária. A partir, de 1879, as primeiras obras nacionais como *Compendio de Geografía e Historia del Paraguay*, de Leopoldo Gomez Terán e Próspero Pereira Gamba; em 1884, *Elementos de Historia y Geografía* de Enrique Alliot; em 1887, *Pequeña Geografía (para los niños de la Escuela de Arroyos y Esteros)* de Fidel Maíz; e, em 1896, *Compendio Elemental de Historia del Paraguay* de Blas Garay.

Os livros de maior destaque do período foram de Terán e Gamba, Blas Garay e do padre Fidel Maíz, pois apresentam inúmeros elementos que contrariam a visão historiográfica oficial aliancista e apontaram importantes caminhos para o revisionismo.

O primeiro livro, *Compendio de Geografía e Historia del Paraguay*, de Terán e Gamba descreveu sobre a história paraguaia e criticou fortemente os “tiranos da pátria”, mas apesar disso, apresentou elementos revisionistas como: Francia teria sido um homem ambicioso, cruel e vingativo, mas teria sido o responsável pela independência do Paraguai, teria favorecido a população *criolla*, melhorado a agricultura e a criação de gado.<sup>662</sup> Carlos Antonio López, apesar do despotismo, teria feito trabalho civilizador, com a construção de estradas de ferro e de laboriosa administração com desenvolvimento de riqueza, crescimento do comércio, da exportação e das obras públicas.<sup>663</sup> Francisco Solano López seria um homem culto, amante do progresso e responsável por importantes acordos que contribuíram para a paz. Sobre a guerra do Paraguai descreveram a invasão do Uruguai, a tentativa de Solano López junto ao Império do Brasil em evitar a invasão e as principais batalhas. Terán e Gamba não aprofundam os acontecimentos, nem as causas da guerra, dessa forma não apresentam “julgamentos” e não segue a visão reducionista de outros autores como Cecilio Báez que culpabilizam Solano López por todos os acontecimentos da guerra.

Em, *Compendio Elemental de Historia del Paraguay*, Blas Garay ao pesquisar no arquivo da Espanha, apresentou importantes elementos revisionistas: Francia seria um bom administrador; Carlos Antonio teria feito um bom governo que desenvolveu o país e o bem-estar da população; As causas da guerra estavam relacionadas os interesses da República Argentina e do Império do Brasil sobre a região do Prata, a questão de limites e da livre navegação. A ação paraguaia de declarar guerra ao Império do Brasil teria sido

---

<sup>662</sup> TERÁN, Leopoldo Gómez de. y GAMBÁ, Próspero Pereira. *Compendio de Geografía e Historia [...]* Ob. cit. p. 117.

<sup>663</sup> Id. ib. p. 155.

pela necessidade de manter esse equilíbrio, pois após ocupar a República Oriental do Uruguai, o próximo da lista seria a República do Paraguai.

Blas Garay avançou, portanto, de forma significativa, em relação à historiografia oficialista [portenha, imperial e legionária] que explicava o conflito como sendo exclusiva responsabilidade da sede de conquista ou de glória de Solano López.

Em *Pequeña Geografía*, o padre Fidel Maíz, apesar de não tratar sobre história, criticou a falta de investimentos nas escolas paraguaias e a *estrangeirização* da educação com a compra de livros de autores e professores estrangeiros que não conheciam o Paraguai. Questionou como seria possível despertar o sentimento nacional e o amor à pátria nos corações das crianças, quando os livros utilizados só falavam da escuridão e dos tiranos da pátria. Questionou também a visão oficial aliancista/legionária apontando para a necessidade do Paraguai criar seu próprio modelo de ensino que valorizasse os heróis nacionais e a história da pátria.

A partir da análise dos compêndios já é possível perceber a existência de uma oposição a visão historiográfica oficial que recupera o passado paraguaio e figura de seus governantes em especial Solano López.

Além dos compêndios, os intelectuais paraguaios membros da Geração dos Novecentos também se dedicaram a estudar a história paraguaia. Blas Garay, Juan Silvano Godoi, Juan Emiliano O'Leary e Manuel Domínguez iniciaram o revisionismo histórico no Paraguai, não criaram o *lopismo positivo*, mas foram os porta-vozes desta reivindicação. A partir da análise de suas obras foi possível traçar os elementos centrais do revisionismo histórico sobre a guerra. Sendo eles: José Gaspar Rodríguez de Francia, Carlos Antonio López, Francisco Solano López, causas da guerra contra a Tríplice Aliança e o soldado paraguaio.

Os autores, à exceção de Juan Silvano Godoi, descreveram José Gaspar Rodríguez Francia como bom administrador, que estaria buscando diminuir as desigualdades e injustiças. E que devido a conspirações contra seu governo ele teria se tornado severo. Segundo Juan O'Leary, Francia foi fundamental para a história do país, pois sustentou e protegeu a independência e a soberania paraguaia. O isolamento do Paraguai durante seu governo foi necessário devido à ambição de Buenos Aires, que queria dominar o país. A Argentina seria um vizinho poderoso que sempre despertava suspeitas. Manuel Domínguez destacou que durante o governo de José Gaspar Rodríguez de Francia era difícil encontrar um homem livre que não soubesse ler e escrever.

Todos os quatro autores elogiaram o governo de Carlos Antonio López. Ele teria tirado o Paraguai do isolamento, reorganizado o país, desenvolvendo a economia, a pecuária e realizando obras públicas e criado indústrias de pólvora e salitre. Ao descrever Carlos Antonio López como governador perfeito, Blas Garay demonstrou certa simpatia pela recuperação da classe dos proprietários e pelo governo forte, não liberal. Para Juan Silvano Godoi o governo de Carlos Antonio teria sido duas décadas de próspera administração. Juan O’Leary destacou os investimentos em educação e o envio de jovens para estudar no exterior. Para Manuel Domínguez, Carlos Antonio López foi um trabalhador infatigável, verdadeiro construtor do Paraguai, que estendeu os caminhos ligando o país, construiu pontes, canais, uma fundição de ferro em Ybicuí e linhas de comunicação. Seria uma ótima administração.

A maior transformação nesse processo de revisão foi da figura de Solano López que deixou ser descrito como o “tirano sanguinário” responsável pela guerra e por todos os males do Paraguai. Blas Garay apresentou uma nova visão sobre Solano López, de tirano e grande culpado pela guerra, ele passou a ser reconhecido por seu caráter pacífico, ao tentar encerrar a guerra e por sua defesa do Paraguai. O autor propôs que no início do governo e da guerra Solano López seria visto como “popular” e com esperança, mas que teria sido cruel e perverso, durante o desenvolvimento do conflito. Blas Garay caracterizou o contexto histórico da época de Solano como conturbado, pois os acordos de limites estavam esgotados. Foi explicando e justificando as ações de Solano López em sua tentativa de evitar os conflitos e manter o equilíbrio no Prata. Solano não desejava a guerra, teria sido empurrado para ela. A declaração de guerra teria sido discutida e aprovada pelo Congresso paraguaio e não um auto individual.

Para Juan Silvano Godoi, Solano López teria sido tirano com planos de grandezas, mas foi uma das grandes personalidades da América, um gigante no nível de Simon Bolívar, Washington ou San Martín. Juan O’Leary destacou aspectos positivos de Solano López, mas não exagerou em suas afirmações, teria se tornado defensor do Solano López por entender que aquele ódio da juventude não era seu, mas sim das forças aliancistas que dominaram o Paraguai. Do mesmo modo, ele se apoiou nas obras do argentino Juan Bautista Alberdi que foi um dos primeiros a questionar os interesses argentinos e imperiais na guerra. Segundo Manuel Domínguez, Solano López seria um verdadeiro herói nacional, o único chefe de Estado que morreu pela sua pátria.

Esta primeira onda revisionista evoluiu significativamente ao descrever as causas da guerra. Blas Garay apresentou os interesses da República Argentina e do Império do

Brasil sobre a região do Prata e a questão de limites e da livre navegação como seus principais motivos. Destacou que a declaração de guerra contra o Império do Brasil foi pela necessidade de manter esse equilíbrio, pois após ocupar a República Oriental do Uruguai, o próximo da lista seria a República do Paraguai.

Juan Silvano Godoi afirmou que Tratado da Tríplice Aliança foi algo sem precedente no Estado moderno de direito, através de suas cláusulas estipulava a ruína de um Estado soberano, civilizado e a conquista de seus territórios.

Juan O'Leary destacou o contexto da América platina e as razões complexas da guerra. Iniciou sua análise pelo Uruguai. Lembrou que, em 1º de março de 1860, a presidência da República Oriental do Uruguai foi ocupada por Bernardo Prudencio Berro. Bartolomé Mitre enganara Bernardo Berro, agindo como amigo para ganhar sua confiança, mas tramara com o Império sua derrubada.

O autor defendia a ideia de que o Império do Brasil, desde o princípio, tinha por interesse dominar a República do Paraguai, usando o pretexto do assassinato de cidadãos imperiais na Banda Oriental para entrar oficialmente no conflito contra a República do Uruguai. Do mesmo modo, a missão do conselheiro José Antonio Saraiva (1823-1895) não teria por objetivo a paz, mas encontrar uma razão para romper as relações com a República Oriental.<sup>664</sup>

O'Leary apoiou-se em obras de rigor científico, como de Teixeira Mendes que assinalara as intrigas do Império, as tentativas de mediação de Solano López; o problema dos limites; as relações entre Uruguai e o Paraguai; a invasão do Uruguai querida pelo Império, e impugnada pelo Paraguai, como a grande razão da guerra; o alinhamento da Argentina e do Império desde Montevideu contra o Paraguai.<sup>665</sup>

Manuel Domínguez exagerou ao descrever o Paraguai pré-guerra, para ele o país estaria vivendo verdadeira “idade de ouro” na criação de gado e na agricultura. Cada paraguaio teria uma casa e um terreno próprio. O país produzia grande quantidade de produtos e alimentos, era um povo sem necessidades supérfluas, não havia miséria e quase sem pobreza. Causas da terra seria o contexto platino e a rivalidade com os países vizinhos.

---

<sup>664</sup> Id. ib. p. 411.

<sup>665</sup> Cf. MENDES, R. Teixeira. *Benjamin Constant: esboço de uma apreciação sintética da vida e da obra do Fundador da República Brasileira*. 2 ed. Do 1º vol. Rio de Janeiro: Sede Central da Igreja Positivista do Brasil, 1913. TEIXEIRA, Fabiano B. A 'Sacrilega Dívida' da guerra do Paraguai (1894-1913). In: SQUINELO, Ana Paula.. (Org.). 150 anos após - A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. 1ed. Campo Grande: UFMS, 2016, v. 2, p. 339-365.



Os autores destacaram também sobre a bravura do soldado paraguaio, que mesmo capturado, tentava escapar para retornar a luta. Que resistiram bravamente por quase seis anos de guerra sem receber nenhum armamento do exterior. Blas Garay não realizou análise sobre as reais motivações desses soldados, para ele seria por patriotismo.

Juan Silvano Godoi foi o primeiro autor a recuperar organicamente a figura do soldado paraguaio através da história do general José Eduvigis Díaz Vera (1833-1867), o herói da batalha de Curupaiti, em 22 de setembro de 1866. Destacou a coragem e a bravura na defesa do país. Díaz seria o exemplo perfeito do heroísmo paraguaio. Contudo e, apesar disso, o autor não conseguiu enxergar as razões profundas que levaram o soldado paraguaio a resistir por quase seis anos numa luta desigual. Razões ligadas, não a Solano López, mas sim a defesa da terra, a defesa do modelo de desenvolvimento do pequeno campesino [chacareiro].

A descrição exaltada de Manuel Domínguez contribuiu para construção de narrativas nacionalistas, mas no geral os demais autores contribuíram significativamente e precocemente para a construção de um revisionismo histórico mais coerente com os acontecimentos da guerra e da América Platina.

A partir da farta documentação acessada, podemos afirmar, para além de qualquer dúvida, que o “embrião revisionista” é certamente muito mais antigo do que Juan O’Leary. Muito antes dele, obras e autores paraguaios deram início a produção revisionista. O’Leary foi certamente o principal representante desse movimento, ao qual dedicou a essencialidade de sua obra, mas não foi jamais seu criador como proposto em forma arbitrária. Certamente novos estudos registrarão em forma abundante que o “revisionismo histórico” paraguaio começa a ser gestado nos primeiros anos após a guerra, como uma forma de resistência orgânica ao novo modelo de governo/sociedade que dominou o Paraguai pós-guerra.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Documentos editados, Diários, Memórias

AVEIRO, Silvestre. *Memorias militares*. Asunción: El Lector, 1998.

BELLO, A. *Diário do Tenente-Coronel Albuquerque*. Notas extraídas do caderno de lembranças do autor sobre sua passagem na Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2011.

BOSSI, Bartolomé. *Viagem pitoresca pelos rios Paraná, Paraguai, São Lourenço, Cuiabá e o Arinos, tributários do grande Amazonas: com descrição da província do Mato Grosso e seu aspecto físico, geográfico, mineralógico e seus produtos naturais*. Trad. M. do R. de F. G. Godinho. Brasília: Senado Federal; Conselho Editorial, 2008.

CAPDEVILA, Luc. *Una guerra total: 1864-1870*. Ensayo de historia del tiempo presente. Buenos Aires: CEA UCA/SB, 2010.

CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias o reminiscencias históricas sobre la guerra del Paraguay*. Asunción: El Lector, 2010.

CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscência da Campanha do Paraguai*. [1865-1870]. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

DECOUD, Héctor. F. Vía Crucis. ALCALÁ, Guido Rodríguez. (Copilador). *Residentas, destinadas y traidoras: testimonio de mujeres em la Triple Alianza*. Asunción: Servilibro, 2010.

DECOUD, Héctor. F. Vía Crucis. ALCALÁ, Guido Rodríguez. (Copilador). *Residentas, destinadas y traidoras: testimonio de mujeres em la Triple Alianza*. Asunción: Servilibro, 2010.

EU, conde d'. *Diário do Conde d'Eu: comandante em chefe das tropas brasileiras em operação na República do Paraguai*. org.tra.notas Rodrigo G. Soares. Paz & Terra: Rio de Janeiro/São Paulo, 2017.

GARMENDIA, José Ignacio. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay: La campaña a Corrientes y Río Grande*. Vol. 1. Corrientes: Amerindia, 2012.

LASSERRE, Dorothée Duprat de. *Memórias de Mme. Dorothé Duprat de Lasserre*. Versão e notas de J. Arthur Montenegro. Rio Grande do Sul: Trocadero, 1893.

LEMONS, Renato. (Org.) *Cartas da Guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: IPHAN; Museu Casa de Benjamin Constant, 1999. 218 p.

LÓPEZ, Francisco Solano. *Cartas y proclamas del Mariscal López*. Paraguay: El Lector, 1996.

O'LEARY, Juan Emiliano. *Recuerdos de Gloria*. [compilação Sebastián Scavone Yegros] Asunción: Servilibro, 2008.

PIMENTEL, gen. Joaquim S. de Azevedo. *Episódios militares*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1978.

REBOUÇAS, André Pinto. *Diário: A guerra do Paraguai (1866)*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiro, 1973.

RESQUÍN, Isidoro. Declaración del general Francisco Isidoro Resquin, Jefe de Estado Mayor del Ejército Paraguayo, preso en el Cuartel General del Ejército Brasileiro en Humaitá, el 20 de marzo de 1870. Buenos Aires: Imprenta del Telegrafo Marino, 1870.

SELLITTI, Yolanda C. S. *Memorias del doctor Guillermo Stewart: Jefe de al Sanidad Militar durante la Guerra del '70*. Asunción: Intercontinental, 2015.

TAUNAY, Alfredo D'Escragnoille, Visconde de. *Diário do exército, campanha do Paraguai (1869-1870)*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

TAUNAY, Alfredo *Recordações de Guerra e de Viagem*. Brasília: Senado Federal/Conselho Editorial, 2008.

ZEBALLOS, Estanislao. *Historia de la guerra del Paraguay: relatos y memorias en primera persona*: Fondo Estanislao Zeballos. Buenos Aires: Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto/Ministério de Cultura de la Nación, 2015.

## 2. Jornais

*El Civico*, Asunción, Paraguay, 1902.

*La Pátria*, Asunción, Paraguay, 1902.

*La Regeneración*, Asunción, Paraguay, 1869.

*La Voz del Pueblo*, Asunción, Paraguay, 1870.

*New York Herald*, New York, USA, 1870.

YEGROS, Ricardo e YEGROS, Sebastian. *Cecilio Báez e Juan E. O'Leary: polémica sobre la historia del Paraguay*. Asunción: Tiempo de História, 2011.

## 3. Compêndios

ALLIOT, Enrique. *Elementos de Historia y Geografía*. Asunción: La Democracia, 1884.

GARAY, Blas. *Compendio Elemental de Historia Paraguaya*. Madrid: Librería y Casa Editora A. de Uribe y Cia, 1896.

LUNA, Antonino. *Historia de la República Argentina y de las del Paraguay y Banda Oriental desde su descubrimiento hasta nuestros días para el uso de las escuelas*. Buenos Aires: Imprenta de Pablo E. Coni, 1878.

MAÍZ, Fidel. *Pequeña geografía (para los niños de la escuela de Arroyos y Esteros)*. Asunción: edición del autor, 1890.

MANSO, Juana. *Compendio de la Historia de las Provincias Unidas del Río de la Plata desde su descubrimiento hasta el año 1874*. Buenos Aires: Tipografía del Diario La época, 6ª edición. 1875.

MENDOZA, Manuel de. *El Lector paraguayo*. Asunción: Tallares Nacionales de H. Kraus. 1896.

NÚÑEZ, Alberto. *El Lector Americano: nuevo curso gradual de lecturas*. Chile: Santiago y Valparaíso Librerías del Mercurio. 1881.

TERÁN, Leopoldo Gómez de. y GAMBÁ, Próspero Pereira. *Compendio de Geografía e Historia del Paraguay*, Asunción: La Reforma. 1879.

#### 4. Teses e dissertações

COUTO, Mateus de Oliveira. *Tribunais de Guerra: castigos e punições nas forças imperiais durante a campanha contra o Paraguai (1864-70)*. Porto Alegre: PPGH PUCRS, 2016. 205 p. [Tese de doutoramento].

FERNANDES, Eurico da Silva. *A invenção do Paraguai: História, Projetos e Intelectuais na Construção da Nação Paraguaia (1870-1935)*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá- UEM., 2006 [Dissertação de mestrado em história].

QUINTEROS, Marcela Cristina. *Juan Natalicio González (1897-1966): um intelectual plural*. São Paulo: USP. 2017. [Tese de doutoramento]

VAS, Braz Batista. *O final de uma guerra e suas questões logísticas: o conde d'Eu na Guerra do Paraguai (1869-1870)*. Franca: Universidade Estadual Paulista, 2011. 260 p. [Tese de doutoramento].

#### 5. Livros de história sobre o Paraguai - fins do século XIX e começos do XX

AGUÍNAGA, Juan B. Gill. *La Asociación Paraguaya en la Guerra de la Triple Alianza*. Asunción: Servilibro, 2011.

ALCALÁ, Guido Rodríguez. (Copilador). *Residentas, destinadas y traidoras: testimonio de mujeres en la Triple Alianza*. Asunción: Servilibro, 2010. 238 p.

BÁEZ, Cecilio. *El Dr. Francia: ensayo sobre la dictadura en Sudamérica*. Asunción: Cromos Mediterraneo, 1985.

\_\_\_\_\_. *La tiranía de Solano López: su aspecto comercial in Junta Patriótica Paraguaya, El Mariscal Solano López*. Asunción: Junta Patriótica Paraguaya, 1926.

\_\_\_\_\_. *La tiranía en el Paraguay: sus causas, caracteres y resultados*. Colección de artículos publicados en “El Civico”. Asunción: El País, 1903.

BENITES, Gregorio. *Guerra del Paraguay: Las primeras batallas contra la Triple Alianza*. Asunción: El Lector, 2012.

BREZZO, Liliana. Juan E. O’Leary: *El Paraguay convertido en acero de pluma*. Colección *Protagonistas de la Historia*. Asunción: El Lector, 2011.

\_\_\_\_\_. in YEGROS, Ricardo Scavone e YEGROS, Sebastian Scavone. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary: polémica sobre la historia del Paraguay*. Asunción: Tiempo de Historia, 2011.

CORONEL, Bernardo. *Breve interpretación marxista de la historia paraguaya (1537-2011)*. Asunción: Arandurã; Base, 2011.

CHAVES, Julio Cesar. *Compendio de historia paraguaya*. Asunción: Carlos Schauman, 1988;

\_\_\_\_\_. *El supremo dictador*. 5 ed. Asunción: Carlos Schauman. 1985.

DECOUD, Hector Francisco. *Sobre los escombros de la guerra: una década de vida nacional. 1869-1880*. [Edición facsimilar]. Asunción: Servilibro, 2015.

DECOUD. Hector Francisco. *Dos paginas de sangre*. Asunción: Talleres Nacionales de H. Kraus. 1925.

DEMERSAY, Alfredo M. *Historia geral do Paraguay: desde a sua descoberta até nossos dias*. Rio de janeiro: Perseverança, 1865.

\_\_\_\_\_. *El doctor Francia*. Asunción: El Lector, 1987.

DOMÍNGUEZ, Manuel. *El Alma de la Raza*. Buenos Aires: Editorial Ayacucho, 1917.

\_\_\_\_\_. *La traición de la patria y otros ensayos*. Asunción: FF.AA. de la Nación. 1959.

\_\_\_\_\_. *El Paraguay: sus grandezas y sus glorias*. Buenos Aires: Editorial Ayacucho, 1946.

GARAY, Blas. *Breve resumen de la Historia del Paraguay*. Madrid: Libreria y Casa Editorial A. de Uribe Y Cia. 1897.

\_\_\_\_\_. *El comunismo de las misiones: La revolucion de la independencia del Paraguay*. Asunción: Instituto Colorado de Cultura, 1975.

\_\_\_\_\_. *La revolucion de la independencia del Paraguay*. Madrid: Est. Tip. de la Viuda é Hijo de Tello, 1897.

\_\_\_\_\_. *La traición de la patria y otros ensayos*. Asunción: FF.AA. de la Nación. 1959.

GODOI, Juan Silvano. *Memoria de la Dirección Jeneral de la Biblioteca, Museo i Archivo de la Nación, año 1906*. Asunción: Talleres Tipo-Litográficos La Unión, 1907.

\_\_\_\_\_. *Muerte del Mariscal López*. Asunción: Talleres Nacionais, 1912.

\_\_\_\_\_. *Ultimas operaciones de guerra del Jeneral José Eduvigis Díaz: Vencedor de Curupaitic*. Buenos Aires: Felix Lajouane, 1897.

\_\_\_\_\_. *El fusilamiento del Obispo Palacios y los tribunales de sangre de San Fernando*. Documentos históricos. Asunción: El Lector, 1996. [1ª ed., em folhetim, El Liberal, de Asunción; em livro, 1918.

\_\_\_\_\_. *Mi Mision a Rio de Janeiro*. Buenos Aires: Felix Lajouane, 1897.

\_\_\_\_\_. *Monografias Históricas*. Buenos Aires: Félix Lajouane, 1893.

LEWIS, Paul H. *Partidos políticos y generaciones en Paraguay: 1869-1870*. Asunción: Editorial Tempo de História. 2016.

LÓPEZ MOREIRA, Mary Monte de. *Pancha Garmendia*. Asunción: El Lector, 2013.

LÓPEZ, Carlos Antonio. *La emancipación Paraguaya*. Asunción: Guaranía, 1942.

MAESTRI, Mário. *Paraguai: a república camponesa*. Porto Alegre: FCM Editora, 2015.

\_\_\_\_\_. *Estanislao Zeballos: a história jamais escrita da Guerra da Tríplice Aliança* in Revista História: Debates e Tendências – v. 15, n. 2, p. 350-366. jul./dez. 2015.

\_\_\_\_\_. *Guerra Sem Fim: A Tríplice Aliança contra o Paraguai. Campanha ofensiva 1864-1865*. Porto Alegre: FCM. 2017.

\_\_\_\_\_. *Guerra Sin Fim: La Tríplice Alianza contra el Paraguay. La Campaña defensiva 1866-1870*. Asunción: Intercontinental Editora. 2018.

MAÍZ, Fidel. *Etapas de mi vida*. Asunción: El Lector, 1996.

MELIÀ s.j., Bartomeu. *La tercera lengua del Paraguay: y otros ensayos*. Asunción: Servilibro, 2013.

O'LEARY, Juan Emiliano. *Los Legionarios*. Asunción: Editorial das Indias, 1930.

\_\_\_\_\_. *Curupayty: discurso pronunciado en 22 de septiembre de 1912 con motivo de la Peregrinación Patriótica*. Buenos Aires: Talleres Gráficos M. Rodríguez Giles. 1912.

\_\_\_\_\_. *El Libro de los Heroes: Páginas históricas de Guerra del Paraguay*. Asunción: Librería La Mundial. 1922.

ROLÓN, Oscar Bogado. *Construcción de la Segunda República del Paraguay – 1869/1870*. Asunción: Intercontinental, 2011.

\_\_\_\_\_. *Sobre Cenizas: Construcción de la Segunda República del Paraguay-1869/1870*. Asunción: Intercontinental, 2011.

TAPIA, Francisco. *El Tirano Solano López Arrojado de las escuelas*. Asunción: Escuela Tipografica Salesiana, 1898.

TOLEDO, Gustavo Alfredo Acosta. *Posguerra contra la Triple Alianza: aspectos políticos e institucionales (1870-1904)*. Asunción: Servilibro, 2013.

WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Triple Alianza La Década de pós-guerra 1869-1878*. Asunción: Editora Intercontinental, 2009.

\_\_\_\_\_. *Paraguay: revoluciones y finanzas*. Asunción: Servilibro, 2008.

WHITE, Richard Alan. *La primera revolución popular en America: Paraguay. (1810-1840)*. 2ª ed. Asunción: Carlos Schauman, 1989.

## 6. Artigos

BARATTA, María Victoria. *La identidad nacional durante la Guerra del Paraguay*. Representaciones, lenguajes políticos y conceptos en el diario La Nación Argentina (1862-1870). Revista Almanack. Guarulhos, n.03, p. 82-98, 1º semestre de 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alm/n3/2236-4633-alm-03-00082.pdf> . Acesso em 09 fev. 2018.

CORDO, Tomás Sansón. *Los prenoventistas. Juan Silvano Godoi y José Segundo Decoud: discursos históricos en el Paraguay posbélico* in IV Jornada de Avances de Investigación em Historia Argentina: Fuentes, Métodos y Problemas. Rosario, 2012.

HOWAT, Jeremy. e GODWARD, Mary. The Lincolnshire Farmers—a disastrous emigration scheme in <http://www.argbrit.org/structure/LFarmers2.html> ; <http://www.argbrit.org/index.html>

Juan Manuel Casal, «Una “diplomacia difícil”: El Ministro Washburn, los Estados Unidos, y la Guerra del Paraguay», Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En ligne], Colloques, mis en ligne le 13 janvier 2009, consulté le 06 juin 2016. URL : <http://nuevomundo.revues.org/48952> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.48952; Thomas L. Whigham y Juan Manuel Casal, eds., *La diplomacia estadounidense durante la Guerra de la Triple Alianza: Escritos escogidos de Charles Ames Washburn sobre el Paraguay* (Asunción: Servilibro, 2008).

LOGAN, Grizzie Margaret e NAKAYAMA, Eduardo. (2011) Introducción a mas causas de la disputa territorial entre el Imperio del Brasil y la República del Paraguay.in Tercer Encuentro Internacional de Historia sobre las Operaciones Bélicas durante la Guerra de la Triple Alianza. Asunción, 2011.

MAESTRI, Mário. *Tribunais de Sangue de San Fernando: O sentido político-social do terror lopizta*. Revista História: Debates e Tendências- v. 13. n. 1. p. 124-149, jan. /jun. 2013.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. *A companhia Mate Laranjeira, 1891-1902: Contribuição à História da Empresa Concessionária dos Ervais do Antigo Sul de Mato Grosso*. Revista Territórios & Fronteiras. Cuiabá, vol. 8, n.1, jan,-jun., 2015.

SEGATTO, Bruno Félix. *A Oposição à atuação brasileira no Paraguai pós-guerra da Tríplice Aliança: o caso do jornal La Voz del Pueblo (1870)*. Oficina do Historiador. Porto Alegre: EDIPUCRS, v.10, n. 1, p.124-143. jan./jun. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/2178-3748.2017.1.22871>

TELESCA, Ignacio. *La Guerra en la Escuela. Textos de Lectura y Celebraciones escolares en el Paraguay de Fines del XIX e Inicios del XX in Folia Historica del Nordeste*, IIGHI-IH-CONICET/UNNE. 2015. p. 131-150.

## 7. Bibliografia geral

ALBERDI, Juan Bautista. *Imperio del Brasil ante la Democracia de América*. Paris: Imprenta A. –E. Rochette, 1869;

\_\_\_\_\_. *Las Disensiones de las Repúblicas del Plata y las Maquinaciones del Brasil*. Montevideo: Imprenta Tipográfica á Vapor.1865;

ALSINA, Ezequiel González. *Bernardino Caballero El Manifiesto de 1887 y su proyección doctrinaria*. Asunción: Editorial Gráfica, 1972.

AMARAL, Raúl. *Escritos Paraguayos: Introducción a la Cultura Nacional*. Quevedo: Edição digital, Biblioteca Virtual del Paraguay. 2013.

ANDRADA E SILVA, Raul. *Ensaio sobre a ditadura do Paraguai: 1814-1840*. São Paulo: Coleção Museu Paulista, 1978;

AVEIRO, Silvestre. *Memorias militares*. Asunción: El Lector, 1998.

BANDEIRA, Moniz. *A Guerra do Chaco in Revista Brasileira de Política Internacional*. (1998). <http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v41n1/v41n1a08.pdf>

BENÍTEZ, Luis. *Breve Historia de Grandes Hombres*. Asunción/Paraguay: Gráfica Comuneros. 1986.

BOSIO, Beatriz González. *Los Legionários*. Asunción: El Lector. 2013.

BOX, Pelham Horton. *Los origines de la guerra del Paraguay contra la Tripe Alianza*. Asunción: El Lector, 1998.

CACERES, Sergio. *Manuel Domínguez: Gente que Hizo Historia*. Asunción: El Lector. 2013.

CHAMORRO, Fabián. *El General Díaz y el nacionalismo paraguayo*. Asunción, 2016. No prelo.



CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio americano: a guerra do Paraguai*. 21ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CONRAD, Ronald. *Os últimos anos da escravidão no Brasil*. 18501888. Rio de Janeiro: civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975.

CORONEL PROSMAN, Jorge. *Prisioneros paraguayos en Mato Grosso (1864-1868)*. Espías, epidemias y la triple frontera. Asunción: Arandurã, 2016.

COSTA, Wilma Peres. *A espada de Dâmocles: o exército, a guerra do Paraguai e a crise do Império*. São Paulo: Hucitec, 1996.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. A construção de um mito. Artigo Jornal Folha de São Paulo. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/11/09/mais!/10.html>

FAITH, Teresa Mendez. *Breve Diccionario de la Literatura Paraguaya*. El Lector: Asunción, 1998.

FAURISSON, ROBERT. *Las victorias del revisionismo*. Espanha: Ojeda. 2008.

FELICE, Renzo. *Explicar o Fascismo*. Portugal: Edições 70. 1976.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. *Soldados e negociantes na Guerra do Paraguai*, São Paulo: EdUSP, 2001.

FLECHA, Victor Jacinto. *Texto e Contexto: Breve Historia del Paraguay 1811-2011*. Asunción: Servilibro, 2014.

FLORES, Moacyr. *Colonialismo e missões jesuíticas*. Porto Alegre: EST Edições, 1996.

FURET, François e NOLTE, Ernst. *Fascismo y comunismo*. Espanha: História Alianza Editorial. 2005.

GALEANO, Luis A. *Impactos territoriales de los modos de producción en la pós-guerra in Más Allá de la guerra: Aportes para el debate contemporáneo*. Asunción: AGR Serviços Gráficos S.A, 2016.

GONZALEZ, Erasmo. *Bernardinho Caballero*. Asunción: El Lector, 2011.

GONZALEZ, Juan Natalicio. *Revista Guaranias*. Assunção, 1935.

JARDIM, Wagner. *Longe da Pátria: a invasão paraguaia do Rio Grande do Sul e a rendição em Uruguiana*. Porto Alegre: FCM Editora. 2015.

KAILSSEN, Osvaldo. *Historia del Paraguay Contemporáneo: 1869-1983*. Asunción: Imprenta Modelo S.A. 1983.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. São Paulo: Alfa-Ômega: 1975.

MAESTRI, Mário. *Guerra no Papel: história e historiografia da guerra no Paraguai*. Porto Alegre: FCM, 2014.

\_\_\_\_\_. *Senhores do Litoral: Conquista portuguesa e Agonia Tupinambá*. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

\_\_\_\_\_. *Mar del Plata. Dominação e Autonomia no Sul da América: Argentina, Brasil, Uruguai (1810-1864)*. Porto Alegre: FCM Editora, 2016.

\_\_\_\_\_. *Os Senhores da Serra. A colonização italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. Revista e ampliada. Passo Fundo: UPF, 2005.

MADUREIRA, Cel. Antônio de Sena [1841-1889] *Guerra do Paraguai: resposta ao sr. George Thompson, autor da “Guerra del Paraguay” e aos anotadores argentinos D. Lewis e A. Estrada*. Brasília: EdUNB, 1982.

MARZAL, Manuel M. *Las Misiones Jesuitas, una Utopia Posible?*. in Marzal, Manuel María & Tua, Sandra Negro (1999). *Un reino en la frontera: las misiones jesuitas en la América colonial*. Fondo Editorial Pontificia Universidad Católica del Perú, 1999.

MELIÀ, Bartomeu. *La Guerra Grande y la lengua Guaraní* in Más Allá de la guerra: Aportes para el debate contemporáneo. Asunción: AGR Serviços Gráficos S.A, 2016.

MELLO, Demian Bezerra de. (org) *A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2014.

MENDES, R. Teixeira. *Benjamin Constant: esboço de uma apreciação sintética da vida e da obra do Fundador da República Brasileira*. Rio de Janeiro: Sede Central da Igreja Positivista do Brasil, 1913.

MIRANDA FILHO, Orlando de. *O Primeiro Tiro: a ocupação de Mato Grosso na Guerra do Paraguai (1864-1870)*. Porto Alegre: FCM Editora, 2016.

MOREIRA, Mary Monte de López, in GARAY, Blas. *La Revolución de la Independencia del Paraguay*. Biblioteca do Bicentenario. Asunción: Servilibro. 2009.

NAKAYAMA, E. & NAKAYAMA, M. *La fortaleza de Humaitá: La Sebastopol de América*. Asunción: Servilibro, 2015.

NANCY PÉREZ. Los oficiales. Colección 150 años de la Guerra Grande. Site: [http://www.portalguarani.com/2902\\_nancy\\_perez/21220\\_los\\_oficiales\\_guerra\\_triple\\_alianza\\_por\\_nancy\\_perez.html](http://www.portalguarani.com/2902_nancy_perez/21220_los_oficiales_guerra_triple_alianza_por_nancy_perez.html)

PALERMO, Eduardo Ramón Lopez. *Tierra esclavizada: el norte uruguayo en la primera mitad del siglo XIX*. Montevideo: Tierradentro, 2013.

PASTORE Carlos. *La lucha por la tierra en el Paraguay*. Asunción: Intercontinental, 2008.

PELÚAS, Daniel & PIQUÉ, Enrique. *Crónicas: guerra de la Triple Alianza y el genocidio paraguayo: selección de textos y comentarios*. Montevideo: Arca, 2009.

PETERS, Heinz. *El sistema educativo paraguayo desde 1811 hasta 1865*. Asunción: Instituto cultural Paraguayo-Alemán, 1996.

POMER, León. *Cinco años de guerra civil en la Argentina. 1865-1870*; Buenos Aires: Amorrortu, 1986.

PRATA, Jorge. *Escravidão ou morte. Os escravos brasileiros na guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Mauad/ ADESA, 1996.

PRIORE, M. *O castelo de papel: uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orleans, conde d'Eu*. Río de Janeiro: Rocco, 2013.

QUEIROZ, Silvânia de. *Revisando a Revisão. Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai de J.J. Chiavenato*. Porto Alegre: FCM, 2014.

RADIL, Bernardino Cano. *Blas Garay*. Asunción: El Lector, 2010.

RADIL, Bernardino Cano. *José Segundo Decoud: El ideólogo republicano*. Asunción: El Lector, 2014.

RASSINIER, Paul. *Le Drame des Juifs Européens*. Paris: Les Sept Couleurs, 1964.

RENGGER, Johann Rudolph. *Viaje al Paraguay en los años 1818 a 1826*. Asunción: Tiempo de Historia, 2010.

RESQUÍN, Francisco Isidoro. *Datos históricos de la guerra del Paraguay contra la Triple Alianza*. Corrientes: Amerindia, 2008.

ROSA, José María. *La guerra del Paraguay y las montoneras argentinas*. Buenos Aires: Punto de Encuentro, 2008.

SCHUPP, Carlos Antonio Heyn. *Iglesia y Estado en el proceso de emancipación política del Paraguay. (1811-1853)*. 2ª ed. Asunción: Don Bosco, 1997.

SEIFERHELD, David Velázquez. *Relaciones entre autoritarismo y educación en el Paraguay: 1869-2012. Un análisis histórico*. Primer volumen 1869-1936. Asunción: SERPAJ, 2014.

SILVEIRA, Mauro César. *A Adesão fatal: A participação portuguesa na Guerra do Paraguai*. Porto Alegre: EdPUC, 2003.

\_\_\_\_\_. *A batalha de papel: a charge como arma de guerra contra o Paraguai*. 2ª ed. Santa Catarina: EdUFSC, 2009.

SILVA, Alberto Moby Ribeiro da. *Política e educação pública no Paraguai do pós-guerra da Tríplice Aliança* in Más Allá de la guerra: Aportes para el debate contemporáneo. Asunción: AGR Serviços Gráficos S.A, 2016.

SOUZA, Alberto. *Brazil-Paraguay: a propósito da restituição dos trophéos. Apreciação histórica e philosophica da campanha contra o Paraguay*. s.l.: [Companhia Industrial], 1899.

SQUINELO, Ana Paula. *150 anos após: a guerra do Paraguai: Entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. Campo Grande: EdUFMS, 2016.

TEIXEIRA, Fabiano Barcellos. *A 'Sacrilega Dívida' da guerra do Paraguai (1894-1913)*. In: SQUINELO, Ana Paula. (Org.). *150 anos após - A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. 1ed. Campo Grande: UFMS, v. 2, p. 339-365, 2016.

\_\_\_\_\_. *A primeira guerra do Paraguai*. Passo Fundo: Méritos, 2012.

THOMPSON, George. *La Guerra del Paraguay: acompañada de un bosquejo histórico del país y con notas sobre la ingeniería militar de la guerra*. Buenos Aires: Imprenta Americana, 1869.

TRAVERSO, ENZO. *Revisão e Revisionismo* in Contribuição à crítica da historiografia revisionista. SENA JUNIOR, Carlos Zacarias de. MELO, Demian Bezerra de. CALIL, Gilberto Grassi. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

VERSEN, Max Von. (1833-1893). *História da Guerra do Paraguai*. Belo Horizonte: ed. Italiana, São Paulo: EdUSP, 1976.

WATZLAWIK. María Viviana Paglialunga. *Fidel Maíz y su Pequeña Geografía: Documento de primera mano para el análisis de una ideología pedagógica a fines del siglo XIX*. Asunción. 2018. [No prelo].

WHIGHAM, Thomas L. & Casal, Juan Manuel. *La diplomacia estadounidense durante la guerra de la Triple Alianza*. Escritos escogidos de Charles Ames Washburn sobre el Paraguay, 1861-1871. Asunción: Servilibro, 2008.

YEGROS, Ricardo Scavone. e BREZZO, Liliana. *Historia de las relaciones internacionales del Paraguay*. Asunción: El Lector/ABC Color, 2010.

ZUBIZARRETA, Carlos. *Cien Vidas Paraguaias*. Asunción: Servilibro, 2011.

## APÊNDICES

### CRONOLOGIA DA HISTÓRIA PLATINA

**1869**

---

- Em janeiro: as forças aliancistas tomam Assunção.
- Fevereiro: Candido Bareiro, antigo aliado do López, voltou a Assunção.
- Rio Branco chegou a Assunção para negociar com o novo governo.
- José Segundo Decoud e Juan Silvano Godoi também voltaram a Assunção.
- Março, o marques de Caxias se retirou da guerra e retornou ao Império.
- 31 de março, criação do Club Unión Republicana por legionários e ex-lopistas, Fernando Iturburu e Candido Barreiro.
- Abril, reuniram-se ministro da Argentina Mariano Varela, Silva Paranhos e quatro delegados paraguaios para discutirem sobre o novo governo.
- 14 de abril, o Conde D'Eu assumiu o comando das tropas no Paraguai.
- Em maio, o ministro estadunidense MacMahon recebeu ordem de deixar o país.
- 2 de junho, os representantes dos aliancistas se reuniram e escreveram os protocolos que levaram a formação do Governo Provisório.
- Em 11 de junho, os paraguaios se comprometeram em fazer um governo de acordo com as forças aliancistas.
- 26 de junho, fundação do grupo *Club del Pueblo* por legionários, tendo como líder Juan Francisco Decoud e como colaboradores Facundo Machaín, Jaime Sosa Escalada, Juan Silvano Godoi, Benigno Ferreira e Juan José e José Segundo Decoud.
- Em 22 de julho, Roque Perez (1815-1871) e Silva Paranhos convocaram uma grande assembleia no Teatro Nacional, para organizar as autoridades nacionais e formar o novo governo.
- Agosto, as forças de defesa paraguaia em Peribebuy e Acosta Ñu foram derrotadas pelas forças aliancistas.
- Em 15 de Agosto, Carlos Loizaga assumiu o cargo de triunvirato até sua renúncia em agosto de 1870.
- 12 de agosto de 1869, Batalha de Piribebuy.
- 17 de agosto de 1869 Triunvirato assina o decreto que desnaturalizou Solano López: *Que este mónstruo de impiedad ha perturbado el órden y aniquilado nuestra Patria con los crímenes que há perpetrado bañándola de sangre y atentado contra todas las leyes*

*divinas y humanas, con espanto y horror, excedendo á los mayores tiranos y bárbaros de que hace mención la historia de todos los tempos y edades ha acordado y DECRETA: Art. 1º - El desnaturalizado paraguayo Francisco Solano Lopez, queda fuera de la Ley y para siempre arrojado del suelo paraguayo como asesino de su patria y enemigo del género humano.*

-27 de setembro de 1869, criação do decreto que desmonopolizou, ou seja, liberalizou a exploração-mercantilização da erva-mate e da madeira. Foi uma das grandes fontes de financiamento do Estado.

-2 de outubro, decreto do governo paraguaio que aboliu a escravidão no Paraguai, já quase inexistente no país.

-Novembro, reabertura das primeiras escolas em Assunção.

## 1870

---

- Em 5 de fevereiro, o Triunvirato anunciou eleições livres e a convocação de uma constituinte.

- 1º de março, morte de Solano López em Cerro-Corá. Elisa Lynch foi capturada pelas forças aliancistas.

- 19 de março e 4 de maio, decretos que confiscaram todos os bens pertencentes a família López e todas as propriedades de madame Lynch.

-23 de março, os *decoudistas* se reuniram e mudaram o nome do grupo de *Club del Pueblo* para *Gran Club del Pueblo*. Grupo que anos mais tarde dará origem ao Partido Liberal.

-24 de março, o *Club Unión*, fundado por grupo ligado a Candido Bareiro, também mudou seu nome para *Club del Pueblo*. Anos mais tarde, este grupo deu origem ao futuro partido Colorado.

- Em 1º de abril, foi fundado o Colégio Municipal de Assunção, sob a direção do professor Alejandro Vietnghoff. Pelo interior, foram organizadas escolas em Villarica e Capilla Borja.

-Em 4 de maio de 1870, o Congresso paraguaio criou o decreto que confiscava todos os bens da família López e de Elisa Lynch, todos os bens desde o primeiro dia de governo de Carlos Antonio López.

-24 de maio, Governo paraguaio declarou o dia 25 de maio (feriado argentino) como feriado nacional, como reparador das faltas da guerra.

- 3 de junho de 1870, realizadas das eleições para a Convenção paraguaia.

- 12 de julho, seria a primeira data para constituinte, mas faltou tempo para organizar os delegados.

- 3 de julho, foi realizada a primeira reunião da constituinte. A convenção teve 83 sessões e durou até 10 de dezembro.

-20 de julho, Congresso paraguaio recuperar o decreto feito pelo Triunvirato em 17 de agosto de 1869 e cria uma lei declarando Solano López “desnaturalizado” paraguaio e

para sempre “arrojado” do solo paraguaio paraguaio como assassino da sua pátria e inimigo de gênero humano.

- 10 de agosto, Rio Branco saiu do Paraguai, passando a responsabilidade para o general Guimarães, barão de Jaguarão e do informante o coronel Felipe Neri.

- 15 de agosto, Juan Silvano Godoi organizou um golpe, Cirilo A. Rivarola renunciou e Facundo Machaín foi nomeado presidente.

- 1 de setembro, Candido Bareiro não aceitou o golpe e organizou um contragolpe. O poder foi devolvido à Cirilo Rivarola e a Convenção “teve” que voltar ao trabalho que lhe foram incumbido.

- Foi criada uma nova Constituição para o Paraguai, que entre outras providências afirmava que a educação primária seria obrigatória e de atenção “preferente del gobierno”.

- Dezembro, Cirilo Antonio Rivarola assumiu a presidência de Paraguai até dezembro de 1871.

- Em 1º de dezembro de 1870, fundou-se o Colégio Nacional de primeira instrução, com 180 alunos.

## **1871**

---

- Janeiro, Cayo Miltos vice-presidente paraguaio morreu de febre amarela.

- Conferência entre Buenos Aires e Assunção, foi feito um tratado definitivo, onde o Paraguai teria recuperado sua soberania. Mas o Império do Brasil decidiu negociar as fronteiras fora do tratado da Tríplice Aliança.

- Abril: Miguel Palacios deixou o gabinete do governo Cirilo Antonio Rivarola por problemas de saúde.

- Em abril, o Congresso paraguaio aprovou a fundação de uma colônia agrícola. Teve início a propaganda (falsa) na Europa para conseguir imigrantes para o Paraguai.

- junho, morreu Rufino Taboada, de febre amarela.

- Outubro, o Paraguai passava por uma crise política. Juan Bautista Gill foi eleito presidente do Senado e seu primo Higinio Uriarte, ocupou a presidência dos deputados.

- 18 de dezembro, Cirilo Antonio Rivarola renunciou ao governo paraguaio. Salvador Jovellanos, então vice presidente, governou até 1874.

- O Império do Brasil decidiu negociar com o Paraguai, fora do tratado da Tríplice Aliança.

- Em 21 de novembro, o Paraguai realizou o primeiro empréstimo em Londres, com a firma inglesa Waring Brothers, no valor de um milhão de libras.

- Juan Bautista Gill foi expulso do governo, responsabilizado pelo mau uso do dinheiro dos empréstimos, acabou exilado do Paraguai.

- O primeiro esboço do célebre livro do jovem oficial Alfredo Taunay, em francês, foi dedicado, lido e comentada pelo Imperador, que viabilizou a primeira edição, em 1871.

**1872**

---

- Tratados de Loizaga-Cotegipe. João Maurício Wanderley, conhecido com barão de Cotegipe, conseguiu aprovar três tratados com o Paraguai. Em 9 de janeiro, firmaram o acordo geral de paz e limites, em 16 de janeiro, um tratado de extradição e em 18 de janeiro, um tratado de amizade, comércio e navegação. Esses acordos desagradaram à Argentina, por isso foram criticados.

-15 de fevereiro, Cotegipe deixou o Paraguai.

- 8 de março, Paraguai realizou o segundo empréstimo em Londres.

- 30 de setembro, os primeiros grupos de imigrantes empreenderam viagem ao Paraguai. John Willian Billiatt, diretor do projeto da colônia agrícola paraguaia, conseguiu recrutar 888 homens, mulheres e crianças e empreender viagem. Foram os chamados Lincolnshire farmers.

- Novembro, chegaram os primeiros imigrantes ao Paraguai. Essa primeira tentativa foi um fracasso.

**1873**

---

- Em fevereiro, o último dos três grupos de imigrantes chegou à terra definitiva, nos assentamentos de Itapé (perto de Villarica) e Itá (cerca de 37 quilômetros de Assunção). Devido às dificuldades muitos imigrantes abandonaram as terras e foram para Assunção.

- Em 3 de fevereiro, nascimento de Blas Garay em Assunção. Filho de Vicente de Garay e Constancia Argaña Garay, teve dois irmãos, Eugenio Alejandrino e Juan Jorge Garay.

-Em Março iniciaram as revoltas de Candido Bareiro e Bernardino Caballero contra Salvador Jovellanos.

-Em novembro, cerca de um ano após a chegada, a maioria dos Lincolnshire farmens estavam em Buenos Aires.

**1874**

---

-Na Argentina, foi publicado o livro, pela intelectual e pedagoga Juana Manso (1819-1875) *Compendio de la Historia de las Provincias Unidas de Río de la Plata desde su descubrimiento hasta el año 1874*.

-Juan Bautista Gill assume o governo paraguaio (1874-1877). Era um governo pró-império do Brasil por isso sofreu forte oposição.

**1875**

---

-Havia cerca de vinte britânicos no Paraguai.

- Teve início uma espécie de imigração no sistema de parceria público-privada. Os proprietários ganham terras do governo, quanto mais mão de obra estrangeira traziam, mais terras ganhavam.

**1876**

---

-A estação de trem do Paraguai foi colocada à venda.



-13 de maio a 22 de junho, Império determinou a retirada das forças de ocupação. Cerca de 8 mil pessoas saíram de Assunção.

- Em 12 de julho, a estação ferroviária do Paraguai foi vendida a grupos particulares.

- Em 20 de dezembro, o Congresso paraguaio autorizou a criação do Colégio Nacional de Ensino Superior.

### **1877**

---

-12 de abril, assassinato do presidente paraguaio Juan Bautista Gill por Nicanor Godoi.

-Juan Silvano Godoi saiu da Paraguai por ter ajudado no complô para assassinar o presidente Juan Bautista Gill. Ficou dezoito anos na Argentina.

-Criação do Colégio Nacional de Asunción.

### **1878**

---

-No Uruguai, foi publicado pelo professor de história do Colégio Nacional do Uruguai, Antonino Luna o livro *Historia de la República Argentina y de las del Paraguay y Banda Oriental desde su descubrimiento hasta nuestros dias para el uso de la escuelas*.

- O engenheiro napolitano Leopoldo Gomez Terán, então diretor das escolas municipais de Assunção, e do advogado colombiano Próspero Pereira Gamba escreveram o livro *Compendio de Geografía e História del Paraguay*.

-31 de dezembro, o livro de Terán e Gamba foi apresentado por José Falcon à comissão do Colégio Nacional de Assunção para análise do texto. Este conselho devia deferir se a obra estava de acordo com os interesses daquela comissão.

### **1879**

---

- Leopoldo Gomez Terán e Próspero Pereira Gamba publicaram o livro *Compendio de Geografía e Historia del Paraguay*, compêndio que foi utilizado nas escolas paraguaias. O Primeiro do pós-guerra.

-Em 3 de janeiro, o livro de Terán e Gamba foi aprovado pela comissão do Colégio Nacional.

- Nascimento de Juan Emiliano O'Leary, em 12 de junho de 1879. Sua mãe era Dolores Urdapilleta Carísimo, paraguaia, filha de prócer da independência, viúva, descendente das classes dominantes crioulas. Seu pai era Juan O'Leary, um argentino, também viúvo, que chegou ao Paraguai nos anos finais da Guerra Grande.

### **1880**

---

-Padre Fidel Maíz inaugurou uma escola em seu povoado natal, Arroyos e Esteros.

### **1881**

---

-Foi criado pelo governo paraguaio o *Reglamento General para las Escuelas Publicas*.

### **1884**

---

-O professor Enrique Alliot publicou, em Assunção, o livro *Elementos de Historia y Geografia*, pela imprensa La Democracia.

### 1886

---

-O sacerdote paraguayo Fidel Maíz publicou o livro *Pequeña Geografia (para los niños de la Escuela de Arroyos y Esteros)*, pela editora La Democracia. Obra em que questiona a utilização de livros estrangeiros nas escolas paraguaias.

### 1888

---

-Enrique López retorna ao Paraguai.

- 13 de maio, fim da escravidão no Brasil.

### 1889

---

-Fundação da Universidade Nacional de Assunção.

-O Estado paraguaio investiu na compra de textos escolares *El Lector Americano* 1, 2 e 3 de Abelardo Núñez, e *Nuevo Libro Primario de los Niños*, volumes produzidos em Buenos Aires.

-Enrique López publicou o livro de Manuel Mendoza, *El Lector Paraguayo*, defendendo as ações do Solano López.

### 1890

---

-Manuel Domínguez se formou como bacharel e começou a trabalhar como professor no Colégio Nacional de Assunção.

-Segunda edição do livro *Pequeña Geografia* de Fidel Maíz. O autor afirmava que o Paraguai necessitava criar seu próprio modelo educacional e não imitar modelos estrangeiros. Criticou a *estrangeirização* da educação que se materializava nos livros e professores estrangeiros. Criticou também o “modelo” de história que se ensinava.

### 1892

---

- Em 2 de junho de 1892, governando Floriano Peixoto, o tenente-coronel belga *Emilio Carlos Jourdan* [1838-1900] publicou *História das campanhas do Uruguay, Matto-Grosso e Paraguay*, por ordem superior história do conflito em que participara como tenente-engenheiro.

### 1893

---

-Juan Silvano Godoi publicou, em Buenos Aires, o livro *Monografías Históricas*.

-Formatura da primeira turma de direito da Universidade Nacional de Assunção, entre eles Cecilio Báez.

-A primeira dona paraguaia Rosa Peña, esposa do presidente Juan Gualberto Gonzalez, formou, com as damas da sociedade de Assunção, uma comissão para construir o monumento dos heróis da pátria.

**1894**

---

- Para festejar a colocação da pedra fundamental do monumento aos *Heroes de la Independencia em la Plaza Uruguay*, José Segundo Decoud organizou o opúsculo *Recuerdos históricos: Homenaje a los próceres de la independencia paraguaya*, onde Manuel Domínguez publicou o artigo *Fin de los autores de nuestra independencia*, em que buscava excluir Francia de seu papel de fundador da independência paraguaia.

**1895**

---

-Em 7 de abril, Juan Silvano Godoi retornou do exílio na Europa, após ser anistiado pelo presidente Egusquiza.

-Fundação do Instituto Paraguai.

- Manuel Domínguez foi eleito deputado nacional, pelo Partido Colorado, por esse motivo renunciou ao cargo de diretor do Colégio Nacional de Assunção. Casou-se com Manuela González Filisbert.

**1896**

---

-Criação da Revista do Instituto Paraguai.

-Presidente Juan Bautista Egusquiza enviou Blas Garay a uma missão diplomática na Europa para pesquisar nos arquivos da Espanha sobre os direitos do Paraguai no Chaco,

-Blas Garay publicou, em Madri, o livro *Compendio Elemental de Historia del Paraguay*.

-Fundação da Escola Normal de Maestros, em Assunção.

**1897**

---

Juan Silvano Godoi publicou, em Buenos Aires, os livros: *Últimas Operaciones de Guerra del general José Eduvigis Díaz*, *Misión a Río de Janeiro* e *El Concepto de la Patria*.

-Blas Garay publicou os libros *El comunismo de las misiones*; *Revolução e Independência del Paraguay* e *Breve Resumo de la História del Paraguay*, Madri, pela Libreria y Casa Editora A. de Uribe y Cia.

-Manuel Domínguez escreveu na Revista do Instituto uma crítica aos livros utilizados nas escolas paraguaias.

**1898**

---

-Blas Garay retornou ao Paraguai. Ele fundou o jornal A Noite.

- Francisco Tapia e Blas Garay trocaram denúncias, sem identificar-se, sobre os textos utilizados nas escolas. Blas Garay criticava a presença de textos estrangeiros e Francisco Tapia criticava a retomada da “memória dos tiranos”.

-Foram publicados cadernos com biografia dos heróis do Paraguai, inclusive Solano López.

-Francisco Tapia escreveu o livro *Tirano Arrojado de las escuelas* e proibiu o uso dos cadernos que retomavam a figura de Solano López.

- Manuel Domínguez foi confirmado no Colégio Nacional como professor de Geometria Plana e de Espaço, de História Romana e de Idade Média. Foi nomeado como membro do Conselho Nacional de Educação.

### 1899

---

- Manuel Domínguez renunciou ao cargo de Diretor do Colégio Nacional e fez o doutorado em Direito pela Universidade Nacional de Assunção, com a tese “Traición a la Patria”, onde defendeu José Segundo Decoud acusado de alta traição, na Câmara dos Deputados

-Em 18 de dezembro, aos 26 anos, Blas Garay foi assassinado.

### 1900

---

- Criação da Revue de synthèse historique, por Henry Berr, na França.

### 1901

---

- Manuel Domínguez foi nomeado reitor da *Universidad Nacional de Asunción*.

### 1902

---

-Manuel Domínguez foi eleito vice-presidente da República do Paraguai, junto com o coronel Juan Antonio Ecurra (1902-1904).

- O barão de Rio Branco anotou a história pró-imperial do prussiano Louis Schneider - *A Guerra da Tríplice Aliança: contra o governo da República do Paraguay*. (1864-1870).

-Polêmica entre Juan O’Leary e Cecilio Báez.

-24 de agosto, morte general Juan Egusquiza.

-Juan Silvano Godoi era diretor geral da Biblioteca, Museu e o Arquivo da Nação.

### 1903

---

-Juan Silvano Godoi publicou, em Assunção, o livro *Biografía*.

- em janeiro de 1903, Conferência de Manuel Domínguez sobre as causas do heroísmo paraguaio. O autor aponta que, por muitos anos, a causa do heroísmo paraguaio estaria associada ao “miedo al tirano”, ou seja, que os paraguaios haviam lutado de modo desesperado porque Solano López colocou atrás das tropas um regimento para matar os covardes. Essa ideia teria sido difundida pelo diplomata estadunidense no Paraguai, entre 1861-1868, Charles Ames Washburn.

### 1904

---

-Guerra civil no Paraguai, conhecida como revolução Liberal tirou do poder o partido colorado. O partido Liberal governou até 1936.

Manuel Domínguez renunciou a vice-presidência e passou a seguir as causas do Partido Liberal. Teria participado ativamente da Revolução Liberal de 1904.

**1905**

---

-Juan Silvano Godoi publicou, em Assunção, os livros: *El Coronel Juan Antonio Escurra* (em outubro) e *La Muerte del Mariscal López*.

- Cecilio Báez foi eleito presidente do Paraguai, pelo partido Liberal.

**1906**

---

-Juan Silvano Godoi publicou, em Assunção, o livro *Comentario Crítico*.

**1908**

---

-Juan Emiliano O'Leary ingressou no partido Colorado.

**1910**

---

-Na década de 1910, Juan O'Leary e Juan Natalicio González se conheceram.

-Juan Silvano Godoi representou o Paraguai no XVII Congresso de Americanistas em Buenos Aires.

**1911**

---

-Lucien Febvre publicou a tese *Philippe II et la Franche-Comté*.

-Juan Silvano Godoi publicou, em Assunção, o livro *El Triunvirato*.

-Juan Silvano Godoi foi nomeado plenipotenciário no Brasil.

-Manuel Domínguez foi nomeado Ministro da Justiça, Culto e Instrução Pública pelo coronel Albino Jara, presidente paraguaio (governou por seis meses, até julho de 1911), onde teria formulado um sistema de reformas para a educação universitária com a criação de bolsas de estudo no estrangeiro.

-5 de julho, Liberato Rojas assumiu a presidência do Paraguai, pelo período de sete meses e designou Manuel Domínguez como plenipotenciário para negociar as questões de limites com a Bolívia.

**1912**

---

-26 de fevereiro, golpe que derrubou o presidente Liberato Rojas.

**1917**

---

-Juan Silvano Godoi publicou, em Assunção, o livro *Documentos Históricos*.

**1918**

---

-Manuel Domínguez publicou o livro *El Alma de la Raza*.

**1919**

---

-Juan E. O'Leary publicou, em Assunção, o livro *Nuestra Epopeya*, uma coleção de monografias, que tratavam sobre os acontecimentos da Guerra contra o Paraguai.

**1920**

---

-Comemoração do cinquentenário da Guerra.

-Juan Natalicio González criou a Revista Guaranias.

#### 1924

---

- Marc Bloch publicou o livro *Les Rois thaumaturges*.

#### 1925

---

-De 1925 e 1929, Juan O'Leary esteve na Espanha, como representante do governo paraguaio (Eligio Ayala e José Patricio Guggiari).

-Natalicio González foi para a França. E criou, junto com o Paraguaio Tomás Romero Pereira a Editorial de Índias.

#### 1926

---

Morreu Juan Silvano Godoi, político, escritor paraguaio.

#### 1927

---

-Juan O'Leary, em Madri, terminou de escrever o livro *El Centaruro de Ibicuy*, publicado em 1929, em Paris.

#### 1928

---

-Lucien Febvre publicou o livro *Martin Luther*.

#### 1930

---

-Natalicio González criou a editora Guaranias.

-Natalicio González se exilou no Uruguai, onde trabalhou como jornalista,

#### 1932

---

-Início da Guerra do Chaco (1932-1935).

#### 1935

---

-Em agosto, a Revista Guaranias de Natalicio Gonzalez republicou o texto *Dos Paraguayos ilustres* de Blas Garay.

-Em setembro, a Revista Guaranias, republicou o texto *La vid en el Paraguay*, de Blas Garay.

-29 de outubro, falecimento de Manuel Domínguez.

#### 1936

---

-Fevereiro, golpe militar no Paraguai. O colorado/nacionalista Rafael Franco assumiu a presidência.

-Rafael Franco declara Solano López herói nacional. Retomada oficial do lopismo pelo Estado autoritário.

-O corpo de Solano López foi levado para o Panteão dos Heróis, recém construído.

**1948** \_\_\_\_\_

-Em 15 de agosto, Juan Natalicio González chegou a presidência do Paraguai.

**1949** \_\_\_\_\_

-Em 30 de janeiro, ocorreu o golpe de Estado que tirou Natalicio González da presidência.

-Natalicio González teve que se exilar no México, até sua morte em 1966.

**1954** \_\_\_\_\_

-Outro golpe militar no Paraguai

**1966** \_\_\_\_\_

-Morte de Natalicio González, no México.